

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Comunicação e Expressão

Curso de Pós-Graduação em Literatura

MEMÓRIAS DO PRESENTE

Valdir Prigol

Florianópolis, outubro de 2003

Valdir Prigol

MEMÓRIAS DO PRESENTE

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Professora Doutora Maria Lucia de Barros Camargo, para a obtenção do título de “Doutor em Letras”, área de concentração em Teoria Literária.

Florianópolis, outubro de 2003

AGRADECIMENTOS

Aos professores Raul Antelo, Flora Süssekind, Eneida Maria de Souza e Susana Scramin, membros da banca, pelas leituras instigantes, problematizadoras e sugestivas. Essas leituras foram, na medida do possível, incorporadas ao trabalho.

À Profa. Maria Lucia de Barros Camargo, orientadora desse trabalho, por todas as possibilidades e caminhos que me fez ver nesses quatro anos.

Ainda na UFSC, agradeço à Profa. Ana Luiza Andrade pelas discussões e à Profa. Tereza Virginia de Almeida pelo incentivo. Sou muito grato a todos os membros do Nelic, em especial à Fabíola e os estagiários que me auxiliariam na indexação.

Á Unochapecó tenho muitos agradecimentos a fazer: à Profa. Arlene Renk – Vice-Reitora de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação pelas conversas sempre produtivas e pelos encaminhamentos institucionais. Do mesmo modo, agradeço à Profa. Juceli Morelo Lovato – Diretora do Centro de Ciências de Comunicação e Artes pelas horas cedidas ao trabalho e à Rosa Cominetti – Coordenadora do Curso de Letras, por todas as vezes que assumiu minhas aulas para que eu pudesse viajar. Da mesma forma, agradeço à compreensão e apoio de todos os funcionários da Argos por esse período de “meio expediente”, especialmente à Neli, ao Hilário, à Giseli e á Arisangela. Ainda á Unochapecó, pela bolsa PICDT/ACAFE/CAPES que me possibilitou o deslocamento e a indexação.

Aos amigos desse e de outros períodos, Wilson Cabral Jr., Joca Wolf, Antonio Carlos dos Santos, Renata Telles, Simone Dias, Dirceu Hermes, Eliane Fistarol, Ana Sperandio e Sônia Mônego.

E finalmente, à Vera Lucia e à Anne Natalie, minhas “companheiras”.

*“Quer nos azulejos
ou no ouro da talha,
olha: o que está vivo
são mortos do Carmo”*

(Carlos Drummond de Andrade, Claro Enigma)

*“Os jornais costumam manter em arquivo
específico material sobre celebridades ou
personagens importantes (...) A **Folha**, por
exemplo, possui um banco de dados
regularmente alimentado para tanto (...) Há uma
bizarra tradição, no país, de glorificar mortos
ilustres, apagar possíveis divergências ou
rivalidades, ressaltar os aspectos positivos e
clamuflar eventuais dados biográficos, nem
sempre elogiáveis; enfim, beatificá-los”.*

(Bernardo Ajzenberg, Folha de S. Paulo)

RESUMO

A proposta desse trabalho é ler o *Mais!*, suplemento cultural da **Folha de S. Paulo**, a partir de uma estratégia editorial que ele utilizou exaustivamente no período de 1992 a 2002: a comemoração. Ela é acionada a partir de efemérides de morte e nascimento de autores, de publicação e de lançamentos de obras. A comemoração apresenta-se como um mecanismo liberal e tolerante na produção de memórias tendo o Autor como centro. As narrativas que ganharam visibilidade no *Mais!* a partir da comemoração, giraram em torno da conversão de memórias de erros do passado para um presente estável. São, assim, memórias do presente, que esquecem as leituras que o comemorado já teve. Nos textos produzidos para as comemorações, os colaboradores são constituídos duplamente pelo *Mais!*: primeiro, por serem convidados a responderem a uma comemoração e, segundo, por terem seus textos apresentados por uma voz que dá o protocolo de leitura. Ao dizer como devem ser lidos os textos da comemoração, esta voz os investe de um sentido único e os tira da ambivalência, inclusive quando os textos são ficcionais. Essa proposta de leitura está composta em três capítulos e pode ser lida a partir de duas partes: a primeira procura mostrar como a comemoração está materializada na composição do *Mais!* (Capítulo I), e a segunda dá visibilidade às narrativas que o *Mais!* colocou em cena através da comemoração, deslendo, de alguma forma, a primeira parte (Capítulos II e III).

ABSTRACT

The objective of this work is to read *Mais!* A cultural supplement of Folha de S. Paulo newspaper, from the perspective of an editorial strategy exhaustively used in the period from 1992 to 2002: the celebration. The latter is triggered from the author's death and birth notes /records, publication and book launching. The celebration comes as a liberal and tolerant mechanism in the production of the memories focusing the Author. The narratives gained visibility in *Mais!* From the celebration on the notes versed about memories on mistakes from the past to a stable present. In the celebration texts, the cooperators are twice as much constituted by *Mais!* first because they have been invited to answer an invitation and second, because their texts were present by a voice that attributes for the reading. By telling how the celebration texts shall be read, it invests on a single meaning and takes them from the ambivalence, inclusive when the texts are fictitious. The reading proposed here is compound by three chapters and it can be read in two parts: the first one attempts to demonstrate how celebration is materialized in *Mais!* Composition (chapter I) and the second one, assures visibility to narratives in which *Mais!* has assumed upon celebration, misreading in a way, the first part (chapters II and III) .

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	10
<i>Mais</i>	65
1. Composição.....	66
2. A comemoração.....	81
2.1. Cadeia infinita de efemérides.....	88
2.2. Comemoração de lançamentos	91
3. A vida como obra.....	94
3.1. Capas.....	94
3.2. Dossiês.....	100
3.3. &.....	106
!.....	112
!.....	116
!.....	116
-.....	122
-+.....	126
-.....	126
!.....	129
!?.....	129
!.....	130
-.....	134
!?.....	135
+.....	135
+.....	135
!?.....	137
-+.....	137
!?.....	138

!	138
+	140
+	140
+	141
-	141
!	141
-+	142
-+	144
+-	144
!	145
!?	146
!	146
+-	150
!	150
!	152
-+	153
!	154
!+	156
!?	157
!	157
!?	158
!	159
!?	160
!	160
?	160
?	162
!	162
<i>Mais, ainda</i>	164
!	165
+	167
-	168

!	170
-	170
!	171
-	172
!	174
+	175
!	177
-	179
+	180
-	182
+	184
!	185
+	187
!	191
+	195
-+	196
∞	209
<i>As ficções que não puderam ser.</i>	210
+-	211
<i>Referências Bibliográficas.</i>	214

Apresentação

Essa pesquisa insere-se junto aos estudos que vêm sendo desenvolvidos pelo Núcleo de Estudos Literários e Culturais – NELIC-UFSC, desde a metade da década de 90, em que professores, pós-graduandos e bolsistas de iniciação científica têm construído arquivos e leituras das últimas décadas do Brasil a partir da análise de periódicos culturais, além de desenvolverem uma acurada reflexão metodológica sobre o assunto. Em texto do período inicial, Maria Lucia de Barros Camargo, coordenadora do projeto, colocava as perguntas que motivavam o trabalho:

(...) que tradições crítico-teóricas estão circulando em nosso campo cultural? Quais os ‘cânones literários’ veiculados, divulgados, construídos? Onde circulam? Como circulam? Quais os processos e os veículos de divulgação, conservação, inovação e legitimação? Há relações entre o que circula nos periódicos e o que se ensina nas instituições universitárias? (...).¹

Para responder a essas e outras perguntas, os trabalhos realizados no NELIC procuram perceber o modo de constituição e funcionamento de diferentes formações culturais de cada período e as marcas que deixam nos periódicos.

Esse trabalho sobre o *Mais!* liga-se diretamente a outros dois já realizados no Núcleo, centrados na análise dos suplementos literários-culturais da *Folha de S. Paulo*: o *Folhetim* (1977-1989)² e o *Letras* (1989-1992)³. Jornal de maior circulação no país, chegando a uma tiragem superior a um milhão de exemplares na década de 90, a *Folha de S. Paulo* é um lugar privilegiado de produção e repercussão de narrativas. E embora o *Mais!* seja só uma das partes do jornal, pelo modo como é construído, dá a ler e deixa ler, geminados, o político, o econômico, o artístico, o social e o acadêmico. A intensidade dessa geminação no *Mais!* diferencia-o tanto dos suplementos de outros jornais em circulação na década 90, como de seus antecessores na própria *Folha*.

Historicamente, a origem desses suplementos está marcada pela publicação de folhetins estrangeiros e brasileiros em periódicos do século XIX. Esse início foi o lugar, como já o demonstrou Flora Süssekind em *O Brasil não é longe daqui*⁴, da tentativa de construção de um narrador nacional, a partir da reutilização dos procedimentos utilizados nos relatos de viajantes em expedições pelo Brasil e nos folhetins estrangeiros

¹ CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Poéticas contemporâneas: marcos para uma pesquisa. Porto Alegre, *Continente Sul/ Sur*, n. 2, nov. 1996, p. 113.

² CHAGA, Marco Antonio Maschio Cardozo. *Folhetim*: Rapsódia de uma década perdida. Florianópolis: UFSC, 2001. Tese de Doutorado em Teoria Literária.

³ COPETTI, Rafael Zamperetti. Anotações acerca da relação entre *Letras* e o mercado editorial. Florianópolis, *Boletim de Pesquisa do Nelic*, n. 5, mar. 2001, p. 53-55. Esta pesquisa, inicialmente feita como iniciação científica, está sendo desenvolvida agora como dissertação de mestrado.

publicados no Brasil. Um outro aspecto que deve ser lembrado aqui é que os suplementos femininos e seções de variedades funcionaram como um dos lugares para o literário até as primeiras décadas do século XX.

Não aprofundarei aqui a questão do lugar do literário, mas não é possível deixar de pensar que a centralidade da literatura era um a priori na vida social e intelectual até a metade do século XX. Nesse sentido, um texto de Lionel Trilling, escrito logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, apontava essa centralidade:

No século dezenove, tanto em nosso país como na Europa, a literatura sublinhava toda a atividade mental. O cientista, o filósofo, o historiador, o teólogo, o economista, o teórico social e até mesmo o político, necessitavam dominar habilidades literárias que hoje em dia seriam consideradas irrelevantes para as suas respectivas vocações.⁵

Em termos de país, essa força do literário estará ligada aos projetos de nação, tanto o do romantismo quanto o do modernismo, assim como será o centro de suplementos culturais como o *Letras e Artes* do jornal **A Manhã**, o *Suplemento Dominical* do **Jornal do Brasil** e o *Suplemento Literário* do **Estado de S. Paulo**, só para citar os mais conhecidos.

Como já sabemos, a partir da década de 70 há um deslocamento do lugar da literatura na sociedade por conta da ascensão do cultural sobre o literário, da perda de função dos discursos nacionalistas com os primeiros indícios da globalização e da consolidação de indústria cultural, alicerçada por meios como a televisão, as gravadoras de discos, as distribuidoras de filmes estrangeiros e as revistas vendidas em bancas para públicos segmentados. Nesse sentido, o fim do *Suplemento Literário* do **Estado de S. Paulo** é um sintoma dessas mudanças. Como o foram, também, textos de autores ainda considerados estruturalistas, à época, como Barthes e Foucault, que constataram o fim dessa centralidade, assumindo como lugar de intervenção e leitura, o cultural.

O *Folhetim*, criado em 1977, já pode ser lido como suplemento cultural, pela geminação que há em suas páginas entre outras áreas e a literatura. Com o *Folhetim*, temos em cena o cultural – no sentido irônico que lhe dá Barthes, ao defini-lo como “(...) um contrato feito entre os criadores e os consumidores”⁶ – disseminado nos

⁴ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁵ TRILLING, Lionel. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Lido, 1953. p. 115. Sobre esta questão ver também CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5ª. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976, especialmente p.130 e ss.

⁶ BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 48.

suplementos da década de 90. Em estudo anterior⁷, percebi como a marca dos suplementos de jornais em circulação na década de 90 é o cultural, associado aos interesses colocados no mercado. Jameson aponta para a associação do cultural ao mercado como um modo de ser da contemporaneidade. O autor pensa essa associação a partir do retorno do estético:

(...) a atual era pós-moderna parece estar experimentando um retorno geral à estética, paradoxalmente no momento em que as exigências trans-estéticas da arte moderna parecem ter sido totalmente desacreditadas, de modo que uma variedade espantosa de estilos e amálgamas de todos os tipos circulam pela sociedade de consumo sob seu novo regime pós-moderno. (...) O retorno ao estético pode encontrar sua explicação na expansão da cultura, particularmente da cultura da imagem, e sua enorme difusão em todo o campo social.⁸

Essa expansão do cultural provoca o retorno da literatura, mas de um modo novo, isto é, indissociável do mercado. O fenômeno é percebido por Flora Süssekind, que constata o aumento do espaço da literatura nos suplementos culturais ao mesmo tempo que percebe que ele é associado a um tratamento comercial das obras através de resenhas e notícias:

O que se percebe na década de 80 é que o crescimento editorial, ao contrário do que seria de esperar, se desestimula uma reflexão crítica mais atenta (já que o interesse primordial é vender livros, não analisá-los) estimula, por sua vez, nova ampliação do espaço para a literatura na imprensa. Isto é: espaço para a resenha, a notícia, para um tratamento sobretudo comercial do livro.⁹

Nesse sentido, é interessante observar que dois estudos feitos sobre o *Mais!* ressaltam que ele é o melhor suplemento cultural da década de 90, por conseguir ir além do que tem sido a marca dos suplementos em circulação, isto é, tratar a produção cultural através das regras do jornalismo informativo.

Isabel Travancas, em “O livro no jornal”, faz um estudo comparativo entre quatro suplementos - chamados por ela de “literários” - em circulação na década de 90. A análise privilegiou dois suplementos brasileiros (*Idéias* do **Jornal do Brasil** e o *Mais!*) e dois franceses (*Le Monde des Livres* do **Le Monde** e *Les Livres* do **Libération**). Para além da análise que mostra semelhanças e diferenças entre os suplementos, podemos

⁷ PRIGOL, Valdir. *Notas de jornalismo cultural*. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social.

⁸ JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: Ensaio sobre a globalização*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 102-103.

⁹ SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora da Ufrj, 1993, p. 32.

notar, em todo o texto, uma simpatia pelo *Mais!*. Em primeiro lugar, pelo seu profissionalismo, diz a autora, e, em segundo, por ele provocar a criação literária, inédita, produzida a partir do convite do suplemento a escritores (com livros já publicados) e que, não raras vezes, são resenhados (antes ou depois), no mesmo *Mais!*.

Ao comentar o dossiê “Short Cuts a brasileira” (1995), em que seis escritores, selecionados pelas regiões geográficas em que vivem, foram convidados a “retrataram” o Brasil em contos, aproveitando o lançamento do filme “Short Cuts”, de Robert Altman, a partir de contos de Raymond Carver, Isabel Travancas, afirma: “O caderno retoma uma tradição antiga dos suplementos: trazer a literatura, para dentro do jornal e não apenas a sua crítica, e se afirma também como um espaço para a produção artística”.¹⁰

De fato, não poucas vezes, o *Mais!* convida grupos de escritores (quase nunca um único autor) para, a partir de um tema proposto por ele, produzirem ficções inéditas, exclusivas. Essa prática é a ponta, talvez extrema¹¹, da política do suplemento: convidar grupos de autores ou artistas para escreverem sobre um tema pré-determinado.

Essa produção inédita, exclusiva e plural em cada número, apresentada pelo *Mais!*, é o segundo ponto destacado por Travancas para demonstrar a diferença do suplemento:

Essa perspectiva do caderno de romper com um modelo preestabelecido de suplemento literário nos anos 90, onde o espaço está restrito a reportagens e resenhas, e não há mais lugar para a crítica literária com C maiúsculo, ou para a própria literatura, é congruente com o estilo do jornal e sua intenção de inovar, de criar. Ele não optou por colocar trechos do livro de um autor consagrado, ou *best-seller*, mas textos pensados para o leitor do jornal.¹²

A presença dessa criação literária no *Mais!* parece, para a autora, aproximar o suplemento dos “saudosos” suplementos literários. E esse retorno é lido por Travancas como inovação.

¹⁰ TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. São Paulo: Ateliê, 2001, p. 74.

¹¹ Retomarei essa questão mais adiante.

¹² TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. São Paulo: Ateliê, 2001, p. 76. Essa prática de colocar trechos de livros publicados no suplemento era prática do *Letras* e foi transformada, nos anos em 90, em um suplemento mensal chamado “Inéditos”. Desse modo, pode-se dizer que, diferente do que aponta Travancas, a **Folha** nunca deixou de publicar trechos de obras.

E inovação, também, é o fato de esses textos inéditos, encomendados, serem “(...) textos pensados para o leitor do jornal”¹³. Sem discutir agora as relações, miméticas ou não, entre os textos encomendados e os desejos do leitor, é importante reter esse modo de produção do suplemento, que o tornaria, nesse sentido, diferente dos demais: o centro de seu trabalho, na capa e nas quatro páginas iniciais (4, 5, 6 e 7, geralmente), é reservado a dossiês com textos e ilustrações inéditas, produzidas por autores e artistas, a partir de um tema estabelecido, a priori, pelo suplemento.

Um terceiro ponto levantado por Travancas, e que também diferenciaria “nosso” suplemento dos demais, é a prática, repetida em muitos números, de propor a um grupo de autores a reescritura de uma obra. Vejamos seu comentário ao dossiê “O poeta das fábulas”, comemorativo dos 300 anos da morte de La Fontaine, em que, depois das leituras feitas por dois críticos, apresentam-se sete fábulas do autor francês acompanhadas de suas respectivas reescrituras, feitas por autores brasileiros:

O *Mais!* apresenta ao leitor as sete novas fábulas, ou como o título afirma: ‘Velhas Fábulas, Novos Poetas’. Aqui outra vez vemos a **Folha** promover não só a reflexão e crítica sobre o escritor, mas a reescritura de suas fábulas mais conhecidas realizada especialmente para o jornal. Apostando em um novo perfil para os suplementos, não se restringindo a falar de e sobre a literatura e já não mais reproduzindo trechos de obras literárias, mas avançando e apresentando uma reescritura da literatura. Reescritura que vai apontar para a percepção da obra de arte como original, única, com uma ‘aura’ e com as inovações técnicas que possibilitam reproduzi-la gerando uma reestruturação na própria definição de obra de arte, como escreve W. Benjamin.¹⁴

Acredito que é perigoso, ou talvez um pouco exagerado, levar a tal potência, sem maiores reflexões, uma prática como essa. Mas, ao chamar a atenção para a reescritura, Travancas nos faz perceber que tal prática dissemina-se em outros dossiês e de outros modos, como veremos.

Juremir Machado da Silva, em “A miséria do jornalismo brasileiro”, produz uma leitura do *Mais!* a partir, como ele mesmo afirma, do ressentimento:

Jornalista e aprendiz de cientista social, misturei os dois ramos e arranjei problemas nesses dois continentes. Finalmente expellido do jornalismo (voltarei a isso),

¹³ TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. São Paulo: Ateliê, 2001, p. 76

¹⁴ TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. São Paulo: Ateliê, 2001, p.100-101.

amadureci como sociólogo da comunicação a reflexão deste ensaio. Sem nenhuma dúvida, trata-se de um produto do ressentimento.¹⁵

Juremir Machado assume tal posição porque considera o *Mais!* um suplemento elitista, regionalizado e dependente dos mitos do mercado, que abre espaço só para algumas editoras (preferencialmente Companhia das Letras e Objetiva) e alguns autores (preferencialmente Eric Hobsbawn, Chico Buarque, José Saramago, Robert Kurz). Mas, ao mesmo tempo em que parte do ressentimento, ou por isso mesmo, avalia: “a **Folha de S. Paulo** continua a ser o melhor jornal brasileiro. E o *Mais!*, junto com o *Idéias* do **JB**, o suplemento menos fechado ao debate”¹⁶. Leitura discrepante, entre outros motivos, pelo lugar do qual procura falar, acrescenta às observações de Travancas novos pontos para ver o *Mais!*: a procura de um leitor culto e a preferência por autores e editoras consagradas.

Um ponto importante presente nas observações de Juremir também diz respeito à política editorial do suplemento:

Em certa época, Florestan Fernandes e Plínio Correia de Oliveira freqüentavam a mesma página. Hoje, Roberto Campos e Robert Kurz brilham, por razões opostas, no mesmo espaço. O inimigo do mercado horroriza-se. O democrata vibra. O problema da *Folha de S. Paulo* não é essa charmosa esquizofrenia, mas o fato de que ela tem os seus limites e exclui mais do que inclui. Bom acionista da *Folha de S. Paulo*, o esquerdista ilustrado empanturra-se de apocalipse e fortalece uma fatia do mercado enquanto pensa combatê-lo como um todo.¹⁷

Lemos aqui um modo de fazer o *Mais!* e um modo de nomear seu leitor. Quanto ao modo de fazer, a presença (e tolerância) dos diferentes em um mesmo espaço, mas sem gerar polêmica (esse parece ser o “ressentimento” do autor), aparece não só nas nomeações feitas por Silva, mas também naqueles dossiês de ficções comentados por Travancas, em que estão, lado a lado, escritores diferentes (há duas décadas atrás, talvez não fosse tão tranqüilo colocá-los assim). Mas mais que isso: a presença dos diferentes, lado a lado, está na base dos dossiês. Quanto ao leitor do *Mais!*, Silva apresenta algumas pistas: “inimigo do mercado”, “democrata”, “esquerdista ilustrado” (que parecem ser e estar em um mesmo leitor). A ironia que pesa sobre esse último, inclusive na sua

¹⁵ SILVA, Juremir Machado da. *A miséria do jornalismo brasileiro: as (in) certezas da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 16.

¹⁶ SILVA, Juremir Machado da. *A miséria do jornalismo brasileiro: as (in) certezas da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 69.

¹⁷ SILVA, Juremir Machado da. *A miséria do jornalismo brasileiro: as (in) certezas da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 22.

nomeação, não é gratuita. Silva elege-o como a personagem (ou leitor) privilegiada das narrativas que vai tecendo sobre cultura, literatura, política e imprensa. O esquerdista ilustrado¹⁸ é aquele que vai fazer a revolução contra o capitalismo (quando ela já não parece possível), mas não pode deixar de levar consigo o *Mais!* e livros da Companhia das Letras e da Objetiva.

O que me interessa dessas leituras é, para além de considerarem o *Mais!* o melhor suplemento da década, o fato de elas o perceberem, principalmente, como o mais produtivo, no sentido da produção e re-produção de algumas narrativas, talvez as mais importantes na década de 90 e, portanto, produtoras de subjetividades. E por mostrarem, ainda, como o suplemento as engendra, apontando para os seus mecanismos de produção.

Fiquei tentado, durante a elaboração das propostas para esse trabalho, em seguir um desses pontos, por exemplo, as ficções produzidas sob encomenda. De fato, acredito que há nessa forma um modo de pensar e fazer literatura (institucionalizado) mimético ao mercado e gostaria de pensar os embates produzidos nessas encomendas.

Mas, ao tratar da ficção, comecei a observar algumas narrativas que se repetiam exaustivamente no *Mais!* e imaginei encontrar nesse ponto um modo de ler o suplemento, levando em conta a “(...) repetição de certas formas, uma vez que toda repetição restitui possibilidade e potência a um valor exausto”.¹⁹ É possível perceber que das narrativas enunciadas pelo *Mais!*, a que aparece com mais força e repete-se em toda a década, desde o primeiro número, é a comemoração. Dispositivo aglutinador de capas, dossiês, resenhas, entrevistas e ilustrações, a comemoração é também o que está na base das encomendas. Tanto as de crítica quanto as de ficção. A comemoração é acionada a partir de efemérides de nascimento e morte de escritores e artistas, de aniversários ou lançamentos de textos e obras já canônicas ou em curso. O modo e o lugar das comemorações são, preferencialmente, as capas e os dossiês.

Nesse sentido, compor uma memória das comemorações da década de 90 nos ajuda a ler que sistemas de representação são (re)construídos. A vantagem de usar aqui a comemoração como um instrumento de leitura é que ela circulou em todos os lugares públicos dessa década – no acadêmico, no político, no econômico, no cultural – e

¹⁸ A ênfase de Juremir no “esquerdista ilustrado” tem suas limitações, como veremos na discussão sobre o perfil do leitor do *Mais!* no Capítulo I. Podemos, porém, observar que o autor concentra os seus ataques ao “esquerdista ilustrado”, por considerar que ele não deveria deixar-se seduzir tão facilmente pelos mitos do mercado.

¹⁹ ANTELO, Raul. *Amado: tradição e extradição*. Florianópolis: UFSC, 2003, p. 1. (inédito).

repercutiu ou foi produzida pelo *Mais!*. É essa circulação que a faz importante para pensar a década que ela ajudou a produzir. E é isso que me proponho ler: as narrativas colocadas em cena pelo *Mais!*, de 1992 a 2002, através da comemoração. Dessa forma, não pretendo fazer uma análise exaustiva dos textos do *Mais!*, nem escrever sua história, o que extrapolaria o enfoque adotado e o tempo disponível para o doutorado. Assim, o que estará efetivamente nas próximas páginas, é, primeiramente, uma leitura de como o *Mais!* foi construído em torno das comemorações e, depois, uma desleitura desse mecanismo, colocando em cena algumas memórias do presente a que o *Mais!* deu visibilidade.

Para entender como a comemoração está no suplemento, construí o *Capítulo I – Mais*, a partir da leitura de sua composição, a começar pelo nome, percebendo como nele já está inscrita a comemoração. Do mesmo modo, lendo os formatos e as rubricas que adotou e as três fases pelas quais passou nesses dez anos, podemos observar como tais formas são miméticas à concepção que o *Mais!* tem de seu leitor. E é a partir dessa concepção que podemos ver a sua política editorial, ao trabalhar a partir do evento, elegendo como modo de funcionamento a comemoração. Nesse sentido, procuro ler as comemorações como uma ficção, a partir da qual podemos ver os sentidos que o suplemento fez passar. Apontamos, depois, para duas formas de comemoração utilizadas pelo suplemento: a da efeméride e a do lançamento. Assim, a política do *Mais!* - e sua forma de executá-la – aparece com força nas capas e nos dossiês. Nos capítulos II e III, há a tentativa de re-colocar em cena, de um outro modo, o que o suplemento fez circular nesses dez anos a partir da comemoração. Por isso, no *Capítulo II – !*, partimos da comemoração que está no ponto (!) que completa o nome do suplemento e que ao mesmo tempo remete ao sublime. Percebemos que há uma narrativa da conversão de erros do passado – como o engajamento e projetos para a nação – para um presente que comemora o presente como se fosse passado. E o que não é possível de conversão, é rebaixado como arcaico, monstruoso. Dessa forma, o que preside a ficção da comemoração é a conversão do instável para o estável, para o familiar. Tentativa de estabilidade presente, também, na criação nesse período, por parte do Estado, do real. No *Capítulo III – Mais, ainda*, observamos como as comemorações se dão. Um primeiro ponto para o qual chamamos a atenção é para a voz (anônima) que sempre aparece entre a comemoração e os textos que comemoram. Assim, um segundo ponto que observamos é que, desta forma, os colaboradores giram em torno dos comemorados para produzirem a comemoração. Mas esses colaboradores são sempre

segundos em relação à voz, ao terem seus textos lidos, antecipadamente, por ela. Nessa operação, a voz dá o sentido de como devem ser lidos os textos da comemoração. Assim, na transparência de sentido que a voz dá aos textos que vêm depois dela, todos perdem um pouco (a ambigüidade) para ganharem visibilidade. Dessa forma, tomamos a ficção do *Mais!* como uma comemoração de projetos fracassados, que imaginavam um outro presente nesse presente e que agora, na social-democracia do Estado e do *Mais!*, comemoram-se!

Para se ter uma idéia da força da comemoração no *Mais!*, apresento a seguir, através de suas chamadas, uma listagem das comemorações que tiveram lugar no suplemento no período de 1992 a 2002 e que estão na base da leitura que proponho. Desse conjunto retiro aquelas em que vou me deter nesse trabalho. Vistas em bloco, elas têm modos de funcionamento semelhantes, o que justifica o recorte apresentado. Tenho claro que, mesmo dentro do recorte proposto, essa leitura não esgota as possibilidades do material. Em anexo, no cd-room, oferecemos uma indexação parcial do *Mais!*, uma amostragem, com 275 números totalmente indexados, para uma visão em detalhe e no contexto de cada número dos dados que apresentamos, uma antologia de capas do suplemento, a metodologia de indexação e alguns levantamentos úteis para a análise proposta nesse trabalho.

1992: 16/2: 13 anos da morte de Helio Oiticica por Wally Salomão, Haroldo de Campos, Marion Stricker (Da Redação) - exposição internacional; **70 anos da Semana de Arte Moderna** por Alcine Leite Neto e Marcos Augusto Gonçalves (Da Redação); **23/02: Nagisa Oshima por Nagisa Oshima** (entrevista), Lucia Nagib; **80 anos de nascimento e 5 de morte de Carlos Drummond de Andrade** por Carlos Drummond de Andrade (entrevista, inédita), Maria Zilda Ferreira Cury e João Batista Magalhães; **01/03: Verde e Rosa é o Tom - Tom Jobim como tema do samba-enredo da Mangueira** por Sergio Augusto, Matinas Suzuki Jr.; **Andrade a dois** por Nelson Ascher; **Lichtenstein por Lichtenstein** (entrevista), Rodrigo Garcia Lopes; **22/03: A volta da múmia - 80 anos de nascimento de Nelson Rodrigues** por Marcos Augusto Gonçalves, Otto Lara Resende, Arnaldo Jabor, Nelson de Sá, José Lino Grunewald, Gerald Thomas com trechos de "O anjo pornográfico", biografia escrita por Ruy Castro; **29/3: A volta de Rubem Fonseca ao conto (13 anos depois)** por Fernanda Scalzo, José Geraldo Couto, Nelson Ascher com depoimentos sobre o autor de Silviano Santiago,

José Paulo Paes, Alfredo Bosi, com o conto “Olhar” em suplemento interno ao suplemento; 5/4: **Haroldo de Campos por Haroldo de Campos** (entrevista), Nelson Ascher; **40 anos de "Cantando na Chuva"** por Sérgio Augusto; 19/4: **90 anos de nascimento de Sergio Buarque de Holanda** por Sergio Augusto, Antonio Arnoni Prado, Haroldo de Campos com texto inédito do autor; 26/4 - **50 anos de "Casablanca"** por Sérgio Augusto, Da Redação, com fotogramas do filme e a canção "As Time Goes By"; **W. M. Burroughs** por W. M. Burroughs (entrevista), Rodrigo Garcia Lopes, Bernardo Carvalho; **Francis Bacon** por Francis Bacon (entrevista), Nicolau Sevcenko; 24/05: **morte de Francis Bacon** por Anthony Burgess; 31/05: **O público, o privado e a platéia** - Fernando Collor por Renato Janine Ribeiro, Roberto DaMatta, Jurandir Freire Costa (entrevista), Alcino Leite Neto (Da Redação), Arnaldo Jabor, Antonio Medina Rodrigues, Sérgio Augusto, Jean Baudrillard (entrevista), Roberto Romano; Antonio Candido por Paulo Eduardo Arantes, Bento Prado Jr.; 7/6: **A revanche do verbo - a volta da palavra no teatro** por Nelson de Sá, Robert Lepage (entrevista), João Batista Magalhães, Yokio Ninagawa (entrevista), Andréa Fornes, Bernardo Carvalho, Declan Donellan (entrevista), Leão Serva; 14/6: **Queer Power** por Bernardo Carvalho, João Batista Magalhães, Irmã Belladona (entrevista), Antonio Carlos Seidl, Michelangelo Signorille (entrevista), John D'Emilio (entrevista), Marilene Felinto, Arnaldo Jabor, Jurandir Freire Costa; Robert Rauschenberg por Sergio Augusto; 12/07: **Walter Benjamin** por Sérgio Augusto, Arthur Nestrovski, Nelson Ascher, Olgária Matos, Sérgio Paulo Rouanet, Leandro Konder, Moacyr Scliar; 9/8: **Veloso & Amado: 50 anos de nascimento de Caetano Veloso** por Caetano Veloso (entrevista), Matinas Suzuki Jr., José Miguel Wisnik com texto de homenagem de Augusto de Campos e **80 de Jorge Amado** por João Batista Magalhães, Ana Miranda com texto de Jorge Amado sobre Oswald de Andrade e de Albert Camus e João Ubaldo Ribeiro sobre Jorge Amado; 18/08: **O fim da história** por Sérgio Augusto, José Arthur Giannotti, Francis Fukuyama (entrevista), José Geraldo Couto (Da Redação), Fredric Jameson (entrevista), Renato Janine Ribeiro; **Michel Butor** por Leyla Perrone-Moisés; **Jonh Cage** por Rodrigo Garcia Lopes; **Bienal do Livro** por Nelson Blecher, Fernanda Scalzo, Ricardo Musse, Da Redação, Gabriel Cohn; 6/9: **Banda sem revolução - os cara-pintadas** por Marcos Augusto Gonçalves, Olgária Matos, José Geraldo Couto, Félix Guattari, Alcino Leite Neto com texto de Nelson Rodrigues sobre os estudantes em 1968; **80 anos de nascimento de John Cage** por Augusto de Campos; 13/09: **Super-Nietzsche – 120 anos da publicação de “O nascimento da tragédia”** por Curt Paul Janz, Paulo Cezar de Souza, Jacó Guinsburg, Scarlett Marton com trecho do início

do livro e carta de August Strindberg a Nietzsche; 20/9: **80 anos nascimento de Iberê Camargo** por Augusto Massi; 27/9: **40 anos da morte de Francisco Alves (O rei da voz)** por Luiz Antônio Giron; 4/10: **100 anos da morte de Marina Tsvietáieva** por Augusto de Campos com a tradução de poemas de Marina Tsvietáieva; **100 anos de nascimento de George Grosz** por Mario Vargas Llosa; 11/10: **500 anos da descoberta da América** por José Geraldo Couto, Carlos Eduardo Lins da Silva, Marilena Chauí, Carlos Fuentes, Sérgio Augusto, Renato Janine Ribeiro, Augusto Roa Bastos, Nelson Ascher; **45 anos da criação do MASP** por Fernanda Scalzo; 18/10: **100 anos de nascimento de Graciliano Ramos** por Marilene Felinto, Sérgio Augusto, Fernanda Scalzo, José Paulo Paes com poema inédito de Graciliano Ramos; **10 anos da morte de Nelson Rodrigues** por Nelson de Sá com carta de Nelson Rodrigues à futura mulher; 25/10: **90 anos de nascimento de Carlos Drummond de Andrade** por José Maria Cançado; **30 anos da morte de Alberto da Veiga Guignard** por Rodrigo Naves; 1/11: **30 anos de edição da Coleção "Crítica Alemã"** editada por Anatol Rosenfeld por Nelson Ascher; 8/11: **20 anos da morte de Torquato Neto** por José Geraldo Couto, Duda Machado (com poema em homenagem a Torquato), Marcos Augusto Gonçalves, Caetano Veloso (entrevista), Nelson Ascher, Waly Salomão com uma antologia de poemas (inclusive o último); **30 anos da morte de Mário Faustino** por Vinicius Torres Freire; **65 anos de nascimento de Décio Pignatari** por Décio Pignatari (entrevista), Alcine Leite Neto e Marcos Augusto Gonçalves (Da Redação) com trechos de "Panteras" - lançamento; 15/11: **25 anos de morte de Guimarães Rosa** por José Geraldo Couto, Fernanda Scalzo, com poema, carta e conto inéditos de Guimarães Rosa; **70 anos da morte de Marcel Proust** por Arthur Nestrovski; **70 anos da criação de "Sonetos a Orfeu" e "Elegias" de Rainer Maria Rilke** por Augusto de Campos com a tradução de 10 poemas; 6/12: **30 anos da morte de Mario Faustino** por José Lino Grunewald com um soneto de Mario Faustino; **Morte de Néstor Perlongher** por Régis Bonvicino; 20/12: **340 anos da morte de São Jerônimo** por Julio Bressane, Sergio Augusto, Renato Janine Ribeiro, Alcino Leite Neto.

1993: 3/1: **110 anos de nascimento de Franz Kafka** por Modesto Carone, Milan Kundera com tradução de poema e conto de Kafka; 17/1: **Morte de Michel Lahud** por Carlos Franchi com trecho inédito de "A vida clara", livro sobre Pasolini; 31/1 **Dr. Freud** por Luis Tenório Oliveira Lima, Marcos Augusto Gonçalves (Editor do *Mais!*), Paulo César de Souza, Zsófia Dener, Betty Milan, Renato Mezan com cartas de Freud a

um psicólogo brasileiro; 7/2: **Barroco & Neobarroco: 360 anos de nascimento de Gregório de Matos** por Nelson Ascher, Irlemar Chiampi, Julio Bressane, Sergio Augusto; 14/2: **75 anos de nascimento de Antonio Candido** por Nelson Ascher - lançamentos de livro de A C.; 28/2: **A volta dos 70/De volta aos 70** por José Geraldo Couto, Kid Vinil, Marcos Augusto Gonçalves, Nelson Ascher (texto sobre Ana Cristina César - Ana C.), João Batista Natali, Lilan Pacce; **150 anos de nascimento de Henry James** por José Geraldo Couto; **80 anos de nascimento de Doisneau** por Nicolau Sevcenko; 7/3: **30 anos dos filmes "Deus e o diabo na terra do sol" de Glauber Rocha e "Vidas Secas" de Nelson Pereira dos Santos** por Da Redação, Carlos Diegues, Arnaldo Jabor, José Geraldo Couto, Ruy Castro, Amir Labaki com texto de Glauber Rocha - evento; **460 anos da morte de Montaigne** por Leda Tenório Motta - lançamento de livro de Starobinski; **50 anos de "O círculo de Giz Caucasiano" de Brecht** por Nelson de Sá; 14/3: **Murilo Mendes** por Augusto Massi, Raul Henrique, Haroldo de Campos, Régis Bonvicino, Nelson Ascher, Fábio de Souza Andrade, Arlindo Daibert, Murilo Marcondes de Moura com poemas e críticas de Murilo Mendes; 21/3: **Cuba** por Silvano Santiago, Ruy Castro, Thomas Mallon, Leão Serva, Marisol Cano Busquet (entrevista), Cabrera Infante (entrevista); 4/4: **A colônia contra-ataca** por Leão Serva, Joseph Brodsky, Hunter Davis, Nelson Ascher com trechos de textos de Derek Walcott, Vincran Seth, Michael Oondatje, Edward Said; 11/4: **75 anos de nascimento de Roberto Campos** por Roberto Campos (entrevista), Fernando Rodrigues (Da Redação) com depoimentos de políticos e economistas; **70 anos de nascimento de Italo Calvino** por Maria Betânia Amoroso; 18/4: **100 anos de nascimento de Miró** por Augusto Massi, Francisco Petit, Arnaldo Jabor, João Cabral de Melo Neto, Ricardo Nascimento Fabrini, Alberto Alexandre Martins, Luiz Paulo Baravelli com obras de Miró; 2/5: **68: o ano que acabou - suplemento especial do Mais!:** **25 anos de 1968** por Roberto Ventura, Luis Carlos Maciel, Janio de Freitas, Irene Cardoso, Sergio Augusto, Nicolau Sevcenko, João Batista Natali, Carlos Heitor Cony com as principais datas de 1968, mês a mês; 9/5: **100 anos de nascimento de Orestes Barbosa** por Sérgio Augusto, Carlos Rennó, José Lino Grunewald, João Máximo com depoimentos de Augusto de Campos, Manuel Bandeira, Silvio Caldas, David Nasser com trechos de letras de Orestes Barbosa; 16/5: **Duchamp** por Marcos Augusto Gonçalves, Margot Pavan, Gerald Thomas, Catalina Serra, Augusto de Campos, Marcelo Coelho, Nelson Ascher com obras de Duchamp - Mega-exposição; 23/5: **200 anos da publicação de "Crítica da Faculdade do juízo" (traduzida pela 1ª vez no Brasil) de Kant** por Rubens Rodrigues Torres Filho, Gérard Lebrun, Vinicius

Figueiredo com trechos da obra; **85 anos de nascimento de Claude Lévi-Strauss** por Claude Lévi-Strauss (entrevista), Ulderico Munzi (Da Redação) - lançamento de livro; **1 ano da morte de Otto Lara Resende** por Francisco Iglesias; 30/5: **95 anos de nascimento de Gershwin** por Ruy Castro, João Máximo e Sérgio Augusto; 6/6: **1 ano da morte de Otto Lara Resende** por Daniel Piza com depoimentos de Moacir Werneck de Castro, Antonio Candido, Janio de Freitas, Antonio Callado - Evento Folha; 13/6: **130 anos da obra "Olympia"** de Édouard Manet; **75 anos da morte de Georg Simmel** por Leopoldo Waizbort - lançamento de livro de Georg Simmel; 18/6: **Diderot** por Franklin de Matos - lançamento de livro de Diderot; 27/6: **Futebol cabeça** por Ruy Castro, Decio de Almeida Prado (entrevista), Augusto Massi (Da Redação), Matinas Suzuki Jr. (Da Redação), José Lino Grunewald, João Máximo, Tostão, José Geraldo Couto com crônica de Nelson Rodrigues, de 1958 - lançamento de livro de Nelson Rodrigues; 4/7: **100 anos de nascimento de Maiakóvski** - com poema na capa - por Jaime Spitzkovsky, Sérgio Augusto, Augusto de Campos, João Bandeira com tradução de poemas de Maiakóvski; **60 anos de nascimento de Plínio Marcos** por Plínio Marcos (entrevista), Nelson de Sá (Da Redação); 11/7: **Democracia** por DataFolha (pesquisa), João Batista Natali (Da Redação), Marcos Augusto Gonçalves, José Alvaro Moisés, Jaime Garcia Anoveros, Renato Janine Ribeiro com gráficos da Pesquisa DataFolha e frases de Celso Furtado, Luciano Martins, Delfim Neto, Leôncio Rodrigues, Celso Lafer, Fábio Comparato; 1/8: **50 anos da publicação de "O ser e o nada" de Jean Paul Sartre** por Paulo Perdigão, Jean-Toussaint Desante (entrevista), Michel Contat; 15/8: **30 anos de morte de Joaquim de Salles** por Humberto Werneck - lançamento de livro; 22/8: **85 anos de nascimento de Claude Lévi-Strauss** por Da Redação, Didier Eribon, Manuela Carneiro da Cunha com dois textos exclusivos de Lévi-Strauss.; **100 anos de nascimento de Dorothy Parker** por Sergio Augusto e Ruy Castro com a tradução de poema e frases da escritora; **90 anos de lançamento de "América Latina: Males de origem" de Manuel Bonfim** por Roberto Ventura; **160 anos de nascimento de Brahms** por Luís Antônio Giron; 12/9: **80 anos de nascimento de Vicinius de Moraes** por Carlos Felipe Moisés; **Murilo Mendes** por Murilo Marcondes de Moura; 19/9: **100 anos de nascimento de Mario de Andrade** por Telê Ancona Lopez; 26/9: **20 anos de ficção brasileira** por Davi Arrigucci Jr., Roberto Schwarz, João Luiz Lafetá, Leyla Perrone-Moisés (lista das dez melhores obras), Zulmira Ribeiro Tavares (ficção), Francisco Dantas por José Paulo Paes, Milton Hatoum (ficção), Carlos Süssekind por Leyla Perrone-Moisés, Marilene Felinto (ficção); **100 anos de nascimento de Mário de Andrade** - suplemento especial do

Mais! por José Geraldo Couto, Mario Cesar Carvalho, Augusto Massi, Silvia Bittencourt, João Luiz Lafetá, José Miguel Wisnik, Humberto Werneck, Flora Süssekind, com um conto inédito e retratos de Mário de Andrade; 3/10: **85 anos de Claude Lévi-Strauss** por Claude Lévi-Strauss (entrevista), Bernardo Carvalho - lançamento de livro; **20 anos da morte de W. H. Auden** por Felipe Fortuna - lançamento de livro; 10/10: **10 anos da morte de Ana Cristina César** (Ana C.) por nota - Evento UFRJ; 17/10: **25 anos do lançamento do disco "Tropicália" de Gil, Caetano e outros** por Gil e Caetano (entrevista), Carlos Rennó, Paulo Henriques Britto, Sérgio Augusto, Arnaldo Antunes - lançamento de "Tropicália 2" de Gil e Caetano; **10 anos da morte de Ana Cristina César (Ana C.)** por Felipe Fortuna - lançamento de "Escritos no Rio" de Ana C.; **10 anos da morte de Nelson Rodrigues** com trecho de "Coroa de Orquídeas" - lançamento; **3 anos da morte de Raymond Carver** por Robert Stewart - lançamento do filme "Short cuts"; 24/10: **John Ashbery, Joan Brossa e João Cabral de Melo Neto** por Mario Jaguaribe, Augusto Massi, Waly Salomão, Antonio Cícero, Regis Bonvicino, Haroldo de Campos, Nelson Ascher com poemas dos poetas - Evento "Enciclopédia da virada do século: Ashbery, Brossa, Cabral"; 14/11: **Manoel de Barros** (entrevista) por José Geraldo Couto (Da Redação) com um poema inédito e trechos de 3 poemas do novo livro; 7/11: **100 anos de nascimento de Jorge de Lima** por Fábio de Souza Andrade, Marilene Felinto, Felipe Fortuna, Nelson Ascher, Ana Maria Paulino, William Roberto Cereja com poema e fotomontagens de Jorge de Lima; 28/11: **30 anos de "30 anos esta noite" de Louis Malle** por Sergio Augusto - com outras efemérides; 5/12: **Norberto Bobbio** por Norberto Bobbio (entrevista), Luis Carlos Bresser Pereira (Da Redação) - lançamento; **65 anos da morte de Ramos de Azevedo** com trecho de biografia - lançamento; 12/12: **20 anos da morte de Anatol Rosenfeld** por Mario Cesar Carvalho, Sábato Magaldi com dois ensaios de Rosenfeld.

1994: 9/1: **30 anos de carreira de Chico Buarque** por Chico Buarque (entrevista), Augusto Massi (Da Redação), Edu Lobo, "Estorvo" por José Cardoso Pires com seleção da melhor música de Chico Buarque por Paulinho da Viola, José Miguel Wisnik, João Bosco, Edu Lobo, Djavan, Eliete Negreiros e Marina; 16/1: **Livros para Viajar/Viajar em Livros** por Da Redação, Henry James por William F. Buckley Jr. (NYBR), Burton por Ricardo Bonalume Neto, Jack London por Maria Ercilia, Karl Baediker por Sergio Augusto, Walter Benjamin por Nelson Ascher - lançamentos; 30/1: **Fantasma modernos** por Rosalind Krauss (entrevista), Bernardo Carvalho (Da Redação), Tunga,

Marcos Augusto Gonçalves (Da Redação), Antonio Dias, Lichtenstein por Adam Gopnik com obras dos pintores citados - lançamento livro de Rosalind Krauss nos Estados Unidos; 13/2: **430 anos de nascimento de William Shakespeare** por Roberto Mathews e Tom Merriam; 20/2: **430 anos de nascimento de William Shakespeare** por João Batista Natali - lançamento de livro; 27/2: **10 anos de "1984" de Georg Orwell** por Sergio Augusto; 6/3: **80 anos de nascimento de Iberê Camargo** (entrevista); Mario Cesar Carvalho e Augusto Massi (Da Redação), Ronaldo Brito com desenhos e textos de Iberê Camargo; 20/3: **A Aids contamina a arte** por Sérgio Augusto (Da Redação), Pedro Almodóvar, Bernardo Carvalho, Silviano Santiago, Nelson de Sá, Mario Vargas Llosa, Mario Cesar Carvalho, Ana Francisca Ponzio, Nelson Brissac Peixoto e Lucas Bambozzi com carta de Reinaldo Arenas e desenhos de Leonilson - mortos pela Aids; **Um encontro entre arte e pensamento** por Da Redação, 40 anos de morte de Matisse por Marcelin Pleynet (entrevista), Daniel Piza (Da Redação), Bavcar por Amir Labaki, Henri Michaux (10 anos de morte) por Claude Lefort (entrevista), Fernanda Scalzo (Da Redação); 27/3: **Defesa de tese** (1992) de Otilia Arantes com a argüição de Roberto Schwarz - lançamento de livro de Otilia Arantes; 3/4: **Morte de Giulietta Masina** por Caetano Veloso com ensaio e poema em homenagem a Giulietta Masina; 10/4: **Short Cuts à brasileira** por Da Redação com contos de Sérgio Sant'Anna, Milton Hatoum, João Gilberto Noll, Modesto Carone, Marilene Felinto, Luiz Vilela e xilogravuras de Alberto Alexandre Martins - lançamento do filme e do livro; **100 anos de nascimento de Fernando Azevedo** por Antonio Candido com texto de Fernando Azevedo - lançamento de livro de F. A.; 17/4: **80 anos de nascimento de Dorival Caymmi** por Dorival Caymmi (entrevista), João Máximo (Da Redação), Jorge Amado, Carybé (desenho exclusivo em homenagem), Antonio Risério, Sérgio Augusto, Luis Antônio Giron com auto-retrato; **70 anos de nascimento de Osman Lins** por Bernardo Carvalho com texto inédito de Osman Lins - relançamento de livro de Osman Lins; **200 anos de nascimento de Karl Friedrich Philipp von Martius** por Ricardo Bonalume Neto - evento; 24/4: **Dez anos das "Diretas-já"** por João Batista Natali; Folha apoia primeiro, personagens, frases, cronologia, Franco Montoro (entrevista), Fernando Molica (Da Redação), Paulo Sérgio Pinheiro, Dalmo de Abreu Dallari, Wanderely Guilherme dos Santos; **150 anos de nascimento de Nietzsche** por Scarlett Marton - lançamento do livro "Por que não somos nietzscheanos"; **250 anos de morte de Alexander Pope** por Paulo Henriques Britto - lançamento de livro; **80 anos de nascimento (e morte) de Ralph Elisson** por Carlos Eduardo Lins da Silva; 1/5: **A filosofia volta às aulas** por Bernardo Carvalho (Da Redação), Matlew Lipman

(entrevista), Marilena Chauí (entrevista), Alberto Alonso Muñoz (Da Redação), Olgária C. F. Matos, Milton Meira do Nascimento com pontos de vista de José Arthur Giannotti, Renato Janine Ribeiro, Maria Isabel Papaterra, Pablo Rubén Marioconda; 8/5: **CINZAS DO FUTURO... - O cigarro e as leis** - Por Cláudio Csillag (Da Redação), Henry Waxman (entrevista), Carlos Eduardo Lins da Silva, Barbara Gancia, John Leonard (The Nation), Sérgio Augusto; Cabrera Infante (entrevista), Eduardo Simantab; **...FUMAÇAS DO FUTURO...** por Da Redação com contos de Otavio Frias Filho, Braulio Tavares e Nelson Ascher; 29/5: **200 anos de morte dos inconfidentes** por Claudio Julio Tognolli (Da Redação), Francisco Iglesias (entrevista); **Paulo Freire** por Paulo Freire (entrevista), Marilene Felinto e Mônica Rodrigues (Da Redação) com texto de Paulo Freire; 19/6: **80 anos de nascimento de Octavio Paz** por Octavio Paz (entrevista), Betty Milan (Da Redação); 26/6: **90 anos de morte de Kate Chopin** por Harold Bloom (início da participação continuada de Harold Bloom na Folha); 10/7: **100 anos de nascimento de Aníbal Machado** por Bernardo Carvalho com trechos de sua crítica - evento em homenagem a Aníbal Machado; **10 anos da morte de Michel Foucault** por nota - lançamento na França de "Dits et Écrits"; **5 anos da morte de Paulo Leminski** por nota - lançamento de livro; **70 anos de morte** de Joseph Conrad por Viviana Bosi Coneagh - lançamento de livro; **20 anos de morte de W. H. Auden** por Nelson Ascher com poemas que inspiraram o filme "Quatro casamentos e um funeral"; 17/7: **Barthes** por Contardo Calligaris; **25 anos da chegada do homem na lua** por Helio Gurovitz, Alan Shepard e Deke Slayton (astronautas que foram para a lua); 24/7: **30 anos de morte de Cecília Meireles** por Vinicius Torres Freire com um poema da autora - Exposição, Show; **70 anos do término da Revolução Tenentista** por João Marcos Carvalho; **10 anos da morte** de José Mauro Vasconcelos por Sérgio Augusto; 31/7: **Pedro Almodóvar** por Pedro Almodóvar (entrevista), Zeca Camargo (Da Redação), Bia Abramo com trecho de autobiografia e letra de música de Pedro Almodóvar; **95 anos de nascimento de Nabakov** por Harold Bloom; **85 anos da morte de Euclides da Cunha** por Marilene Felinto com trechos de "Os Sertões" de Euclides da Cunha e de "Grande Sertão: Veredas" de Guimarães Rosa; 7/8: **40 anos do suicídio de Getúlio Vargas** por Fernando Molica - lançamento de livro; **95 anos de nascimento de Harold Hart Crane** por Augusto de Campos com tradução de 3 poemas; **Augusto de Campos** por Régis Bonvicino com a publicação de 2 poemas; **Octavio Paz** por Octavio Paz, em vez de resenha, há um trecho de seu livro "A dupla Chama"; 14/8: **90 anos de nascimento de Merleau-Ponty - As cartas de Ruptura com Sartre** - por Da Redação, Marilena Chauí, Alberto Alonso Muñoz, Renato Janine Ribeiro, João Batista

Natali com duas longas cartas de Sartre e uma de Merleau-Ponty (elas vêm acompanhadas de resumo) e um resumo de uma conferência de Merleau-Ponty; **95 anos de nascimento de Nabakov** por Da Redação com conto inédito "Música"; 21/8: **50 anos de nascimento de Paulo Leminski (e 5 de morte)** por Régis Bonvicino; 28/8: **40 anos da publicação do livro "A luta corporal" de Ferreira Gullar** por Ferreira Gullar (Entrevistas Históricas), Augusto Massi (Da Redação), Alcino Leite Neto (Editor do *Mais!*), com texto de João Cabral de Melo Neto e o "primeiro" poema de Ferreira Gullar; **55 anos da morte de Freud** por Harold Bloom; **1 ano da publicação de um conto inédito de Mario de Andrade "Balança, Trombeta e Batlheship" pelo Mais!** por Davi Arrigucci Jr.; **Morte de Elias Canetti** por Sergio Augusto e Nelson Ascher; **30 anos da montagem de "Vereda da Salvação"** de Antunes Filho por Sebastião Milaré comentada por Nelson de Sá; 4/9: **80 anos da morte de Georg Trakl** por Modesto Carone com a tradução de 2 poemas; 50 anos de nascimento de Henfil por Lançamentos; 11/9: **Era uma vez a história** por José Geraldo Couto (Da Redação), Peter Burke (entrevista), Bernardo Carvalho (Da Redação), Hayden White (entrevista), Isaias Pessotti, Roberto Ventura, Manuel da Costa Pinto, Bento Prado Jr., Renato Janine Ribeiro com um trecho de "A Ruína de Kash" de Roberto Calasso - lançamento; 18/9: **370 anos de morte de Shakespeare** por Sergio Malbergier (Da Redação), Jon Freenfield, Arthur Nastrovski e Manuel da Costa Pinto (Da Redação), Haroldo Bloom, Barbara Heliadora, Cacá Rosset (entrevista), Zé Celso (entrevista), Curiosidades, Geraldo de Carvalho Silos; **Morte de Fortuna** por Felipe Fortuna; **500 anos do Descobrimento** por Caetano Veloso com texto "Utopia 2" para o livro "Museu Aberto do Descobrimento"; **690 anos do nascimento de Petrarca** por Helio Girovitz com tradução livre do "Soneto 162"; 25/9: **Brasil é homenageado pela Feira de Frankfurt** por José Geraldo Couto, Peter Weidhaas, Berthold Zily, Marilene Felinto, Modesto Carone, Lúcia Nagib, Cacá Diegues, Daniela Meixner, Nelson Ascher; 2/10: **Eu perdi! - A comemoração da derrota um dia antes da eleição de quatro candidatos à presidência da República** – por Da Redação, FHC por Mauro Rasi, Brizola por Gianfrancesco Guarnieri, Lula por Marcos Caruso e Jandira Martini, Enéas por Plínio Marcos com obras visuais de Hermann Tacasey, Mariannita Lizzati, Niúra Belavinha, Luís Cláudio Mubavae, José Spaniol; 9/10: **150 anos do nascimento de Nietzsche** por Scarlett Marton, Wolfgang Mueller-Lauter; **100 anos de nascimento de Cummings** por Augusto de Campos com a tradução de sete poemas; 16/10: **30 anos da filmagem de "O Deus e o Diabo na terra do sol" de Glauber Rocha** por Bernardo Carvalho com trecho da sinopse do filme; 23/10: **Lacan** por Elisabeth Roudinesco (entrevista),

Catarina Kaltai (Da Redação), Betty Milan, Stuart Schneiderman, Manuel da Costa Pinto com trechos da biografia de Elisabeth Roudinesco sobre Lacan - lançamento; 13/11: **Morte: um rascunho** por Harold Brodkey - Aids e Arte -, Marcelo Rezende (Da Redação) com desenhos de Leonilson; 20/11: **300 anos de nascimento de Voltaire** por Ricardo Musse, Sérgio Paulo Rouanet, Franklin de Matos, Roberto Romano com texto de Voltaire sobre o Brasil - evento e lançamentos; **130 anos de morte de Gonçalves Dias** por Décio de Almeida Prado; 27/11: **Vargas Llosa** por Vargas Llosa (entrevista), José Geraldo Couto (Da Redação), Jorge Amado, Otávio Dias (Coordenador de Artigos e Eventos), Milton Hatoum, Roberto Ventura, Jorge Castañeda com texto de Vargas Llosa; **100 anos da morte de Stevenson** por Claudio Magris, Da Redação; **200 anos da morte de Beccaria** por Luis Francisco Carvalho Filho; **120 anos de lançamento do livro "Iuminuras" de Rimbaud** por notas - lançamento; **150 anos da morte de Nietzsche** por notas - lançamento; 4/12: **100 anos de nascimento de Céline** por Leda Tenório da Motta - lançamento; **100 anos de nascimento de Isaac Babel** por Boris Schnaiderman; 11/12: **80 anos de morte de Augusto dos Anjos** por Bernardo Carvalho com uma crônica e um poema escritos por Augusto dos Anjos - lançamento da Obra Completa; 25/12: **Jorge Amado** por Otávio Dias (Da Redação) com textos inéditos e exclusivos da próxima obra do autor.

1995: 1/1: **20 anos da morte de Érico Veríssimo** por Da Redação, Márcia Ivana de Lima e Silva, Augusto Massi, Arthur Nestrovski com cartas para Érico Veríssimo de John dos Passos, Guimarães Rosa, Lúcio Cardoso, Jorge de Lima, Monteiro Lobato; **60 anos de Herbert Caro no Brasil** por Da Redação, Rosana J. Candeloro com cartas para Herbert Caro de Erico Veríssimo e Elias Canetti; 8/1: **35 anos da morte Albert Camus** por Manuel da Costa Pinto; 15/1: **O amor que ousa dizer seu nome** – antologia de Poesia Homossexual por Nelson Ascher (Da Redação - organizador), Horácio Costa, Bernardo Carvalho, Thom Gunn (entrevista) com poemas traduzidos de W. H. Auden, García Lorca, Jean Cocteau, Luis Cernuda, Xavier Villaurrta, Manuel Ulacia, Lezama Lima, Roberto Piva, Severo Sarduy, Glauco Mattoso, Néstor Perlongher, Horácio Costa, Frank O'hara, Elisabeth Bishop, James Merrill, John Ashbery, Adriene Rich, Allen Ginsberg, Thom Gunn, Sandro Penna; **60 anos da chegada de Lévi-Strauss** ao Brasil por Antoine de Gaudemar – lançamento do livro “Saudades do Brasil”; **70 anos de morte de Pierre Loys** por Arthur Nestrovski; 22/1: **Botero** por Botero (entrevista), Ricardo Araújo (Da Redação) com obras do autor; **40 anos da morte de Thomas**

Mann por Anatol Rosenfield; **95 anos de nascimento de Seféris** por José Paulo Paes com a tradução do poema "A cisterna"; 29/1: **100 anos de nascimento de John Ford** por Sérgio Augusto, Sergio Leone, Carlos Augusto Calil, Ruy Castro com texto de Paulo Emílio Salles Gomes, escrito em 1941; **150 anos da publicação de "Frankenstein"** de Mary Shelly por Harold Bloom; **55 anos de nascimento de Joseph Brodsky** por Nelson Ascher com traduções de poemas; **Morte de Miguel Torga** por Vilma Arêas; 5/2: **O Pajé da Brasilidade: Darcy Ribeiro** por Darcy Ribeiro (entrevista), Marcos Augusto Gonçalves (Da Redação), Antonio Candido, João Pacheco de Oliveira com trecho inédito de "O povo brasileiro", lançamento do livro; **70 anos da morte e suicídio de uma geração de poetas russos** por Augusto de Campos com a tradução de poemas de Aleksandr Blok, Boris Pasternak, Óssip Mandelstam; **105 anos de nascimento de Karel Tchépek** por Arthur Nestrovski; **500 anos da descoberta da sífilis** ("a avó da Aids) por Ricardo Bonalume Neto; 12/2: **Cioran** por Cioran (entrevista), Michel Jakob (entrevistador), Da Redação, Leda Tenório Motta (também traduziu a entrevista), Cássio Starling Carlos; 19/2: **50 anos da morte de Mario de Andrade** por Telê Ancona Perez (entrevista), Augusto Massi (Da Redação) com carta de Mario de Andrade para Murilo Mendes; **Marlon Brandon** por Harold Bradkey; 26/2: **100 anos da morte de Paul Verlaine** por Harold Bloom; 12/3: **70 anos de nascimento de Pierre Boulez** por Pierre Boulez (entrevista), Arthur Nestrovski (Da Redação - enviado especial para o aniversário), Lorenzo Mammì, Michel Foucault, Décio Pignatari; 19/3: **300 anos da morte de Zumbi** por Marilene Felinto (Da Redação), Angela M. Alonso, Lilia Moritz Schwarcz, Fernando Peixoto, Muniz Sodré, Maria Arminda Arruda, José Maurício Andion Arruti, Eduardo Silva, Ricardo Benzaquen de Araújo, Omar Ribeiro Thomaz; **125 anos de nascimento de Charles Dickens** por Peter Gay; **100 anos do processo Dreyfus** por João Batista Natali - lançamento de livro; 26/3: **100 anos de cinema** por Da Redação, Cabrera Infante (como organizador, curador), Sérgio Augusto, Eduardo Simantob; **80 anos da morte de Henry James** por Modesto Carone; **75 anos de publicação do "Internacional Journal of Psycho-Analysis"** por Elias Mallet Rocha Barros (entrevista), João Batista Natali (Da Redação); 2/4: **Enfim um Filósofo Brasileiro - José Arthur Giannotti** por José Arthur Giannotti, Fernando Barros e Silva (Da Redação), Paulo Eduardo Arantes, Luís Antonio Giron com depoimentos de FHC, Bento Prado Jr., Roberto Schwarz e ensaio inédito de Giannotti; **80 anos de Billie Holiday** por Sérgio Augusto; 9/4: **Retratos do Brasil** - coleção de reedições da Companhia das Letras - por Da Redação, J. A Leite Moraes por Antonio Candido, João Francisco Lisboa por José Murilo de Carvalho,

Tomás Antônio Gonzaga por Joaci Ferreira, Macedo por Flora Süssekind, Padre Miguel do Sacramento por Evaldo Cabral de Mello com um trecho de cada autor reeditado; **300 anos da morte de La Fontaine** por Sérgio Augusto, Amílcar de Castro, Leyla Perrone-Moisés, Philippe Sollers, Arthur Nestrovski (ensaios e ilustrações), Da Redação, com releituras de fábulas de La Fontaine por José Paulo Paes, Nelson Ascher, Armando Freitas Filho, Mônica Rodrigues Costa, Régis Bonvicino, Adélia Prado, Antonio Fernando De Franceschi; 16/4: **100 anos de cinema** por Hector Babenco, Arnaldo Jabor e Cacá Diegues (entrevista), Eduardo Simantob (Coordenador de artigos e eventos), José Geraldo Couto (Da Redação); **Morte e 80 anos de nascimento de Paul Zumthor** por Luiz Costa Lima, Leyla Perrone-Moisés e Jerusa Pires Ferreira; 23/4: **O profeta discreto: o pensador do naufrágio - Hans Magnus Enzensberger** por Hans Magnus Enzensberger (entrevista), Nelson Ascher (Da Redação), Mario Vargas Llosa com a tradução de 2 poemas e um trecho do livro "Mediocridade e loucura" - lançamento e vinda do autor ao Brasil; 30/4: **Habermas** por Habermas (entrevista), Da Redação, Barbara Freitag, Sergio Paulo Rouanet (entrevistadores); 7/5: **A Leste do Éden - O "Gênesis"** por Haroldo de Campos com a tradução de "A Segunda história da criação", Da Redação - evento; **Entre a lenda e a história: 100 anos de nascimento de John Ford** por Davi Arrigucci Jr. com a análise do filme "O homem que matou o facínora"; 14/5: **Sob o signo de Eco: Eco-Logia** por Umberto Eco (entrevista), Contardo Calligaris (Da Redação), Humberto Saccomardi, Manuel da Costa Pinto com um depoimento inédito e um ensaio "A nebulosa fascista"; 28/5: **30 anos da Teoria da Dependência** por Fernando Barros e Silva, Vinicius Torres Freire (Da Redação), FHC, Enzo Faletto; **50 anos do fim da Segunda Guerra Mundial** por Marco Chiaretti - lançamento de livro de Ricardo Bonalume Neto; **Morte de Junito de Souza Brandão** por Da Redação com trecho de tradução do autor de "Os Persas"; 4/6: **25 anos de morte de Alvaro Lins** por Sérgio Augusto, Antonio Candido com cartas de Guimarães Rosa (3) e Otto Maria Carpeaux (3) para Alvaro Lins; **50 anos da Geração de 45** por Da Redação, Mário Chamie (curador da Exposição "Geração de 45 - 50 anos"); 18/6: **Hannah e sua amiga: 20 anos de morte de Hannah Arendt** por Sérgio Augusto, Maria Ercília, Eduardo Jardim de Moraes com as cartas trocadas entre Hannah Arendt e Mary Mcarthy e um discurso de Hannah Arendt sobre Jaspers; **105 anos de nascimento de Mário de Sá-Carneiro** por Francisco Achcar - lançamento de livro; **O amor que diz seu nome** - antologia de poesia homossexual organizada pelo *Mais!* vira peça de teatro no Rio de Janeiro; 25/6: **Sudão** por Sebastião Salgado (entrevista), Ana Estela de Sousa Pinto (Da Redação) com depoimentos sobre Sebastião Salgado de Henry Cartier-

Bresson, Richard Avelon, Erica Biteler, François Hébel, Cornell Capa, Walter Rosenblum, P. J. Friffiths, Michael Hoffman, Donna Ferrato, Sue Percival, Eugene Richard, Oliverio Toscani; **70 anos de nascimento de Rubem Fonseca: A verdadeira história policial de Rubem Fonseca** por Mario César Carvalho, com trechos de sua obra, comparando-os com passagens de sua vida; 2/7: **Brecht Total** por Nelson de Sá (Da Redação), Nelson Ascher, Marilene Felinto, Bäbel Jaksch (entrevista), Fernando Peixoto, Christine Röenrig, Marcos Renaux, Sérgio Augusto, Gerd Bornehim com depoimento de Brecht para a Comissão de Atividades Antiamericanas - EUA; **Morte de Cioran** por José Thomaz Brum; 16/7: **50 anos da morte de Paul Valéry** por João Alexandre Barbosa, Manuel da Costa Pinto (Da Redação) com a tradução de 3 poemas e trechos dos "Cahiers"; 23/7: **Lucio Costa** por Lucio Costa (entrevista), Mario Cesar Carvalho (Da Redação) com textos de Lucio Costa; **100 anos de nascimento de Cassiano Ricardo** por Da Redação, Luiza Franco Moreira; 30/7: **Jogos de Bioy: Bioy Casares** por Bioy Casares (entrevista), José Geraldo Couto (Da Redação: enviado especial a Buenos Aires) com conto exclusivo para o *Mais!* ("Ir-se") - Evento Folha; **Eric Hobsbawn** por Eric Hobsbawn (entrevista), Otávio Dias, Sérgio Augusto com trechos de "A era dos extremos" - lançamento do livro, conferência na Folha; **100 anos de nascimento de Isaac Babel** por Harold Bloom - lançamento de livro; **90 anos de nascimento de Elias Canetti** por Jorge Almeida - lançamento de livro; 6/8: **A Odisséia de Bloom** por Bloom (entrevista), Arthur Nestrovski (Da Redação) com trechos do livro "O Cânone Ocidental"; **Estréia da coluna "Autores"** com texto de Robert Kurz; 13/8: **Dr. Sacks** por Dr. Sacks (entrevista), Mario Vitor dos Santos (Da Redação - enviado especial para Nova York) com trecho do livro de Sacks "Um antropólogo em Marte" - lançamento; **75 anos de nascimento de Jarbas Passarinho** por Jarbas Passarinho (entrevista), Fernando de Barros e Silva (Da Redação) com dois trechos do livro de memórias; 20/8: **Morte de Florestan Fernandes** por Florestan Fernandes (entrevista arquivada), José Luis Silva (Da Redação), Eduardo Portella com os dois últimos artigos de Florestan Fernandes para a Folha e perfis de políticos; **300 anos do nascimento de Voltaire** por Renato Janine Ribeiro - lançamento; 27/8: **100 anos de cinema** por Rogerio Sganzerla e Julio Bressane (entrevista), Alcino Leite Neto (Da Redação) com texto de Rogerio Sganzerla sobre os 100 anos de cinema; **100 anos de cinema** por Sérgio Augusto com as obras literárias adaptadas e não filmadas de vários cineastas com trechos de roteiros de Eisenstein e Visconti e as obras literárias não filmadas de cineastas brasileiros com trechos de roteiros de Luís Sérgio Person e Joaquim Pedro de Andrade; **60 anos do filme "David Copperfield"** de W. C. Fields

por Harold Bloom; 3/9: **"Deus é Mais!"** por José Simão; **Retorno de Cony à ficção 23 anos depois** por Cony (entrevista), Daniel Piza (Da Redação) com capítulo inédito do livro "Quase Memória" - lançamento; **10 anos da morte de Basil Bunting** por Nelson Ascher com a tradução de 3 poemas; 10/9: **100 anos de nascimento de Oswald Goeldi** por Ferreira Gullar com xilogravura de 1955 de Goeldi; **5 anos da morte de Reinaldo Arenas** por Bernardo Carvalho - lançamento de "O porteiro"; **25 anos da morte de Hannah Arendt** por Marilene Felinto - lançamento de "Entre Amigas", a correspondência de Hannah Arendt e Mary McCarthy; **35 anos da morte de Albert Camus** por Manuel da Costa Pinto - dois lançamentos; 17/9: **160 anos de nascimento de Mark Twain** por Carlos Eduardo Lins da Silva (Da Redação), E. L. Doctorow, William Styron com a publicação de episódio inédito de "Aventuras de Huckleberry Finn" e a versão original; **150 anos de nascimento de Eça de Queirós** por Manuel da Costa Pinto - Evento na USP; **95 anos do nascimento de George Antheil** por Augusto de Campos; **O século da psicanálise** por Miriam Chnaiderman (entrevistadora), Emilio Rodrigué (entrevista) com trecho de "S. Freud - O século da Psicanálise" - primeira biografia brasileira de Freud; **100 anos da psicanálise** por Sérgio Augusto - questiona a arbitrariedade da data e propõe outra; 24/9: **Feijão com Diamantes - O amor de Elisabeth Bishop e Lota Macedo Soares** por Marilene Felinto ("Mapa de um amor brasileiro"), Joyce Pascowitch, Nelson Ascher, Harold Bloom, João Almino com uma carta inédita de Bishop a Lota; **100 anos da morte de Louis Pasteur** por Moacyr Scliar, Daniela Falcão, Gerald Geison, José Reis, Vinicius Torres Freire, Arary da Cruz Tiriba, Luciano de Almeida Burdmann - lançamento de livro; **"Folha Conta Cem Anos de Cinema"** por Teixeira Coelho - lançamento do livro; **300 anos da morte de Zumbi** por Gustavo Venturi; **100 anos de cinema** por Raymond Beloour (entrevista), Bernardo Carvalho (Da Redação); 1/10: **René Char** por Paul Vayne (entrevista), Bernardo Carvalho (Da Redação) com a tradução do poema "De relance"; 8/10: **40 anos do grupo de estudo "O capital"** por Roberto Schwarz, Da Redação (Quem é Schwarz), Fernando de Barros e Silva; **Comemoração dos 100 anos de cinema** por Flávio Cesarino Costa; **30 anos do filme "Inchiesta Sulla cultura latino-americana" (parte brasileira) de Leon Hirzsmann sobre o Brasil (estava desaparecido)** por Carlos Augusto Calil; Silvano Santiago por Manuel da Costa Pinto - lançamento de "Viagem ao México"; **20 anos da edição de "O escorpião encalacrado"** de Davi Arrigucci Jr. por Nelson Ascher; **130 anos de nascimento de Kipling** por Gentil de Faria; 15/10: **O cinema sem segredos de Pedro Almodóvar** por Pedro Almodóvar (entrevista), Fernanda Scalzo (Da Redação), Nelson Ascher, Gerald Thomas, Guillermo Cabrera

Infante, Cassio Starling Carlos, Augusto Massi com lançamento em São Paulo (com a presença do diretor) do filme "A flor do meu segredo"; 22/10: **Garrincha** por Mauricio Stycer, Boris Fausto, Juca Kfourri, José Lino Grunewald - lançamento do livro "Estrela Solitária" de Ruy Castro; **20 anos de morte de Hannah Arendt** por Sergio Paulo Roaunet; Homenagem a Decio de Almeida Prado por Da Redação com texto inédito do autor sobre "Macário" - Evento 29/10: **100 anos de nascimento de Raul Leoni** por Leyla Perone-Moisés com a apresentação de 2 poemas do autor; **130 anos da chegada do trem em São Paulo - Arte/Cidade** - por Mario Cesar Carvalho (Da Redação), Nelson Brissac Peixoto (curador da exposição), Olgária Chaim Féres Matos, Francisco Foot Hardman, Nicolau Sevcenko, Bernardo Carvalho; 5/11: **Freud** por lançamentos, Paulo Cesar Pinheiro, Graziela R. S. Costa Pinto, Miriam Chnaiderman, José Baravelli; **50 anos de nascimento de Torquato Neto** por Waly Salomão; **90 anos do nascimento de Nise da Silveira** por Nise da Silveira (entrevista), Sérgio Augusto (Da Redação); 12/11: **300 anos da morte de Zumbi (a capa apresenta Domingos Jorge Velho: "Eu aniquilei o Quilombo de Zumbi")** por Marilene Felinto, Cleusa Turra (Da Redação - enviada especial a Amsterdã), Aureliano Bianciorelli, Jair Rattner (enviados à Portugal), Décio Freitas (entrevista), Flávio Gomes (entrevista), Zezito Araújo (entrevista) com trechos de documentos; **José Paulo Paes** por José Paulo Paes (entrevista), José Geraldo Couto (Da Redação), Carlos Vogt com 3 poemas inéditos do autor - lançamento; **20 anos da morte de Pier Paolo Pasolini** por Maria Betânia Amoroso; 19/11: **95 anos de nascimento de Gilberto Freyre** por Mauricio Stycer, Ricardo Benjaquen Araújo, Marcos Chor Maio - lançamentos de livros; **Diderot** por Robert Darton (em forma de Diálogo - Eu e Diderot); **Cony** por Cony (entrevista), Marcelo Coelho (Da Redação), Arthur Nestrovski (resenha de "Quase Memória"); **Fim da cultura de massas** por FHC, Fernando de Barros e Silva, José Arthur Giannotti, Fredric Jameson (entrevista), Marcelo Rezende (Da Redação), Olgária C. F. Matos, Gilson Schwartz, Esther Hamburger, Gabriel Cohn, Douglas Coupland; 26/11: **100 anos de nascimento de Mikhail Bakhtin** por Régis Bonvicino com tradução de 1 poema de Oliverio Girondo e 1 poema de Robert Creeley; **80 anos de nascimento de Frank Sinatra** por Sergio Augusto, Ruy Castro; Terry Teachout, Will Friedwald; **300 anos de morte de Zumbi** por J. Michael Turner; 3/12: **Derrida** por Derrida (entrevista), Vinicius Torres Freire (Da Redação - enviado especial à Paris), Leyla Perrone-Moisés, Renato Janine Ribeiro, Richard Rorty, Arthur Nestrovski - Evento: vinda de Derrida ao Brasil; **Morte de Gilles Deleuze** por Jacques Derrida, Peter Pál Pelbart, Éric Alliez com texto inédito de Delleuze sobre Gandillac - lançamento de livro; **100 anos de cinema** por Carlos

Adriano; 17/12: **30 anos do fim da Geração Beat - Allen Ginsberg** por Marcelo Rezende, Marilene Felinto (Da Redação), Lawrence Ferlinghetti (entrevista), João Almino com a tradução de poemas de Ginsberg e Ferlinghetti; 17/12: **Arte para o Natal** por notas: 120 anos de nascimento de Rilke (Cartas sobre Cèzzane), 100 anos de nascimento de Jorge de Lima, 20 anos de morte de Hannah Arendt ("Entre amigas"); **150 anos de nascimento de Eça de Queirós** por Massaud Moisés; 24/12: **30 anos do roteiro "América Nuestra" de Glauber Rocha** publicado com exclusividade pelo *Mais!*; **100 anos de cinema** por Rogério Sganzerla, Georges Sadoul, Da Redação, da "American cinematographes"; 31/12: **80 anos da criação da Academia Brasileira de Ciências** por Vanessa de Sá (Da Redação) com depoimento dos acadêmicos Israel Vargas, Crodowaldo Pavan, Leopoldo de Meis, Paulo Emílio Vanzolini, Eduardo Krieger.

1996: 7/1: **O que você vai ler em 96: leia em primeira mão textos de Paul Valéry, Robert Musil, Antonio Candido, Giulio Carlo Argan e outros** por Cássio Starling Carlos, Da Redação; **100 anos da morte de Verlaine** por José Paulo Paes, Sérgio Augusto, com a tradução de 2 poemas; 14/1: **"Saudades de São Paulo" - metrópole dos carros de bois - lançamento do livro de Lévi-Strauss** por José Geraldo Couto com fotos de Lévi-Strauss; 22/1: **morte de Louis Malle** - entrevista inédita em que fala do Brasil, por Amir Labaki (Da Redação); 28/1: **Heiner Müller: o teatro da catástrofe** - morte de Heiner Müller por "Le Monde", Da Redação, Christine Röhring, Marcos Renaux, Jen Jourdheuil, Marcio Aurelio; Morte de João Luiz Lafeté por Antonio Candido, Modesto Carone, Davi Arrigucci Jr., José Migule Wisnik; 4/2: **Clássicos de saias** por Marilene Felinto, Martin Amis, Harold Bloom, Marcelo Coelho, Stephen King, E. L. Doctorow, Ana Miranda, Javier Marias; 11/2: **O avô dos computadores** - há 50 anos o exército americano divulgava o segredo do Eniac por Helio Gurovitz (Da Redação), Herman Goldstine (entrevista), Marijó Zilvesti, Ricardo Bonalume Neto, Lucia Reggiani; 18/2: **Morte de Pierre Verger** por Pierre Verger (entrevista), Mario Cravo Neto (entrevistador e autor da última foto de Verger), Ana Maria Guariglia (Da Redação), João José Reis com fotos de Vérger (antologia); **100 anos do nascimento de André Breton, Artaud e Tzara** por Sergio Lima; 25/2: **Nabokov** por Arthur Nestrovski com conto inédito no Brasil de Nabakov "Sons" e Resenha do livro "Perfeição"; **140 anos do nascimento de Freud** por Elisabeth Roudinesco, Carlos Eduardo Lins da Silva; 3/3: **O frio, o calor e o fim dos tempos** por

Ricardo Bonalume Neto, Sérgio Augusto, com contos de John Updike, Carlos Heitor Cony, Bernardo Carvalho, Richard Ford, Plínio Marcos; 10/3: **Islã!** Por Edward Said (entrevista), Esther Hamburger, Enciclopédia por Nelson Ascher, Helmi Nasr, Filosofia por Mateus Soares de Azevedo, Artes Plásticas por Aínda Ramezá Hanania, S. H. Nasr (entrevista), Literatura por Nelson Ascher, Marco Luchesi, Neuza Neif Nabhan, Milton Hatoum, Marilene Felinto; 17/3: **Salman Rushdie - 7 anos depois** - por Salman Rushdie (entrevista), Otávio Frias Filho (Da Redação); 1 ano da morte de Abgar Renault - depoimento inédito de Abgar Renault por José Maria Cançado; 24/3: **400 anos de nascimento de Descartes - Biografia** - por Jean-Baptiste Marongice (do "Liberación"), Raul Landim Filho, Cássio Starling Carlos, Antonio Damasio (entrevista); **100 anos de nascimento de Warchavchik - a chegada da arquitetura moderna no Brasil** - por Victor Agostinho, Carlos Warchavchik, Agnaldo Farias; 7/4: **A grande saúde - visita de Lucien Sfez ao Brasil** por Da Redação, Ricardo Bonalume Neto, Vandana Shiva (entrevista), Laymert Garcia dos Santos, Thomas S. Ray, Pedro Paulo Balbi, Carlos Eduardo Lins da Silva, Contardo Calligaris; 14/4: **Raízes do Brasil** por Da Redação - Sepultura e o samba do futuro por Hermano Vianna, A bandeira de lugar nenhum por Gerald Thomas, A nova pontuação do espaço por Nelson Brissac Peixoto, Do tupi ao tecnopaganismo por Nicolau Sevcenko; 21/4: **50 anos da morte de John Maynard Keynes - "O último profeta da economia"** - por Fernando de Barros e Silva (Da Redação), Vinicius Torres Freire, Galbraith (entrevista) Oscar Pilagallo, Robert Kurz, José Luís Fiori, Gilson Schwartz, Rogério Andrade; 28/4: **100 de morte de Lewis Carrol** por Nelson Ascher, Richard Jenkins com a tradução de um capítulo de "Sílvia e Bruno" - lançamento; 5/5: **15 anos da morte de Glauber Rocha - "A carta-bomba de Glauber"** - por Da Redação; Ivana Bentes, Marcelo Rubens Paiva, mãe de Glauber Rocha (entrevista), Lucia Nagib com carta de Glauber; 12/5: **"Os operários do Holocausto" - lançamento do livro "Os carrascos voluntários de Hitler"** por Carlos Eduardo Lins da Silva, Contardo Calligaris, Omer Bartov, Renato Janine Ribeiro, Paulo César de Souza, Nelson Ascher, Igor Gielou com trechos do livro; 19/5: **10 anos da morte de Borges - Os labirintos de Borges** por José Geraldo Couto (enviado especial a Buenos Aires), Maria Kodoma (entrevista), Adolfo Bioy Casares (entrevista), Ricardo Piglia (entrevista), Maria Esther Vásquez (entrevista), Antonio Paula Graça, Adriano Schwartz; 26/5: **20 anos da morte de Heidegger - Heidegger político** - por Jean-Pierre Faye (entrevista), Ernildo Stein, Ricardo Musse, Thelma Lessa da Fonseca, Cássio Starling Carlos (Da Redação); **90 anos de nascimento de Adorno - Adorno inédito** - por Da Redação com a tradução de trechos excluídos da "Minima Moralia"; **100 anos**

de nascimento de Belmonte por Samuel Pfromm Netto com 2 desenhos do autor; 2/6: **1 ano da morte de Gilles Deleuze** por Cássio Starling Carlos (Da Redação), Bento Prado Jr. (entrevista) com depoimentos de Michael Hardt, David Lapoyade, Fredric Jameson, John Raychman, Eric Alliez, François Zourabichvilli e programação do evento com texto de Deleuze sobre Whittman; 9/6: **Drummond inédito** por José Geraldo Couto (Da Redação) com 6 poemas de "Farewell" (livro inédito) e posfácio de Silviano Santiago - lançamento; 16/6: **O dia em que o real acabou** por Da Redação com contos de Antonio Callado, Moacyr Scliar, Modesto Carone, Sérgio Sant'Anna, Marilene Felinto, Ivan Sant'Anna; 23/6: **A explosão do paraíso - 50 anos do primeiro teste da bomba nuclear pós-gerra pelos EUA** por Ricardo Bonalume Neto, Jesus de Paula Assis; 30/6: **Rosa esotérico - O sertão místico de Rosa: 50 anos de "Sagarana" e 40 anos de "Grande Sertão"** por Adriano Schwartz, Francis Utéza (entrevista), Heloísa Vilhena de Araújo (entrevista), David Jackson (entrevista); Eduardo Lourenço, Antonio Tabucchi; 14/7: **"Paraíso Perdido"** - Euclides da Cunha; 28/7: **Quase Brasil - 70 anos de nascimento de Carlos Heitor Cony** por Carlos Heitor Cony (entrevista), Fernando de Barros e Silva (Da Redação), com trecho do novo livro "O piano e a orquestra"; Nathalie Serrate por Nathalie Serrate (entrevista), Betty Milan, Gérard Lebrun; 11/8: **No coração da Selva - edição dos diários de Darcy Ribeiro, 45 anos depois de serem escritos** por Otávio Dias, Darcy Ribeiro (entrevista), com trechos dos diários; **50 anos da morte de H. G. Wells - "O homem que inventou o futuro"** por Nelson Ascher; 18/8: **Nelson Rockefeller no Brasil** por Nelson Sá, Gerard Colly; 25/8: **Os anos de chumbo revisitados - debates com duas facções: Jarbas Passarinho e Marcelo Rubens Paiva**, por Jarbas Passarinho e Marcelo Rubens Paiva (entrevista coletiva) Josias de Souza (entrevistador) com Glossário; 29/9: **Morte de Almeida Salles** por Rudá de Andrade com 3 textos do autor - Evento; **Haroldo de Campos** por Da Redação com poema exclusivo de Octavio Paz em sua homenagem; 6/10: **Picasso** por Mario Cesar Carvalho (Da Redação), Vicente Katz, Erica Palomino, Carlos E. V. Fagundes Jr., Carlos Eduardo Lins da Silva, Jean-Hubert Martin (curador da 23^a Bienal) com obras de Picasso; **Morte de Thomas Kuhn** por Richard Rorty; 13/10: **FHC põe suas idéias no lugar** por FHC (entrevista), Vinicius Torres Freire (Da Redação), Fernando de Barros e Silva, Gabriel Cohn, Francisco de Oliveira, Teg Goertzel com depoimento de Maria Sylvia de Carvalho Franco; **70 anos de nascimento de Milton Santos** por Milton Santos, Fernando Conceição (Da Redação) - homenagem em evento internacional; 3/11: **100 anos da Guerra de Canudos**: Augusto de Campos compõe poemas com trechos de "Os sertões" de Euclides da Cunha; 10/11: **Fernando Pessoa - 80 anos dos**

heterônimos por Adriano Schwartz (Da Redação), George Steiner, Ferreira Gullar, Eduardo Lourenço (entrevista); **Wishawa Szymborsk - Prêmio Nobel de Literatura** por Aleksandar Jovanic com a tradução de 3 poemas; morte de João Antonio por Fernando Paixão; **360 anos de nascimento e 300 de morte de Gregório de Matos** por Nelson Ascher, Fernando da Rocha Pires, João Adolfo Hansen, Haroldo de Campos, Otávio Dias, Ana Miranda, James Amado; 17/11: **Sérgio Buarque de Holanda** por Adriano Schwartz com texto de Sérgio Buarque de Hollanda "Missão e profissão" - lançamento de "O Espírito e a Letra"; **400 anos de "O mercador de Veneza" de Shakespeare** por Moacyr Scliar; 8/12: **A poesia contra o verso: 40 anos da "Exposição Nacional de Arte Concreta" (marco inicial)** por Da Redação, Adriano Schwartz, José Miguel Wisnik, Luiz Costa Lima, Augusto Massi, Décio Pignatari (entrevista), Haroldo e Augusto de Campos (entrevista), Ferreira Gullar (entrevista), Marcos Augusto Gonçalves (Da Redação), Phillipe Buschinger, Claus Clüver (entrevista); **20 anos da morte de Picasso** por Tadeu Chiarelli - lançamento de livro; 15/12: **80 anos de nascimento de Paulo Emilio Salles Gomes - "Fuga do paraíso, prisioneiro do paraíso"** por Mauricio Stycer, Décio de Almeida Prado (entrevista), Godofredo Telles Neto, Fernando de Barros e Silva, Rudá de Andrade com peça teatral de Paulo Emilio Salles Gomes.

1997: 5/1: **Barthes contra Camus** por Samuel Titan Jr., Manuel da Costa Pinto, com a tradução de duas cartas de Barthes e duas "Mitologias" e uma carta de Camus, inéditas no Brasil; 12/1: **55 anos de morte de Roberto Arlt** por Arthur Nestrovski - lançamento do livro "As feras"; 19/1: **Romeu e Julieta** por Ariano Suassuna (releitura da peça a partir da moral do sertão), Nelson de Sá (Da Redação), Geraldo de Carvalho Silos, Harold Bloom, Marilene Felinto - lançamento da versão de "Romeu e Julieta" com Leonardo DiCaprio; 26/1: **Hegel poeta** por Haroldo de Campos com tradução de trechos da "Fenomenologia do Espírito" em forma de poemas; 2/2: **Morte de Antonio Callado, aos 80 anos**, por Marucio Stycer (Da Redação), Moacyr Scliar, Davi Arrigucci Jr., Antonio Torres, Ferreira Gullar, com texto de posse na Academia Brasileira de Letras em 1994; 100 anos do nascimento de Alberto Cavalcanti por Amir Labaki e Carlos Adriano; 23/02: **30 anos de 1967 - "O que o ano radical tem a dizer a 1997"** - por Nelson Ascher, Mauricio Stycer (Da Redação), "A chinesa" de Godard por Arthur Omar, "Terra em Transe" de Glauber Rocha por Modesto Carone, "O meio é a massagem" de McLuhan por Nicolau Sevcenko, "Pan América" de José Agrippino de

Paula por Sérgio Sant'Anna, "O Rei da Vela", dirigida por Zé Celso por Hamilton Vaz Pereira, "Sgt. Pepper's" dos Beatles por Bia Abramo, "Alegria, Alegria" de Caetano Veloso por Marcos Augusto Gonçalves, o "pop" por Nelson Aguilar, "Cem anos de Solidão" de Gabriel Garcia Márquez por Harold Bloom, "O novo estado industrial" de J. K. Galbraith por Gilson Schwartz, com cronologia dos acontecimentos do ano e fotos de autores e obras; 9/3: **Mídia: verdades e mentiras** por Josias de Souza (Da Redação), FHC (entrevista), Vinicius Torres Freire (Da Redação), Pesquisa DataFolha, Mario Cesar Carvalho (DataFolha), Adam Gopnik, Quadro: o império da mídia, Noam Chomsky (entrevista), Nelson Ascher (redação), Pierre Bourdieu, Alain Touraine, Carlos Eduardo Lins da Silva, Fernando Godoy, Gilberto Dimenstein, Maria Ercília, Martin Nisenholtz (entrevista), com opiniões sobre "Qual o principal pecado da imprensa hoje" de Gustavo Franco, Roberto Mangabeira Unger, Herbert de Souza, Marta Suplicy, D. Lucas Moreira Neves, Milton dos Santos; 16/3: **A reforma da natureza - a clonagem** por Axel Kahn, Ricardo Bonalume Neto, Vanessa de Sá, Laymert Garcia dos Santos, Francisco Jeronymo Sallers Lara, José Reis com trechos de "A reforma da natureza" de Monteiro Lobato e Contos da Era Clônica com contos de Silviano Santiago, João Batista Mello, José J. Viega e Bráulio Tavares; **150 anos de nascimento de Castro Alves** por Marilene Felinto, Alexei Bueno, Jean Marcel Carvalho Franco, Rudá de Andrade, Adriano Schwartz (Da Redação) com poemas de Castro Alves e trecho do roteiro de Nelson Pereira dos Santos "Guerra e liberdade - Castro Alves em São Paulo"; 23/3: **10 anos da morte de Gilberto Freyre** por Peter Burke; **50 anos de nascimento de David Mamet** por Da Redação com tradução de conto do autor; **70 anos do lançamento de "Retrato do Brasil" de Paulo Prado** por José Geraldo Couto (Da Redação) com três trechos do livro, um desenho e uma carta do autor; 13/4: **97 termos para entender 97** por Adriano Schwartz (Da Redação), Antropologia por Marcio Goldman, Artes Plásticas por Lisette Lagnado, Astronomia por Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, Audiovisual por Arlindo Machado, Ciências Cognitivas por Henrique Schützer Del Nero, Cultura Pop por Hermano Vianna, Direito por Luís Francisco Carvalho, Educação por Yves de la Taille, Economia por Gilson Schwartz, Filosofia por Renato Janine Ribeiro, Filosofia da Ciência por Jesus de Paula Assis, Genética por Sérgio Danilo Pena (Saiba Também Da Redação), Geografia por Milton Santos, História por Nicolau Sevcenko, Informática por Pedro Paulo Balbi de Oliveira, Internet por Maria Ercília, Política por José Augusto Gilhon Albuquerque, Religião por Ricardo Sasaki, Sistemas de Comunicação por Carlos Eduardo Lins da Silva, Sociologia por Sergio Miceli, Sexo por Contardo Calligaris, Teoria Literária por

Arthur Nestrovski; **Morte de Allen Ginsberg** por João Almino com o poema-homenagem "Allen Ginsberg morrendo" por Lawrence Ferlinghetti; 27/4: **100 anos de nascimento de Humberto Mauro** por Sheila Scwarzman (Da Redação), Carlos Adriano, Inacio Araujo, Lidia Matos (entrevista), Walter Lima Júnior; **Morte de Antonio Callado** por Da Redação com a apresentação de um texto inédito; 11/5: **Situações críticas** – Davi Arrigucci Jr. por Luiz Costa Lima, Dolf Oehler por Leyla Perrone-Moisés; o leitor por Leda Tenório da Motta, Wolfgang Iser por João Alexandre Barbosa, **40 anos de concretismo** por Décio Pignatari; **Livros sobre o fim** por Cássio Starling Carlos (Da Redação) e Renato Janine Ribeiro; 25/5: **A felicidade brasileira** pela DataFolha com antologia de trechos de músicas e poemas de Dorival Caymmi, Augusto Frederico Schmidt, Lupcínio Rodrigues, Manuel Bandeira, Tom Jobim e Vinicius de Moraes, Cecília Meirelos e ensaios de Laymert Garcia dos Santos, Contardo Calligaris; 1/6: **A dialética envenenada de Roberto Schwarz** por Roberto Schwarz (entrevista), Fernando de Barros e Silva com trecho do livro "Duas Meninas"; 8/6: **50 anos depois do Plano Marshall** por Albert Hirschman; **100 anos de nascimento de Henry Cowell** por Augusto de Campos; **90 anos de nascimento de José Reis** por José Reis (entrevista), Ricardo Bonalume Neto, Rogério César de Cerqueira Leite, Isaias Raw, Julio Abramczyk; 22/6: **80 anos de Eric Hobsbawn** por Eric Habsbawn (entrevista), Jorge Halperín (El Clarin); **40 anos da morte de Eric Auerbach** por Luis Costa Lima; **100 anos de nascimento de Louis Aragon** por Phillippe Sollers com a tradução de um poema do autor; **15 anos da morte de Georges Perec** por Da Redação - lançamento de "Perec/renations": 21 palavras cruzadas; **100 anos de Canudos** por Ricardo Bonalume Neto; 6/7: **80 anos de nascimento de Decio de Almeida Prado** por Decio de Almeida Prado (entrevista), Nelson de Sá (Da Redação), Antunes Filho, Sábado Magaldi com textos de Decio de Almeida Prado: um ensaio sobre "A comédia brasileira" e uma crônica sobre Pelé; 13/7: **O superpadre - 300 anos da morte de Antônio Vieira** por Marilene Felinto, Jean Marcel Carvalho França, Aníbal Pinto de Castro (entrevista), João Adolfo Hansen, Alcir Pécora; 20/7: **A Vulva - "Ela" "A lírica da chama"** por Da Redação com poemas de Wally Salomão, Arnaldo Antunes, Carlito Azevedo, Rubens Rodrigues Torres Filho, Carlos Ávila, Alexei Bueno, Claudia Roquette-Pinto, Angela de Campos, Augusto Massi, Nelson Ascher, Maria Rita Kehl, Janice Caiafa, Lu Menezes, Roberto Piva, Régis Bonvicino com lançamento de "O anatomista" de Federico Andahazi por Contardo Calligaris; 27/7: **30 anos da filmagem de "A chinesa"**: O eterno retorno de Godard por Godard (entrevista), Marcelo Rezende (Da Redação), Pierre Assouline (Lire - entrevistador), Jacques Rancière, com texto de

Paulo Emílio Sales Gomes sobre "A chinesa", escrito em 1968, "O meu Godard", com depoimentos de Walter Salles, Silvano Santiago, Bernardo Carvalho, Rogerio Sganzerla, Péricles Cavalcanti e trecho do discurso de Godard ao receber o "Prêmio Adorno" em 1995 - lançamentos de livros e filmes; **4 décadas de Jean-Claude Bailly no Brasil** por Joyce Pascowitch; 3/8: **110 anos do nascimento de Blaise Cendrars (Blaise Cendrars no Brasil)** por Nelson Ascher, Carlos Augusto Calil com a tradução de 4 poemas do autor com motivos brasileiros e trecho inédito do romance "Moravagine" com tradução de Alexandre Eulálio; **Defesa de Wallace Stevens** por Augusto de Campos com tradução de "Le Monocle de mon ocle"; **20 anos do lançamento do primeiro livro de Piglia "A invasão"** por Bernardo Carvalho - lançamento; **Morte de Georges Duby** por Jean Marcel Carvalho França - lançamento; 10/8: **30 anos da Teoria da Dependência** por José Roberto de Toledo, Kenneth Maxwell, Luiz Felipe de Alencastro, Lawrence Harrison, Stephan Haber, Contardo Calligaris, Esther Hamburger, Mauricio Puls com traduções de trechos dos livros de Harrison e Haber; **O primeiro texto (exclusivo) de Antonio Negri depois da prisão** por Roberta Barni com texto de Antonio Negri; **50 anos da morte de Henry Ford** por Eduardo Sguiglia com trecho do romance "Fordlândia": Ford na Amazônia; **100 anos da morte de Adolfo Caminha** por Carlos Alberto Doria - relançamento; **90 anos de nascimento de Mário Quintana** por Eloí Calage; 17/8: **30 anos do lançamento de "A sociedade do espetáculo" de Guy Debord** por Anselm Japp, Marcelo Rezende, Renato Janine Ribeiro, Olgária C. F. Matos, Bruno Latour com trechos de "A sociedade do espetáculo" (1964) e "Comentário sobre a sociedade do espetáculo" (1988) - lançamento do livro no Brasil; **95 anos do nascimento de Walt Disney** por Gore Vidal; **100 anos de Canudos - Os sertões dos Campos** - por Roberto Ventura - lançamento de livro; 24/8: **50 anos da publicação de "Dialética do Esclarecimento" de Adorno e Horkheimer** por Jorge Almeida, Robert Kurz, Ricardo Musse, Jacques Rancière com trechos da obra e cartas - de Adorno para Marcuse e de Marcuse para Adorno - evento em comemoração aos 50 anos - "As luzes da arte" - Belo Horizonte; **10 anos da morte de Cacaso** por Augusto Massi com um poema do autor para Ana Cristina Cesar - lançamento de livro de Cacaso; **Comemoração da publicação de "Brás, Bexiga e Barra Funda" de Antônio de Alcântara Machado** por Décio Pignatari; 31/8: **60 anos de nascimento de Zé Celso** por Zé Celso (entrevista), Nelson de Sá e Otavio Frias Filho (Da Redação); **10 anos da morte do Pe. Charboneau** por Da Redação, Alberto Martins - lançamento de livro; 7/9: **100 anos de nascimento de Georges Bataille** por Gilson Schwartz; **100 anos de nascimento de Di Cavalcanti** por Sônia Salzstein, Silvia

Ceoffi - eventos; **Uma aventura artística incomum**: Paulo Lins por Roberto Schwarz - lançamento; 2/9: **"O tropicalismo no poder" - 30 anos do Tropicalismo** por Marcos Augusto Gonçalves, Gilberto Felisberto Vasconcelos, Eduardo Giannetti, Contardo Calligaris, Alberto Helena Jr., Luiz Antônio Ruff, Armando Antenore, Mario Cesar Carvalho (enviado especial a Recife) com trechos de "Verdade Tropical"; **80 anos da Revolução Russa** por Haroldo Cervolo Cereza, Richard Pepes (entrevista), Victor Cheinis - Evento na USP; 14/9: **"Faulkner no Brasil" - 100 anos de nascimento de Faulkner** por Marcelo Rezende (Da Redação), texto publicado na Folha da Manhã em 1954, Harold Bloom, James Salter, William Kennedy, Phillippe Sollers com trecho de carta do autor para os brasileiros - lançamentos de livros; 14/9: **100 anos de nascimento de Juanele Ortiz** por Haroldo de Campos com a tradução de 2 poemas; **30 anos da morte de Guimarães Rosa** por José Lino Grunewald - lançamento de "Magma"; **110 anos de nascimento de Marcel Duchamp** por José Gil - Evento Folha; 21/9: **100 anos da morte de Antonio Conselheiro - Sangue sobre Canudos** - por Roberto Ventura, José Calasans, Antonio Carlos Olivieri, Marco Antonio Villa, Eudardo Hoornaert, Frederico Pernambuco de Mello, Cícero Antonio F. de Almeida, Paulo Sanettini e Erica M. R. Gonzalez, Claude Santos com trechos de "Os Sertões" e com vinhetas miméticas às divisões do livro - evento "Brasil Ser Tão Canudos"; 30/9: **Morte de Antonio Callado** por Ana Arruda Callado; 5/10: **Subcomandante Marcos** por Da Redação, Emanuel Neri, Nelson Ascher com o manifesto "Por que combatemos"; **"O livro de Unabomber"** por Marcelo Coelho com trecho do livro; **30 anos do livro "A sociedade do espetáculo" de Guy Debord e a morte da princesa Diana** por Otavio Frias Filho, Phillippe Sollers (Le Novel Observateur); **Tunga** por Suely Rolnik - exposição de Tunga em Nova York; 12/10: **Capra** por Stanley Cavell por Eric Alliez; Borges por Harold Bloom; 19/10: **Nós ou Eu** por Ian McEwan, Arthur Nestrovski (com trinta perguntas celebratórias para McEwan) com o primeiro capítulo (tradução exclusiva) de "Enduring Love"; 26/10: **110 anos de nascimento de Igor Stravinski** por Igor Stravinski (entrevista), Robert Craft; 9/11: **Imagens da Guerra do Paraguai** por Ricardo Bonalume Neto (Da Redação - enviado especial), José Murilo de Carvalho, Pedro Paulo Soares, André Amaral de Toral, Francisco Fernando Monteoliva Doratioto, Guido Rodríguez Alcalá, Leon Pomer, Marco Antonio Villa; 16/11: **O amigo maldito de Fernando Pessoa - Almada Negreiros** por Adriano Schwartz, E. M. de Melo e Castro, Eduardo Lourenço com poemas e desenhos de Almada Negreiros; **75 anos da morte de Proust** por Marcelo Rezende, José Maria Cançado, Carlos Eduardo Lins da Silva; **80 anos da morte de Émile Durkheim** por Gabriel Cohn; 7/12: **A aula**

inaugural de Clarice - 20 anos da morte de Clarice Lispector por Silvano Santiago, Marilene Felinto (Da Redação); 14/12: **O profeta do crash - Robert Kurz** por Robert Kurz (entrevista), Eleonora de Lucena (Da Redação), João Sayad, Roberto Schwarz com trechos de textos publicados por Kurz no *Mais!* e artigo inédito do autor; **60 anos do lançamento de "O amanuense Belmiro"** de Cyro dos Anjos por Luis Bueno e Patricia Cardoso; 21/12: **O escritor no escritório** por fotos e textos de Eder Chiadetto de Lygia Fagundes Telles, J. C. de Melo Neto, Jorge Amado, Moacyr Scliar, Campos de Carvalho, Autran Dourado, José J. Veiga, João Ubaldo Ribeiro, José Paulo Paes, Patricia Melo, Rachel de Queiroz, Carlos Heitor Cony, Ferreira Gullar, Augusto de Campos, Zélia Gattai, Nélide Piñon, Silvano Santiago, Manoel de Barros, Bernardo Carvalho, Ariano Suassuna com depoimentos dos autores sobre os seus escritórios; 28/12: **"O Brasil dos viajantes"** por Louis Begley, Peter Burke, Kenneth Maxwell, Jacques Rancière, Alberto Manguel, Jean M. Carvalho França, Ricardo Bonalume Neto - lançamentos de livros.

1998: 4/1/: **Arquivos secretos** por José Geraldo Couto (Da Redação), O Dossiê Romeo por Timothy Garton Ash (TNY), Assassinato em Chicago por Umberto Eco - lançamentos; 11/1: **A Avenida Paulista** por Abbas Kiorastami por Inácio Araújo, Neslon Ascher, Leon Cakoff; **Borges** por Borges, Antonio Skármeta (conto inédito no Brasil); **Macedônio Fernandes** por Jorge Luis Borges com conto de Macedônio Fernandes ; **"Comemoram-se ..."** **100 anos da morte de Lewis Carol** por Carlos Adriano; **98 livros para ler em 98** por Da Redação; 18/1: **O Relatório Folha da Sexualidade brasileira; 1 ano da morte de Allen Ginsberg** por Harold Bloom; **50 anos da Revolução Sexual** de Alfred Kinsey por Carlos Eduardo Lins da Silva; 1/2: **150 anos do "Manifesto Comunista"** por Roberto Kurz, Bernardo Carvalho (Da Redação), FHC, Leonardo Boff, Boris Fausto, José Mindlin, Eric Hobsbawn, Marco Maciel, John Updike, Richard Rorty, José Rainha Jr, Alberto Cardoso, Luiza Erundina, Delfim Neto ("O dia em que eu li o 'Manifesto)'), Alain Touraine, Arthur Nestrovski, Ricardo Musse, Leôncio Martins Rodrigues, Daniel Aarão Reis; **20 anos de "Titanic" de Hans Magnus Enzensberger** por Nelson Ascher com a tradução de 2 poemas - lançamento; 8/2: **Brecht e Eisenstein: 100 anos de nascimento de Brecht** por José Antonio Pasta Jr.; John Fuegi, Maria Cristina Frias, Christine Röehring (entrevista), Erdmut Wizisla, Silvia Bittencourt (Da Redação), Sergio de Carvalho, Gerald Thomas com carta e frases do autor e Brecht por Murilo Mendes (poema); **100 anos de**

nascimento de Serguei Eisenstein por Amir Labaki, Maria Dora Mourão, Carlos Adriano, "Eisenstein por Murilo Mendes" (poema) com fotogramas; 15/3: **80 anos da morte de Egon Schiele** por Simon Schama, com obras; **90 anos de nascimento de Francis Bacon** por Nicolau Sevcenko, com reprodução de obras; **460 anos de nascimento de Montaigne** por Milton Meira do Nascimento - lançamento de livro; **90 anos da morte de Machado de Assis** por David Jackson (NYT Book Review) - lançamentos de livros de Machado em inglês; **100 anos da morte de Cruz e Sousa** por Nelson Ascher, Sylvio Back, com poemas de Cruz e Sousa - evento: Comissão para o Centenário de Cruz e Sousa - SC; Goeldi por Jorge Coli com 3 obras; 29/3: **Truffaut** por Serge Toubrana e Antoine de Baecque com tradução de trecho da biografia do cineasta - lançamento; **Godard anos 40** por Godard (entrevista), Gilles Perrault (entrevistador); **Walter Salles** por Walter Salles (entrevista), Jurandir Freire Costa (entrevista); **60 anos de morte de Ford Madox Ford** por Marcos Flamínio Peres - lançamento de "O bom soldado"; **45 anos** por Ledusha (Risco no Disco, poema); 5/4: **Comemoração dos 500 anos de Brasil** - História do Brasil/lançamentos: Joaquim Nabuco por Roberto Ventura, Emilia Viotti da Costa (entrevista) por Sylvia Colombo (Da Redação), Evaldo Cabral de Mello (entrevista) por Ricardo Musse (Da Redação), Escravidão por Ana Lúcia Duarte Lanna, Georg Reid Andrews por João Batista Natali, Boris Fausto por Francisco Iglésias, América Latina por Marco Antonio Villa, Marina Lucia Coelho Prado; 12/4: **Morte de Maud Mannoni** por Elisabeth Roudinesco; **Morte de Benjamin Spock** por Contardo Calligaris; 26/4: **15^a Bienal do livro** - todo o suplemento; 3/5: **30 anos de 68: Mulheres Guerrilheiras** por Mario Cesar Carvalho com trechos do livro "Mulheres que foram à luta"; **Morte de Octavio Paz** por Augusto Massi, Horácio Costa com a tradução de 3 poemas; **Morte de Geraldo de Barros** por Mario Cesar Carvalho (Da Redação), Nelson Aguilar, com reprodução de obras do artista; 10/5: **"Há exatos 30 anos..." de 68** por Antonio Negri, Eric Hobsbawn, Marilene Felinto, Nelson Ascher, Maurice Grimaud (chefe de polícia em 68), Marcos Flamínio Peres (entrevista), Herbert Marcuse (entrevista em 68), Contardo Calligaris, Ricardo Musse com depoimentos de FHC, Luiz Felipe Alencastro, Roberto Schwarz, José Arthur Giannotti, Edgar Morin (entrevista), Juremir Machado da Silva, Julia Kriestava, Inácio Araujo, Gretchen Dutschke (entrevista) com uma antologia de cartazes de 68 na parte superior e uma antologia de frases de 68 na parte inferior; 17/5: **500 anos da descoberta de Colombo do comércio marítimo para as Índias** por Mauricio Santana Dias (Da Redação) Lanjay Subrahmany (entrevista), Jean Marcel Carvalho França (entrevistador), Kirti Chaudbri, Susani Silveira Lemos, Luiz Felipe Alencastro -

lançamentos de livros; **FHC** por Thomas Skidmore; 31/5: **O cavaleiro andaluz - 100 anos de nascimento de Frederico Garcia Lorca** por Ian Gibson, Hans Ulrich Gumbrecht, E. M. de Melo e Castro com 7 poemas traduzidos por sete poetas brasileiros - Josely Vianna Baptista, José Lino Grünwald, Augusto Massi, Carlito Azevedo, Heitor Ferraz, Carlos Ávila, Jorge Lucio de Campos e a tradução do roteiro "A viagem à lua"; 7/6: **A Igreja no Regime Militar - 25 anos da mudança** por Luís Eblak (Da Redação), Kenneth Sarbin, Madre Maurina Borges da Silveira, Frei Betto, Oswald Pereira Gomes, Ricardo Galhardo com trechos de "Rabo de Foguete" - livro de memórias de Ferreira Lugar - lançamento; **1 ano da morte de Darcy Ribeiro** por Marcelo Coelho - lançamento do livro póstumo de poesia "Eros e Tanátos"; Vera Fischer por Ledusha; 28/6: **O civilizador dos trópicos - 50 anos da morte de Monteiro Lobato** por Silviano Santiago, Otavio Frias Filho, Marco Antonio Villa, Cassiano Nunes, Vladimir Sacchetta, Janer Cristaldo, Alvaro Machado com ilustrações dos livros de Lobato - Exposição "O Brasil Encantado de Monteiro Lobato"; 12/7: **90 anos de nascimento de Mário Peixoto** por José Geraldo Couto, Saulo Pereira de Mello (entrevista) com trechos do Diário escrito na Inglaterra e poema; **60 anos da morte de W. B. Yeats** por Augusto de Campos com a tradução de "A torre"; 19/7: **80 anos de nascimento de Antonio Candido** por Haroldo de Campos, Leyla Perrone-Moisés, José Miguel Wisnik, Luiz Costa Lima, Luciana Stegagno Picchio, José Paulo Paes, Walnice Nogueira Galvão, Gilberto Vasconcelos, Lygia Fagundes Telles, Alain Touraine, Silviano Santiago, Celso Lafer, Benedito Nunes, José Mindlin, Maria Sylvia Carvalho Franco, Mauricio Puls; **80 anos de nascimento Decio de Almeida Prado** (entrevista) por Bernardo Carvalho (Da Redação); **Ninguém** por Ledusha; 26/7: **200 anos da Conspiração Baiana** por Kenneth Maxwell; **Utopias literárias: literatura contra barbárie** por Leyla Perrone-Moisés, Alcino Leite Neto (Editor do *Mais!*), lançamento do livro "Altas Literaturas" de Leyla Perrone-Moisés; **120 anos do nascimento de Lucien Febvre** por Renato Janine Ribeiro - lançamento; 9/8: **100 anos de nascimento de Marcuse** por Habermas; **1 ano da morte de Betinho** por Emir Sader; 23/8: **30 anos de 68 - o envolvimento americano no Brasil** por Marcelo Rubens Paiva (Da Redação), Claudio Julio Tognolli, Martha Huggins (entrevista), Charles Maiching (entrevista), Erasmo Dias (entrevista), Hélio Ibiapina (entrevista); **15 anos da morte de Ana Cristina César** por Antonio Carlos Sechim – relançamento; 6/9: **O teatro globalizado - Augusto Boal** por Augusto Boal (entrevista), Nelson de Sá e Sergio de Carvalho (Da Redação) com trecho do livro "Jogos para atores e não-atores..." - relançamento; **20 anos da morte de Jacques Lacan** por Elisabeth Roudinesco; 27/9: **Paul Celan** por

Claudio Magris com a tradução de 4 poemas - lançamento de livro; **100 anos da morte de Mallarmé** por Jacques Rancière; **100 anos de nascimento de Raul Bopp** por Alcides Villaça - lançamento de "Poesia Completa"; 4/10: **Um voto que cai: o dia das eleições** por Da Redação com roteiros de José Mojica Marins, Carlos Reichenbach, Ugo Giorgetti, Helvécio Rattón; **25 anos da morte de Carlo Emilio Gadda** por Marilene Felinto com a tradução de um conto - lançamento de livro; 11/10: **A voz do mestre: Celso Furtado** por Luiz Felipe de Alencastro - lançamento de "O capitalismo global"; 18/10: **Uma vida em resumo: morte de José Paulo Paes** por Davi Arrigucci Jr., Massaud Moisés, com dois poemas inéditos "Auto-epitáfio no. 2" e "Momento"; **Habermas** por Habermas (entrevista), Günter Hoffmann e Thomas Assheuer (Die Zeit - entrevistadores); 25/10: **150 anos do conto "Maurice" escrito por Mary Shelley**, publicado com exclusividade pelo *Mais!*; **70 anos da antropofagia e 70 de Cobra Norato** por Régis Bonvicino; 11/11: **70 anos da antropofagia (tema da 24ª Bienal)** por Nicolau Sevcenko, Gilberto Vasconcelos, Carlos Basualdo, E. M. de Melo e Castro com trechos do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade e desenho de Louise Bourgeois; 15/11: **Morte de Ted Hughs** por Felipe Fortuna com a tradução de 2 poemas; 22/11: **90 anos da morte de Machado de Assis** por Adriano Schwartz (Da Redação), John Gledson (entrevista) com a publicação de um conto inédito "Trina e Una"; **100 anos da descoberta da Radioatividade de Pierre e Marie Curie** por Marcela Almeida Prado; 29/11: **Hector Babenco** por Ricardo Piglia; 6/12: **65 anos do início do nazismo (e seu retorno atual)** por Peter Gay, Frank Kermode (NYT), Gitta Sereny com trechos do Relatório Buchenwald - lançamento; **Saramago** por Leyla Perrone-Moisés e João Alexandre Barbosa; **Homenagem ao Ballet do 4º Centenário de São Paulo em 1954** por Ana Mae Barbosa; 20/12: **90 anos da publicação dos "Novos poemas" de Rilke** por Augusto de Campos com a tradução de nove poemas; 27/12: **100 anos de nascimento de Camara Cascudo** por Mario Cesar Carvalho (Da Redação – enviado especial), Roberto Ventura, Xico Sá, Carlos Dória, Gilberto Vasconcelos, com verbetes do "Dicionário do Folclore Brasileiro", trechos de "História da Alimentação no Brasil", de "Anúbis e outros ensaios" e de um diário inédito; **50 anos da Declaração dos Direitos Humanos** por Antonio Negri; **90 anos de nascimento de Claude Lévi-Strauss** por Da Redação com a tradução de um texto inédito no Brasil; **Saramago: Nobel de Literatura e 75 anos de nascimento** por Adriano Schwartz (Da Redação), João Alexandre Barbosa, Manuel Vásquez Motálban (El País), João Adolfo Hansen, com trechos de "O Evangelho Segundo Jesus Cristo".

1999: 3/1: **Os 100 melhores romances do século e os 30 principais romances brasileiros de todos os tempos** por Leyla Perrone-Moisés, Arthur Nestrovski, Carlos Heitor Cony, João Adolfo Hansen, João Alexandre Barbosa, Walnice Nogueira Galvão, Luiz Costa Lima, Marcelo Coelho, Moacyr Scliar e Silviano Santiago com o início dos 10 melhores de cada categoria; 17/2: **Chatô** por Fernando Morais (organizador - entrevista coletiva para o livro), Otto Lara Resende, Rubem Braga e Moacir Werneck de Castro com frases dos entrevistados nas partes superiores e inferiores do suplemento; **Brasil 500 d.c. - Mais! estréia seção com intelectuais brasileiros** com texto de Evaldo Cabral de Melo; 31/1: **100 anos de nascimento de Jorge Luis Borges** por Roberto González Echevarría (NYT) - resenha de "Jorge Luis Borges - O homem no espelho"; **O real explica tudo** por Alan Touraine; **Resumo do Brasil** por Kenneth Maxwell; **Caindo na real** por Gabriel Cohn; **João Cabral de Melo Neto** por Bentro Prado Jr.; 7/2: **90 anos da descoberta de Carlos Chagas da doença de Chagas** por Marília Coutinho; Bourdieu por Bourdieu (entrevista), Juremir Machado da Silva (Da Redação - especial), Sergio Miceli, Alfredo Sirkis com cartas trocadas entre Bourdieu e Cohn-Bendit; 14/3: **10 anos da morte de Georges Simenon - As cartas inéditas de Simenon e Fellini** por Jérôme Garcin (Nouvel Observateur); **90 anos da morte de Euclides da Cunha e 90 do nascimento de Guimarães Rosa** por Fábio Lucas; 28/3: **530 anos do nascimento de Maquiavel** por Evaldo Cabral de Mello; **A razão atenta: Camus e Aron** por Tzvetan Todorov, Heidegger por Richard Rorty, Spinoza por Antonio Negri; **75 anos da morte de Kafka** por Modesto Carone com tradução do primeiro capítulo de "O Castelo"; **125 anos de nascimento de Arnold Schoenberg** por Jorge Coli; 14/3: **100 anos de nascimento de Francis Ponge** por Phillippe Sollers (Le Monde), Leda Tenório da Motta com a tradução de 1 poema em prosa; **80 anos de nascimento de Joan Brossa** por Régis Bonvicino com um poema-homenagem de João Bandeira - lançamento de "Poemas Civis"; **80 anos de nascimento de Primo Levi** por Cristóvão Tezza - lançamento de "Se não agora, quando"; **Morte de Antonio Houaiss** por José Mario Pereira; **Antologia de 50 anos de literatura e jornalismo de Norman Mailer** por James Shapiro (NYT); 28/3: **Machado Universal: 100 anos do lançamento de "Dom Casmurro"** por Alfredo Bosi (entrevista), Augusto Massi (Da Redação), Abel Barros Baptista (entrevista), Adriano Schwartz (Da Redação), John Gledson, com antologia de trechos sobre "Dom Casmurro" por José Geraldo Couto (Da Redação), John Gledson, Nicolau Sevcenko, José Veríssimo, Lucia-Miguel Pereira, Augusto Meyer, Antonio Callado, Dalton Trevisan, Otto Lara Resende, Roberto Schwarz; 11/4:

Os cem melhores livros de não-ficção do século e as 30 principais obras teóricas brasileiras de todos os tempos por João Batista Natali, Vinicius Mota, Jean Marcel Carvalho França (Da Redação), Maria Sylvia Carvalho Franco, Bento Prado Jr., Eduardo Giannetti, Evaldo Cabral de Mello, Modesto Carone, Olgária Matos, Nicolau Sevckenko, Renato Janine Ribeiro, Roberto DaMatta, Rogério C. de Cerqueira Leite; 18/4: **100 anos de nascimento de Nabokov** por Silvano Santiago, Nobokov (resenha dele por ele mesmo), John Updike (NYT), Carlos Eduardo Lins da Silva; 25/4: **"Haroldo, 69, encontra Homero, 2.800"** por Da Redação, Haroldo de Campos (entrevista), Sergio Romagnolo (escultura-homenagem com o busto de Homero - encomenda da Folha), Alcino Leite Neto, Otavio Frias Filho, Helio Schwartzman (Da Redação), Trajano Vieira (entrevista) com a tradução de trechos dos 10 cantos e resumos dos mesmos; 30/5: **75 anos da morte de Kafka** por Adriano Schwartz (Da Redação), Abel Barros Baptista, Nelson Ascher com a reescritura das três primeiras linhas de "A metamorfose" por Teixeira Ceolho, Bernardo Carvalho, Valêncio Xavier, Jean-Claude Bernardet, Modesto Carone, Marcelo Coelho, Paulo Lins, Bernardo Ajzenberg, João Gilberto Noll, Zulmira Ribeiro Tavares, Marcelo Rubens Paiva, Rubens Figueiredo, Cristóvão Tezza, Sérgio Sant'Anna, Ronaldo Lima Lins, Moacyr Scliar, Fernando Bonassi, Rodrigo Lacerda; **40 anos da Nouvelle Vague** por Lúcia Nagib com as listas dos melhores filmes por Michel Marie e Antoine de Baecque - lançamento de 4 livros; 6/6: **Novos Brazilianistas** por Fabiano Maisonnave, Esther Hamburger; **10 anos da morte de Paulo Leminski** por Bernardo Ajzenberg com resenha do livro "Envie meu dicionário"; 20/6: **"Guerra nas Estrelas - Episódio I: A ameaça fantasma"** por Marcelo Ferroni (Da Redação) com convidados do *Mais!* para discutirem o filme: Jeanne Cavelos (entrevista), Daniela Sandler (Da Redação), Alvaro Machado, Jesus de Paula Assis; **René Magritte** por Jorge Coli; 27/6: **Gilles Deleuze** por Da Redação com tradução do texto "O ato de criação"; **15 anos da morte de Foucault** por Da Redação com a publicação de trecho do texto "Em defesa da sociedade"; **90 anos de nascimento de Lévi-Strauss** por Lévi-Strauss (entrevista), Beatriz Perrone-Moisés (entrevistadora); 4/7: **Preparação da comemoração dos 100 anos de nascimento de Otto Maria Carpeux** por Nelson Ascher, Carlos Heitor Cony, José Lino Grunewald com ensaio e perfis escritos pelo autor - reedição de sua obra; 11/7: **O século americano** por Robert Darnton, David M. Oshinsky (NYT); **105 anos de nascimento de E. E. Cummings** por Carlos Eduardo Lins da Silva com resenha do livro "Poem(a)s" de Augusto de Campos; **1985** por Ledusha; 18/7: **60 anos de nascimento de Glauber Rocha** por Ana Maria Magalhães; **Hilda Hist** por Jorge Coli;

145 anos de morte de Joseph Von Schelling por Rubens Rodrigues Torres Filho com a tradução de "Profissão de Fé Epicurista"; **100 anos de nascimento de E. Hemingway** por Moacyr Scliar e James Wood (NYT); 25/7: **40 anos do Nobel de Salvatore Quasimodo** por Benedito Nunes com a tradução de um poema - lançamento; **40 anos da Nouvelle Vague** por Gilberto Vasconcellos; 1/8: **ABC de Borges: 100 anos do nascimento de Borges com a construção de uma enciclopédia sobre Borges:** A biblioteca de Borges por Alberto Manguel; Aleph por Newton da Costa; Borges-enciclopédia por Adriano Schwartz; Caminho por Aurora F. Bernardini, Dédalo por Nicolau Sevcenko, Espelho por João Adolfo Hansen, Felicidade por Leyla Perrone-Moisés, Gnosticismo por Luiz Costa Lima, Hipótese por Fábio de Souza Andrade, Idealismo por Leda Tenório da Motta, Joyce por Nelson Ascher, Lobisomen por Silvano Santiago, Metáfora por Alcir Pécora, Naderia por Raul Antelo, Outro por José Maria Cançado, Paraísos por Teixeira Coelho, Quixotismo por João Alexandre Barbosa, Reescritura por Julio Pimentel Pinto, Sul por Juremir Machado da Silva, Tigre por Jorge Schwartz, Uqbar por Irleamar Chiampi, Valentia por Marcelo Coelho, Xenofobia por Maurício Santana Dias, Zahir por Arthur Nastrovski, Jorge Luis Borges entrevistado por Juan Jose Saer, lançamento da tradução das Obras Completas Jorge Luis Borges; **80 anos de nascimento de Eric Rohmer** por Jorge Coli; 8/8: **30 anos da morte de Theodor Adorno** por Marcos Nobre; Caio Prado Jr. por Fernand Braudel em resenha inédita de 1948; **500 anos de ilusão (Brasil)** por José Murilo Carvalho; **"Entrevistas sobre o fim dos tempos"** por Stephen Jay Gould, Jean Delumeau, Umberto Eco e Juan-Claude Carrière (entrevista) - lançamentos; 5/9: **400 anos de nascimento de Diego Velásquez** por Valêncio Xavier; **"De olhos bem fechados" de Kubrick** por Laymert Garcia dos Santos, Nicolau Sevcenko, Bernardo Carvalho, Eliane Robert Moraes com quadro das adaptações literárias de Kubrick: Lolita, 2001, Laranja Mecânica, Barry Lyndon, O Iluminado; 19/9: **10 anos da morte de Beckett** por Fábio de Souza Andrade; **30 anos de tropicalismo - nos EUA** - por Hermano Vianna; 26/9: **100 anos de nascimento de Borges** por Martin Amis e Ian McEwan (entrevista publicada na "Letras Libres"); **Prêmio Camões: Sophia de Mello Breyner Andresen** por Sophia de Mello Breyner Andresen (entrevista), João Almino (entrevista); 31/10: **Guillaume Apollinaire** por Eliane Robert Moraes; 14/11: **100 anos de Capitu** por Adriano Schwartz (Da Redação), Maria Velho da Costa, Abel Barros Baptista, Evaldo Cabral de Mello com trechos da peça "Duas madames": Capitu e Maria Eduarda (de "Os Mais"); **100 anos de nascimento de Fernando Pessoa** por Ivo Barroso com tradução de Fernando Pessoa; 21/11: **Gramsci Total** por Mauricio Santana Dias (Da Redação),

Carlos Nelson Coutinho, Michael Löwy, Guido Liguori, Sergio Paulo Rouanet com depoimentos de Raymundo Faoro, José Arthur Giannotti, Leandro Konder, José Genoíno, Jacob Gorender, Frei Betto; **Bandeira** por Ledusha; 5/12: **200 anos de nascimento de Almeida Garret** por E. M. de Melo e Castro com um poema; 19/12: **Arman** por Lisette Lagnado.

2000: 1/1: **Primeiras histórias do ano 2000** por Lygia Fagundes Telles (“Menino e o velho”), Carlos Heitor Cony (“Moto próprio”), Modesto Carone (“Por trás dos vidros”), Voltaire de Souza (“Mil anos num minuto”), Bernardo Ajzenberg (“Marcenaria”), Moacyr Scliar (“O crime perfeito”), Fernando Bonassi (“Projeto Terceiro Milênio”), Sérgio Sant’Anna (“Calibre 2000”), João Gilberto Noll (“O agrado”), Bernardo Carvalho (“O encontro dos guerreiros”), Marilene Felinto (“A fotógrafa”); 2/1: **Os cem melhores poemas do século e os 30 principais poemas brasileiros de todos os tempos** por Alcir Pécora, Aleksandar Javonic, Augusto Massi, Decio Pignatari, Irlemar Chiampi, Ivo Barroso, José Lino Grunewald, Leonardo Fróes, Nelson Ascher, Sebastião Uchôa Leite com trecho do poema T. S. Eliot "A terra desolada" e o poema "A máquina do mundo" de Carlos Drummond de Andrade; **Morte de Paulo Mendes Campos** por “+ Crônica” com o texto "O amor acaba" - lançamento; **Morte de Robert Bresson** por Da Redação, Júlio Bressane e Ismail Xavier; 23/1: **Cuba Ida e Volta: 40 anos da Revolução Cubana** por Janio de Freitas; **Morte de Victor Cunha Rego** por Mário Mesquita; **1 ano da morte Charles Bosworth** por Da Redação; 6/2/: **70 anos de nascimento de Antunes Filho** por Antunes Filho (Entrevistas Históricas), Nelson de Sá e Marcelo Rubens Paiva (Da Redação); **40 anos do seqüestro de Adolf Eichmann** por Marcelo Coelho com resenha de "Eichmann em Jerusalém"; "**Fantasia 2000**" de **Walt Disney** por Jorge Coli; 13/2: **Resumo do crítico: Morte de Decio de Almeida Prado** por Da Redação, Barbara Heliadora, Sábado Magaldi (+ 3 questões sobre Decio de Almeida Prado), Otavio Frias Filho - lançamento deste texto na revista *Teresa*; **100 anos de nascimento de H. G. Gadamer** por Richard Rorty; 20/2 **100 anos de nascimento de Luis Buñuel** por José Geraldo Couto, Jean-Claude Carrière (entrevista), Vladimir Safatle (Da Redação), Guilherme Cabrera Infante, Ronaldo de Noronha, Geraldo Veloso, Paulo Augusto Gomes, Mario Alves Coutinho, Lucia Nagib; 12/3: **Céu & Inferno: 100 anos de nascimento de Gilberto Freyre** por Mario Cesar Carvalho (Da Redação), FHC (entrevista), Evaldo Cabral de Mello, Peter Burke, Roberto Ventura, Elide Rugai Bastos, Hermano Vianna, Omar Ribeiro Thomaz, Enrique

Lavreta, José Mario Pereira, Gilberto Vasconcelos, Gilberto Freyre (entrevista), Bety Milan (entrevistadora), Manuel Bandeira (“+poema”: "Casa-grande e Senzala"); 19/3: **Eisenstein secreto** por Andrei Moskvine (entrevista), Fátima Gigliotti (Da Redação) com desenhos de Eisenstein - lançamento; **100 anos de nascimento de Hugo Adami** por José Roberto de Andrade; 26/3: **O mito fundador do Brasil** por Marilena Chauí; **Adorno e Celan** por Waly Salomão (“+ poema”); 2/4: **Guia de leitura da história brasileira: 500 anos de Brasil** por Angela de Castro Gomes, Boris Fausto, Evaldo Cabral de Mello, João José Reis, Laura de Mello e Souza, Manolo Florentino, Ronaldo Vainfas - lançamento da coleção de livros da Folha - relançamentos; **Joaquim Nabuco** por José Murilo Carvalho; 9/4: **20 anos da morte de Jean-Paul Sartre** por Jacques Rancière; **500 anos de Brasil** por "Os dez +" - lançamento de "Viagem incompleta" de Carlos Guilherme Mota; **Joris Ivens** por Johan Van der Keuken; 9/4: **Cartas de Mario de Andrade e Manuel Bandeira** por José Geraldo Couto - lançamento da correspondência entre os dois autores; **100 anos de morte de Almeida Junior** por Jorge Coli; **João Cabral: último rosto** por Armando Freitas Filho (“+ poema”); **A atualidade de Mario Pedrosa: 100 anos de nascimento de Mário Pedrosa** por Otilia Beatriz Fiori Arantes, Ferreira Gullar, com crítica escrita em 1947 sobre Morandi - evento; **100 anos de nascimento de Robert Arlt** por Juan José Saer (+ literatura); **Silva Mello** por Gilberto Vasconcelos; **Pessoa e Deleuze** por José Gil, Da Redação - lançamento; 23/4: **Relatório Folha da Utopia Brasileira; 75 anos da morte de T. E. Lawrence** por "Os dez +" - lançamento; **169 anos da consolidação da Independência do Brasil** por José Murilo de Carvalho; **315 anos do texto "São Paulo nos tempos da Colônia"** por Francisco Corela; **75 anos de "Descoberta do Brasil"** por Oswald de Andrade - escrito em 1925 e reeditado em 1910 (“+ poema”); 30/4: **500 anos de Brasil** por Jorge Coli; **Passagem do século** por Julio Medaglia, **500 anos de Brasil** por Luiz Costa Lima - Evento Folha; **90 anos da morte de Joaquim Nabuco** por Almino Affonso; **40 anos da morte de Melanie Klein** por Julia Kristeva (entrevista), Florence Nouville (Le Monde); 14/5: **75 anos de nascimento de Raymundo Faoro** por Raymundo Faoro (Entrevistas Históricas), Marcelo Coelho (Da Redação), **1 ano da morte de Franco Montoro** por Celso Lafer; **500 anos de Brasil** por Jean Marcel Carvalho França com texto sobre Capistrano de Abreu; **Exposição Brasil 500 anos** por Jorge Coli; **Anselmo Duarte** por Rogerio Sganzerla; 28/5: **Raízes [da alimentação] do Brasil** por Evaldo Cabral de Mello; **Morte de Elsie Lessa** por Mario Sergio Conti; **95 anos de nascimento de Elias Canetti** por Roberto Romano com trecho da peça "Comédia da vaidade" - lançamento; 4/6: **Decio Pignatari** por José Geraldo Couto com

trecho do livro "Errâncias"; 18/6: **Luiz Felipe Alencastro** por Luiz Felipe Alencastro (entrevista), Marcos Flamínio Peres (Da Redação) - lançamento de "O trato dos viventes" e evento Folha; **Literatura ou Morte: A encomenda do crime - Rubem Fonseca e Bernardo Carvalho** por Abel Barros Baptista; **500 anos de Brasil** por Francisco Alambert com resenha de "Intérpretes do Brasil", antologia organizada por Silvano Santiago; **500 anos de Brasil** por Jean Marcel Carvalho França - lançamento de livro; 25/6: Bento Prado Jr. por Bento Prado Jr. (Entrevistas Históricas), Ricardo Musse (Da Redação); **Shakespeare** por Barbara Heliadora, Peter Brook, Lorin Stein, R. N. Swanson, Victor Hugo - lançamentos de livros; **100 anos do nascimento de Anísio Teixeira** por Maria Lucia Pallares-Burke; 9/7: **100 anos do nascimento de Gilberto Freyre** por "Os dez +" - relançamento de "Sobrados e Mocambos"; **150 anos de uma criptografia escrita por E. Allan Poe** por Adriano Schwartz, Margaret Wertheim (Salon), Simon Sing (Entrevista), Dwight Ganner; **100 anos do Congresso Internacional de Matemáticos** por Newton da Costa, Cláudio Weber Abramo; **Euclides da Cunha** por Luiz Costa Lima, Walnice Nogueira Galvão (entrevista), Marcos Flamínio Rodrigues (Da Redação); **150 anos do nascimento de Almeida Junior e 110 de Tarsila do Amaral** por Jorge Coli; 16/7: **Morte de Charles R. Boxer** por Ricardo Bonalume Neto com trecho de "A Idade de Ouro no Brasil" - lançamento; **100 anos do lançamento dos Zepelins na Alemanha** por Ilana Seltzer Goldstein; **Morte de Ruy Coelho** por Jerusa Pires Ferreira ("+ memória"); 23/7: **A literatura brasileira dos anos 90** por Flora Süssekind com obras plásticas e lista das obras publicadas nos anos 90; **O morto sabe esperar: Glauber Rocha** por Gilberto Vasconcelos - lançamento de livro; 30/7: **Joyce e Proust** por Walnice Nogueira Galvão - lançamento do livro "Prezado Senhor, Prezada Senhora"; **60 anos da morte de Klee – lançamento de livro de Luiz Costa Lima** por Franklin Leopoldo e Silva; 6/8: **"Homo Sapiens 1900" de Peter Cohen** por "Os dez +"; **100 anos da morte de Nietzsche** por Da Redação; Roberto Romano, Benedito Nunes ("+ 3 questões sobre..."), Paulo César de Souza (lugares), Oswaldo Giacoia Junior, Scarlett Marton, Peter Pál Pelbert, Clement Rosset; **Thomas Mann** por Marcus Mazzari - relançamento de "Doutor Fausto"; 13/8: **150 anos do nascimento de Guy de Maupassant** por Samuel Titant Jr. com a tradução de uma crônica inédita; **100 anos da morte de Eça de Queirós** por Paulo Franchetti - lançamento das Obras Completas; **100 anos do nascimento de Gilberto Freyre** por Jean Marcel Carvalho França - Evento Folha e Reedição de "Sobrados e Mucambos"; **115 anos do nascimento de Georg Luckás** por José Antonio Pasta Jr. - lançamento da tradução de "Teoria do Romance"; **30 anos da morte de Bertrand Russel** por Newton

da Costa - lançamento; 3/9: **10 anos da morte de Manuel Puig** por Mario Vargas Llosa (NYT) com resenha da biografia "Manuel Puig and the Spider Woman"; **Derrida** por Evando Nascimento - vinda ao Brasil; **Walter Salles** por Contardo Calligaris (enviado especial); **Morte de A. C. Van Vogt** por Fernando Savater; 10/9: **Freud** por Da Redação, Betty Fuks e Nelson Ascher ("+ 3 questões sobre Freud"), Sergio Paulo Rouanet, Marcelo Coelho, Adam Phillips, Jacques Derrida; **45 anos da publicação de "Tristes Trópicos"** de Lévi-Strauss por Silviano Santiago; **70 anos de nascimento de Herberto Helder** por Abel Barros Baptista com poema do autor; **100 anos de nascimento de Ismael Nery** por Jorge Coli; **75 anos de nascimento de Pierre Boulez** por Pierre Boulez (entrevista), Marie-Aude Roux (Le Monde), Arthur Nestrovski; 17/9: **80 anos de nascimento de Amílcar de Castro** por "Os dez +" - exposição comemorativa; **Charles A Lindburgh Jr.** por Gore Vidal - lançamento da biografia de C. L. Jr.; **Bartolomeu de Las Casas** por Adélia Bezerra de Meneses com resenha do livro "Las Casas - Todos os direitos para todos"; **Tratado de Tordesilhas** por Luiz Tarlei de Aragão; 24/9: **"A máquina do mundo repensada"** de **Haroldo de Campos** por Alcir Pécora com trecho do poema; 1/10: **Machado de Assis** por Carlos Fuentes, Cláudio Weber Abramo; **Guimarães Rosa** por Walnice Nogueira Galvão; 8/10: **Morte de José Lino Grünewald** por Augusto de Campos com poema-homenagem; **Drummond na Argentina** por Juan José Saer; 15/10: **20 anos do disco "Clara Crocodilo"** de **Arrigo Barnabé** por Arrigo Barnabé (entrevista), Ademir Assunção (Da Redação) com depoimentos de Tom Zé, Lenine, Arnaldo Antunes, Chico César, Edvaldo Santana; 29/10: **O "bug do milênio"** por Slavoj Žižek; **Saudades de Cláudio Abramo** por Gilberto Vasconcelos; **Godofredo Rangel e Raul de Leoni** por Antonio Arnoni Prado - relançamentos; 5/11: **90 anos de nascimento de Rachel de Queiroz** por Luís Bueno; **2001** por Amir Labaki - Livro da Coleção "Folha Explica"; **Marx além de Marx** por José Arthur Giannotti - lançamento do seu livro "Certa herança marxista"; **Louise Bourgeois** por Arthur Nestrovski, com poema de Louise Bourgeois - lançamento de livro; 12/11: **100 anos de nascimento de Nathalie Sarraute** por Leyla Perrone-Moisés com a tradução de "Abram"; **50 anos da publicação de "La vida breve"** de Juan Carlos Onetti por Juan José Saer; 19/11: **50 anos da morte de Georg Bernard Shaw** por Barbara Heliadora; **500 anos de Brasil** por José Murilo Carvalho; **Dostoiévski** por Otavio Frias Filho - relançamento de "Memórias do subsolo"; **Tchecov** por Da Redação com tradução de "Os males do tabaco" - lançamento; **Tolstói** por Da Redação com tradução de "Depois do baile" - lançamento; **Francisco Alvim** por Flora Süssekind; 26/11: **100 anos da morte de Oscar Wilde** por Gentil de Faria, Mario

Sergio Conti, Orna Messer Levin, Nelson Ascher, Casiano Elek Machado com tradução de cartas de Oscar Wilde e um poema "Soneto à liberdade"; **500 anos de Brasil** por Luiz Costa Lima; **5 anos da morte de Emile Cioran** por Marcelo Coelho - resenha de "Exercícios de Admiração"; Arnaldo Pedrosa D'Horta por Jorge Coli; 3/12: **90 anos de nascimento de Noel Rosa** por "Os dez +"; **Cinema brasileiro dos anos 90: encontros inesperados** por Ismael Xavier (entrevista), Mario Sergio Conti (Da Redação); 10/12: **45 anos de morte de Thomas Mann** por "Os dez +" - relançamento de "José e seus irmãos"; **Sinfonia Brasil 500 anos** por "Os dez +" - lançamento de cd duplo; **20 anos da morte de Nelson Rodrigues** por Da Redação; Sábado Magaldi e Barbara Heliadora ("+ 3 questões sobre Nelson Rodrigues"); **Tom Jobim** por Lorenzo Mammì, Victor Avello Tsu, Augusto Massi com trechos de letras de música na parte superior, 3 cartas, fac-símiles de canções e a letra de "Águas de Março" analisada por Augusto Massi; 17/12: **100 anos de física quântica** por Marcelo Gleiser, Cássio Leite Vieira, Antonio Augusto Passos Videira, Alexandra Ozorio de Almeida, David Cassidy (entrevista), Luiz Davidovich; **100 anos de Gilberto Freyre** por Luiz Costa Lima; **40 anos da morte de Albert Camus** por Fernando Savater (El País); **100 anos da publicação de "O Mágico de Oz"** por John Updike (*The New Yorker* - exposição celebratória - EUA); **70 anos de nascimento de Hilda Hist** por Jorge Coli; 24/12: **Borges Professor** por Arthur Nestrovski, José Geraldo Couto com tradução de "Boswell: a arte da biografia"; **Hemingway** por Cabrera Infante em texto de 1957; **Piglia** por Juan José Saer; 31/12: **Antologia: Artes e artistas plásticos no Brasil - 2000** por "Os dez +" - lançamento; **Milênio para Iniciantes: Amor** por Jurandir Freire Costa, **Brasil** por Luiz Felipe de Alencastro; **Cultura** por Silviano Santiago; **Democracia** por Renato Janine Ribeiro; **Espaço** por Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, **Futebol** por Carlos Alberto Parreira, **Genética** por Fernando Reinach, **Homo Sapiens** por Laymert Garcia dos Santos; **Informação** por Teixeira Coelho; **Justiça** por Fábio Konder Comparato; **Literatura** por Alcir Pécora, **Mercado** por Gilson Schwartz, **Natureza** por Adriana Moreira, **Oriente** por Renato Ortiz, **Psicanálise** por Renato Mezan, **Química** por Vítor Baranauskas, **Religião** por Antonio Flavio Pierucci, **Sexualidade** por Maria Rita Kehl, **Televisão** por Esther Hamburger, **Urbanismo** por Raquel Rolnik, **Violência** por Alba Zaluar, **Xenofobia** por Gilberto Vasconcelos, **Zoologia** por Gustavo Fonseca; **Fim da coluna de Jorge Coli.**

2001: 7/1: 10 anos de morte de Isaac Bashevis Singer por "Os dez +" - lançamento; **"Sonho de um retorno glorioso": 10 anos depois Salman Rushdie volta para a**

Índia por Salman Rushdie; **45 anos da morte de Einstein** por Newton da Costa, Frank McLynn - lançamentos; **100 anos da morte de Eça de Queirós** por Carlos Reis - "Os Maias" Minissérie da Rede Globo; 14/1: **De volta a Barthes - 20 anos da morte de Roland Barthes** por Leyla Perrone-Moisés; **20 anos da morte** de Eugenio Montale por Heitor Ferraz; **5 anos da morte de Joseph Brodsky** por Mario Sergio Conti com tradução do poema "Rio Samba"; **2001 de Arthur Clarke em 2001** por "Salon"; 21/1: **100 anos da morte da Rainha Vitória** por Nicolau Sevcenko, Valentim Cunningham, Terry Eagleton, Matthew Sweet - lançamentos; 4/2: **Walter Benjamin** por George Steiner, Alexandre Kluge (entrevista), José Galisi Filho (entrevistador); 11/2: **100 anos da morte de Eça de Queirós** por "Os dez +" - lançamento de "Cartas d'Amor"; **70 anos de nascimento de Saul Bellow** por Arthur Nestrovski, Philip Rooth, com trecho de "Ravelstein"; **Brasil 500 anos** por João José Reis - lançamento de "A travessia da Calunga Grande", Coleção Uspiana: Brasil 500 anos; **Virando séculos: 1890-1914 de Lilia Moritz Schwarcz e Ângela Marques** por Moacyr Scliar; 18/2: **Clifford Geertz** por Clifford Geertz (entrevista), Victor Aiello Tsu (Da Redação) com o texto "Passagem e acidente" - lançamento; **15 anos da morte de Jorge Luis Borges** por Luiz Costa Lima - lançamento de "Esse ofício do verso"; 25/2: **preparação das comemorações dos 100 anos do nascimento de Drummond** por Silviano Santiago (prefácio da reedição de "Sentimento do Mundo") - reedição das suas obras; **50 anos da morte de Arnold Schoenberg** por Da Redação com o prefácio de "Exercícios Preliminares em Contraponto"; 4/3: **60 anos da Atlântida** por "Os dez +" - Exposição; **O neto corrige o avô: O Marx de Giannotti** por Roberto Schwarz, Ruy Fausto; 11/3: **40 anos da morte de Céline** por Leda Tenório da Motta - leilão de manuscritos na França; **100 anos de morte de Eça de Queirós** - cd "Os Maias"; 18/3: **20 anos da publicação de "A invenção das tradições" de Eric Hobsbawn** por Peter Burke; **80 anos de nascimento de João Cabral** por Alcides Villaça - lançamento do livro "Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond" organizado por Flora Süssekind; **2001 do silêncio ao silêncio: 2001 de Arthur Clarke** por Ronald de Azevedo Campos com o poema-homenagem "Axel's Site" de Augusto de Campos; 1/4: **30 anos do golpe militar no Chile** por André Singer; 8/4: **Em nome do pai: 100 anos de nascimento de Lacan** por Mauricio Santana Dias (Da Redação), Slavoj Žižek com glossário lacanês de Vladimir Safatle; **80 anos de nascimento (e morte) de Dick Francis** por Fernando Savater; 15/4: **100 anos de nascimento de Cecília Meireles** por Fernando Correia Dias por + personagem; 22/4: **40 anos da morte de Dashiell Hammet** por "Os dez +" - relançamento de "O Falcão Maltês"; **30 anos da ditadura militar: a correspondência**

de Médici e Nixon por Marcio Aith, com trechos de cartas e documentos; **Reedição de "Os parceiros do Rio Bonito" de Antonio Candido** por Antonio Candido (entrevista), Luiz Carlos Jackson (entrevistador) - evento; 29/4: **Samba abstrato: Paulo Vanzolini** por Paulo Vanzolini (entrevista), Dráuzio Varella (entrevistador); **50 anos da morte de Wittgenstein** por José Arthur Giannotti; **Nabakov** por Juan José Saer; **Virando Séculos: "A corrida para o século 21" de Nicolau Sevcenko** por Ia Lis Carvalho Souza; 6/5: **"A mulher do lado", 20 anos depois** por Fanny Ardant (entrevista), Claudia Assef (entrevistadora - Paris); **120 anos da morte de Dostoiévski** por José Geraldo Couto (Da Redação), Boris Schnaiderman (entrevista), Luiz Costa Lima, Jacques Rancière com trecho inicial de "Crime e Castigo"; **50 anos da morte de Cesare Pavese** por Italo Calvino - lançamento do livro "Diálogos com Leucó"; 13/5: **100 anos de nascimento de Murilo Mendes** por Mauricio Santana Dias (Da Redação), Nelson Ascher e o poema "Aeropoema", Luciana Stegagno Picchio (entrevista) e o poema "Elegia Nova", Murilo Marcondes de Moura e o poema "Mozart", Luiz Costa Lima e o poema "Murilograma a Erza Pound"; **90 anos de nascimento de Maurice Nadeau** por Maurice Nadeau (entrevista), Leyla Perrone-Moisés (entrevistadora); 20/5: **20 anos de Mitterand ter assumido a presidência da França** por Luiz Felipe de Alencastro; **110 anos de nascimento de Robert Musil** por Juan José Saer; **50 anos de Brasil de Donatella Berlendis** por "Da Redação"; **A Nova Antropofagia** por Marcos Flamínio Peres (Da Redação); Alan Stavans, Mike Davis, Junot Diaz, Cássio Starling Carlos com trecho do conto "Pollito Chicken"; 27/5: **Brazil 2001: A revisionary History Brazilian Literature and culture" com edição de João Cezar de Castro Rocha** por "+ personagem"; **"O Brasil do Apagão"** por João Alexandre Barbosa ("+ 5 livros sobre a escuridão" - romances), Fernando de Barros e Silva (Da Redação), Paulo Eduardo Arantes, Gilberto Vasconcelos; **Derrida** por Derrida (entrevista), Evando Nascimento (entrevistador), Kathrin Rosenfield; 3/6: **100 anos de nascimento de José Lins do Rego** por Gentil de Faria; **"100 anos de Teatro em São Paulo"** de Sábato Magaldi e Maria Thereza Vargas por Sergio Viotti; 9/6: **35 anos de cinema marginal (O avesso dos anos 90)** por Ismail Xavier, Jean-Claude Bernardet, Da Redação; **Morte, aos 85 anos de idade, de José Calasans** por Roberto Ventura; **100 anos de morte de Rimbaud** por Philippe Sollers; **10 anos de morte de John Cage** por Marce Cunninagham (entrevista), Inês Bogéa (entrevistador); 17/6: **80 anos de nascimento de Hermelindo Fiaminghi** por Hermelindo Fiaminghi (entrevista), Carlos Adriano (Da Redação); **Ted Hughes e Sylvia Plath** por Emma Tennent, Da Redação; **400 anos de lançamento do livro "The Anatomy of Melancholy"** por Moacyr Scliar; 1/7:

Perlongher (+1992) por Haroldo de Campos com resenha de "Evita vive" e o poema-homenagem "Réquiem"; **100 anos de nascimento de Felisberto Hernández (+1902)** por Juan José Saer; 8/7: **A atualidade de George Orwell: 100 anos de nascimento**, por Timothy Garton Ash; **Morte de Milton Santos** por Fernando Conceição; **Derrida no Rio** por Leyla Perrone-Moisés; **1 ano de morte de José Lino Grunewald** por Jorge Coli com resenha do livro "Um filme é um filme" - lançamento; 15/7: **10 anos da morte de José Guilherme Merquior** por André Singer, Sergio Paulo Roaunet, Celso Lafer, Luiz Costa Lima, Gilberto Vasconcelos com poema anti-homenagem de Waly Salomão e trecho da última conferência proferida pelo crítico; 22/7: **"Os herdeiros de Adorno"** por Axel Honneth (entrevista), José Galisi Filho (especial para a Redação), Joel Anderson; **90 anos de nascimento de Evaldo Coutinho** por Marcos Enrique Lopes; **100 anos de nascimento de Henriqueta Lisboa** por "Os dez +" - lançamento de "Poesia Traduzida" da Editora da Ufmg; 5/8: **75 anos da morte de Rilke** por Kathrin H. Rosenfield com resenha do livro "Coisas e anjos de Rilke" e tradução de 2 poemas; **"O Diário íntimo de Milan Kundera"** por Milan Kundera, Pierre Lepape; **Luciano Figueiredo** por Laymert Garcia dos Santos; 12/8: **30 anos de trabalho de Arthur Omar** por Marcelo Guimarães Lima; **"+5 poemas brasileiros pós-1922"** por Alcides Villaça; **Georg Simmel** por Luiz Costa Lima; 19/8: **100 anos de nascimento de Salvatore Quasimodo** por Fernando Monteiro com a tradução do poema "Uma ânfora de cobre"; **50 anos da última edição de "Música do Parnaso"**, de Botelho de Oliveira por Ivan Teixeira; **500 anos do horóscopo** por Dora Longo Bahia, Mike Harding, Marcos Flamínio Peres (Da Redação), Peter Burke, Ricardo Musse, Caio Caramico Soares com características dos signos no lugar de "+ poema"; **Derrida no Rio** por Sergio Paulo Rouanet; 26/8: **60 anos de Welles no Brasil** por Amir Labaki; **O terror segundo Rohmer** por Rohmer (entrevista) Inácio Araújo (Da Redação), "Cahiers du Cinema", Catherine Arnaud, Duane Baratier, Jacques Rancière; 2/9: **Spielberg ("Inteligência Artificial")** por Adriano Schwartz (Da Redação - enviado a Massachusets), Rodney Brooks, John McCarthy, Marcelo Gleiser; **50 anos da Lei Afonso Arinos** por Marco Antonio Villa; Decantando a República por Berenice Cavalcanti, Heloisa M. Starling, José Eisenberg; 30/9: **"+5 livros sobre Mikhail Bakhtin"** por Carlos Alberto Faraco; **Capitulando: Capitu, a nº. 1** por Arthur Nestrovski, Mauricio Santana Dias (Da Redação), Silvano Santiago, José Geraldo Couto com trechos do livro "Personae - Grandes personagens da Literatura Brasileira": Riobaldo por Walnice Nogueira Galvão, Emilia por Marisa Lajolo, Policarpo Quaresma por Moacyr Scliar; **Leminski** por "+inérito" com o poema "Winterverno" por Paulo Leminski, João

Suplicy; 9/11: **500 números do *Mais!* com textos inéditos** de Eric Hobsbawn, Amartya Sen, Ferreira Gullar (poema), Paulo Pasta (ilustração) José Arthur Giannotti; Jurandir Freire Costa, Décio Pignatari (poema), Renina Katz (ilustração), Slavoj Zizek, Francisco Alvim (2 poemas), Dudi Maia Rosa (ilustração), Silviano Santiago, Hans Magnus Enzensberger, Antonio Tabuchi, com tradução de carta inédita de Thomas Mann; 16/9: **"Geração 90" de Nelson de Oliveira** por Alcir Pécora; **Johanna Beyer** por Augusto de Campos, **385 anos da publicação de Dom Quixote** por Evaldo Cabral de Mello; 23/9; **O trabalho de luto:11 de setembro** por Slavoj Zizek, Hans Ulrich Gumbrecht, Susan Sontag, Edward Luttway, Fernando Savater, Alain Touraine com trechos de "Luto e melancolia" de Freud e em "+poema" "O inferno de Wall Street" de Sousândrade; **140 anos de nascimento** de Italo Svevo por "Os dez +" - lançamento de "Argo e seu dono"; **101 anos de morte de Eduardo Prado** por Sergio Paulo Roaunet; 7/10: **50 anos do Centro de Estudos Cinematográficos de Minas Gerais - CEC** por Paulo Augusto Gomes em "+personagem"; **20 anos da morte de Glauber Rocha (foto)** por "+5 livros sobre crítica de cinema"; **55 anos do início da correspondência de Clarice Lispector e Fernando Sabino** por Marcos Flamínio Peres, Abel Barros Baptista com 4 cartas; **200 anos do início do governo de Thomas Jefferson nos EUA** por Keneth Maxwell; 28/10: **100 anos de nascimento de André Malraux** por Alcino Leite Neto (Da Redação), Jean Lacouture, com texto de Paulo Emilio Salles Gomes (escrito nos anos 70) e o trecho inicial de "A condição humana" em "+poema"; **105 anos de nascimento de Giuseppe Tomasi di Lampedusa** por "Os dez +" - lançamento de livro; **45 anos do filme "Moby Dick" de John Huston** por "+5 animais na literatura" por Fábio de Souza Andrade; **11 de setembro** por George Fletcher; **25 anos da morte de Max Ernest** por Jorge Coli; 4/11: **100 anos da publicação de "O coração das trevas" de Joseph Conrad** por Luiz Costa Lima; **Eric Rohmer** por Jorge Coli; **100 anos de nascimento de Cecília Meireles** por "+poema" com o poema "Mulher Adormecida"; **50 anos da morte de Hermann Broch** por "Os dez +" - lançamento de "A morte de Virgílio"; **225 anos da morte de David Hume** por "Os dez +" - lançamento; **30 anos da filmagem de "Duas Inglesas e o amor" de François Truffat** por "Os dez +"; **100 anos de nascimento de Cecília Meireles** por Luís Bueno - evento; **11 de setembro** por Stella Senra; **Sob a tentação de São Jerônimo: 120 anos de nascimento de Valery Larbaud** por Ivo Barroso; **5 anos da morte de João Antonio** por Marcelo Coelho - relançamento de "Ô Copacabana" e "Abraçado ao meu rancor"; 11/11: **2 meses de 11 de setembro** por Mateus Soares de Azevedo ("+5 livros sobre o Ilês"), Hans Magnus Enzensberger, Jacques Rancière, Slavoj Zizek, Jeremy

Fifkin, Moacyr Scliar; **65 anos de nascimento de Don de Lillo** por Alcir Pécora; 18/11: **20 anos de morte de Mário Pedrosa** por Mário Magalhães; **50 anos de morte de Hermann Broch** por Kathrin H. Ronsefiled - lançamento de "A morte de Virgílio"; **Excesso de Riso** por Da Redação, Gérard Genette, com piadas escritas por Bento Prado Jr., Isaias Pessotti, Abel Barros Baptista, Moacyr Scliar, Nelson Ascher, Nelson de Oliveira; **11 de setembro** por Sergio Paulo Rouanet; 25/11: **80 anos de nascimento de Robbe-Grillet** por Juan José Saer; **Morte de Gombrich** por Peter Burke; **56 anos do fim da Segunda Guerra Mundial** por Hans Ulrich Gumbrecht; **100 anos da publicação de "Impressões da África" de Raymond Roussel** por Leyla Perrone-Moisés; 2/12: **100 anos de nascimento de Walt Disney** por Esther Hamburger com texto de Monteiro Lobato sobre "Fantasia"; **130 anos do lançamento de "Alice no Espelho"** por Newton da Costa - lançamento de nova tradução de "Alice no País das Maravilhas"; **"Origens do Totalitarismo - 50 anos depois"** por "+lançamentos"; **"+teatro"** por Bertold Brecht com tradução de Roberto Schwarz da primeira cena de "A Santa Joana dos Matadouros" - relançamento; 16/12: **10 anos da morte de Vilém Flusser** por Nils Röller, **95 anos de nascimento de Samuel Becket** por Luiz Costa Lima – lançamento de livro e peça; 11 de setembro por Slavoj Žižek; **15 anos de morte de Carlos Drummond de Andrade** por John Gledson - lançamento "Drummond: Da rosa do povo à rosa das trevas" de Wagner Camilo; **56 anos do fim da Segunda Guerra Mundial** por Márcio Selligmann-Silva; **Expedição inútil: 63 anos da viagem de Lévi-Strauss ao interior do Brasil** por Mário Cesar Carvalho (Da Redação - enviado especial), Castro Faria (entrevista) com trechos do livro "Um outro olhar: Diário de uma expedição à Serra do Norte" de Castro Faria; 9/12: **Arquitetura da reconstrução: 11 de setembro** por Paolo Portoghesi (entrevista), Mauricio Santana Dias (Da Redação), Francis Fukuyama; **80 anos de Sigismundo Spina** por Sigismundo Spina (entrevista), Mônica Rodrigues da Costa e Edilamar Galvão (Da Redação); **49^a Bienal de Veneza** por José Arthur Giannotti; 21/12: **Glauber Rocha** por Ivana Bentes - resenha do livro "Glauber Pátria Rocha Livre" de Gilberto Vasconcelos; **"+literatura"** por V. S. Naipul - Prêmio Nobel - trecho de "Além da Fé" - lançamento; **11 de setembro** por Nicolau Sevcenko, Francisco Alambert, Timothy Garton Asch, Sergio Paulo Rouanet, **"+ 5 livros sobre Miles Davis"** por Carlos Calado; 30/12: **A alegria** por Da Redação com o conto "À margem do rio"; **O conto (a história)** por Guillermo Cabrera Infante com texto de Ricardo Piglia.

2002: 6/1: **O presente** por Jürgen Habermas; **410 anos de nascimento de Frans Post** (quadro) por Evaldo Cabral de Mello; **Bicentenário de Peter Wilhelm Lund** por Luís Bethoven Piló e Walter Neves; 13/1: **100 anos de nascimento de Gilberto Freyre** por Lilia Moritz Schwarcz; **225 anos de nascimento de Arnold Böcklin** por Jorge Coli; **115 anos de nascimento de Marcel Duchamp** por “+notas” - lançamento; 27/1: **A Alegria** por Da Redação com conto de João Gilberto Noll "Expedição"; **105 anos de nascimento de Juan Carlos Onetti** por Juan José Saer; 3/2: **Museu de Novidades** por Silvano Santiago; **Morte de Pierre Bourdieu** por Clóvis de Barro Filhos, Jürgen Habermas com texto inédito de Pierre Bourdieu e Lóïc Wacquant; 10/2: **Francisco Brennard (74), Amílcar de Castro (81) e Frans Krajcberg (80)** por Mário Sergio Conti (Da Redação); **100 anos de nascimento de Jean Dubuffet** por Jorge Coli - Exposição em Paris; 17/2: **10 anos do *Mais!* (e 80 da Folha)** por entrevista com Godard (Thierry Jobin), entrevista com Antonio Candido (Adriano Schwartz - Editor do *Mais!*) com trecho inicial da biografia de Antonio Candido sobre Nicolau Tolentino e carta do crítico para a Folha parabenizando-a pelos 80 anos e depoimentos sobre o *Mais!* por Ismail Xavier, Maria Rita Kehl, Eduardo Prado Coelho, Laymert Garcia dos Santos, Silvano Santiago, Julio Bressane, Leyla Perrone-Moisés, Hans Ulrich Gumbrecht, Tom Zé, Sérgio Danilo Pena, Nicolau Sevcenko, Andrew Simpson, John Gledson, Eduardo Portella, Glaci Zancan, João Cezar de Castro Rocha, Newton Bignotto, Paulo Nogueira Batista Jr, João Almino, Mauro Rasi, Kathrin Rosenfield, Alcir Pécora, Carlos Sandroni, Carlos Nobre, João Steeiner; **A Alegria** por Da Redação com conto de Moacyr Scliar "O sentido da vida"; **80 anos da Semana de 22** por "Os dez +" - Exposição MAC/USP; 24/2: **80 anos da Semana de Arte Moderna** por "Os dez +" - Pocket-ópera; **O revolucionário tranquilo: 100 anos de nascimento** de Lúcio Costa por Mário Cesar Carvalho (Da Redação); Otilia Beatriz Fiori Arantes (Resumo de Lucio Costa) com o texto inédito de Lúcio Costa "Arte Moderna e Socialismo [Carta aos meus amigos Comunistas]"; **200 anos de nascimento de Victor Hugo** por Juan-Mare Aovasse (biógrafo - entrevista), Alcino Leite Filho (Da Redação) - "Eventos celebram o bicentenário"; 3/3: **100 anos de nascimento de Juscelino Kubitschek** por José Murilo Carvalho ("A memória democrática"); **11 de setembro** por Arthur Omar com fotografias do que sobrou dos Budas no Afeganistão - encomenda Bienal; **7 anos da morte de Gilles Deleuze** por Eduardo Prado Coelho - lançamento de livro com textos inéditos; 10/3: **80 anos da Semana de 22** por "Os dez +" - Mostra "No Tempo dos Modernistas"; **Francisco Alvim** por Roberto Schwarz ("O país do elefante") com

ilustrações de Paulo Pasta, Da Redação; 17/3: **35 anos de 1968** por Walnice Nogueira Galvão (ensaio), Mario Sergio Conti (Da Redação), Questionário Proust, com depoimentos sobre Walnice Nogueira Galvão por Roberto Schwarz, Flora Süssekind, Silvano Santiago, Ligia Chiapini, Flávio Aguiar; **100 anos de nascimento de César Vallejo** por "+poema" com tradução de Ivo Barroso do poema "Intensidade e altura" com ilustrações de Alexandre Nóbrega; 24/3: **40 anos da publicação de "Mudança Estrutural na Esfera Pública" de Jürgen Habermas** por Peter Burke, Slavoj Žižek; **Alegria** por Da Redação com conto de Nelson de Oliveira "Gol?"; **Morte de Gadamer** por Ernildo Stein; **350 anos de morte de Artemisio Gentileschi** por Jorge Coli; **80 anos de morte de Lima Barreto** por "Os dez +" - lançamento de "Obra Seleta"; **V. S. Naipaul, Prêmio Nobel de Literatura**, por V. S. Naipaul (entrevista), Le Monde; **O pastelão - 50 anos -** por Stanley Carvell (ensaio - é a segunda versão); 7/4: **50 anos do texto "O escritor argentino e sua tradição"** por Juan José Saer ("O escritor argentino em sua tradição"); **90 anos de nascimento de Anatol Rosenfeld** por Marcelo Coelho - lançamento de "Na Cinelândia Paulistana"; **10 anos da morte Klauss Viana** por Inês Bogéa; 21/4: **100 anos da morte de Sousândrade** por Carlos Torres (entrevista), Da Redação, Augusto de Campos (texto da parte de cima do suplemento), Carlos Adriano (texto da parte de baixo do suplemento, explicando o texto da parte de cima) com poema de Sousândrade "Taturema" - lançamentos; **Adorno em Nova York** por Iray Carone; **500 anos da história ocidental** por Marco Antonio Villa - lançamento de "Da Alvorada à Democracia"; 28/4: **A Alegria** por Da Redação com conto de Milton Hatoum "Dois tempos"; **Vidas às avessas - biografias: Churchill** por Simon Schama, Rainha Vitória por Peter Burke, Júlio César por Maria Sylvia Carvalho Franco; 5/5: **120 anos de nascimento de Alexandre Koiré** por Juan José Saer; **Olavo Bilac** por Ivan Teixeira - análise de um poema; **Godard** por Jorge Coli; **15 anos de morte de Cacaso** por "+poema" com dois poemas e um desenho de Cacaso, Da Redação - lançamento de "Lero-Lero"; **11 de setembro** por Alain Touraine; 12/5: **80 anos da Semana de Arte Moderna: Marinetti no Brasil**, por João Cezar de Castro Rocha, com "+em torno de 22"; **1 ano da morte de W. G. Sebald** por João Alexandre Barbosa com trecho de "Os emigrantes" - lançamento; **A encenação da guerra...** por Sylvia Fernandes - lançamento de "O declínio do egoísta Johann Fatzer" de Brecht **...e do sofrimento** por Mario Sergio Conti - tradução de um poema de Harold Pinter em que revela ter câncer no esôfago; 19/5: **Canonização de Madre Paulina** por Antônio Flávio Pierrucci, Sergio Paulo Roaunet, Caio Caramico Soares, Costa-Gravas (entrevista), Vladimir

Safatle (Da Redação); 26/5: **Gol de Letra - o gol antológico** por Antonio Negri, José Miguel Wisnik, Fernando Monteiro, Arthur Nestrovski, Nuno Ramos, Hans Ulrich Gumbrecht, André Sant'Anna, Clóvis Rossi, Leandro Konder, Washington Olivetto, Cristóvão Tezza, Ugo Georgetti; **10 anos da copa de 82** por Talles A M Ab'Sáber; **A Alegria** por Da Redação com conto de Valêncio Xavier "Meu nome é José"; **Morte de José Reis** por Crodowaldo Pavan com texto inédito de Jose Reis; 2/6: **Morte de Roy Porter** por Peter Burke; Wallace por Claudio Angelo; 9/6 **Marx contra Marx** por Ruy Fausto (entrevista), Mauricio Santana Dias (Da Redação), István Mészáros (entrevista), Marcos Nobre (Para a Redação) com Dicionário Marx; **110 anos de nascimento de Lasar Segall e Oto Dix** por Jorge Coli - exposição; 16/6: **Confissões de um comedor de Ecstasy de meia-idade** por Anônimo, Mario Sergio Conti (Da Redação), entrevista de "Anônimo"; **O cansaço da poesia** por Rodolfo Hinostrroza (entrevista - poesia e horóscopo), Mauricio Santana Dias (Da Redação); 23/6: **100 anos de nascimento de Sérgio Buarque de Holanda** por Raymundo Faoro, Peter Burke, Gabriel Cohn, Maria Sylvia Carvalho Franco, Ronaldo Vainfas, Luiz Costa Lima, Alcir Pécora, Kenneth Maxwell, Maria Odila Leite da Silva Dias, Antonio Arnoni Prado com trecho de dissertação inédita de Sergio Buarque de Holanda "Elementos formadores da sociedade portuguesa na época do descobrimento" - lançamento e relançamento de livro, documentários, mostras, seminários; **50 anos da exposição do Grupo Ruptura** por "Os dez +"; **80 anos da Semana de 22** - Antonio de Alcântara Machado por "Os dez +" - mostra; 30/6: **100 anos de nascimento de Pierre Verger** por "Os dez +" - Exposição; **Homenagem a José Saramago** por Silviano Santiago "Literatura Anfíbia"; **A Alegria** por Da Redação com conto de Zulmira Ribeiro Tavares "Região"; **500 anos de Arte Russa** por Jorge Coli; 7/7: **Brecht por Bandeira: 40 anos da montagem de "O círculo de giz caucasiano" de Brecht** por José Antonio Pasta Jr. , Roland Barthes, José Renato (entrevista), Caio Caramico Soares com trecho de "O círculo..." e o poema "Aos que vierem depois de nós"; **80 anos da morte de Proust** por Walnice Nogueira Galvão; Pierre Verger por Jorge Coli; 14/7: **80 anos de nascimento de Constantina Araujo** por Jorge Coli; **10 anos da Eco 92 (Rio +10)** por Laymert Garcia dos Santos, Manuela Carneiro da Cunha (entrevista), Claudio Angelo (Da Redação), Robert Kurz - lançamentos, evento; 28/6: **80 anos de nascimento de Ozualdo Candeias** por Jean-Claude Bernardet, Carlos Augusto Calil - mostra e lançamento de livro; **Helio Oiticica** por Ivan Cardoso (entrevista), Juliana Monachesi (Da Redação); **Leminski** por Sylvio Back com o "Roteiro Leminskiano: um filme para ser lido" de Sylvio Back; **A Alegria**

por Da Redação com conto de Fernando Bonassi "Alegria, Alegria; **"Paris 1900"** por Jorge Coli - exposição; 4/8: **100 anos de morte de Sousândrade** por "Os dez +" - relançamento de "Revisão de Sousândrade"; **360 anos de nascimento de Newton** por Caetano Ernesto Plastino - lançamento de livro; **Antropofagia** por Jorge Coli; 11/8: **350 anos de nascimento de Quarinus kuhlmann** por Augusto de Campos com tradução do poema "41º Beijo de Amor. A alternância das coisas humanas"; **Focillon** por Jorge Coli; 18/8: **200 anos de nascimento de Victor Hugo** por Jacques Rancière; **90 anos de nascimento de Nelson Rodrigues** por "Os dez +" - reedições de inéditos feitas pela Companhia das Letras; 25/8: **Paulo Paulinho - 80 anos de nascimento de Paulo Autran** por Paulo Autran (entrevista), Mario Sergio Conti (Da Redação) - e **60 anos de nascimento de Paulinho da Viola** por Paulinho da Viola (entrevista), Arthur Nestrovski e Nuno Ramos (Da Redação); **100 anos de nascimento de Murilo Mendes** por "Os dez +" - Exposição 1901-2001; **A Alegria** por Da Redação com conto de Rubens Figueiredo "Alegrias das carne"; **60 anos de nascimento de Stephen Hawking** por Gregory Benford; 1/9: **100 anos de nascimento de Leni Riefensthal** por Jorge Coli; **Carlo Guinzburg** por Carlo Guinzburg (entrevista), Jean Marcel Carvalho França (Da Redação) - lançamento de livro e visita ao Brasil; **100 anos do encontro de Adolpho Luz e Oswaldo Cruz** por Leusa Massarani; 8/9: **1 ano de 11 de setembro** por Marcio Aith (Da Redação), Jeffreys Jones (entrevista), Inacio Araujo, Mohammed Atta (entrevista), José Galisi, Geraldo Cavagnani (entrevista), Caio Caramico Soares (Da Redação), Gore Vidal (entrevista), Marc Cooper (L. A Wlekly), Slavoj Zizek; **50 anos do grupo "Noigrandes"** por Leda Tenório da Motta; **1 ano da morte de Fayga Ostrower** por Jorge Coli; **100 anos da morte de Sousândrade** por Decio Pignatari em "+poema" com releitura de "O inferno de Wall Street"; **100 anos de nascimento de Carlos Drummond de Andrade** por "Os dez +" - lançamento de "Coração Partido" de Davi Arrigucci Jr.; 22/9: **75 anos do filme "O cantor de jazz"** por Marshall Bermann; **100 anos de nascimento de Francisco Rebolo** por Jorge Coli; **65 anos da morte de Antonio Gramsci** por "Os dez +" - lançamento do último volume dos "Cadernos do Cárcere"; **Epitáfio de Anamaria Ribeiro Coutinho** por Jurandir Freire Costa; 29/9: **80 anos de nascimento de Cornelius Castoriadis** por "Os dez +" - lançamento; **90 anos de nascimento e 20 de morte de John Cheever** por "Os dez +" - lançamento: **Guimarães Rosa ("Meu tio, o Iauaretê")** por Juan José Saer; **Um novo realismo: 70 anos de nascimento de Alain Badiou** por Alain Badiou (entrevista), Vlademir Safatle (Da Redação); **A Alegria** por Da Redação com conto de Jorge Mautner "Duas alegrias";

6/10: **100 anos da morte de Émile Zola** por Et+cetera com dois lançamentos; **Semântica do mesário: eleições** por Da Redação com conto de Sergio Sant'Anna ("Elisete ou a eleitora de 16 anos"), crônica de Isaias Pessoti ("Virtudes do bom mesário"), roteiro de Suzana Amaral ("A fila e o sonho"), crônica de Jair Ferreira dos Santos ("Justiça eleitoral"), crônica de Voltaire de Souza ("O medo das urnas") e poema de Jô Soares ("Se Hamlet fosse mesário"); 6/10: **25 anos da morte de Nabokov** por Fábio de Souza Andrade - lançamento de "Detalhes de um pôr-do-sol"; **100 anos de nascimento de Stella Adler** por Marcio Aurelio - lançamento do livro "Stella Adler sobre Ibsen, Strindberg e Chechov"; **180 anos de nascimento de Rugendas** por Jorge Coli; 13/10: **As novas doutrinas - releitura da Doutrina Bush** por Da Redação, Comportamento por Contardo Calligaris, Música por Livio Tragtenberg, Cinema por Lúcia Nagib, Economia por Luis Nassif, Crítica por Hans Ulrich Gumbrecht, Psicanálise por Oscar Cesarotto, Arte por Suely Rolnik, Religião por Otávio Frias Filho, Filosofia por Oswaldo Giacoia Jr., Ecologia por Gilberto Vasconcelos, Literatura por Moacyr Scliar; **Dois vozes da crítica... entre o enigma e a negatividade** por Da Redação com Davi Arrigucci Jr. ("Coração Partido") por Ettore Finazzi-Agró e Luiz Costa Lima ("Intervenções") por Alcir Pécora; **Filmes mexicanos dos anos 20** por Jorge Coli; **80 anos do nascimento de Pier Paolo Pasolini** por Massimo Fusillo (entrevista), Susana Kampff-Lages (entrevistadora); 20/10: **100 anos de nascimento de Leni Riefenstahl** por Slavoj Zizek; **25 anos da morte de Paulo Emilio Salles Gomes** por Silviano Santiago - lançamento de "Paulo Emilio no Paraíso" de José Inácio de Mello Souza; 27/10: **O Superpoeta: 100 anos do nascimento de Carlos Drummond de Andrade** por Alcides Villaça, Bento Prado Jr. e Cristiano Perius, José Maria Cançado, João Cezar de Castro Rocha, Beatriz Resende com as releituras (e os poemas) de "A Procura da poesia" por Armando Freitas Filho, "Edifício São Borja" por Francisco Alvim e "Elegia 1938" por Carlito Azevedo e com o poema "A máquina do mundo" em "+poema"; **A Alegria** por Da Redação com conto de Mauro Rasi "Ida a Tupã"; 3/11: **85 anos de nascimento de Hobsbawm** por Perry Anderson - lançamento da autobiografia "Tempos interessantes"; **100 anos de nascimento de Pierre Verger** por Marcelo Coelho - lançamento de livro; **65 anos da morte de Noel Rosa** por José Geraldo Couto - lançamento de livro; **90 anos de nascimento de Buell Quain** por Bernardo Carvalho por Jorge Coli; 10/11: **40 anos da morte de Mario Faustino** por "Os dez +" - lançamento de "O homem e a sua obra"; **100 anos de nascimento de Thomas Mann e Adorno** por Georg Steiner com a correspondência (3 cartas) dos dois

autores; 17/11: **Barthes real** por Leyla Perrone-Moisés, Phillipe Sollers (entrevista), Alcino Leite Neto (Da Redação) com um trecho de "O neutro" e outro de "como viver bem" - lançamentos 2003; 1/12: **Os sertões faz cem anos: Primeira Leitura: Os sertões** - Depoimentos de Ferreira Gullar, José Celso Martinez Corrêa, Eduardo Lourenço, Marco Antonio Villa, Katia Mattoso, Silviano Santiago, Nelson Pereira dos Santos, Artigos de Jorge Coli, Ismail Xavier, Sergio Paulo Rouanet, Jurandir Freire Costa, Moacyr Scliar, Walnice Nogueira Galvão, Inéditos: trecho da biografia preparada por Roberto Ventura e carta de Euclides da Cunha a José Veríssimo.

Mais

1. Composição

A descrição de um objeto é sempre um problema, isto é, sempre corre o risco de ser um decalque, e não é diferente aqui, a partir de alguns pontos que destacaremos no nome do suplemento, na sua estrutura e nas suas fases. Como diz Antelo, "Analizar un periódico cultural mimetiza su misma producción: nos obliga a seleccionar y omitir, produciendo un texto, una lectura que es collage espacial o montaje temporal de fragmentos injertados en relaciones provisorias ou aleatorias, que sin embargo reafirman el motor mismo de lo moderno: la experiencia de lo discontinuo"¹. Essa obrigação de selecionar e omitir permite construir o objeto que queremos ler. Por isso, a leitura feita aqui da composição do *Mais!* parte de uma hipótese: a comemoração não é um dispositivo externo a ela mas sim a sua própria forma de fazer funcionar a estrutura do suplemento.

O *Mais!* começou a circular em 16 fevereiro de 1992, comemorando os 70 anos da Semana de Arte Moderna e, logo depois, o fim da história. A manchete de capa anunciava a primeira exposição internacional de Helio Oiticica (sem antes ter merecido uma exposição nacional) treze anos depois da morte do artista. A exposição era apresentada com a reprodução do texto do catálogo escrito por Waly Salomão, um ensaio de Haroldo de Campos, informações do evento produzidas pelo jornalista Marion Striecker e, na última página, a publicação do “Manifesto Caju”, texto do próprio Oiticica. O destaque da matéria era o não reconhecimento de Oiticica em seu próprio país. No mesmo número havia uma reportagem extensa – sobre um outro evento – 70 anos da Semana de Arte Moderna. A reportagem perguntava com quem havia ficado a herança modernista e trazia as respostas de Antonio Candido, Silviano Santiago, Roberto Schwarz, Augusto e Haroldo de Campos. Aqui, o destaque era: separação irreconciliável entre as heranças de Mário e Oswald (“Mário é Brahma, Oswald é Antártica”)². A necessidade do reconhecimento pelo outro, pelo estrangeiro, pelo civilizado e, ao mesmo tempo, o rebaixamento dos ícones “modernistas” estão ligados

¹ ANTELO, Raul. El inconsciente óptico del modernismo. In. SOSNOWSKI, Saúl (org.). *La cultura de un siglo*. Buenos Aires: Alianza, 1999, p. 309.

² Com a fusão das duas empresas, é difícil adivinhar que outras marcas apareceriam como “irreconciliáveis”. Ou podemos pensar que como é falsa esta separação!

pela comemoração. E dão, logo no primeiro número, um roteiro para entender o suplemento e o seu nome.

Em texto da equipe de articulistas da **Folha**, o *Mais!* aparece no topo de uma linha de suplementos que “modernizaram”³ o jornalismo cultural do país, a partir da publicação do *Ilustrada* (1956), do *Folhetim* (1977-1989) e do *Letras* (1989-1992). O *Manual de Estilo da Folha* também aponta para este algo a mais: “(...) um plus para o leitor; destina-se a um público intelectualizado e deve ter como meta ser leitura obrigatória entre o público universitário e o leitor mais sofisticado”.⁴

O nome do suplemento geralmente é lido como espelho da sua constituição e circulação nos primeiros números, isto é, como uma junção de outros suplementos: de extintos como o *Folhetim* e o *Letras*, ou do existente durante a semana, como o *Ilustrada*. Assim, o primeiro número circulou com um formato *standard* (que duraria até 1999), mas com um dossiê (a exemplo do *Folhetim*) sob a rubrica *Ilustrada*, que incluía ainda outras seções como “Coluna social”, “Quadrinhos”, “Polêmica” e as resenhas de livros na rubrica “Livros”. Essa também é a leitura que Travancas faz do nome do suplemento:

O *Mais!* é fruto de uma junção das editorias de livros, cultura e ciência e a escolha deste advérbio parece reforçar a idéia de soma de setores, ao mesmo tempo em que não situa o leitor ou apresenta o caderno, já que o título é vago e não delimita um caderno de livros, nem de ciência ou de cultura.⁵

Mas lendo o suplemento, acredito que há outras possibilidades de ver o quanto o nome se ajusta ao que é apresentado como sendo ele. Poderíamos começar pelo primeiro número, que apresenta “desaparecidos”, convoca vozes diferentes para falar deles e, no mesmo movimento, aciona muitas setas de tempo. Esses “traços” disjuntivos, que no conjunto constroem “corpos” culturais, levam-nos a pensá-lo como o “lugar da política”, no sentido que Derrida atribui ao termo suplemento: um excesso, uma adição, mas, ao mesmo tempo, uma substituição. Ou mais especificamente: “Em alguma parte, alguma coisa não pode-se (*sic*) preencher de si mesma, não podendo efetivar-se a não ser deixando-se colmar por signo e procuração”⁶.

³ Essa auto-imagem é uma ficção que circula no *Mais!* e que veremos mais adiante.

⁴ MANUAL de estilo da Folha, 1984, p. 80 apud TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. São Paulo: Ateliê, 2001, p. 30.

⁵ TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. São Paulo: Ateliê, 2001, p. 37.

⁶ DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1999, 178.

Por outro lado, poderíamos também traduzir colmar nos termos da própria **Folha**: vampirar.⁷ Esta imagem do jornal, apresentada pelo seu diretor de redação, Otávio Frias Filho, ao falar da relação com o leitor, não deixa de ser pertinente para pensar o *Mais!* como um conjunto de vozes (e tempos) de escritores e intelectuais editadas por jornalistas culturais. Esta parece ser a postura da **Folha** pós-diretas-já, ao procurar construir-se como um lugar democrático, liberal, da presença de vozes diferentes, ocupando ou mimetizando o lugar do Estado. Essa postura, que tem orientado os projetos editoriais do jornal desde os anos 80, está fortemente presente no *Projeto Folhas* de 1988, produzido e executado por Carlos Eduardo Lins da Silva e Otávio Frias Filho, e dá continuidade ao projeto de 1978, proposto por Cláudio Abramo. A presença de vozes politicamente diferentes, outra das marcas do *Mais!*, é produto destes projetos e tem início com a publicação da coluna “Tendências/Debates”, na página 3 do 1º caderno do jornal, onde permanece até hoje.

Do mesmo modo, a experiência do grupo **Folha** na campanha das Diretas-já, “ao se lançar com todo o empenho (...) a ponto de conduzir a campanha”⁸, levou-a a pensar o jornal e o *Mais!*, principalmente, a partir do que Kucinski chama de “manipulação da afetividade”, isto é, “trata-se do prazer oriundo de fazer história.”⁹ Esta performatividade é a marca deste advérbio – *Mais!* – ao produzir “novos” objetos de informação e ficção a partir de encomendas. Um número do suplemento pode servir momentaneamente de exemplo: no dossiê “Morrer de rir”, de 18 de novembro de 2001, composto por um longo ensaio de Gérard Genette sobre o riso, o *Mais!* convidou 5 intelectuais brasileiros – Bento Prado Jr., Nelson Ascher, Isaias Pessotti, Moacir Scliar e Nelson Oliveira –, e um intelectual português - Abel Baptista Nunes - para escreverem piadas, que funcionaram como ilustração ao ensaio. A leitura de um dossiê como esse, que comemora a publicação de um texto, ainda inédito no país, de um autor com o prestígio de Gérard Genette, mostra como não há ingenuidade no nome do suplemento,

⁷ “O vampiro não pode entrar numa casa sem antes ter sido convidado. (...) O marketing jornalístico manipula a atribuição de uma curiosidade ao público e fica à espera de sua resposta, que será um convite ou uma proibição (...) só é possível manipular quem desejou ardentemente ser manipulado”. FRIAS FILHO, Otávio In. KUCINSKI, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998. p. 73.

⁸ KUCINSKI, Bernardo. “Rosebud”: o jornalismo da *Folha de S. Paulo*. In. . *A síndrome da antena parabólica*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998. p. 74. Sergio Miceli também percebeu esse desejo em relação à Globo, ao ocupar o lugar do Estado, na campanha Brasil 500 anos. MICELI, Sergio. O papel político dos meios de comunicação de massa. In. SOSNOWSKI, Saul; SCHWARTZ, Jorge. *Brasil: o trânsito da memória*. São Paulo: Edusp, 1994.

⁹ KUCINSKI, Bernardo. “Rosebud”: o jornalismo da *Folha de S. Paulo*. In. . *A síndrome da antena parabólica*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998, p. 76.

mas sim uma relação específica com a cena cultural brasileira e “internacional”, e que seu “*modus vivendis*” é o econômico, isto é, produzir ficções a partir da mais-valia do capitalizado, recapitalizando-o, mais e mais¹⁰.

Um segundo movimento em direção ao *Mais!* é pensá-lo topograficamente. Os arquivos acionados aparecem no suplemento a partir de rubricas, e elas possuem um limite e uma forma de dar sentido ao que explicitam. É interessante perceber como o termo composição aponta simultaneamente para a política e para a estética, colocando em jogo a idéia de poder.

Como já vimos, os primeiros números preservam o nome de outros suplementos, que surgem nesta ordem: “16/2/92: Capa: *Ilustrada*: “Joyce Pascowitch”, “Horóscopo”, “Ponto Crítico”, “Encontro Marcado”, “Sinopse”, “Dossiê de Capa”, “Polêmica”; *Letras*: “Livros”, “Notas”; *Multimídia*; *Ciência*; *Ilustrada*: “Quadrinhos”, “Televisão”, “Acontece”. Se ainda há dúvidas e voltas na estrutura, são estas as rubricas a partir das quais as matérias serão formatadas até 1996. Nesse período, e até 1999, o formato do *Mais!* é *standard* e *in folio*, isto é, anatômico ao próprio jornal, mas dotado de capas que preservam um mesmo padrão: uma ilustração de página inteira, buscando traduzir visualmente a matéria principal, desdobrada a partir de dossiês. A fotografia, principalmente de rostos, é a técnica privilegiada pelo *Mais!*¹¹.

Na página 2, já estamos em outro espaço, o da coluna social - “Joyce Pascowitch” –, onde há uma política de exibição e capitalização, na forma de pequenas notas/moedas dos pequenos gestos da classe média alta paulista, com algumas entradas para políticos, intelectuais, artistas e estilistas, apresentados, principalmente, em aberturas de exposições e/ou em entrevistas do tipo “pronta-entrega”, isto é, rapidinhas. No rodapé, temos a coluna do “Horóscopo”. Aqui novamente há o trabalho com os “pequenos gestos”, apontando agora para o futuro¹². Estas duas colunas, presentes em abundância em publicações de cultura de massa, ficaram no *Mais!* até 1999.

A rubrica “Ponto Crítico”, na página 3, constituiu-se em um espaço para debates, sem colunista fixo, ocupado por jornalistas culturais, artistas, críticos e pesquisadores.

¹⁰ Mais também é plural: o pluralismo da cena contemporânea no campo da arte e da cultura.

¹¹ Esse padrão de capa é fixo no *Mais!* e nos leva a pensar, com Ana Luíza Martins, que esse padrão o aproxima de uma revista cultural. Cf. MARTINS, Ana Luíza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001, p.46.

Esta rubrica durou até 1997 e foi um lugar constante de polêmicas, centradas principalmente nos critérios de leitura de objetos culturais¹³. Ainda na página 3, temos as rubricas “Encontro Marcado” e “Sinopse”. As duas trabalhavam com “notas”: a primeira, de eventos culturais e a segunda, de suplementos de cultura e revistas brasileiras e internacionais.

A partir da página 4, começa o trabalho com o tema de “Capa”. E a forma de colocá-lo em funcionamento nestes dez anos é o dossiê: a presença sempre de muitos autores¹⁴ escrevendo sobre um tema, construindo um rosto a partir de muitas faces, isto é, a partir de textos sobre o objeto e fragmentos do próprio objeto tematizado, colocados em um estatuto de semelhança, representando formas diferentes de vê-lo. Esta forma de produzir um arquivo do objeto de capa é liberal, no sentido de fazer, “tolerantemente”, diferenças trabalharem¹⁵.

Uma outra rubrica que está presente desde o início do suplemento até hoje é a “Livros”¹⁶, lugar da apresentação de resenhas de lançamentos, com uma média de 5 livros resenhados por número, além de notas. Identifico na permanência dessa rubrica e na forma como é produzida, elementos apontados pelos estudos sobre suplementos culturais, o lugar do desaparecimento da crítica e do atrelamento dos suplementos ao mercado editorial. Esta parece ser a “grande conclusão” do trabalho de Travancas: “Eles não são mais o palco de discussões literárias (...) Hoje estes cadernos são um espaço de

¹² Voltaremos a essa questão.

¹³ Cito brevemente aqui duas polêmicas colocadas em cena no final de 1993: uma entre Sergio Augusto e Álvaro Pereira Júnior (AUGUSTO, Sergio. Uma prensa na imprensa pop. *Folha de S. Paulo*, 14 nov. 1993. Mais!, p. 3; PEREIRA JÚNIOR, Álvaro. Prensa na imprensa “iluminista”. *Folha de S. Paulo*, 21 nov. 1993. Mais!, p. 3) e outra entre Nelson Hoineff e Tereza Trautman (HOINEFF, Nelson. No limiar da massificação. *Folha de S. Paulo*, 5 dez. 1993. Mais!, p. 3; TRAUTMAN, Tereza. Diversidade é direito do consumidor de cultural. *Folha de S. Paulo*, 12 dez. 1993. Mais!, p. 3).

¹⁴ Neste caso, não são jornalistas e sim, prioritariamente, schollars de prestígio nacional e internacional – e a forma do texto é o ensaio e não a notícia. Inserção disseminada depois em colunas, como a internacional “Autores” e a nacional “brasil d.c.”.

¹⁵ Trilling, para citá-lo novamente, também se coloca essa questão no artigo que publicou em 1946. Apesar do período de tempo que nos separa do seu texto, a sua tentativa de definição do que seja o liberalismo, é útil para o nosso contexto, já que as circulações desse conceito carregam sentidos parecidos com o da sua formulação: “No sentimento político a nossa classe instruída é predominantemente liberal. Tentativas para definir o liberalismo dificilmente são coroadas de êxito – quero dizer apenas, ao defini-la como liberal, que nossa classe instruída reserva uma pronta, senão indulgente, suspeita para com a motivação do lucro, uma crença no progresso, na ciência, na legislação e na cooperação internacional”. TRILLING, Lionel. A função da pequena revista. In. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Lidador, 1953, p. 118.

¹⁶ Oriunda do *Letras*.

expressão do mercado editorial.”¹⁷ Na mesma direção, mas menos condescendente, Silva aponta a circularidade desta rubrica:

(...) O jornalismo cultural no Brasil (e no mundo) é uma espécie de negócios entre amigos. A Companhia das Letras e a Objetiva, editoras fetiches dos intelectualóides, publicam Chico Buarque, Caetano Veloso, Zuenir Ventura, Veríssimo ou Jô Soares porque eles são célebres, e a Folha de S. Paulo repercute, pois trata-se de personagens célebres editados pela Companhia das Letras e pela Objetiva. Os leitores cults compram as obras, pois não podem perder livros da ‘Companhia’ e da Objetiva, louvados pela ‘Folha’ e assinados por ‘celebridades’.¹⁸

É verdade que o número de editoras que são citadas no *Mais!* é maior mas o espaço é regionalizado, com a hegemonia dos lançamentos das editoras do eixo Rio-São Paulo. Um dos pontos dominantes é o grande número de resenhas de livros “clássicos” traduzidos pela primeira vez no Brasil. Este parece ser um problema para um país que, a partir de 1992, quer-se dentro de um mundo globalizado. O *Mais!* parece oferecer uma compensação para este “atraso”, traduzindo e publicando grande quantidade de textos de autores estrangeiros de renome na cena intelectual como Darton, Kurz, Bloom, Derrida e, ao mesmo tempo, oferecendo regularmente espaço para as traduções literárias dos Irmãos Campos. Aqui há novamente o rebaixamento de um procedimento modernista: sabemos que o intelectual modernista pode ser pensado como um tradutor, como um pedagogo, e o que acontece agora é que o suplemento retoma esse procedimento, porém “deslumbrado”, e constrói-se pelo olhar do outro como medida de sua qualidade, traduzindo incessantemente autores estrangeiros¹⁹.

¹⁷ TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. São Paulo: Ateliê, p. 148.

¹⁸ SILVA, Juremir Machado da. *A miséria do jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 49.

¹⁹ Nestes anos de *Mais!*, há uma presença constante de intelectuais estrangeiros, produzindo textos para muitos dos dossiês apresentados. A criação da coluna “Autores” legitimou uma posição globalizada do suplemento e que, às vezes, pode ser vista como colonizada, ao dar “exclusividade” a essas leituras. É como se essas presenças funcionassem, como um “espelho” de como os “outros” nos vêem. E de como os vemos, superiores. Nesse sentido, pode-se pensar o periodismo cultural como um dos lugares em que há um esforço constante de vencer o atraso em relação aos países de primeiro mundo, através da publicação de textos de e sobre autores estrangeiros com prestígio. Podemos lembrar aqui o papel exercido pelo *Suplemento Dominical* do Jornal do Brasil, através do grupo concreto, na tradução e publicação de poetas e críticos estrangeiros. Na mesma direção, mas com enfoque diferente, o *Suplemento Literário D’Estado de São Paulo* tinha colunas sobre literatura de outros países, como a da Espanha, sob a responsabilidade de João Cabral de Melo Neto. A escolha dos autores estrangeiros parece pautar-se, para além da diversidade das áreas, pela necessidade do *Mais!* em fazer algumas defesas, pelo lançamento recente de obras desses autores no país e, ao mesmo tempo, pela circulação desses autores em outros jornais e revistas. A forma dessas colaborações é o artigo e é curioso que muitos desses intelectuais, como Bloom, Rancière, Burke, Zizek e Saer, partem de comemorações para escreverem seus textos. A comemoração, nesse sentido, parece ser uma moeda de “fácil” conversão ou de conversão internacional.

“Ciência” é uma rubrica presente desde o início do suplemento e, até hoje, é o espaço que abriga artigos e ensaios falando de descobertas na área e fazendo divulgação científica. Nela, há duas colunas fixas, a de José Reis²⁰ e a de Marcelo Gleiser. É um suplemento com organização própria dentro do suplemento. Já as rubricas que aparecem no *Ilustrada* têm trajetórias diferentes: “Quadrinhos” fica até 1999, a parte dedicada à televisão foi colocada no suplemento já existente - *TV Folha* (extinto em 2003) - e o *Acontece* foi transformado em suplemento. Este tem hoje circulação restrita a São Paulo. “Multimídia” é também uma rubrica própria do *Ilustrada*: faz resenhas de filmes e de outros produtos culturais que não livros; dura até 1993.

Um número de 1997 que marca a segunda fase do *Mais!*, como procuraremos mostrar adiante, revela a princípio poucas mudanças: “Capa”, “Joyce Pascowitch”, “Quadrinhos”, “Autores”, “Dossiê de capa”, “Livros”, “Ciência”. Além de um certo enxugamento de rubricas e o desaparecimento do nome de outros suplementos como ordenadores de blocos de matérias, uma novidade é a inserção da coluna “Autores”, iniciada em 1995 com a presença de um autor estrangeiro por domingo, como Robert Kurz, Robert Darnton, Alain Touraine, Harold Bloom e outros que foram sendo incorporados, como o romancista e crítico literário argentino radicado na França, Juan José Saer, enquanto alguns foram revezados. Pelos nomes pode-se observar a preocupação em ter vozes que representem diferentes posições políticas – esquerda, direita, centro – e diferentes áreas disciplinares – história, geografia, sociologia, literatura, filosofia e outras.

A mudança mais forte em relação ao modelo iniciado em 1992 ocorreu no final de 1999, com a passagem para o formato tablóide, agora grampeado, e a exclusão das rubricas que remetiam à cultura de massa, aproximando-o ainda mais de uma revista. Um número de 2001 nos dá o tamanho da mudança: “Capa”, “os dez+”, “+ 3 questões sobre...”, “+ capa”, “+ brasil d.c.”, “+ música”, “+ geopolítica”, “+ debate”, “+ ciência”, “+ última página”, “José Simão”, “+ poema”. A “Capa”, mesmo com a mudança de formato, preserva o seu modo de composição. Os “dez +” é uma rubrica que apresenta a seleção das “dez melhores” produções culturais lançadas durante a semana, com uma breve nota avaliativa e informações comerciais. Abrange cds, livros, exposições, filmes, peças de teatro. A seleção privilegia produções de alta cultura. A rubrica “+3 questões sobre...” durou de 1999 a 2001, contemplando sempre a resposta de dois especialistas

²⁰ Coluna encerrada em 2002, com a morte do autor.

em um assunto proposto pelo *Mais!*; a escolha dos nomes parece dar-se pela diferença das opiniões, porém mais que gerar polêmicas, parece que essas diferenças geram apaziguamento²¹. “+ brasil d.c.” também é uma rubrica nova, criada em 1999 como suplemento à rubrica “Autores”. A coluna “brasil d.c.” funciona a partir do revezamento dominical de um autor brasileiro. Como em “Autores”, também aqui houve a escolha por nomes reconhecidos academicamente com diferentes posições políticas e de diferentes disciplinas. Entre os nomes que escrevem/escreveram para a coluna, encontramos o geógrafo Milton Santos²², o historiador Evaldo Cabral de Mello, o antropólogo Hermano Viana, o crítico literário Luiz Costa Lima, o historiador José Murilo Carvalho, o filósofo Bento Prado Jr. entre outros. O atraso da criação da coluna “brasil d.c.” em relação a “Autores” repõe em cena, novamente, o parâmetro “externo” colocado pelo *Mais!* na sua composição²³. As rubricas “+ música”, “+ geopolítica”, “+ debate”, “+ imaginário” não são fixas e mostram uma perspectiva do suplemento iniciada ainda em 1997: o privilégio do ensaio como forma de ler o atual. Assim, estas rubricas são metamorfoseadas a cada número, assumindo nomes como “+ literatura”, “+ artes plásticas”, “+ cinema”, “+ tradução”. As resenhas continuam com o seu perfil anterior, ocupando um grande espaço do suplemento. A coluna “Ponto de Fuga”, criada em 1998, tem como responsável fixo o historiador da arte Jorge Coli e funciona como uma radiografia judicativa de exposições, filmes, músicas e peças de teatro, construída a partir de pequenas notas. “+ Ciência” também mantém o seu perfil, passando a ser composta, a partir de 1999, por ensaios de jornalistas científicos estrangeiros, mantendo as duas colunas já existentes. “+ última palavra” é uma novidade e durou até 2000. Ela consistia de uma entrevista com um intelectual estrangeiro. “José Simão” é uma coluna que durante a semana é publicada no *Ilustrada* e, desde 1999, aos domingos, no *Mais!* É a mesma nos dois suplementos, isto é, um olhar debochado e irônico, a partir de uma posição de alta cultura, do mundo da cultura de massas, ficcionalizando a política e a cultura, “teorizando” a ficção das telenovelas.

A última página teve, de 1999 a 2000, a rubrica “+ poema” (quando foi substituída pela coluna do “Millôr”), e retornou, com a saída desta, a partir de 2002.

²¹ Não é meu objetivo analisar essa coluna, mas percebo que o seu modo de funcionamento mais geral é o apaziguamento “democrático”, pluralista.

²² Colaboração que também foi encerrada somente com a morte do autor.

²³ Não é meu propósito analisar mais detidamente o surgimento da coluna “brasil d.c.” e o atraso em relação à coluna de “Autores” estrangeiros, mas algumas hipóteses podem ser aventadas: 1. A coluna “Autores” parece ter se transformado em um atrativo do *Mais!* motivando a criação da coluna com

Atribuo a criação da rubrica “+ poema” a uma resposta aos discursos de desaparecimento da literatura e mais especificamente da poesia nos suplementos culturais. Responde ainda à forte movimentação no campo da poesia que se verifica no Brasil dos anos 90, com o surgimento de novos poetas valorizados pela crítica e com o lançamento de várias revistas de poesia. Mas também, dentro do projeto do *Mais!* assumido a partir de 1999, funciona como um “brilho extra”, um brilho a mais para um público culto, erudito, que passa a ser o público preferencial a partir desse período. Uma série regular, tendo a publicação de mais de 40 poemas, privilegiou poetas em atividade nos anos 90, marcadamente pós-concretos. O lance de dados da rubrica é que, como suplemento a cada poema há sempre uma ilustração “inédita”, “exclusiva”, feita por um artista plástico²⁴. O *Mais!* aparece novamente aqui “fazendo história” com a apresentação, agora, de obras de arte inéditas, retomando procedimentos utilizados, por exemplo, no *Letras e Artes*, suplemento do jornal *A Manhã*.²⁵

A positividade deste novo formato, marcada pelo sinal de +, parece dizer respeito principalmente à mudança que vinha sendo processada desde 1997: a construção de um suplemento de alta cultura, sem a presença de “objetos estranhos”, como a “Coluna social”, o “Horóscopo” e “Risco no Disco”²⁶. Isto não quer dizer que o *Mais!* distanciou-se do mercado. Pelo contrário, assumiu mais específica e selvagememente um outro mercado, o da alta cultura, e, como tal, fez uso dos novos objetos de sedução de que as rubricas dão conta parcialmente. Mas é possível perceber que: a composição do *Mais!* é hierarquizada e privilegia alguns elementos em detrimento de outros, como o dossiê, por exemplo; e o sinal de + na frente de cada rubrica, nesta fase, parece apontar para o trabalho com a serialização da alta cultura.

Com a mudança de rubricas, é possível ler o *Mais!* a partir de três fases: a primeira, de 1992 a 1996, a segunda, de 1997 a 1999, e a terceira, de 1999 a 2002.

autores brasileiros; 2. Em 1999, com a crise cambial, a moeda brasileira perdeu o valor e isso parece ter motivado um olhar da mídia para dentro do próprio país.

²⁴ Esse modo de compor a última página – um poema e uma ilustração – remete à última página de *Autores e Livros*, suplemento literário do jornal *A Manhã*, em circulação nos anos 40. Um dos artistas que ilustrou muitos números foi Santa Rosa. No *Mais!*, a última página funciona como uma vitrine da produção atual de poetas e artistas plásticos e ao mesmo tempo como divulgação do lançamento de seus livros e exposições, referenciados nas notas biográficas. Há uma certa coincidência entre esses lançamentos e o aparecimento desses poetas e artistas na última página.

²⁵ CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Mais! Poesia*. Belo Horizonte: Abralic, 2002. (inédito).

1. Nos primeiros cinco anos, os temas abordados com mais frequência foram comportamento, política e vida (e morte) de autores e artistas. O gênero mais utilizado em várias rubricas, principalmente nos dossiês de capa e nas resenhas, foi a entrevista. Mas não só. Entrevistas, traduções, perfis e ficções são os gêneros a partir dos quais os temas ganharam visibilidade. Talvez não por acaso, o texto de Bernardo Carvalho sobre a exposição Arte/Cidade, publicado no dia 23 de novembro de 1997, pode ser lido como um diagnóstico da primeira fase do suplemento, a partir do uso da expressão “a arte que a mídia sabe ouvir”: “O objeto artístico não interessa mais, porque tornou-se insondável. O que interessa é o ‘entorno’²⁷; o que faz sentido é a vida do artista, as possibilidades de repercussão do seu ato por meio do marketing, e no máximo o que ele tem a dizer sobre a obra”.²⁸

Esta fase pode ser pensada como aquela em que a direção, isto é, a leitura é construída por uma perspectiva jornalística. Nesse sentido, Sergio Augusto e Bernardo Carvalho, o primeiro enquanto organizador de dossiês e o segundo enquanto entrevistador, são os dois jornalistas que estão em quase todas as edições do suplemento até 1996, tratando predominantemente a vida como arte. Essa fase termina com a saída de ambos: Sérgio Augusto vai para o **Estadão** e Carvalho, para o *Ilustrada*. A trajetória deste jornalista e romancista tem muito a ver com o *Mais!* Se na primeira fase ele é principalmente entrevistador, na segunda, ao ir para o *Ilustrada*, assume aos sábados uma coluna “cult”: “Resenha da Semana”²⁹.

Embora a primeira fase tenha contado com uma forte presença de escritores e críticos, a perspectiva e atuação do suplemento se dá a partir de um olhar jornalístico, que privilegiará objetos que podem ser reinvestidos de uma certa aura, como *Casablanca*³⁰, Orestes Barbosa, Rubem Fonseca³¹, pornografia, futebol etc. Para esta

²⁶ Coluna criada de forma mimética às já existentes no *Ilustrada* e todas surgidas em substituição à Maktub, ocupada por Paulo Coelho.

²⁷ Este termo faz parte da ficção do *Mais!*, e também adiaremos essa discussão para mais tarde.

²⁸ CARVALHO, Bernardo. Trama perversa. *Folha de S. Paulo*, 23 nov. 1997. *Mais!*, p. 11. Nessa mesma direção, podemos ler o texto de Silviano Santiago: Literatura anfibia. *Folha de S. Paulo*, 30 jun. 2002, p. 4-8.

²⁹ Bernardo Carvalho, romancista já reconhecido e premiado pela crítica, parece repetir a trajetória de outros escritores, como Antonio Callado e Ignácio de Loyola Brandão, que trabalha(va)m no jornal para sobreviver e também escrevem, como, em outros tempos, o fizeram alguns escritores que eram funcionários públicos, confirmando uma longa tradição nas letras brasileiras. Nesse sentido, lemos em A. L. Machado Neto, ao referir-se à profissão de escritor: “Como regra geral não desmentida em um só caso, não se viveu da Literatura (ou outra atividade cultural assemelhada) salvo exceção por algum período da vida e, assim mesmo, acumulando com o jornalismo”. MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da república das letras*. São Paulo: Grijalbo, 1973, p. 77.

³⁰ Em relação a esse filme, podemos ler em Sergio Paulo Roaunet: “Um filme como *Casablanca* era em 1942 um produto cultural como qualquer outro e hoje é visto, com temor reverencial, pelos assinantes do

ressignificação ou recapitalização é que os escritores e críticos são acionados nesta primeira fase: é a presença das vozes legitimadas, representativas de uma disciplina ou de um lugar político, que são usadas como suplementos aos textos de jornalistas.

2. Se a primeira fase poderia ser pensada como sendo marcada por um certo “ventriloquismo”, isto é, os escritores, críticos e outros intelectuais são falados por jornalistas, de 1997 a 1999 há uma mudança. Um tema que atravessa todo esse período é o da leitura, através da apresentação de guias, enciclopédias e listas de obras, introduzidos por jornalistas; mas o desenvolvimento do tema se dá a partir de textos de autores convidados. Há, de alguma forma, uma certa equivalência entre jornalistas e autores, porém as falas destes não são editadas como o eram na primeira fase.

Assim, os dois gêneros que mais aparecem nesse período são a entrevista e o artigo. A entrevista, nesse caso, é utilizada para dossiês sobre autores e são extensas, ocupando de duas a quatro páginas. Augusto Boal, Zé Celso, Ariel Dorfman e outros reveêm suas trajetórias nessas entrevistas “históricas”. O artigo curto ganha destaque nesse período como parte de propostas de leituras construídas pelo suplemento. Assumem, muitas vezes, a forma de verbete.

3. A mudança mais radical ocorre de fato a partir dos últimos números de 1999: alteração de formato, saída das colunas da Joyce Pascowitch, do horóscopo, da Ledusha e seu “Risco no disco” e a presença mínima de jornalistas, tanto nos dossiês como nas resenhas. Agora, o gênero que aparece com mais frequência é o ensaio. Essa mudança reafirma um compromisso com um público mais intelectualizado, já que há poucas mediações, e os textos publicados no suplemento aparecem também em revistas, livros e conferências acadêmicas.

Nesse sentido, podemos perceber que, na terceira fase, os temas enunciados pela primeira e pela segunda retornam e são relidos. *O Mais!* opera uma espécie de limpeza,

Cahiers du Cinéma. Tudo se passa como se o envelhecimento da obra tivesse modificado sua qualidade. Para falar com Benjamin, seria um caso curioso de ‘auratização’ póstuma. Com efeito, *Casablanca* tem hoje em dia os dois principais atributos da cultura aurática: a unicidade (*Einmaligkeit*), no sentido de que perdeu seu caráter de objeto reproduzível de massa, tornando-se privilégio da pequena minoria que frequenta os cineclubes; e o distanciamento (*Entfernung*), no sentido de que se tornou objeto de culto, destacando-se da vida imediata”. (*As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 131). Nesse sentido, pode-se dizer que todo o campo das comemorações é investido de uma “auratização póstuma”.

³¹ Em 1992, no dossiê que alardeia a volta de Rubem Fonseca ao conto, 13 anos depois, 3 jornalistas escrevem sobre a trajetória do escritor e, ao lado, em pequenos boxes, há cinco depoimentos de escritores sobre Fonseca. Alguns depoimentos são desabonadores, mas, ao mesmo tempo, há um suplemento exclusivo com um conto do autor, “O olhar”.

tirando de suas páginas o que pode ser considerado como cultura de massas, através de uma seleção e depuração do que entrou na primeira fase.

Desse modo, essas três fases do *Mais!* são, na verdade, duas, e podem ser pensadas em paralelo com a estrutura dos romances de um colaborador importante do suplemento: Bernardo Carvalho. Romances como “Teatro” (1998), “As iniciais” (1999) e “Medo de Sade” (2000) são construídos em duas partes. A estrutura da primeira lembra uma narrativa policial, principalmente por ter um narrador que tenta resolver um mistério: as pistas vão aparecendo, mas não são legíveis (tal estrutura aparece em boa parte dos romances policiais que fizeram muito sucesso no Brasil na década de 90 e se tornaram populares como produtos de cultura de massa, com tiragens acima da média). Esses elementos retornam na segunda parte e são tratados como uma narrativa que deve ser lida. Entra em cena um narrador que se coloca na posição de leitor, dando um outro estatuto para os mesmos elementos; seleciona-os e limpa-os, mostrando como a primeira parte é uma ficção e que precisa ser desconstruída.

A repetição dessa estrutura no suplemento, guardadas as proporções e os gêneros, aponta para uma nova aposta em elementos cultos na formação do leitor através da idéia de segunda leitura. Não é propósito aqui comparar a trajetória do *Mais!* com a do *Folhetim*, suplemento de que Carvalho foi diretor no final da década de 80, mas é possível perceber que acontece um processo parecido em ambos: duas fases em que temas são tratados a partir da cultura de massa e da alta cultura, juntas, e, uma terceira, (ou segunda), em que voltam os mesmos temas, tratados por um olhar de alta cultura.

As permanências, exclusões e acréscimos de rubricas e as três fases estão associadas às concepções de leitor com as quais o suplemento trabalha. Nesse sentido, há um elemento importante na formulação destas concepções de leitor: as pesquisas de mercado sobre o perfil do leitor/consumidor. Como produto de uma empresa, esse interesse parece ser legítimo e não há nada melhor do que ser o “espelho” do desejo do outro: “Cabe-lhe confirmar o que o consumidor sente para ser espelho das certezas alheias, que coincidem com as suas próprias, e assim não despertar inconformidade.”³²

A pesquisa não é uma novidade no mercado cultural e é utilizada para saber quem consome o quê, como e para quê, para a partir daí traduzir essas informações em

³² SILVA, Juremir Machado da. *A miséria do jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 14.

produtos e estratégias. Esse acúmulo de informações sobre o outro parece estar ou ser o momento em que se dá a passagem para o que Deleuze chama de sociedade de controle: “Suponhamos que a informação seja isso, o sistema controlado das palavras de ordem que têm curso numa dada sociedade.”³³. Os processos de tradução e de metamorfose de informações em um produto como o *Mais!* dão conta de como o suplemento vai escrevendo o outro e inscrevendo-se nele.

Assim, é instrutivo perceber como o jornalista da Folha, Vinicius Mota, ao analisar a pesquisa de perfil do leitor em 2001, aponta para uma mudança: o leitor da **Folha** no final da década está mais intelectualizado:

Em 1988, representavam 28% dessa amostra os leitores que tinham mais de 50 anos. Agora os pelo menos quinquagenários são 41% do total dos leitores principais no Estado de São Paulo. O crescimento dessa fatia, em 12 anos, foi de 46%. Esse movimento deu-se sobretudo pela queda da participação dos mais jovens (até 29 anos). Eles eram 29% em 1988 e hoje são 14%, o que significa uma diminuição que ultrapassa 50% (...) Com o tempo, mantém-se a característica de o leitor do jornal ser uma pessoa de alta escolaridade. Em 1988, 71% tinham formação superior. Doze anos depois, essa cifra apenas oscilou quatro pontos para baixo. Mas a diferença a notar está no aumento dos leitores pós-graduados. Eram 9% há 12 anos. Hoje 17%.³⁴

A passagem de um perfil para outro parece estar configurado no leitor privilegiado pelo *Mais!* a partir de 1997: o de alta escolaridade, isto é, graduados e, principalmente, pós-graduados. Assim, o perfil do leitor médio no final da década mostra que, além de alta escolaridade, ele possui uma alta renda, ou ganha acima da média, e, se olharmos por um outro viés, esse “leitor” é múltiplo, porque nas suas preferências podemos vislumbrar a presença de diferentes posições políticas e diferentes áreas disciplinares:

- . A média de idade é de 40,3 anos.
- . Tem alta escolaridade: 47% cursaram faculdade e 13% fizeram pós-graduação.
- . 53% têm renda mensal individual de até 15 salários mínimos; 36% têm renda familiar acima de 30 salários mínimos.
- (...)
- . 47% têm muito interesse por política.
- . 85% são a favor da reforma agrária.
- . 59% são a favor da descriminação do aborto.
- . 50% são a favor da união civil entre homossexuais.
- . 61% são contra a pena de morte no Brasil.

³³ DELEUZE, Giles. O ato de criação. *Folha de S. Paulo. Folha de S. Paulo*, 27 jun. 1999. *Mais!*, p. 5. Também DELEUZE, Giles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In. *Conversações*. Rio de Janeiro: 34, 1992, p. 219-226.

³⁴ MOTA, Vinicius. Leitor tem renda e escolaridade altas. *Folha de S. Paulo*, 18 fev. 2001, p. 13.

. 63% são contra a discriminação da maconha.³⁵

Em um universo que chega próximo a um milhão de leitores diretos no domingo, eles formam o estrato de duas elites do país: a econômica e a intelectual. Assim, a forma como a **Folha** vai construir o *Mais!* é, em última instância, uma forma de distribuir em suas rubricas esta multiplicidade e ser mimética aos múltiplos interesses de seus leitores.

As três fases a partir das quais o *Mais!* é construído deixam mais explícitas a forma como lê o perfil de seu leitor e o que lhe oferece, a partir dos gêneros e temas privilegiados, em cada período. Por outro lado, observando a opinião de alguns leitores do *Mais!*, que também são assíduos colaboradores, percebemos que existem outros elementos que procuram traduzir os desejos do leitor:

O que mais me agrada na Folha é que ela admite o contraditório, pontos de vista diferentes.³⁶

O que gosto é o fato de ser um jornal com opiniões plurais e também com uma certa agilidade de informação.³⁷

A forma como esses leitores/colaboradores lêem o “melhor” da **Folha** coincide com a imagem que este jornal vem construindo de si mesmo desde o final dos anos 80. E isso não se dá por acaso, porque a presença de vozes diferentes é a série a partir da qual o *Mais!* vai sendo construído. Através de convites para os dossiês de “Capa”, para o “Ponto Crítico”, para “Autores”, para a coluna “brasil d.c.” e para as “Resenhas” de livros, jornalistas culturais, autores, pesquisadores e críticos, com visões política e disciplinarmente distintas entre si, são chamados a darem conta de uma encomenda: ler, a partir do presente, o que o *Mais!* considera prioritário. Essa situação produz, em princípio, um paradoxo entre a autonomia que tende a caracterizar a atividade intelectual e a encomenda. O que está em jogo é a autoridade sobre o assunto, que se revela na escolha de vozes que representam um lugar de prestígio nos campos político, acadêmico, midiático e cultural. Parece que o desejo de “democracia” do leitor é traduzido a partir de uma “democracia virtual”, que remete tanto à possibilidade de pluralidade política nos anos 90, como também ao modo de funcionamento do

³⁵ MOTA, Vinicius. Leitor tem renda e escolaridade altas. *Folha de S. Paulo*, 18 fev. 2001, p. 13.

³⁶ CAMPOS, Augusto. Gosto e não gosto da Folha. *Folha de S. Paulo*, 2001. Tudo sobre a Folha, p. 15..

³⁷ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Gosto e não gosto da Folha. *Folha de S. Paulo*, 2001. Tudo sobre a Folha, p. 16.

neoliberalismo e do mercado. Assim, os elementos que fazem funcionar o suplemento - pluralismo liberal, a questão do poder do *Mais!* de escolher quem inclui e quem exclui, e o uso exclusivo de vozes institucionalizadas – são possíveis a partir de um princípio que remete ao seu próprio nome: a adição por tolerância e não por conflito.

Este parece ser o ponto em que as vozes acionadas pelo *Mais!* em torno de cada um dos temas enunciados tornam-se legíveis: a mídia, como se fosse o Estado, reencena ou simula ser o Estado democrático, ao permitir a diversidade. Mas, como diz Sarlo, trata-se de uma diversidade “alicerçada nas pesquisas, que funcionam como complemento indispensável da perspectiva pública instalada na videopolítica.”³⁸ As reflexões da autora nos fazem perceber que esses mecanismos de controle produzem diferenças apaziguadas ou, em outros termos, indiferenciação da diferença.

Isso nos remete para a outra série que funciona simultaneamente e por causa das vozes: a série de suplementos de leitura. Ou de outro modo: as vozes, a partir de uma conjuração, remetem para a “presença” de uma fala do próprio objeto. E assim, poemas, cartas, contos, traduções, são conjurados³⁹ para que o objeto fale. E essa cena, aparentemente banal, em que o objeto falado – um autor, uma obra, um período – ganha a possibilidade de emitir a sua voz, aponta para a complexidade da série. É um outro tempo que vem como suplemento às vozes, emitidas a partir de determinados lugares/tempos do presente.

O pacto de mimesis que o suplemento estabelece com o leitor leva-o a construir-se como espelho de suas tendências e o faz de duas maneiras: 1. atualiza o cânone; 2. cria mecanismos de antecipação dessa atualização.

A atualização do cânone dá-se pela escolha ininterrupta de autores já conhecidos do leitor para os dossiês de capas, com o objetivo de atualizá-los. O que acompanha essa atualização é o oferecimento de uma antecipação, uma forma “inérita”, “exclusiva”, “em primeira mão”, de algum aspecto do autor que ganha visibilidade. Os dois movimentos, simultaneamente em direção ao já visto e ao novo do já visto, oferecem uma ilustração, um brilho a *Mais!* para o leitor.

³⁸ SARLO, Beatriz. Sete hipóteses sobre a videopolítica. In. *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997, p. 138.

³⁹ A palavra “conjuração”, conforme definida por Derrida, parece ser o ponto de produção das duas séries: “Conjuração exprime, em suma, o apelo que faz vir *pela voz* e portanto faz vir, por definição, o que não está presente no momento presente do chamado”. DERRIDA, Jacques. *Espéctros de Marx*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 62.

2. A comemoração

Sabemos que uma comemoração é o ato de lembrá-la e torná-la enquanto tal é um momento de re-visita aos arquivos para selecionar o que vem ao presente. O que se comemora é da ordem do desaparecido, do inoperante, porque “os acontecimentos foram registrados, houve uma superfície em que inscrevê-los (a mídia), porém, quem os recolheu permaneceu em silêncio (ou os que hoje falam nada recolheram ao tempo do acontecimento). Essa comunidade em ato, portanto, não operou, mesmo que muita coisa tenha sido arquivada, transformada em dados”.⁴⁰ Esse é um primeiro ponto para pensar as comemorações, porque os eventos instauradores de uma temporalidade histórica são lidos agora como ruínas, como o excesso de arquivo que pode ser acionado. Está aí um dos princípios do pós-moderno e em torno dele podemos observar diferentes formas de trabalhar o passado: a) crítica da modernidade, mostrando e trazendo para a cena do presente o “menor”, o que não teve possibilidades de se efetivar, como aparece na crítica e na arte dos anos 90, inclusive borrando esse limite; e b) comemoração da modernidade, canonizando e re-canonizando o que já foi, como em muitos eventos universitários, editoriais e artísticos.

Essa volta parece sempre estar marcada pela nostalgia e por uma certa idéia de decadência. Poderíamos citar aqui alguns exemplos, como a revisão da poesia concreta por Haroldo de Campos, da poesia engajada por Ferreira Gullar, da Nouvelle Vague por Jean-Luc Godard (ou da Nouvelle Vague japonesa por Nagisa Oshima). Nessa mesma direção, são produzidos (para serem comemorados) arquivos do atual, como em torno de Pedro Almodóvar, do Queen Power, da aids, do Real, das eleições presidenciais, entre outros. Um ponto a ser observado também é que as comemorações de que estamos falando são tanto internacionais⁴¹ (com repercussões nacionais), quanto nacionais⁴².

Um ano enigmático para as comemorações parece ser 1989. Com a queda do Muro de Berlim, a esquerda ficou acoçada e seus projetos históricos se "desmancharam no ar". As principais referências teóricas - Marx, Brecht, Benjamin, Adorno - foram

⁴⁰ ANTELO, Raul. *Argüição*. Florianópolis: Ufsc, 2002, p. 1. Inédito.

⁴¹ 500 anos da descoberta da América, 100 anos do cinema, os 30 de maio de 68, os 50 do fim da Segunda Guerra Mundial, a queda do Muro de Berlim em 1989 e o Fim da História em 1992, entre outros.

⁴² 500 anos do descobrimento do Brasil, 30 anos de 68, 70 anos da Semana de Arte Moderna, sem contar centenários como os de Mário de Andrade, Machado de Assis, Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Euclides da Cunha, entre outros.

colocadas em definitivo sob suspeita. E com a ajuda de Fukuyama, essa suspeita foi levada ao extremo, ao comemorar, em 1992⁴³, o "Fim da História", isto é, o fim da linha para as esquerdas, pondo no lugar, como futuro, o único projeto que a seu ver foi duradouro e é adequado ao atual estágio da sociedade: o liberalismo norte-americano. Ao mesmo tempo, tomou corpo um processo de globalização em que projetos nacionais foram abandonados em favor de um câmbio flutuante na ordem das nações. O Brasil seguiu esse roteiro, e a eleição de Collor e o que veio depois mostraram a lógica perversa desse câmbio. Mas no momento em que os referenciais de esquerda e os projetos de nação foram ambos varridos da agenda política, eles apareceram em outro lugar: no cultural, comemorados. Assim, "surpreendentemente", Brecht, Marx, Benjamin, Debord, Gramsci, Sergio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes voltaram, nos anos 90, na comemoração de seus aniversários de nascimento ou de morte. Essa volta triunfante, sob o signo da comemoração, colocou-os novamente em circulação.

Estamos aqui diante de um sistema de re-apresentação para comemorar e que mexe com as formas de ler e produzir a vida. Nesse sentido, lemos em Irene Cardoso:

A comemoração não é apenas uma rememoração de um evento passado, digno de memória. Mas é um 'processo ativo no curso do qual se modifica um sistema de representação do passado e conseqüentemente a percepção do presente.⁴⁴

A comemoração é uma memória coletiva, em seu sentido etimológico, e quando ela vem, então, vem para modificar o sistema de representação colocado publicamente. A comemoração não é exclusiva do período histórico - a década de 90 - a que nos

⁴³ A comemoração do "fim da história" é colocada por Fukuyama ainda em 1989, com a publicação de um artigo sobre o tema. Em 1992, a comemoração aumentou em ênfase com a publicação do livro "O fim da história e o último homem". Em 1997, o *Mais!* propôs, na rubrica "Livros", leitura panorâmica de 20 livros publicados sobre o fim, da arte ao dinheiro (com uma nota de resumo para cada um). Como diz o título da matéria: "Livros decretam o fim de tudo". Cássio Starling Carlos, na apresentação, aponta como o texto de Fukuyama pôs em comemoração o esgotamento percebido na década de 80: "Os teóricos de 'fins' substituem aqueles que na década de 80 metamorfosearam tudo em 'pós-tudo'. O 'pós' se esgotou, e o 'fim' ocupou seu lugar, aproveitando a coincidência de três finais - da década, do século e do milênio - no mesmo período" (CARLOS, Cássio Starling. Livros decretam o fim de tudo. *Folha de S. Paulo*, 11 maio 1997. *Mais!*, p. 10). Diante de tantos fins, Starling Carlos recomenda, a partir de Asimov: "Escolha sua catástrofe". Renato Janine Ribeiro, comentando os livros dos fins, aponta sua surpresa diante do retorno desse tema. Procura historicizá-lo e mostra como o trabalho de Fukuyama pode ser lido como uma conversão de uma tese retomada por Marx de Hegel, para colocar em comemoração o seu contrário: "O gênio desse escritor foi retomar um tema que havia passado aos marxistas e dar-lhe um viés liberal. O fim da história não seria o advento do socialismo, mas a consolidação do capitalismo liberal como o regime mais adequado ao ser humano" (JANINE RIBEIRO, Renato. Fim de tudo, ou só do século? *Folha de S. Paulo*, 11 maio 1997. *Mais!*, p. 11).

⁴⁴ CARDOSO, Irene. *Para uma crítica do presente*. São Paulo: 34, 2001, p. 199.

referimos, mas nele a repetição incessante e midiática mostra a força com que se procura modificar os sistemas de representação colocados até então. E o paradoxo dessa operação é que a comemoração é efêmera e não tem fidelidade com o que ela faz re-vir, ao conjurar o comemorado para que ele volte. Assim, podemos ler em Hansen a comemoração como o construir incessante e provisório de "corpos prováveis":

(...) o passado é um morto que, afogando-se no mar do tempo, deixou algumas roupas dispersas na praia do presente. A partir delas, deduzindo que efetivamente são 'roupas' e que houve efetivamente alguém que as vestia, constrói-se um corpo provável, segundo critérios epistemológicos e ideológicos nem sempre explicitados. Assim, escolher essa ou aquela peça, vesti-la em tal ou qual ordem no morto inventado, definir sua forma, especificar sua função e determinar o seu valor contemporâneo são operações que implicam o compromisso com uma posição determinada como interesse particular nas contradições do presente.⁴⁵

Na comemoração, tal como a estamos vivendo, essa *posición determinada* reveste-se de complexidade. Em “El fenómeno Del *déja vu* y el fin de la Historia”, primeira parte do livro “El recuerdo del presente”, Virno sugere que o período em que vivemos está marcado por uma sensibilidade antiquária que dá vazão a uma cega fúria colecionista. Virno chama essa sensibilidade de Modernariato, entendido como

(...) el desarrollo sistemático de una sensibilidad anticuaria con respecto *al hic et nunc* que, de tanto em tanto, se está vivendo. Por um lado, el modernariato es un síntoma del desdoblamiento del presente em um ilusório “Ya há sido”; por outro lado, ayuda activamente a realizar siempre de nuevo dicho desdoblamiento.⁴⁶

Esse desdobramento do presente em que somos atores e espectadores ao mesmo tempo, tem para Virno, a estrutura do *déja vu*, isto é, tem-se a impressão de já se ter vivido (visto) o que se está vivendo (vendo). Assim, o presente vem como produto. Não por acaso diz o autor, “la sociedad del espectáculo es modernariato a la enésimo potencia”.⁴⁷

Assim, o modernariato, dá-se a partir do que Virno chama de anacronismo real (em oposição ao anacronismo formal⁴⁸).

⁴⁵ HANSEN, João Adolfo. Notas sobre o "barroco". *Revista do Ifac*, São Paulo, dez. 1997, p. 17.

⁴⁶ VIRNO, Paolo. *El recuerdo del presente: ensayo sobre ele tiempo histórico*. Buenos Aires: Piados, 2003, p. 62.

⁴⁷ VIRNO, Paolo. *El recuerdo del presente: ensayo sobre ele tiempo histórico*. Buenos Aires: Piados, 2003, p. 63.

⁴⁸ El *anacronismo* formal consiste em aplicar la forma-pasado al presente em curso. Pero la forma-pasado (o pasado-em-general) no es outra que la lengua, la facultad, la disposición. Por lo tanto, aplicar la forma-pasado al presente significa estender la palabra que está profiriendo como indicio o testimonio de la

El *anacronismo* real distorsiona, invierte, oculta los procedimientos y resultados del anacronismo formal. Es una reacción a este último, un contragolpe ou un antídoto, quase una línea de fuga (...) En al anacronismo real la forma-pasado, que confiere al presente un carácter virtual, es reducida sistemáticamente a un hecho del pasado, del cual o presente proveería la copia adecuada.⁴⁹

Para Virno, o “fim da história” opera a través de um anacronismo real que pressupõe o passado como tendo existência real através de uma impressão no momento em que aconteceu, colocando o presente como uma cópia daquela impressão. De forma mais explícita, o que está na base do anacronismo real e da idéia do presente como cópia do passado, é um “falso reconhecimento”:

El “falso reconocimiento” es, precisamente, *falso*. La experiencia actual parece reeditar con meticolosidad filológica una experiencia previa, ya experimentada. Pero solamente parece: el evento anterior, elevado al rango de linaje, no ha tenido nunca efectivamente lugar. Es la potencia ínsita en este *hic et nunc* que toma la semblanza de un hecho antiguo, de aquel acto que parece exigir despóticamente su propia repetición. Se explica así por qué no logramos precisar qué cosa es lo igual que retorna.⁵⁰

Não vejo melhor definição para o modo de funcionamento da comemoração no *Mais!* do que a pressuposição de que ela é a cópia, a repetição de uma letra já impressa. Aqui poderíamos pensar também na série de guias, almanaques, listas e enciclopédias que proliferam no *Mais!* como suplemento para o reconhecimento dos comemorados. Virno, para falar da memória usa de forma exaustiva termos gráficos – impressão, cópia etc. Creio que um deles é adequado para pensar a comemoração na direção do falso reconhecimento: o relevo.

Si la representación concierne a un pasado particular (fechaable, definido), la forma-pasado se adhiere de tal modo a su objeto que pasa desapercibida. Inversamente, allí donde el “ahora” se representa como un “entonces” (es decir, donde hay un recuerdo del presente), el pasado en general se destaca en *altrorrelieve*.⁵¹

competência lingüística. VIRNO, Paolo. *El recuerdo del presente*: ensayo sobre ele tiempo histórico. Buenos Aires: Piados, 2003, p. 35-6.

⁴⁹ VIRNO, Paolo. **El recuerdo del presente**: ensayo sobre ele tiempo histórico. Buenos Aires: Piados, 2003, p. 38.

⁵⁰ VIRNO, Paolo. **El recuerdo del presente**: ensayo sobre ele tiempo histórico. Buenos Aires: Piados, 2003, p. 41.

⁵¹ VIRNO, Paolo. *El recuerdo del presente*: ensayo sobre ele tiempo histórico. Buenos Aires: Piados, 2003, p. 28.

Según los psiquiatras, las personas sujetas al *déja vu* se inclinam, sin excepciones, a hablar extraña una palabra familiar. El vocablo se inmoviliza, suspendiendo la frase, se desvía del curso habitual, adquiere un *relieve* especial, produce una sorte de eco.⁵²

Assim, a comemoração de uma efeméride ou de um lançamento, parte do falso reconhecimento de que existiu um passado real, acontecido, que foi impresso como uma letra, e que agora, na sua reedição, coloca-se um relevo nessa letra, podendo ser tanto um auto-relevo como um verniz. Lendo etimologicamente relevo, temos que é uma saliência, um brilho aplicado a uma superfície já existente. E isso se aplica à comemoração no *Mais!*, porque “La condición de posibilidad de um evento es representada como outro evento, que sería el sosías arcaico del primeiro”⁵³.

O evento do evento. A comemoração. Aqui é importante, nem que seja rapidamente, retomar uma leitura desse conceito pensado a partir de algumas produções culturais recentes.

Para Favaretto,

Eventos são intervenções, regradas ou extemporâneas, que num lugar preciso permitem a interseção de falas, tempos e ações. Simultâneos e descontínuos, esses elementos desdobram e reiteram gestos e atitudes que exploram o instante da apresentação.⁵⁴

A lógica do evento é predominante, segundo o autor, quando “(...) o estatuto da arte (...) parece inteiramente determinado por uma condição extrínseca – o caráter institucional do lugar em que aparece.”⁵⁵ A operação realizada a partir desta lógica parece “captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante” e, neste sentido, podemos reconhecer suas marcas no trabalho do *Mais!*.

Assim, uma possibilidade de leitura das comemorações no *Mais!* é recolocar em cena as narrativas que ela torna possível e instalar nelas um hiato, mostrando o caráter de incompletude, de ficção, enfim, que as preside.

Nesses termos, a comemoração pode ser lida como uma ficção, no sentido que lhe dá Barthes:

⁵² VIRNO, Paolo. *El recuerdo del presente*: ensayo sobre ele tiempo histórico. Buenos Aires: Piados, 2003, p. 32.

⁵³ VIRNO, Paolo. *El recuerdo del presente*: ensayo sobre ele tiempo histórico. Buenos Aires: Piados, 2003, p. 39.

⁵⁴ FAVARETTO, Celso. A arte do tempo: o evento. *Sexta-Feira*, São Paulo, n. 5, 2000, p. 113.

⁵⁵ FAVARETTO, Celso. A arte do tempo: o evento. *Sexta-Feira*, São Paulo, n. 5, 2000, p. 113

Os sistemas ideológicos são ficções (*fantasmas de teatro*, diria Bacon), romances - mas romances clássicos, bem providos de intrigas, crises, personagens boas e más (...) Cada ficção é sustentada por um falar social, um socioleto, ao qual ela se identifica: a ficção é esse grau de consistente que uma linguagem atinge quando *pegou* excepcionalmente e encontra uma classe sacerdotal (padres, intelectuais, artistas) para a falar comumente e a difundir (...) (cada ficção) combate pela hegemonia: se tem por si o poder, estende-se por toda a parte no corrente e no cotidiano da vida social, torna-se *doxa*, natureza: é o falar pretensamente apolítico dos homens políticos, dos agentes do Estado, é o da imprensa, do rádio, da televisão.⁵⁶

Ao nomear um sistema ideológico como uma ficção, Barthes deixa-nos a possibilidade de ler o inverso, isto é, uma ficção como um sistema ideológico. Uma das conseqüências dessa dupla leitura é o deslocamento em torno do termo ficção enquanto nomeação de um gênero literário para um outro espaço, o do poder, como podemos perceber também no trabalho de Michel Foucault - a partir da leitura do que Roberto Machado considera a última fase do autor francês - com os discursos de saber, como a literatura⁵⁷, ao pensá-los atuando como ficções:

Não que Foucault tenha deixado inteiramente de falar de literatura. O que acontece é o abandono do seu privilégio, assim que, ao se referir à literatura em *Vigiar e Punir*, o que lhe interessa é a posição assumida por ela a respeito do crime mostrando que desde o início do século XIX uma 'literatura popular', uma literatura policial que faz o elogio da estética do crime, do assassinato como uma das belas artes, reduplica esteticamente o ilegalismo criado pela prisão e tem como função bloquear a memória popular, o saber operário por exemplo. Literatura policial, instrumento, como o jornal, o cinema e a televisão, de produzir o medo pelos grandes criminosos e tornar natural a presença da polícia no meio da população.⁵⁸

A literatura como uma ficção e ao mesmo tempo como uma forma de naturalizar uma ficção do Estado, nos leva de volta a Barthes e a sua afirmação de que a ficção como sistema ideológico, "se tem por si o poder", instala-se no mais ínfimo cotidiano e naturaliza-se como parte da vida das pessoas. Não esquecendo as diferenças, pode-se perceber nos projetos de autores como Foucault, Derrida, Deleuze & Guattari e Barthes, a vontade de desnaturalizar conceitos e práticas coladas ao cotidiano como natureza, lendo-as enquanto ficções.

⁵⁶ BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 35-6.

⁵⁷ Movimento que, como já vimos, parece marcar boa parte das práticas e reflexões sobre literatura a partir da década de 70.

⁵⁸ MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 125-6.

Ainda em Barthes lê-se que uma ficção é construída por uma classe sacerdotal que a faz circular. As falas que essa classe faz circular é um regime de sentido que se apresenta como a verdade. O trabalho de leitura começa aí, ao considerarmos que "La verdad tiene la estructura de una ficción donde outro habla".⁵⁹ Ou junto com a idéia, para re-citar Barthes, de que "(...) a ficção é esse grau de consistente que uma linguagem atinge quando *pegou* excepcionalmente".⁶⁰

É a partir daqui que podemos ler como uma geração de críticos e escritores latino-americanos, como Ricardo Piglia, Eneida Maria de Souza, Raúl Antelo, Wander Melo Miranda e Josefina Ludmer, tem construído práticas de leituras que partem de Barthes (e de outros dos chamados pós-estruturalistas) e, ao mesmo tempo, de Borges (o das "Ficções"⁶¹, principalmente). E se há um ponto em comum nessas práticas, talvez o mais explícito seja o de trabalharem áreas subdesenvolvidas pela modernidade metropolitana (e suas leituras aderentes), lendo-as enquanto ficções.

Josefina Ludmer, em "Temporalidades del presente", aponta para seu método de leitura e que pode aqui ser aplicado para alguns dos outros trabalhos dos autores citados: "Mis instrumentos críticos favoritos (como el delito o el género) son nociones concretas y abstractas a la vez, que producen afectos y epistemologías y se mueven en la historia. Son, sobre todo, nociones articuladoras que están en todos los campos"⁶².

Leitura de Barthes, mas para além de Barthes, o modo como Ludmer conceitua seus instrumentos críticos - as ficções que elege para ler - aponta para um trabalho anti-mimético em relação aos fluxos desterritorializados do capital multinacional, lendo-os em suas circulações, em todos os campos, desnaturalizando-os, tornando-os visíveis, dando a ver como essas ficções circulam e o que produzem. Por outro lado, ao considerar que essas ficções "se movem na história" e que são "noções articuladoras que estão em todos os campos", aponta para uma outra forma de ler e produzir as relações entre arte e política, literatura e história, ao borrar as fronteiras entre esses conceitos. Ou, em outras palavras, permite colocar esses conceitos em "ficção".

Falávamos da leitura que esses autores fazem do pós-estruturalismo a partir de Borges e é o que podemos ver, ainda em Ludmer, na "Coda sobre enciclopédias e

⁵⁹ PIGLIA, Ricardo. In. MIRANDA, Wander Melo. Latino-americanismos. *Margens/Márgenes*. Belo Horizonte; Mar del Plata; Buenos Aires; Salvador, n. 1, jul. 2002, p. 56.

⁶⁰ BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 35.

⁶¹ Ou como diz Graciela Montaldo: o Borges das ficções culturais (MONTALDO, Graciela. Na obscure case: bizarre aesthetics in Argentina (Books, culture industries and fictions). *Journal of Latin American Cultural Studies*, Vol. IX, n. 2, August, 2000).

coleções".⁶³ Nesse trabalho, Ludmer lê a ficção da ordem enciclopédica ("ou a ordem enciclopédica em ficção"⁶⁴) no primeiro conto de "Ficções" - "Uqbar, Tlön, Orbis Tertius" - de Borges. Esse pequeno texto é exemplar, quando aponta, no conto de Borges, o trabalho de leitura de linguagens que já *pegaram* excepcionalmente, isto é, que viraram ficções.

É essa perspectiva de leitura que coloco como ponto de partida para esse trabalho em torno da ficção da comemoração que aparece no *Mais!*, no período de 1992 a 2002, lendo as narrativas que ela fez circular e o modo como as fez circular.

2.1 Cadeia infinita de efemérides

(...) o jornalismo cultural, de algum tempo para cá, passou a funcionar por meio de uma cadeia infinita de efemérides. Se esse é um mecanismo natural da memória coletiva, é preciso reconhecer que passou a ser, ao lado da brutalidade corrente, um sinal compulsivo da perda do fio dos assuntos, tanto na sua dimensão histórica quanto na sua força de atualidade.⁶⁵

A efeméride, em seu sentido dicionarizado, está ligada ao efêmero, ao que passa, e na sua raiz grega é, literalmente, o que só dura um dia. O seu uso, como uma das formas de acionar a comemoração, parece vir dessa idéia de registrar o que passa de modo efêmero, como a data de aniversário de nascimento ou morte de um autor, ou data de publicação de uma obra. A regularidade do uso das efemérides para as comemorações do *Mais!* é, para citar Wisnik, um sinal compulsivo da construção de memórias do presente; memórias do que só dura um dia. O uso que o suplemento faz da efeméride, tornando-a uma das marcas de sua política editorial, é paradoxal, pois, ao mesmo tempo que re-coloca em cena um autor conhecido, através de textos de autores e críticos de prestígio, o faz de modo passageiro. Voltamos, assim, a um sentido complementar de efeméride: livro de memória de um dia de um autor ou obra comemorado.

A forma como o *Manual da Folha* de 2001 conceitua a efeméride já aponta para esses usos, prevendo normas e hierarquias:

⁶² LUDMER, Josefina. *Temporalidades del presente*. Belo Horizonte: Abralic, 2002, p. 3. Cd-room. Mediações: VIII Congresso internacional Abralic 2002: Anais.

⁶³ LUDMER, Josefina. Coda sobre enciclopédias e coleções. In. *O corpo do delito*. Belo Horizonte: Editora da Ufmg, 2002, p. 196-203.

⁶⁴ LUDMER, Josefina. Coda sobre enciclopédias e coleções. In. *O corpo do delito*. Belo Horizonte: Editora da Ufmg, 2002, p. 199.

⁶⁵ WISNIK, José Miguel. Motivo de reflexão. *Folha de S. Paulo*, 19 jul. 1998, p. 5.

Efeméride - texto publicado no jornal por motivo de evento importante na história: cinquentenário de revolução, aniversário de país ou cidade, centenário da morte de artista etc. O recurso não deve ser vulgarizado. São registradas na Folha apenas efemérides de inegável importância, de preferência em datas redondas.⁶⁶

Sem entrar no mérito das regras, vamos fazê-las dialogar com a prática das efemérides do *Mais!*⁶⁷. Assim, vamos ler três pontos "performativos" do *Manual da Folha* em relação às efemérides:

1. "Evento importante na história": A noção de história que aparece aqui é linear, além de ser pensada como a escrita que registra a história dos vencedores através do uso de uma hierarquia já bem conhecida e explícita na idéia de "evento importante". A deferência do que "só dura um dia" não é para todos. Podemos ler nessa regra que o maior é o melhor. Direção contrária, por exemplo, ao que nos acostumamos, com Benjamin, como sendo um modo crítico de pensar a escrita da história: "O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história".⁶⁸ A regra da **Folha** é excludente, privilegiando o que já está consagrado, revestido de prestígio. Por isso alguns comemorados aparecem várias vezes, em efemérides diferentes.

Como desdobramento dessa regra, temos uma especificação do que é um evento importante para o jornal: "Centenário da morte de artista". Esse expediente também é seguido à risca pelo *Mais!*, ampliando-o um pouco para centenário de nascimento de artista e centenário de obra. Esse é o maior grupo das efemérides e poderíamos citar alguns autores comemorados: Jorge Luis Borges, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Sergio Buarque de Holanda, Miró, Picasso, Maiakóvski, Brecht, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Eisenstein, Mario de Andrade, José Lins do Rego, Luis Buñuel, Frederico Garcia Lorca, George Orwell, Câmara Cascudo, Orestes Barbosa... A partir de comemorações como essas, historiadores, críticos literários, sociólogos e profissionais de outras disciplinas são convidados a girarem em torno dos comemorados e produzirem uma leitura.

⁶⁶ *MANUAL de Redação da Folha de S. Paulo*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2001, p. 64.

⁶⁷ Será repetitivo dizer, mas as efemérides estão na fundação do *Mais!* e, como estamos vendo, além de serem a forma de ler a cultura, também constituem a forma de o suplemento ler-se.

Máquina de produzir leituras, as efemérides têm como limite a memória do comemorado e o lugar de enunciação de quem comemora, escrevendo. Têm-se uma legitimação pelo envelhecimento, e o caso de Gilberto Freyre (poderíamos citar outros) é exemplar nesse sentido: exilado do meio acadêmico, principalmente desde 1964, retorna no seu centenário, legitimado tanto pela esquerda quanto pela direita.

2. "Preferência em datas redondas": mesmo tendo o centenário como centro, todas as datas redondas são utilizadas nas efemérides, mas também as que formam a metade, como aquelas que terminam em cinco, ou aquelas que comemoram, por exemplo, 1 ano de morte. Mas seguindo a regra da **Folha**, os dossiês com datas redondas são maiores, com mais colaboradores e mais destaque.

3. "O recurso não deve ser vulgarizado": A efeméride funciona no *Mais!* como uma distinção, ocupando um lugar nobre dentro do próprio jornal. E talvez seja o caso de pensar que, nesse ponto, os outros suplementos da **Folha** são econômicos, até porque comemorações de todas as áreas vêm para o *Mais!*, transformando-o em um lugar em que a história não se faz, se comemora.

Nessa direção, lemos em Antelo que toda efeméride:

(...) Impõe uma ordem cíclica àquilo que não passaria de uma continuidade esvaziada de valor em si. Destaca a relevância do evento, singular e homogêneo, que assim se vê recortado em relação a uma série anônima de acontecimentos heterogêneos. Distribui valores. Fixa um consenso cultural.⁶⁹

A efeméride dá sentido às datas através dessas operações que Antelo descreve, ao destacar um evento do *continuum* da história e dar-lhe valor. Nesse sentido, o uso da efeméride para lembrar e comemorar um autor ou uma obra aparece como um sinal de mais, pois os tira do esquecimento. No *Mais!* isso fica evidente: o que a efeméride faz vir são autores e obras, na sua maioria consideradas clássicas, que ganham uma nova circulação e uma nova memória ao serem comemoradas. A forma, como veremos adiante com detalhes, utilizada para tirar do esquecimento é a construção de dossiês em que autores, críticos e intelectuais de prestígio escrevem sobre a efeméride em questão. Nesse momento dá-se o paradoxo porque, ao mesmo tempo em que o suplemento tira o

⁶⁸ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 223. vol. 1.

comemorado do esquecimento, os textos dos dossiês que ele dá a ler esquecem a “fortuna crítica” e operam como se ele fosse “escrito” pela primeira vez.

A quantidade e a qualidade de textos sobre uma efeméride no *Mais!* apontam para essa dupla operação, lembrar/esquecer, presente em todos os dossiês. O grau de abrangência do suplemento e sua circulação ajudam a legitimar o conhecimento da efeméride pelos textos apresentados, esquecendo as memórias que o comemorado já possui. Temos claramente, nesses dossiês, memórias do presente como se fossem toda a memória (ou quase toda) do comemorado. Por isso, também, a concepção de história, que está no verbete “efeméride” do *Mais!*, é duplamente problemática: ao privilegiar “evento importante na história” e, preferencialmente, “centenários”, lembra de alguns ao mesmo tempo que esquece os que já foram.

A história que vem acionada e produzida na efeméride coloca uma outra questão: o excesso de história nesses tempos de “fim da história”. É esse sentimento de excesso, que temos, ao percorrer os números do *Mais!* nesses dez anos. Um sentimento próximo à vertigem, dada a quantidade de autores e obras comemorados nos dossiês. Nesse ponto, acredito que Virno tenha percebido bem como esse paradoxo se instalou na década de 90, propondo um outro olhar sobre ele:

Nietzsche afirma que “con un cierto exceso de historia (...) se pierde la misma historia”. Podemos aquí suscribir esta afirmación a condición de modificarle el significado original. La idea de un “fin de la Historia” *no* es la consecuencia del exceso, como hipotetiza Nietzsche, *sino* de su velamiento.⁷⁰

O ofuscamento da história: esse parece ser o produto do uso repetitivo das efemérides nas comemorações do *Mais!* e que, revendo agora, está na concepção de história presente no *Manual da Folha*, que fornece as regras para o uso da efeméride.

2.2 Comemoração de lançamentos

A comemoração de lançamentos também pode ser pensada nos termos do que vimos até agora em relação à comemoração de efemérides. Elas estão associadas. Por isso nos dedicaremos aqui a tratar de uma diferença entre elas: a comemoração de

⁶⁹ ANTELO, Raul. *Machado e o modernismo*. Florianópolis: UFSC, 2000, p. 1. (inédito).

⁷⁰ VIRNO, Paolo. *El recuerdo del presente: ensayo sobre el tiempo histórico*. Buenos Aires: Piados, 2003, p. 57-8.

lançamentos está ligada, principalmente, à visibilidade de autores e de obras estrangeiras, traduzidas no Brasil. O anúncio de lançamento dá origem a um dossiê, com entrevista com o autor, artigos sobre a obra, ou textos “inspirados” no lançamento. A relação entre lançamento e comemoração está nas apresentações dos dossiês.

Apontamos, anteriormente, como há uma forte dependência da política editorial do *Mais!* em relação ao olhar do “outro”, do que está na metrópole. A comemoração de lançamentos é a explicitação dessa dependência, associando a condição de subalterno com a própria lógica do mercado, ao dar ênfase aos lançamentos de obras estrangeiras. A observação de dois dossiês torna visível o que estamos comentando e mostra uma das conseqüências dessa relação: o texto do “outro” serve de modelo para a escrita do Brasil.

O dossiê “Novos engajamentos”, de 1998, trouxe uma entrevista de quatro páginas com o escritor Ariel Dorfman, que estava vindo ao Brasil para lançar o livro “Uma vida em trânsito”. A apresentação da entrevista dizia: “O escritor Ariel Dorfman, que lança no Brasil nesta semana suas memórias, faz uma revisão das lutas sociais na América Latina na segunda metade do século”.⁷¹ Nesse caso, o que conta é a visita do autor ao Brasil. Ser estrangeiro é marca de distinção.

Uma outra forma de realizar essa comemoração é associar o lançamento de uma obra a um dossiê de artigos e/ou ficções sobre o lançamento ou sobre o tema. Nesse caso, podemos ver essa forma de comemoração no dossiê “Short Cuts à brasileira”, de 1994:

A convite do **Mais!**, seis escritores de diversas partes do país criaram curtas ‘cenas brasileiras’. Embora sem preocupação regionalista, os contos ‘fotografaram’ o Brasil de vários ângulos – do tratamento irônico da violência urbana de Modesto Carone, passando pelo patético drama amoroso de um gago por Sérgio Sant’Anna. A idéia central originou-se do filme de Robert Altman, “Short Cuts – Cenas da Vida” (em cartaz em São Paulo), por sua vez adaptado de contos do escritor Raymond Carver.⁷²

Fica explícito, nesse caso, o caráter de homenagem ao filme e livro lançados no Brasil. Além de distinção, como no caso de Dorfman, o olhar estrangeiro dá a forma para o suplemento construir um “retrato” do país. O regionalismo que parece vir nessa homenagem, já vem rebaixado em relação ao original, como segundo.

⁷¹ O ESCRITOR Ariel Dorfman... *Folha de S. Paulo*, 30 agos. 1998. *Mais!*, p. 4.

⁷² CENAS da vida brasileira. *Folha de S. Paulo*, 10 abr. 1994. *Mais!*, p. 4.

Nos dois casos, o olhar de fora é comemorado, e serve de guia para que o *Mais!* dê a ler uma “revisão das lutas sociais na América Latina na segunda metade do século”, no caso de Dorfman, e uma fotografia no Brasil, nos casos de Altman e Carver.

3. A vida como obra

A comemoração materializa-se nas capas e nos dossiês, principalmente. O modo como são construídos nos dizem dos sentidos que fazem circular. Por isso, analisaremos a seguir esses dois lugares, percebendo as relações entre imagem e texto nas capas e apresentação e colaborações nos dossiês.

3.1. Capas

A capa é o primeiro lugar de enunciação da comemoração. A primeira leitura dá-se nesse espaço que envolve e cobre o que vem a seguir. Envolve a comemoração em um sistema de relações escritas e imagéticas; cobre o que ela não consegue enunciar e está dentro. Capa, no sentido etimológico, remete também a cabeça, espaço superior de uma página em que é colocada a identidade de uma publicação. E é esse o lugar em que geralmente é posicionado o nome do suplemento, como aquele que não muda, permanecendo o mesmo, enquanto o que vem abaixo dele passa. Desde já, podemos dizer que o que vem abaixo do nome é o que preenche esse vazio, o dêitico: “este”, “aquele”, “isso”, “aquilo”, a cada edição.

Esse vazio que precisa ser preenchido para não colocar o cabeça, o nome, no abismo, é, no *Mais!*, como já vimos, o lugar da colocação de comemorados. E o que vem nas capas são cabeças, para usar um outro desdobramento daquela palavra, com ou sem corpos, preenchendo todo o espaço do suplemento. Enfim, o centro, a cabeça, é o autor. Esse espaço ocupado por ele nos faz retomar uma observação de Barthes que está em “A morte do autor”:

O *autor* reina ainda nos manuais de história literária, nas biografias de escritores, nas entrevistas das revistas, e na própria *consciência* dos literatos, preocupados em juntar, graças ao seu diário íntimo, a sua pessoa e a sua obra; a imagem da literatura que podemos encontrar na cultura corrente é tiranicamente centrada no autor.⁷³

O retorno do autor como centro de visibilidade no *Mais!* é um problema e não algo dado, depois do pós-estruturalismo, fazendo com que o texto de Barthes ganhe estranha atualidade ao re-vir como um texto falido no que ele negava, como o trecho

⁷³ BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984, p. 49-50.

que citamos. Não se operou a morte do autor, para que o leitor nascesse. Essa é a questão diante do *Mais!*: o autor é o centro das comemorações – os comemorados são autores, críticos, artistas e intelectuais já estabelecidos na história cultural e os autores que os lêem possuem prestígio nos campos em que atuam. Não há o que dizer. É esse fechamento que a manutenção da centralidade do autor produz e atravessa as duas formas de comemoração que vimos anteriormente. Assim, o uso repetitivo do autor como princípio de organização das capas acaba repercutindo também na permanência do autor nos lugares que Barthes aponta, e, principalmente, na universidade.

E por falar em re-torno do autor, podemos observar que, nas capas do *Mais!*, o modo privilegiado de ele aparecer é a fotografia, remetendo a um limite preferencial de onde vêm os autores comemorados: a modernidade. Não por acaso, coincidindo com a invenção da fotografia e com a noção de autor.

O uso reiterativo das fotos em primeiro plano, antes até do nome do suplemento e do comemorado, nos coloca diante de um dêitico – “hoje é esse” – mas, ao mesmo tempo, como diz Barthes, diante da própria coisa. Ele já não vai estar nesse lugar no próximo domingo, mas esse é ele.

A re-impressão ampliada desses ícones, na sua presença/ausência, como guias do nosso primeiro olhar, está marcada pelo o que Barthes chama de “Spectrum”:

E aquele ou aquela que é fotografado, é o alvo, o referente, espécie de pequeno simulacro, de *éidolon* emitido pelo objeto, que de bom grado eu chamaria de *Spectrum* da Fotografia, porque essa palavra mantém, através de sua raiz, uma relação com o ‘espetáculo’ e a ele acrescenta essa coisa um pouco terrível que há em toda fotografia: o retorno do morto.⁷⁴

A foto de cada autor comemorado, expandida na capa do *Mais!*, traz em seu uso esse espetáculo da morte, de que fala Barthes: em “A câmara clara”, volta reiteradamente a essa relação e talvez, pensando bem, a comemoração não seja outra coisa, ou antes de tudo, o retorno do morto, espetacularizado. A política de exposição presente no *Mais!* nos oferece como verdadeiro o que é uma aparência de verdade, um rosto como guia de leitura, como se esse rosto fosse o próprio autor.

Como o rosto não é a face e como o autor que retorna na capa do *Mais!* retorna junto com outros elementos, tentaremos aqui pensar o rosto que é produzido nessa operação. Para Agamben:

⁷⁴ BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 20.

O rosto não é simulacro, no sentido de que qualquer coisa que dissimula e mascara a verdade: ele é a ‘simultas’, o estar junto das múltiplas faces que o constituem, sem que alguma delas seja mais verdadeira que as outras. Captar a verdade do rosto significa aprender não a semelhança, mas a simultaneidade das faces, a potência inquieta que as mantém juntas e as une.⁷⁵

Isso nos chama a atenção para as capas do *Mais!*: se a foto do comemorado é nosso primeiro guia de leitura e identificação, há outros elementos que atuam na composição desse rosto e que produzem sentidos. O título do dossiê, ligado ao comemorado, e o olho explicativo que o acompanha⁷⁶, são esses elementos.

As posições que esses três elementos ocupam nas capas produzem sentidos e propõem ao leitor uma imagem. Essa imagem está relacionada com a questão do olhar. As fotos escolhidas dos comemorados que são posicionadas nas capas olham para muitas direções: para frente, de frente, para trás, para cima, para baixo, para os lados, desviam o olhar. Além disso, os títulos dos dossiês e os olhos explicativos reforçam esses posicionamentos.

Diante da diversidade das composições que resultam da articulação entre esses elementos nas capas do *Mais!*, optamos por nos deter em três posicionamentos do olhar dos comemorados, repetidos a exaustão – para trás, para frente e de frente – e os elementos que os acompanham, para esboçar uma leitura dos sentidos que essas capas propõem.

a) *Olhando para trás*

Em julho de 1998, na comemoração dos 80 anos de nascimento de Antonio Candido⁷⁷, o *Mais!* apresentou o dossiê “O crítico central”, em que ex-orientandos, colegas e admiradores homenageavam o crítico. Na foto colocada na capa, ele olha para trás e para cima, duplicado como em um fotograma. “O crítico central” e “múltiplo” será tratado, como aparece na faixa colocada no lado esquerdo da página, por múltiplos autores. A leitura que essa forma de composição parece apontar é de que Candido é uma obra já consumada e que será lido na sua biografia, no “Isso já foi”, como diz Barthes.

⁷⁵ AGAMBEN, Giorgio. *O rosto*. Disponível em http://urbi.ubi.pt/010123/edicao/op_edmundo.html, acesso em: 10 de julho de 2003. Tradução de Edmundo Cordeiro e António Bento.

⁷⁶ A ambigüidade desse termo está ligada à função que este texto tem ao estar entre o título e a imagem na capa, e, entre o título e os textos, nos dossiês. De fato, sua função é atrair o olhar do leitor por sua posição e tamanho diferenciado de letra.

A foto escolhida, e os elementos que a acompanham, coloca o crítico olhando para o passado, para sua trajetória, e, ao mesmo tempo, na duplicação, para os nomes que escrevem sobre ele como obra.

Esse mesmo tipo de foto em que o comemorado é posicionado olhando para trás aparece, também, no dossiê em comemoração aos cem anos de nascimento de Gilberto Freyre⁷⁸. “Céu & Inferno” é o título do dossiê. Ele olha para trás, para o vazio, para o inferno. E a direita (o céu?), sob a foto de Freyre, constam os nomes dos autores que escrevem sobre ele⁷⁹. Ele olha para trás; os autores, para a frente.

Escolhemos as capas com esses dois autores porque o mesmo procedimento é utilizado para posicioná-los, colocando-os como se fossem semelhantes. Críticos antagônicos, Candido e Freyre, aparecem no *Mais!* igualados pela direção do olhar. Vemos aqui um modo de representação sendo alterado, ao colocar as diferenças entre esquerda e direita na indiferença.

O relativismo que preside essas capas guia nosso olhar a acostumarmos-nos a essa aproximação tolerante entre as diferenças.

b) Olhando para frente

As capas em que o olhar do comemorado é posicionado para a frente, por sua vez, apontam para o tempo da recepção. Na comemoração aos 100 anos de nascimento de Carlos Drummond de Andrade⁸⁰ isso fica evidente. Na foto escolhida, em que se vê meio perfil e apenas parte do rosto, ele olha para frente. E na frente temos tanto o presente como o futuro. Esse poder de se fazer presente em outros e se fazer futuro vem reforçado pelo título do dossiê, “O SUPERPOETA”, e pelo eixo destacado no olho explicativo: “Autor de uma das obras mais intensas do século passado, **Carlos Drummond de Andrade**, que faria cem anos no dia 31, tem seus versos recriados por **Armando Freitas Filho**, **Carlito Azevedo** e **Francisco Alvim**. Leia também...”⁸¹ Drummond é apresentado, assim, como uma obra ainda em reelaboração e vemos o *Mais!* construindo, ou legitimando, herdeiros em torno do poeta. O foco novamente é a

⁷⁷ O CRÍTICO central. *Folha de S. Paulo*, 19 jul. 1998. *Mais!*, capa.

⁷⁸ CÉU & inferno de Gilberto Freyre. *Folha de S. Paulo*, 12 mar. 2000. *Mais!*, capa.

⁷⁹ Essas fotos, como quase todas as outras, não foram produzidas pelo suplemento no momento da comemoração; geralmente fazem parte de arquivos. Mas o que é produzido pelo *Mais!*, além do processo de escolha da foto, é a posição em que o autor vai ser colocado na capa.

⁸⁰ O SUPERPOETA. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. *Mais!*, capa.

⁸¹ O SUPERPOETA. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. *Mais!*, capa.

vida, inclusive nas recriações, como a de Carlito Azevedo, que lê a “Elegia 1938” como “Elegia 05-08-1987”, colocando em cena o poeta no dia da morte de sua filha:

(...)

Revoluções e filhos são mais
incontroláveis do que poéticos:

eis a *quinta-essência* do
aprendizado? Maria Julieta está morta.

Cruza o túnel do Pasmado, e mais outro.
Tudo somado, talvez esteja recitando:

‘A Avenida Atlântica situa essas
coisas numa palidez de galáxias.’⁸²

A vida como obra aparece claramente nos artigos, como o de Beatriz Resende, “Um funcionário exemplar”. Então, se o olhar posicionado para a frente diz da possibilidade de recepção e reelaboração, o olho explicativo e o dossiê mostram que o que se recebe e o que se reelabora é a vida do poeta como obra⁸³.

c) Olhando de frente (olhando para o leitor)

Nas capas em que o comemorado olha de frente ele parece nos guiar para o presente da recepção, como no dossiê de 2002 sobre Roland Barthes. Ele está em pé, com as mãos no casaco e nos olha. Ao lado, como se fosse uma coluna, vem o título do dossiê: “Barthes real”. Nesse caso, a foto e o título relacionam-se com o olho: “Publicação dos cursos e seminários na França e lançamento de textos inéditos no Brasil reavivam o debate sobre a obra do crítico. Ensaio de Leyla Perrone-Moisés”.⁸⁴ Está explícito que o que reaviva e faz retornar o olhar de Barthes é a comemoração de lançamento; isto o torna “real”, “presente” e, por isso, ele é posicionado nos olhando de frente. Essa posição de olhar parece guiar o leitor a reelaborar a obra do comemorado através do consumo.

Essa relação com o leitor parece ficar ainda mais evidente em uma outra capa: a do dossiê “Guia de leitura da história do Brasil”.⁸⁵ Na parte superior, simétrica ao título,

⁸² AZEVEDO, Carlito. Elegia 05-08-1987. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. Mais!, p. 7.

⁸³ Voltaremos a esse assunto.

⁸⁴ BARTHES real. *Folha de S. Paulo*, 17 nov. 2002. Mais!, capa.

⁸⁵ GUIA de leitura da história brasileira. *Folha de S. Paulo*, 2 abr. 2000. Mais!, capa.

vemos uma gravura de um índio botocudo; na parte de baixo, ocupando o mesmo espaço do índio, em letras garrafais, o título do dossiê “Guia de leitura da história brasileira” e, no canto esquerdo, em letras miúdas, a procedência da gravura: “Desenho de botocudo feito pela expedição no Brasil do príncipe Maximilian Von Wied-Neuwied (1815-1817)”⁸⁶. Quem guia a leitura aqui? Pela disposição dos elementos na capa, a primeira impressão é a de que o índio teria essa função: uma leitura da história do Brasil a partir de um olhar dos excluídos. A nomeação do índio como “botocudo” e a referência quanto à origem da gravura, no entanto, colocam sob tensão essa leitura. O índio apresentado na gravura é uma construção, uma representação, feita pela expedição de um príncipe alemão no Brasil. Ele é uma atribuição do outro, como o é a própria nomeação, já que botocudo é um termo usado pelos portugueses para denominarem os índios que usavam botoques, dos caingangues aos xetás, por exemplo. Assim, esse índio é duplamente uma representação dos outros, dos colonizadores, e se observarmos os usos da palavra botocudo, veremos que ela tem “valor desde sempre pejorativo, por bárbaro, rude, selvagem”⁸⁷. O botoque da gravura parece funcionar também como um objeto que impede a fala, como algo que suprime a voz. Esses sentidos são recolocados em cena pela capa do *Mais!*, e, novamente, com caráter pejorativo, porque não é o botocudo quem guia a leitura da história do Brasil. Quem guia a leitura são sete historiadores, que apresentam listas de livros, e a **Folha**, que lançou, naquele domingo, uma coleção de livros sobre o Brasil: “Série reúne 12 volumes essenciais para entender o país”.⁸⁸ O que vemos na capa é a reposição, mais uma vez, de uma representação de botocudo pejorativa, atribuída pelo superior, impedindo novamente sua fala e seu olhar. Poderíamos avançar no escrutínio dos sentidos que essa capa faz circular, mas talvez seja útil deixar aqui algumas perguntas: podemos pensar esse botocudo como uma representação do leitor? Por que a reposição dessa imagem vem, novamente, em posição dominada? Como lidar com o “caipira” que está em um dos usos da palavra botocudo?

A forma como os elementos das capas do *Mais!* guiam o olhar do leitor tem o seu prefácio, no sentido de introduzir a leitura, na capa do primeiro número de 2000: em primeiro plano temos o título “Os cem melhores poemas do século”⁸⁹ e, abaixo, um rosto que não se completa. Ou melhor, o título funciona como os olhos desse rosto sem

⁸⁶ GUIA de leitura da história brasileira. *Folha de S. Paulo*, 2 abr. 2000. *Mais!*, capa.

⁸⁷ HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p.

⁸⁸ DA REDAÇÃO. Folha lança coleção sobre o Brasil. *Folha de S. Paulo*, 2 abr. 2000. *Mais!*, p. 10.

⁸⁹ OS CEM melhores poemas do século. *Folha de S. Paulo*, 2 jan. 2000. *Mais!*, capa.

olhos. Isso tem conseqüências: a voz do *Mais!* assume-se aqui como a cabeça do corpo cultural, guiando a leitura do gênero mais nobre, do que estaria distante do mercado. Na parte de baixo do rosto, já no corpo, lemos novamente o rebaixamento, o lugar segundo, do país em relação ao universal: “Os principais poemas brasileiros de todos os tempos”.

Essas posições do olhar que podemos ler nas capas do *Mais!* chamam a atenção para o modo do retorno do morto para sua comemoração: os títulos do suplemento funcionam como os olhos (os guias) desses autores e, ao mesmo tempo, dos nossos.

3.2. dossiês

No Houaiss, lemos que dossiê é uma “série de documentos importantes que tratam, revelam a vida de um ou mais indivíduos, de um país, de uma instituição”.⁹⁰ Aproximar esta definição com a prática do *Mais!* em desenvolver o rosto proposto na capa é o objetivo dessas notas, para pensar esse lugar privilegiado da comemoração.

A escolha do dossiê como a forma de desenvolver as capas mantém (e reforça) o sistema autor/vida. Reforça porque o dossiê tem como princípio a “revelação” de vidas em segredo. Ou talvez seja mais apropriado falar em mistério, já que etimologicamente dossiê é uma vida revelada por documentos. Como diz Antelo: “(...) o mistério alude a um todo coberto, velado. No mistério a imagem do véu nos separa do objeto e nos remete, imediatamente, ao longínquo”.⁹¹

A idéia de revelação como desvelamento pressupõe a coisa já aí, o tempo todo, mas distante, esperando um trabalho de investigação para tornar-se visível. Operação que só é levada a termo quando o objeto é (ou está) investido do extraordinário; extraordinário⁹², que foge do cotidiano. Assim, reforçar o sistema autor/obra através da produção de dossiês é considerá-lo envolvido em um mistério e que, a partir de textos e documentos, seja possível revelar a verdade. Essa pressuposição, como diz Barthes, já estava implicada nos usos que a tradição fez da noção de autor:

(...) Dar um Autor a um texto é impor um mecanismo de segurança, é dotá-lo de um significado último, é fechar a escrita. Esta concepção convém perfeitamente à crítica, que pretende então atribuir-se a tarefa importante de descobrir o Autor (ou as suas

⁹⁰ HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 1080.

⁹¹ ANTELO, Raul. *Transgressão & modernidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001, p. 43.

⁹² O extra-ordinário remete ao sentido da efeméride como o dia que se destaca dos outros.

hipóteses: a sociedade, a história, a psique, a liberdade) sob a obra: encontrado o Autor, o texto é ‘explicado’, o crítico venceu.⁹³

É esse modo de ler, essa busca do autor ironizada por Barthes há mais de 30 anos, que podemos ver em funcionamento em um dossiê do *Mais!* sobre Rubem Fonseca. O Autor não é mencionado na capa, mas o fac-símile da ficha de comissário de polícia no alto da primeira página revela-nos que o escritor está completando 70 anos (uma efeméride!). Os dois elementos – a ficha e a data de nascimento – dão o tom de revelação do dossiê, que é estridente no título: “A verdadeira história policial de Rubem Fonseca”.⁹⁴

Em uma pesquisa de dois anos, conforme informa o jornalista responsável pelo dossiê, Mario César Carvalho, finalmente encontrou-se uma ligação entre as obras produzidas por Rubem Fonseca e a sua vida. A presença de policiais, médicos legistas e advogados detetives devia esconder uma verdade até então velada. O desvelamento está no texto do dossiê, mas, principalmente, nos documentos e fotos espalhados pelas quatro páginas. Entre eles está, inclusive, a foto de trecho de um documento com a assinatura do autor e a frase com que ele encerrava o seu expediente de 24 horas na polícia do Rio de Janeiro, nos anos 50: “Nada mais ocorreu. José Rubem Fonseca. Comissário”.⁹⁵

Embora Carvalho admita que o período em que Fonseca foi comissário pode ser considerado curto – nove meses – aponta-o como a essência da verdade da obra do autor:

A carreira relâmpago, os nove meses, como tira de rua, parecem ter sido suficientes para mudar um naco da literatura brasileira.
Até 1963, o mundo barra-pesada tratado por Fonseca era tão alienígena para a classe média que lê como as aranhas de Marte.
Fonseca abriu as portas da violência para esse público (...).
Fonseca viveu uma parte daquilo tudo e conseguiu transformá-la em literatura. Não deixa de ser uma grande arte.⁹⁶

O “desvelamento” da obra de Fonseca a partir de sua vida ganha em intensidade nas duas últimas páginas, em que o jornalista apresenta o depoimento de quatro ex-

⁹³ BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984, p. 52.

⁹⁴ CARVALHO, Mario Cesar. A verdadeira história policial de Rubem Fonseca. *Folha de S. Paulo*, 25 de jun. 1995. *Mais!*, p. 10-13.

⁹⁵ CARVALHO, Mario Cesar. A verdadeira história policial de Rubem Fonseca. *Folha de S. Paulo*, 25 de jun. 1995. *Mais!*, p. 11.

colegas do autor, que narram episódios da vida na polícia, junto com Fonseca. Ao lado de cada depoimento, há um trecho de uma das obras do autor, para “provar” como o que agora é literatura aconteceu de verdade.

O dossiê segue à risca a tarefa de descobrir o autor sob a obra, mostrando com explícita alegria – inicialmente como um segredo ao pé do ouvido até chegar próximo a um caso policial – a verdade da obra de Rubem Fonseca ou, em outros termos, a resposta à pergunta: de onde vêm a escrita de Fonseca?

Da leitura desse dossiê, fica patente que, para colocar esse modo de ler em funcionamento, o jornalista tomou uma experiência individual e a universalizou, como se pudesse aplicá-la para qualquer outro autor. E, de fato, poderíamos nos perguntar se não temos aqui proto-elementos do funcionamento dos dossiês comemorativos do *Mais!*: o modo de ler universalizado e a presença de muitas vozes que falam do comemorado. Por isso, antes de ser um caso isolado, motivado pelo silêncio do autor sobre seu passado, esses elementos repetem-se à exaustão no tratamento dos demais autores que ganham visibilidade.

Esse modo de ler, tributário de uma crítica positivista que se pressupunha morta e enterrada, pensa a arte como comunicação de uma comunidade, como espelho, e, portanto, passível de ser revelada através da vida do autor. O seu funcionamento é operacionalizado a partir da presença de várias vozes que produzem o comemorado e remete-nos para a discussão sobre o pluralismo. Presente como “slogan” na década de 90, aparece como um dos princípios editoriais no **Manual da Folha de S. Paulo**:

pluralismo – Princípio editorial da **Folha**. Numa sociedade complexa, todo fato se presta a interpretações múltiplas, quando não antagônicas. O leitor da **Folha** deve ter assegurado seu direito de acesso a todas elas.

Todas as tendências ideológicas expressivas da sociedade devem estar representadas no jornal.⁹⁷

Esse princípio, que a **Folha** só pôde enunciar no período pós-diretas-já, pois senão seria obrigada a dar a palavra ao outro que estava negando, aparece principalmente nas colunas em que predomina o gênero opinativo. Coerente com o que estabelece como regra, essas colunas trazem sempre duas opiniões sobre um mesmo fato. Direito do leitor ao acesso a múltiplas interpretações que um fato pode ter, esse princípio parece

⁹⁶ CARVALHO, Mario Cesar. A verdadeira história policial de Rubem Fonseca. *Folha de S. Paulo*, 25 de jun. 1995. *Mais!*, p. 13.

⁹⁷ MANUAL de Redação. *Folha de S. Paulo*, 2001, p. 47.

apostar, depois de o país ter passado por uma ditadura militar, na possibilidade da livre escolha a partir das informações disponíveis. O último parágrafo é ainda mais explícito, nesse sentido, ao estabelecer que “Todas as tendências ideológicas expressivas da sociedade devem estar representadas no jornal”.⁹⁸ Tomada ao pé da letra, essa formulação parece propor uma soma, uma adição do que é diferente em um mesmo espaço, colocando um sinal de + para cada uma das “tendências ideológicas expressivas”.⁹⁹ Não é meu objetivo e nem é esse o espaço para desenvolver em todas as conseqüências esse argumento, mas é possível observar que esse princípio político não parece ter a sua melhor realização nas editoriais de política, economia ou internacional, e, sim, em outro lugar: no cultural.

Se voltarmos à lista das comemorações do *Mais!* apresentada no início do trabalho, perceberemos que em poucos dossiês não há a presença de “interpretações múltiplas” em torno de um comemorado. Nenhuma outra editoria os utiliza com tanta frequência e com tantas colaborações ao mesmo tempo. A adoção do sinal de + antes de cada rubrica a partir de 1999, além de remeter ao próprio nome, remete ao que vínhamos discutindo sobre a positivação de tudo o que entra no suplemento. Nesse sentido, a sua própria estrutura, desde o início, está construída a partir da tolerância, lado a lado, de diferenças. Mas para aonde essa espécie de equivalência universal nos leva? Uma resposta possível é a que nos propõe Hal Foster: “Tida como liberdade a ser escolhida, a posição pluralista faz parte da ideologia do ‘livre mercado’”.¹⁰⁰ É essa ambigüidade que os usos e as práticas do pluralismo parecem carregar na década de 90 e que atravessa todo o *Mais!*: por um lado, uma comemoração é sempre lida por muitas vozes, a partir de pontos de vista diferentes e, por outro, essas vozes somam-se, adicionam-se, quase nunca gerando polêmica. Aqui cabe um parêntesis: se pensarmos a arte como um saber que não sabe, é consenso que muitas leituras são possíveis. Essa premissa também parece estar nos usos do pluralismo pelo *Mais!*, só que, não esqueçamos, a obra de arte aqui é a vida do comemorado.

Voltando ao dossiê “O crítico central”, podemos perceber melhor o que estamos discutindo: são 16 autores, pertencentes a correntes teóricas diferentes, que escrevem sobre a trajetória de Antonio Candido. Como o que está em jogo é o sistema autor/obra

⁹⁸ MANUAL de Redação. *Folha de S. Paulo*, 2001, p. 47.

⁹⁹ MANUAL de Redação. *Folha de S. Paulo*, 2001, p. 47

¹⁰⁰ FOSTER, Hal. *Recodificação: arte, espetáculo, política cultural*. São Paulo: Casa Editorial Paulista, 1996. p. 36.

não há polêmicas e sim reverências. O texto de Walnice Nogueira Galvão, na mesma linha dos demais, é exemplar nesse sentido:

O dia em que o crítico subiu na mesa – Sopravam os ventos da abertura, o ano era 1979 e a estação, o outono. Professores e demais funcionários públicos pela primeira vez paralisavam juntos o trabalho, em longa e ingrata greve, afinal perdida. Absoluta novidade, os funcionários, ainda que proibidos pelos estatutos, saíram em passeata.¹⁰¹

E a ex-orientanda continua o relato até chegar à cena que dá título a seu texto e que, segundo ela, tornou-se um evento com dimensões históricas:

Às reclamações dos manifestantes, o pessoal se mexeu e acabou desencavando, não se sabe de onde, uma mesinha. A humilde peça de mobiliário encontrou sua gloriosa serventia ao se metamorfosear em tribuna para os oradores da sessão. E foi assim que se registrou para a posteridade o instantâneo do vice-presidente e primeiro orador, Antonio Candido, subindo na mesa pelo comando de greve da USP e clamando por união. Em minutos, adequou os pingos aos 'is' - outros que não aqueles tombando do céu - e serenou os ânimos, botando ordem nos trabalhos.¹⁰²

O título desmetaforizado, quase literal - o homem que ficou em pé em cima de uma mesa - e a noção de história dependente do extraordinário - um professor de esquerda, elegante, discreto, fica em pé em uma mesa em uma reunião de greve - funcionam quase como um tique nesse texto. Um gesto mínimo do comemorado ganha, agora, nessas memórias do presente, ares de evento histórico.

Esse olhar não é uma exceção. É possível vê-lo em outros pontos de vista, inclusive de quem não foi aluno de Candido, como José Paulo Paes:

Nunca fui aluno do professor Antonio Candido. Mas leio o escritor Antonio Candido desde a década de 40. Comecei, rapazola ainda, pelos seus rodapés de crítica literária na 'Folha da Manhã', mais tarde reunidos em 'Brigada Ligeira', de que guardo a primeira edição, da Livraria Editora Martins. Foi esse livrinho que, numa quadra de ainda hegemonia da prosa de ficção social-documentária, me abriu os olhos para a importância do díptico 'Miramar/Serafim' na evolução das formas de ficção brasileira.¹⁰³

E desse modo os pontos de vista vão adicionando-se. Há um elemento novo no texto de Paes, mas que já estava no de Galvão, ainda que de forma discreta: nos textos

¹⁰¹ GALVÃO, Walnice Nogueira. O dia em que o crítico subiu a mesa. *Folha de S. Paulo*, 19 jul. 1998. Mais!, p.6.

¹⁰² GALVÃO, Walnice Nogueira. O dia em que o crítico subiu na mesa. *Folha de S. Paulo*, 19 jul. 1998. Mais!, p.6.

¹⁰³ PAES, José Paulo. História e indivíduo. *Folha de S. Paulo*, 19 jul. 1998. Mais!, p.6.

para a comemoração, quem escreve inclui-se como personagem da história do outro, como testemunha ocular, ou como memória afetiva e, às vezes, desvia o olhar para um lugar, como acontece em muitos dos escritos em homenagem a Candido, como veremos adiante.

A forma dossiê, tal como utilizada pelo *Mais!*, funciona a partir de duas pressuposições: 1. A vida como obra pode ser desvelada, por isso os dossiês com muitas vozes; e 2. A vida como obra pode ser consumida. Desse modo, essas memórias do presente (auxiliadas pela presença de fotos do autor homenageado e geralmente com trechos de suas obras), podem ser consumidas; são dêiticas, e, ao mesmo tempo, a própria coisa. A vida transformada em obra, ou melhor, transformada em livro de memória: esse parece ser o produto desses dossiês. Uma memória no presente. Uma memória do presente.

Mas para entendermos o dossiê em homenagem a Antonio Candido e os demais, precisamos voltar a nos referir a um elemento que sempre aparece no início de cada dossiê, entre o título e os textos, destacado dos textos e imagens, sem assinatura: é uma voz/olho que resume e apresenta o que vem a seguir. Vejamos a voz do dossiê que estávamos analisando: “Dezesseis intelectuais falam sobre o autor de ‘Literatura e Sociedade’, que está completando 80 anos”.¹⁰⁴ Essa voz é a duplicação ou reaparição daquela que já aparecia nas capas. A função é a mesma: guiar a leitura da capa e, depois, guiar, fornecendo o protocolo, a leitura dos textos do dossiê.

Com a devida distância, a voz que guia a leitura dos dossiês parece ter uma função próxima a uma outra voz, como a percebida por Deborah Root:

No Museu do Vaticano os turistas percorrem através de galeria após galeria, no andar de cima, nos corredores abaixo, até que repentinamente uma voz insinuante e muito calma anuncia: ‘Você está próxima de entrar na Capela Sistina’, e pede a eles para ficarem quietos. Todos obedecem, talvez receando a voz de Deus. A suave voz feminina prepara e regula a experiência do visitante do teto do Michelangelo, classificando-o como um acontecimento importante, mais importante do que os Rafaelis ou Berninis localizados noutro lugar do museu. A voz lembra os turistas de prestarem atenção e informa-os que suas experiências da capela serão comoventes e sublimes, a não ser que eles por acaso sejam filisteus ignorantes (...)

A voz desencarnada deixa os espectadores decidirem se o acontecimento refere-se a Deus ou a Michelangelo, mas também diz a eles que alguma coisa extremamente significativa deve acontecer enquanto eles contemplam estas pinturas. Mas o odor de santidade em volta destas pinturas pode, para alguns espectadores, ser desconcertante. A útil preparação para a experiência sublime da arte pode finalmente

¹⁰⁴ DEZESSEIS intelectuais falam.... *Folha de S. Paulo*, 19 jul. 1998. *Mais!*, p.4.

ter um efeito amortecedor nos visitantes porque ele deixa a pequena sala para erro de previsão, para reações inesperadas, ou inclusive para indiferença ao teto.

As grandes galerias de arte ocidentais, tais como o Museu do Vaticano, compartilham muitas características-chaves com museus etnográficos. Eles têm agendas similares: alguém instrui o observador sobre cultura exibindo o que é presumido tomar liberdade (...). Outra pessoa guia o espectador a conclusões paralelas exibindo a grandeza que supostamente reside no coração da cultura Ocidental.¹⁰⁵

3.3. &

A voz que o *Mais!* espalha nos títulos das capas e no início dos dossiês guia a leitura dos mesmos e, com freqüência, o faz de um modo que vale a pena comentar: a colocação, lado a lado, de diferenças, na mesma lógica do pluralismo que vimos até agora.

Ismail Xavier, fazendo um balanço do cinema brasileiro dos anos 90, em entrevista no *Mais!*, lê como linha dominante dos filmes aquela que promove e comemora "encontros inesperados", como o do documentarista João Moreira Salles e o traficante Marcelinho VP ou de Sarah Bernhardt "com a matuta de Minas em 'Amélia'".¹⁰⁶

Na mesma direção, embora sem o tom comemorativo, Silvano Santiago, em ensaio sobre Borges, lê esse modo de operar: "Os latino-americanos sempre vivemos no lugar da desordem nos encontros, nos encontros arruinados, nos escombros catastróficos. Por isso, desde o princípio, tivemos de acatar a vizinhança de seres inesperados".¹⁰⁷

Encontros inesperados / vizinhança de seres inesperados: propomos aqui a leitura da capa de um dossiê em que a voz aponta para a vizinhança de diferenças: **Paulo Paulinho**¹⁰⁸.

Na comemoração dos 80 anos de nascimento de Paulo Autran e nos 60 de Paulinho da Viola, o *Mais!* apresentou-os juntos, na mesma capa. Além da coincidência das efemérides com números redondos, os nomes os aproximam. Assim eles são

¹⁰⁵ ROOT, Deborah. *Cannibal culture: art, appropriation, & the commodification of difference*. Colorado: Westview, 1996, p. 136.

¹⁰⁶ CONTI, Mario Sergio. Encontros inesperados: entrevista com Ismail Xavier. *Folha de S. Paulo*, 3 dez. 2000. *Mais!*, p. 12.

¹⁰⁷ SANTIAGO, Silvano. *A ameaça do lobisomem*. Rio de Janeiro: Pacc, 2002, p. 2. Disponível em <http://acd.ufrj.br/pacc/lobisomen.html>. Acesso em: 07 de maio de 2003.

¹⁰⁸ PAULO Paulinho. *Folha de S. Paulo*, 25 ago. 2002. *Mais!*, capa.

apresentados na capa: “PAULO PAULINHO - Duas das figuras decisivas para entender a evolução do **teatro** e da **música** no Brasil fazem um balanço das vidas e carreiras em entrevistas exclusivas ao Mais!”.¹⁰⁹ O inesperado da aproximação deixa perceber que o que está sendo comemorado é o híbrido, tal como é festejado, em chave positiva, por Néstor Garcia Canclini no livro "Culturas híbridas", lançado - parece que não por acaso - no ano em que se comemorou a queda do Muro de Berlim. O livro de Canclini é pródigo em mostrar como o híbrido é um avanço a ser comemorado, citando por exemplo, a presença de intelectuais na tv e a transformação do artesanato de uma vila mexicana em alta cultura. O que está em jogo aqui é a idéia de mescla, em que a presença dos diferentes no mesmo espaço apresenta-se como um progresso¹¹⁰.

Mas essa proximidade pode ser vista de outro modo. E para essa outra leitura, vamos nos utilizar de textos publicados no próprio *Mais!* Um deles é o de Luiz Eduardo Soares:

(...) Eis minha tese: a via autoritária de modernização, combinada ao modelo cultural hierárquico, gerou um hibridismo, um sincretismo perverso, uma cultura de duas vozes contraditórias, proclamando uma dupla mensagem com conseqüências importantes. Essa dupla mensagem, que socializa os brasileiros, proclama, nos textos escolares, nos discursos políticos, na legislação trabalhista, na convocação universalista ao mundo hedonista do consumo ilimitado: 'Você é um indivíduo igual aos demais; cidadão, sob a lei que nos protege'. Ao mesmo tempo, a mesma voz reafirma: 'Você não é como os outros. Você tem um lugar. Ponha-se no seu lugar (superior ou inferior). Seu lugar na hierarquia determinará o modo pelo qual você será tratado pela polícia, pela justiça, pelos outros.'¹¹¹

¹⁰⁹ PAULO Paulinho. *Folha de S. Paulo*, 25 ago. 2002. *Mais!*, capa

¹¹⁰ O hibridismo como mescla, tal como proposto por Canclini, foi duramente criticado, pelo seu viés comemorativo e liberal, por críticos latino-americanos a partir das leituras de teóricos do pós-colonialismo como Homi Bhabha. Dentre esses críticos podemos citar Raul Antelo e Nelly Richard. Para Antelo: “Como se apresenta a questão do hibridismo da perspectiva latino-americana? Nestor Garcia Canclini vem tentando resolver a questão da decisão e da indecibilidade do cultural sob uma perspectiva relativamente pragmática que, diante da heterogeneidade multitemporal da nação, não hesita em redefini-la, de maneira aliás bastante próxima ao neoliberalismo, como uma comunidade interpretativa de consumidores (ANTELO, Raul. O híbrido como categoria crítica. *Grifos*, Chapecó, n. 8, 2000, p. 25). Richard também crítica o hibridismo proposto por Canclini pela aproximação fácil ao consumo que ele acaba gerando e percebe um elemento importante que surge nesse processo, a reconversão: “El acento puesto en la función de ‘reconversión’ de la hibridez rompe efectivamente con el maniqueísmo rígido que esencializa lo dominante y lo subalterno como polaridades fijas, concebidas según relaciones lineales de antagonismo absoluto. Pero la función de ‘reconversión’ sirve también, y sobre todo, como un ecléctico mercado de la diversidad que promueve la globalización. La reconversión es una táctica sociocultural de negociación entre repertorios desiguales que se productivizan en el reciclaje, nos dice Garcia Canclini, poniendo el énfasis en lo económico-productivo que deriva de las operaciones de mercado” (RICHARD, Nelly. *Hibridación. Reconversión: identidades y saberes en tiempos de globalización*. Santiago de Chile, Arcis, 2001, p. 1. Inédito). Nos capítulos II e III a questão da reconversão voltará em primeiro plano.

¹¹¹ SOARES, Luiz Eduardo. O individualismo oportunista. *Folha de S. Paulo*, 22 maio 1996. *Mais!*, p. .

Assim, Paulo **Paulinho**, mais que uma felicidade de coincidências é o lugar aonde essas duas vozes contraditórias se encontram, e os efeitos desse encontro passam despercebidos porque estamos socializados nesse modelo e já o naturalizamos. O inesperado nessa capa não é a homenagem a Paulo Autran, signo da alta cultura e da própria história do teatro do século XX, nem a homenagem a Paulinho da Viola, signo da cultura popular e um músico com uma trajetória das mais interessantes. O inesperado é o *Mais!* colocá-los juntos, como se um derivasse do outro ou, de outro modo, o tom inesperado vem das posições em que cada um é apresentado: à esquerda, no alto da página, temos a foto de Paulo Autran, ereto, em pose senhorial, olhando para a frente. Há firmeza no seu olhar. Ao lado, mas na parte de baixo, temos Paulinho da Viola, um negro, cabeça baixa, olhando para o chão. Ele está posicionado simetricamente abaixo de Autran. Não é nada, mas temos aqui a re-produção das tensões seculares da sociedade brasileira: branco/negro, senhor/escravo, alta cultura/cultura popular. Mais um elemento reforça essa leitura: os nomes dos dois artistas são posicionados verticalmente e essa linha serve para separá-los.

Assim, a proximidade física gerada pela efeméride não gera justiça social nem uma nova possibilidade de pensar a sociedade brasileira a partir da aproximação dos contrários, porque essa cena reproduz o que se tornou regra nessa sociedade: o apaziguamento das diferenças, mas mantendo-as, que está explícito na junção dos dois nomes: Paulo **Paulinho**. Por mais que Paulinho seja um nome artístico, sua aproximação ao de Paulo Autran gera uma aproximação desigual naturalizada no nosso cotidiano.

Essa aproximação não gera igualdade de posições. É isso que percebe também João Cezar de Castro Rocha, na sua leitura de Sérgio Buarque de Holanda e Carlos Drummond de Andrade, no texto "O (des)leitor de 'Raízes do Brasil'", publicado no *Mais!* em 27 de outubro de 2002, no dossiê comemorativo ao centenário de nascimento do "poeta de Itabira":

(...) De fato, a experiência histórica brasileira engendrou uma interação bem-sucedida, marcada pelo predomínio do afeto, pela proximidade física entre contrários, enfim, por um alto grau de porosidade social entre pólos opostos. Tal porosidade, porém, não se traduz em justiça social, distribuição de riquezas, ou seja, acesso à plena cidadania. Por isso, os alarmantes índices de violência e de pobreza

demonstram que muitos brasileiros são estrangeiros no próprio país, ou 'no máximo', são cidadãos de segunda classe.¹¹²

Violenta proximidade dos contrários que pode ser vista no *Mais!*, comemorada como se fosse um avanço. Presente em todos os números do *Mais!*, chama atenção pela sua continuidade. Ela pode ser vista também na estrutura do suplemento, como na colocação, lado a lado, a partir de fevereiro de 1998, da coluna de poesia “Risco no Disco”, de Ledusha, e da coluna de “Horóscopo”. Para observar o que essas duas colunas produzem juntas vamos ler os textos publicados no dia 21 de fevereiro de 1999 em cada uma delas.

Vamos à apresentação do horóscopo:

A realidade não é nenhum desastre

No céu de fevereiro o Sol transita por Peixes, Vênus ingressa em Áries para logo entrar em conjunção com Júpiter, e a Lua que cresce em Touro estará fora de curso a partir das 18h36 de hoje até 16h54 de amanhã, horário de Brasília, quando ingressa em Gêmeos.

Enquanto isso aqui na Terra, começa um pequeno período em que as coisas podem dar certo para os humanos. Muitas são as adversidades, inúmeros os obstáculos e terríveis os perigos que há no caminho. Mas as almas que não tenham desistido da felicidade e da sua conseqüente prosperidade haverão de reconhecer as possibilidades que se abrem. Não é necessária a perfeição, pois essa está realmente muito longe de acontecer, e as circunstâncias que rodeiam as possibilidades que se abrem são tudo, menos tranqüilas ou simples. A aparência é que o universo inteiro está conspirando contra a felicidade humana.

A realidade não é perceptível pelos sentidos físicos, pois a realidade não é objetiva. A realidade é composta por todos os fatores subjetivos que germinaram na alma do mundo. São perceptíveis por meio da oração, por meio dos sonhos e por meio da difusa fé que anima os humanos a continuar lutando entre o céu e a terra.¹¹³

No mesmo dia, ao seu lado, podemos ler, na coluna da Ledusha:

Sereno enigma

Palavras pífiyas palavras pé-
talas palavras plúmbeas vãs
putrefatas penosas pélvicas
sãs matriarcas palavras ínti-
mas – as tais insensatas – pa-
lavras rápidas palavras pérfi-
das pecaminosas donas do
equivoco palavras néscias

¹¹² ROCHA, João Cezar Castro da. O (des)leitor de "Raízes do Brasil". *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. *Mais!*, p. 13.

¹¹³ QUIROGA, Oscar. A realidade não é nenhum desastre. *Folha de S. Paulo*, 21 fev. 1999, p. 10.

sonsas ingratas palavras rudes
infectas lúgubres fôrmas ilícitas
do próprio fardo tímidas
pândegas líquidas gastas miraculosas
palavras intactas palavras crescem
onde não cabem mal ditas desditas
palavras matam por nada. Aspiram
parir sem dores o indizível o
inconsútil o inefável sedentas
palavras buscam danadas sereno
enigma, o anties-tigma: morrer caladas.¹¹⁴

O esgotamento permeia todo o poema, construído como uma máquina que reverbera incessantemente qualidades da palavra e em que, como em uma natureza-morta, toda a tensão é condensada em um “morrer caladas”. A leitura da “luta vã com as palavras” (como em Drummond) e seu fracasso, proposta neste poema, além de ser um suplemento drummondiano, é um suplemento que se acrescenta (mas não substitui) a coluna dominical do horóscopo. O fim do poema de Ledusha “tigma: morrer caladas”, aponta para o desastre, ao esfacelar as séries semióticas e semânticas que o constroem.

Agamben, falando do fim do poema, aponta nessa direção:

Isto significaria que o poema cai marcando mais uma vez a oposição entre o semiótico e o semântico, assim como o som parece para sempre consignado ao som e o sentido entregue ao sentido. A dupla intensidade que anima a língua não se aplaca numa compreensão última, mas se abisma, por assim dizer, no silêncio numa queda sem fim.¹¹⁵

O fim do poema carrega o som e o sentido para o abismo. O fim do poema de Ledusha intensifica o esgotamento das palavras em significar e aponta para a inevitabilidade de todo poema constituir-se como um desastre para as palavras e seus sentidos.¹¹⁶

Assim, o poema de Ledusha coloca no abismo também o texto que está ao lado, o do horóscopo. Por outro lado, este deslê o poema e procura estabilizá-lo, ao afirmar:

Não é necessária a perfeição, pois essa está realmente muito longe de acontecer, e as circunstâncias que rodeiam as possibilidades que se abriram são tudo, menos

¹¹⁴ SPINARDI, Ledusha. Sereno enigma. *Folha de S. Paulo*, 21 fev. 1999. Mais!, p. 10.

¹¹⁵ AGAMBEN, Giorgio. O fim do poema. *Cacto*. São Paulo, n. 1, 2002, p. 147-148.

¹¹⁶ É o que lemos também em DERRIDA, Jacques. Che cos'è la poesia? Rio de Janeiro, *Inimigo Rumor*, n. 10, maio 2001, p. 113-116.

tranqüilas ou simples. A aparência é que o universo inteiro está conspirando contra a felicidade humana¹¹⁷.

Se o desastre é um mundo abandonado pelos astros, o horóscopo opera como se eles ainda nos guiassem, inclusive de forma cronológica e precisa, como podemos ver no texto de Quiroga.

O que interessa para a nossa discussão é que a colocação do poema e do horóscopo, lado a lado, produz uma hibridez para consumo, já que, mesmo um apontando para o cancelamento do sentido do outro, convivem...

¹¹⁷ QUIROGA, Oscar. A realidade não é nenhum desastre. *Folha de S. Paulo*, 21 fev. 1999, p. 10.

!

E se é possível perceber que o *Mais!* é construído como o lugar da comemoração de encontros inesperados em efemérides de mortes e nascimentos e lançamentos de obras, constituindo-se como um excesso de memória, vemos agora que a celebração estava o tempo todo marcando cada entrada, cada manchete, cada domingo. E isso nos faz desler o que sabemos dele, porque a presença repetitiva e obsessiva do ! no nome, mas também disseminada nos títulos de dossiês e textos publicados, é a ficção do *Mais!*. Repercutindo ou produzindo celebrações, esse suplemento pôs em circulação o ! e nele é possível ler uma ficção, a da comemoração. Assim, observando a sua circulação queremos ver, na sua inoperância, o que ele põe sob o signo da comemoração com tanta intensidade, já que retorna sempre. Retorna, mesmo contra a lei de uso, explicitada nos manuais da **Folha** publicados no início e no fim do período que estamos lendo:

Ponto de exclamação - Quase sempre desnecessário no texto jornalístico. Nunca use em título. Em texto noticioso, só use entre aspas na reprodução literal de declaração enfática. A força de acontecimento jornalístico decorre de sua própria dramaticidade, não de recursos de estilo de qualquer espécie.¹

Ponto de exclamação - nunca use em título, a não ser em casos excepcionais, com autorização da Secretaria da Redação. Em texto noticioso, só use entre aspas, na reprodução literal de declaração enfática.²

As restrições reiteradas ao uso do ponto de exclamação acabam por investi-lo do poder de dar dramaticidade e excepcionalidade ao que está sob seu signo, por isso administrado pela Secretaria da Redação, e colocam-no quase para fora do jornalismo. Colocam-no, poderíamos dizer, entre parêntesis, porque fornecem "sentidos" pouco desejados pela Teoria da Comunicação. Assim, o que dá identidade ao *Mais!* também o coloca no horror!, porque com o ponto de exclamação estamos no limite do que conhecemos por jornalismo. A excepcionalidade do ! é um objeto indesejável no jornalismo porque põe em questão a sua função. E sua ética.

O ponto de exclamação manda gozar, enquanto o Manual restringe o seu uso, em uma economia do desejo que pára na Lei. E nos 80 anos da Semana de Arte Moderna, da **Folha de S. Paulo**, mas também no centenário de nascimento de Carlos Drummond

¹ *NOVO Manual de Redação*. 4 ed. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1992, p. 101.

² *MANUAL da Redação*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2001, p. 93.

de Andrade, é possível pensar o ! a partir de uma marca modernista: ele é a pedra no meio do caminho do jornalismo.

Mas de outro modo, a sua presença ao lado do nome do suplemento aponta para uma política do excesso colocada sob o signo da comemoração. Esse re-aproveitamento do que se esgota, re-colocado novamente em cena, produz, através da acumulação, uma quase impossibilidade de apreensão da sua forma.

O que não se esgota, desse modo, é o sentimento de prazer e, ao mesmo tempo, de desprazer diante do excesso, do máximo, de comemorações de morte que marcam o suplemento. O nome desse híbrido que parece conter o positivo e o negativo ao mesmo tempo é o sublime. Conceito kantiano retomado na década de 90 por autores como Moriconi³, Seligman-Silva⁴, França⁵ e Costa Lima⁶, ele é o modo estético/político de funcionamento dessa parte da indústria cultural dos anos 90 que é o *Mais!*

Costa Lima, um dos colaboradores do suplemento, ao retomar o conceito diz que, se diante de um objeto sublime sentimos prazer, ele é, antes de tudo, um prazer negativo:

Para melhor caracterização, tenha-se em conta apenas a última propriedade do sublime: antes que possa estimular o prazer, o sublime – e eis a diferença com o uso corriqueiro do termo – causa de imediato um prazer negativo. Ele como que nos desengana dos jogos que a imaginação se entrega com o entendimento e, em toda a seriedade, desengana a promoção de vida que a beleza estimulava. O sublime não tem nenhum compromisso com uma visão otimista ou sequer apazível da vida.⁷

Aqui estamos diante do paradoxo: ler o *Mais!* a partir do sublime que ele mesmo põe em cena é lê-lo no seu avesso. Assim, se o *Mais!* é o excesso (+) e a sua comemoração (!), é também o menos (-), prazer negativo diante do que vem como excesso e como comemoração: a morte (e o esquecimento). Esse prazer negativo vem do modo – efêmero - de produzir o excesso sobre um escritor, por exemplo, sem manter fidelidade a ele, pois no outro domingo já é outra a comemoração.

³ MORICONI, Italo. Quatro (2 + 2) notas sobre o sublime e a dessublimação. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Florianópolis, n. 4, 1998.

⁴ SELIGMAN-SILVA, Marcio. Do delicioso horror sublime ao abjeto e à escritura do corpo. In. ANDRADE, Ana Luiza; ANTELO, Raul; BARROS CAMARGO, Maria Lucia de. *Leituras do ciclo*. Florianópolis; Chapecó: Abralic, Grifos, 1999.

⁵ FRANÇA, Júlio. O sublime na poesia brasileira contemporânea. In. PEDROSA, Célia; BARROS CAMARGO, Maria Lucia de. *Poesia e contemporaneidade: leituras do presente*. Chapecó: Argos, 2001.

⁶ COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

⁷ COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 191.

Esse sinal de menos que podemos ler no sublime nos remete também ao abjeto (que também lida com o mais), acentuando a idéia de prazer negativo:

Como o sub-lime (sic), também o abjeto é uma manifestação de uma ausência de limite – mas diferentemente dele ela representa esse não-limite para baixo. Se o sublime representou no século XVIII uma categoria para a qual migrara para a estética elementos da teologia em dissolução, o abjeto por sua vez, não aponta mais para o céu, para um excesso de significado, mas sim para o negativo pré-significado. (...) ambos são conceitos de fronteira marcados pela ambigüidade e que nos abalam: mas o abjeto nos remete para baixo – cadáver, vem do latim *cadere*, cair: um corpo que cai. O abjeto representa a noite arcaica da relação pré-objetual; ‘é a violência do luto de ‘objeto’ sempre perdido.⁸

Novamente aparecem os termos a partir dos quais o *Mais!* dá-se a ler (+, -, !) e a partir dos quais podemos lê-lo, ou ler a ficção que fazem funcionar, como amplificadores (para + ou para -) de sentidos. Assim, é possível ler a comemoração como uma ficção produzindo excessos, colocando o suplemento sob o signo do sublime. Esse sistema de sinais possui um uso naturalizado no suplemento e parece ser esse o lugar aonde ele não se pensa. Para desnaturalizar estes usos, tomamos os sinais como narrativas que compõem essa ficção da comemoração, e onde podemos ler diferentes subjetividades sendo produzidas e cada sinal como que marcado e fazendo circular uma série de sentido.

Assim, a forma de construir essa outra leitura do *Mais!* é colocar em cena o que é ino-perante nele, os sinais, e ver aí a própria política do suplemento se fazendo. Nos é útil aqui o conceito de série como está em Link (mas também em Deleuze, Lacan e Süsskind): “(...) A leitura como correlação de séries de sentido (a ordem dos signos está no objeto, a redominação é uma operação do sujeito) permite que o sentido apareça objetivamente, sem que intervenha nenhuma atividade interpretativa”.⁹ A possibilidade de operar essas séries de forma simultânea, colocando-as em contraponto em cada enunciação e fazendo-as parar e voltar a funcionar, vem, ainda, da própria leitura do que o *Mais!* comemora, ou, em outras palavras: lendo obras de autores comemorados como Faulkner, Osman Lins e Francisco Alvim, para citar alguns, encontramos uma forma de potencializar o ensaio a partir de um certo tipo de fazer ficção, a que poderíamos aqui, a princípio (voltaremos ao assunto) chamar de democrática, já que vozes vão e voltam

⁸ SELIGMAN-SILVA, Marcio. Do delicioso horror sublime ao abjeto e à escritura do corpo. In. ANDRADE, Ana Luiza; ANTELO, Raul; BARROS CAMARGO, Maria Lucia de. *Leituras do ciclo*. Florianópolis; Chapecó: Abralic, Grifos, 1999, p. 133.

⁹ LINK, Daniel. *Como se lê e outras intervenções críticas*. Chapecó: Argos, 2002, p. 28

para, junto com outras, produzirem o objeto que contornam. Podemos dizer, desde já, que a pertinência ou não dessa proposta de leitura constitui o próprio trabalho apresentado aqui.

-

. La fragmentación, signo de una coherencia tanto más firme cuanto que debiera deshacerse para ser alcanzada, no siendo un sistema disperso, ni tampoco la dispersión como sistema, sino el despedazamiento (el desgarrar) de lo que nunca ha preexistido (real o idealmente) como conjunto ni podrá juntarse en alguna presencia de porvenir. Espaciamento de una temporalización que tan sólo se aprehende – engañosamente – como ausencia de tiempo.¹⁰

. El fragmento, siendo fragmentos, propende a disolver la totalidad que está suponiendo y que va llevando hacia la disolución de la que no procede (propriadamente dicho), a la que se expone para al desaparecer y, con él, desaparecida toda identidad, mantenerse como fuerza de desaparecer, energía repetitiva, límite del infinito mortal – o bien obra de la ausencia de obra (para reiterarlo y callarlo reiterándolo). De ello resulta que la impostura del Sistema – el Sistema levado por la ironía a un absoluto de absoluto – es una manera para el Sistema de imponerse otra vez mediante el descrédito del cul lo acredita la exigencia fragmentaria.¹¹

!

Ele anuncia também que está de volta ao teatro tradicional. Acaba de escrever duas comédias de 'boulevard', com tema político e moral. Também já fala em voltar a dirigir no Brasil. Sua última encenação no país aconteceu há exatos dez anos.¹²

Esta entrevista com Augusto Boal está sob o signo de três comemorações. Além da volta à direção dez anos depois, 98 é o ano em que o *Mais!* comemorou intensamente 1968. A outra comemoração está na capa, na manchete que apresenta a matéria: "O teatro globalizado". Comemoração tripla, a longa entrevista (4 páginas) é dividida em pequenos capítulos (com uma introdução em cada um deles), onde o diretor recorda a sua experiência de vida. A foto da capa e as outras quatro colocadas na primeira página da entrevista, como se fossem fotogramas, apresentam um homem velho, de cabelos

¹⁰ BLANCHOT, Maurice. *La escritura del desastre*. Caracas: Monte Avila, 1990, p. 56-7.

¹¹ BLANCHOT, Maurice. *La escritura del desastre*. Caracas: Monte Avila, 1990, p. 57.

¹² SÁ, Nelson de; CARVALHO, Sérgio de. Do Rio à Calcutá. Entrevista com Augusto Boal. *Folha de S. Paulo*, 6 de set. *Mais!*, p. 4.

brancos, que recorda. Ele olha para a frente e lá está o passado: as fotos das peças e oficinas que ele montou. Olhamos para frente para irmos para trás. A comemoração, assim, põe em ficção o tempo da memória: "(...) el relato avanza hacia adelante para ir hacia atrás; al pasado fundante del presente y al lugar donde el presente fue concebido".¹³ Neste movimento, as fotos do passado celebram "o lugar onde o presente" foi concebido.

Alguém que lesse somente as fotos teria a estratégia desse "teatro da memória", mas deixaria de ver, via relato, o que dizem as fotos do homem que vê o passado e recorda. E é sobre essa diferença, do homem que recorda e do homem em experiência, que a entrevista tem início:

Folha - Você ainda se vê como brasileiro da mesma maneira que nos anos 50,60?
Augusto Boal - Não, não.¹⁴

Negativa aparentemente óbvia, que retorna logo a seguir, não mais em relação ao homem e a sua trajetória enquanto brasileiro. Retorna agora em relação ao seu trabalho:

Folha - A sua preocupação, antes, era a transformação coletiva. E agora o próprio Teatro do Oprimido se associa ao terapêutico, no *Arco-Iris do Desejo*. É um deslocamento do coletivo para o indivíduo. Não houve um certo, digamos, aburguesamento?

Boal (ri) - Não, certamente não. O erro que o Arena, o CPC (Centro Popular de Cultura) cometeram, e eu me incluo nisso, foi ignorar a existência do indivíduo e só pensar na categoria, na classe. A gente não falava de cada camponês. A gente falava "o campesinato", como se todos fossem iguaizinhos. A gente negava o indivíduo. Falava 'o povo brasileiro' como se o povo fosse igual, no Nordeste, Sul. Ou então, 'as mulheres', 'os negros'. Existem os negros, mas existe o negro.¹⁵

E há, ainda, uma terceira negativa: a filiação a Brecht:

Folha - Eu tinha a impressão de que vocês haviam realizado um estudo sistemático de Brecht, no Arena.

Boal - Fizemos, fizemos. Mas a diferença é que, no caso do Stanislavski, nós dissemos logo: 'A base vai ser esta. É isso mesmo que a gente quer'. A gente ia como quem vai para o mestre. O Brecht foi estudado sistematicamente mas não era

¹³ LUDMER, Josefina. *Temporalidades del presente*. Belo Horizonte: Abralic, 2002, p. 8. Inédito.

¹⁴ SÁ Nelson de; CARVALHO, Sérgio de. Do Rio à Calcutá. Entrevista com Augusto Boal. *Folha de S. Paulo*, 6 de set. Mais!, p. 4.

¹⁵ SÁ Nelson de; CARVALHO, Sérgio de. Do Rio à Calcutá. Entrevista com Augusto Boal. *Folha de S. Paulo*, 6 de set. Mais!, p. 4.

uma base. Não era como dizer 'agora vamos ser brechtianos'. Isso nunca aconteceu conosco, no Arena. Vamos ser stanislavskianos, isso sim.¹⁶

A equação que preside esse relato parece ser: três negativas = três comemorações. E ao invés de aparecer na sua afirmação, aparecem lá onde não as esperávamos, porque bem pesadas as respostas, sobra pouco desse passado, já que o conceito de brasileiro, de método de trabalho e de influência, outrora defendidos, são agora negados.

Sobra a comemoração. Do quê?

A ficção da comemoração coloca no presente a memória, o "Eu recordo" borgiano, e nesse presente o passado é visto como um erro a ser corrigido. O passado está no horror. E a nova leitura do Teatro do Oprimido, associado ao Teatro Terapêutico, aponta nessa direção:

Boal - (...) No Teatro do Oprimido, o que interessa é a transgressão primária que é entrar em cena. O seu lugar é na platéia, como espectador. A transgressão de entrar em cena é o símbolo de todas as transgressões que você tem que fazer, para se liberar.¹⁷

Essa leitura "limpa" o conceito de outros objetivos que estavam na sua criação, focando agora o indivíduo e sua possibilidade de "entrar em cena".

No final da entrevista, a comemoração se dá em torno da volta à direção, dez anos depois, e a volta à dramaturgia:

Boal - Eu estou escrevendo de novo. Estou escrevendo peças. Acabei mais uma. A forma atual do teatro é perfeitamente adequada. Eu não condeno: 'Não se deve mais fazer esse teatro'. Eu faço e quero fazer cada vez mais. Esta peça 'O Amigo Oculto' é peça fechada. Nove personagens, uma cena. Teatro tradicional.¹⁸

O retorno não se dá a uma forma anterior do dramaturgo e sim a partir de uma forma cristalizada do presente: teatro tradicional.

A leitura desse relato parece nos tirar momentaneamente para fora da história: um diretor e dramaturgo, famoso no país e no exterior por sua militância contra a ditadura militar e contra as formas de opressão, aparece velho e cansado e, para não correr riscos, retorna à direção e à dramaturgia de formas de composição negadas em toda sua

¹⁶ SÁ Nelson de; CARVALHO, Sérgio de. Do Rio à Calcutá. Entrevista com Augusto Boal. *Folha de S. Paulo*, 6 de set. Mais!, p. 6.

¹⁷ SÁ Nelson de; CARVALHO, Sérgio de. Do Rio à Calcutá. Entrevista com Augusto Boal. *Folha de S. Paulo*, 6 de set. Mais!, p. 5.

trajetória: "A forma atual do teatro é perfeitamente adequada". O exílio, inclusive, é lido agora em outra chave: "O teatro globalizado".

É curioso como esse "Livro de Memórias" que vai sendo composto durante a entrevista aponta para uma certa capitulação, e uma das frases dita por Boal pode ser usada como título desse livro: "Cenas da moral destrozada".

Não surpreende, por outro lado, que essa já seja a linha adotada em 1993, na comemoração dos 25 anos de 1968. O título do suplemento especial do *Mais!* era explícito: "68: o ano que acabou: a euforia das barricadas estudantis, do amor livre e das vanguardas artísticas vira pó com o fim das utopias". Como um livro de memórias, o suplemento trabalha 68 mês a mês, expõe a iconografia da época, e os textos são basicamente depoimentos. Há um cuidado todo especial em colocar na nota biográfica de quem escreve sua relação com "o ano que acabou". Por exemplo: "ROBERTO VENTURA tinha 11 anos em 68". E é dele a apresentação do suplemento:

UTOPIA CORRE MUNDO E VIRA PÓ

Mai de 68 simboliza o sonho de mudar o mundo. Foi o auge da revolta estudantil, com a greve geral na França. Vinte mil estudantes enfrentaram a polícia na noite das barricadas, entre 10 e 11 de maio. A rebelião explodiu em todo o planeta. O que sobrou de 68?

68 começou a acabar em 68. No Brasil, foi fechado o Congresso e decretado o AI-5. Na França, o general De Gaulle continuou no poder. As reformas políticas na Primavera de Praga, na Tchecoslováquia, foram sufocadas por tropas soviéticas. Era o prenúncio da derrocada do socialismo real, que ruiria com a queda do Muro de Berlim.

O espírito de rebeldia cedeu lugar ao consumismo nos anos 80 e ao conformismo nos 90. Os protestos antiimperialistas entraram em agonia com o culto neoliberal do mercado. A liberação sexual foi travada pelo vírus da Aids. Os ideais refluíram. Mas 68 trouxe uma mudança de comportamento. Os códigos morais e sexuais foram relaxados. O establishment foi enfrentado. Tudo podia ser criado ou reinventado. A utopia virou pó.¹⁹

A ambigüidade é a marca desse texto, principalmente no achado da fórmula: "68 começou a acabar em 68". É, entre outras coisas, o que estamos apontando: "Os ideais refluíram".²⁰ O passado funda o presente, mas ele é negado²¹. Essa é a ficção do presente. Por isso a "memória" ser o objeto revisado e não a obra. Afinal, qual o

¹⁸ SÁ, Nelson de; CARVALHO, Sérgio de. Do Rio à Calcutá. Entrevista com Augusto Boal. *Folha de S. Paulo*, 6 de set. *Mais!*, p. 7.

¹⁹ VENTURA, Roberto. Utopia corre mundo e vira pó. *Folha de S. Paulo*, 2 maio 1993. *Mais!*, Especial: 68: o ano que acabou, p. 2.

²⁰ Grifo nosso.

²¹ Nesse caso, nega-se o passado próximo e volta-se a um mais distante, parece, o "tradicional", em que não há espaço de transgressão, rupturas... esvazia-se, com a comemoração, o próprio objeto a ser comemorado.

passado de uma obra? A pergunta nos aproxima da obra de Bernardo Carvalho, ela também pontuada por um certo "teatro da memória".

"Teatro" (1998) é o título do seu terceiro romance e de início é possível perceber, a partir da sua construção em díptico, um movimento parecido com o presente na entrevista com Boal. Na primeira parte, o narrador conta o seu passado de filho de imigrantes ilegais, seu emprego na polícia, sua função de escrevente de cartas, antecipando assassinatos de grandes personalidades por um pó letal. Na segunda, o narrador lê a primeira parte. Somos informados, então, que ela, a primeira parte, é o livro de memórias de Ana C. Então, o narrador da segunda parte vai relendo a narrativa em outros termos. Os termos do presente.

A similaridade de estratégias entre literatura e imprensa cultural nos anos 90 reforça a intuição de que a memória é glorificada nas comemorações, para ser reescrita nos termos de uma virtualidade: o presente. E tanto o narrador da segunda parte de "Teatro" quanto o Boal da entrevista anunciam um avanço para trás, para o pré, tanto na forma de revelar o que está escondido no romance quanto na forma de escrever e dirigir peças de teatro como "boulevards". A própria idéia do "Livro de memórias" faz parte dessa ficção. Boal, em 2000, dois anos depois da entrevista no *Mais!*, lança, de fato, um livro com suas memórias: "Hamlet e o filho do padeiro".

É em direção a um "Livro de Memórias" que aponta uma outra capa do *Mais!*, em 1998, com Ariel Dorfman:

Folha - 'Uma vida em trânsito' é uma mistura de autobiografia e de comentário sobre a história. Como surgiu a idéia de escrevê-lo?

Ariel Dorfman - Na verdade, quando eu disse a minha mulher, Angélica, que eu ia escrever uma memória, uma meditação sobre minha vida, ela me falou que eu devia estar louco - e creio que ela estava certa. Senti que havia encerrado uma etapa, um ciclo que basicamente terminou quando decidi não mais voltar ao meu país (Chile) de forma definitiva.²²

De novo, sob o signo da comemoração de 68, retornam as memórias do exílio e da resistência e um certo cansaço diante da trajetória empreendida. O que retorna também neste relato é uma certa capitulação e o reconhecimento de um erro:

Dorfman - (...) é penoso que as coisas não tenham saído como desejávamos, que continue existindo tanta miséria e tanta necessidade. Mas também é preciso perceber como nos auto-enganamos - e meu livro trata desse auto-engano. Por isso ele também

²² DIAS, Mauricio Santana. Lembranças de um auto-engano: entrevista com Ariel Dorfman. *Folha de S. Paulo*, 30 ago. 1998. *Mais!*, p. 4.

é cômico em alguns momentos. Como dizem as teorias da comédia, não há nada mais engraçado do que alguém que pensa ser diferente do que é.²³

O erro, tanto de Boal quanto de Dorfman, parece ser o mesmo: o engajamento. E é esse fio que conduz suas narrativas. E esse parece ser o elemento "cômico" que as atravessa: "Lembranças de um auto-engano".

Elemento que também aparece no "Livro de Memórias" de Ferreira Gullar, "Rabo de Foguete", em que conta sua vida no exílio. O cômico aqui aparece no fim do livro e na volta ao Brasil, depois de 6 anos de exílio: "(...) de volta ao Brasil, Gullar se dá conta de que o processo que tanto peso tivera em sua vida não era o seu, mas o de um líder camponês maranhense, que se ligou à luta armada".²⁴ Trechos dessas memórias também foram publicados em 1998.

Mas em 1994, no dossiê comemorativo dos 40 anos da publicação do livro "A luta corporal", Gullar revê, ou pede que os críticos revejam o seu engajamento:

Gullar - (...) Gostaria de observar, apenas, que, em geral, alguns críticos dão importância excessiva àquela fase puramente política de minha poesia, que durou apenas dois anos, e que não possui qualidade literária.²⁵

Arte e política aparecem separadas nestas três memórias. E a separação está em artistas marcados por pertencerem à esquerda, serem exilados e estarem engajados politicamente em suas poéticas, ou, para lembrar o título rejeitado pelos editores de "Teatro do Oprimido", "Poéticas Políticas". Separação entre arte e política, ou abandono dessa perspectiva, é o que podemos ler também na entrevista do poeta Rodolfo Hinostroza ao *Mais!*. Ele diz estar cansado da poesia e que "(...) tem se dedicado mais à prosa que à poesia - e mais à astrologia e gastronomia do que à literatura".²⁶

Se o passado funda o presente nessas memórias, como percebeu Ludmer, ele funda um presente intolerante com esse passado, que está tanto nas próprias comemorações que as encena quanto nas conversões operadas nas suas memórias pelos artistas.

²³ DIAS, Maurício Santana. Lembranças de um auto-engano: entrevista com Ariel Dorfman. *Folha de S. Paulo*, 30 ago. 1998. *Mais!*, p. 5.

²⁴ ARRIGUCI JR, Davi. Agora tudo é exílio. In *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 322.

²⁵ MASSI, Augusto; LEITE NETO, Alcino. Guerra e paz de Gullar: entrevista com Ferreira Gullar. *Folha de S. Paulo*, 28 mar. 1994. *Mais!*, p. 7.

²⁶ DIAS, Maurício Santana. O cansaço da poesia: entrevista com Rodolfo Hinostroza. *Folha de S. Paulo*, 16 jun. 2002. *Mais!*, p. 3.

A repetição, nestas memórias, da presença de um erro, de um auto-engano, vem acompanhada do monstruoso, do que era negado, ou, como diz Süsskind, pensando esta questão no mesmo período, é a "(...) passagem de uma moeda de difícil conversão, porém, para outra mais maleável à conversão *universal*, mas sem qualquer substância"²⁷.

A conversão é essa passagem que torna as memórias do passado toleráveis, reescrevendo-as principalmente quanto às relações entre arte e política. Conversão operada por "esforços de estabilização" diante das desmaterializações na economia, na política, na literatura. A conversão, nesse sentido, é a narrativa que a ficção da comemoração parece contar através do retorno de valores "toleráveis" e "nomináveis".

Daí uma espécie de nostalgia igualmente estrutural, manifesta na vida literária recente pela *reafirmação* dos cânones, do valor de culto dos 'grandes nomes e obras', expresso exemplarmente no nome de publicações como 'Cult' ou 'Bravo!', ou no caráter comemorativo (de eventos, centenários, mortes) dos suplementos de cultura dos jornais de maior distribuição do país, pelo *retorno* estratégico a uma poética baseada em valores artesanais cultos (vide Bruno Tolentino) ou populares-arcaizantes (vide Ariano Susassuna).²⁸

-

Um homem, sem ter o que fazer, caminha na Avenida Paulista. Lembra que deve ser a 17ª ou 18ª vez que volta àquele ponto. É um cineasta iraniano e está na cidade como parte do júri do Festival de Cinema de S. Paulo. No momento em que ele volta à rua, já acabou o Festival, os prêmios foram entregues e, agora, ele espera o tempo passar para voltar para casa. Assim, inicia sua caminhada na Avenida Paulista. Assim inicia a sua memória daquela viagem.

Viagem, memória e relato é a tríade que preside "Uma boa cidadã", de Abbas Kiarostami, texto publicado como dossiê de capa em 11 de janeiro de 1998, quatro anos depois de sua estada em S. Paulo e 3 anos depois de ser publicado na revista "Film". Na capa desta edição, vemos uma bela foto, quase abstrata, de detalhe do Museu de Arte de São Paulo - MASP, na Avenida Paulista. Na parte inferior, à esquerda, temos a manchete: "O passeio de Kiarostami em São Paulo - O diretor de 'Gosto de Cereja',

²⁷ SÜSSEKIND, Flora. Escalas e Ventriloquos. *Folha de S. Paulo*, 23 jul. 2000. Mais!, p. 9.

²⁸ SÜSSEKIND, Flora. Escalas e Ventriloquos. *Folha de S. Paulo*, 23 jul. 2000. Mais!, p. 9

Palma de Ouro no Festival de Cinema em 97 e eleito pela 'Times' como melhor filme de 97, descreve suas impressões de uma tarde na Avenida Paulista".

No melhor velho estilo "Vamos comemorar, um estrangeiro escreve sobre sua passagem pelo Brasil", a capa evoca de imediato, ao mostrar uma fotografia do espaço onde Abbas esteve, a presença de viajantes estrangeiros no Brasil, desde o século 16 e a que o *Mais!* faz referência constante publicando dossiês como "O Brasil dos Viajantes", "Novos Brazilianistas", "Feijão preto, amor e diamantes" (Bishop no Brasil), entrevistas, imagens e ensaios de e sobre a viagem de Lévi-Strauss ao país. O *Mais!* alimenta essa tradição de pensar o Brasil a partir da escrita do outro, ao criar, como já vimos, a coluna semanal "Autores", espaço em que escritores estrangeiros se revezam, muitas vezes tendo o Brasil como foco de seus textos.

Assim, quando Kiarostami diz "Saio do hotel e mais uma vez me encontro na Avenida Paulista"²⁹ e inicia sua caminhada, está repetindo o mesmo gesto inaugural de viajantes, etnólogos, colonizadores, cientistas que, a partir de um ponto qualquer, iniciaram a sua penetração rumo ao coração do país, fosse ele as aldeias indígenas, o interior, ou outro lugar qualquer.

O gesto é o mesmo e isso é importante reter, mas o percurso agora dessa viagem beira o minimal, associado a um certo exotismo: 3 quilômetros da Avenida Paulista. Talvez, como justifica Kiarostami, ela seja a principal avenida do país e o seu coração financeiro, 100 anos depois de sua criação. Talvez o *Mais!* tenha publicado o relato só por causa da comemoração dos cem anos da Avenida. Talvez.

O relato começa com certa banalidade, talvez própria de um turista:

O rosto de um menino cuja aparência não esconde sua condição de criança de rua é, ao mesmo tempo, diferente e atraente. Seus olhos estão cobertos por um boné de croché preto. Não se pode vê-los. Ele está usando um short preto velho e cheio de buracos sobre uma calça branca enfiada em meias com padrões amarelos... Sua aparência, seu jeito de andar me levam a segui-lo. Lembre-se de que não tenho nada para fazer e quero matar o tempo.³⁰

Mas o menino percebe que está sendo seguido e foge, passando por Abbas e indo em direção oposta. Quase no final da narrativa ele reaparece, mas agora já não interessa ao narrador segui-lo. Aqui já temos a estratégia do viajante: seguir alguma pessoa interessante em linha reta, indo até o fim da Paulista porque não tem nada para fazer e

²⁹ KIAROSTAMI, Abbas. Uma boa cidadã. *Folha de S. Paulo*, 11 jan. 1998. *Mais!*, p. 4.

³⁰ KIAROSTAMI, Abbas. Uma boa cidadã. *Folha de S. Paulo*, 11 jan. 1998. *Mais!*, p. 4.

"quer matar o tempo". Lembranças de uma *flanérie* se associa aqui ao viajante, e a "rua de Poe" aparece como um lugar a ser atravessado e escrito. Mas aparece um problema: o objeto no qual ele procura se fixar para fazer a travessia desliza para fora de seu campo da visão. A vontade de "fixar", em um quadro, o outro, já se inscreve como desejo. E é como violência que o menino lê esse gesto: "Corro atrás dele. Lá embaixo, entre algumas árvores, ele se senta em um banco de cimento e olha para cima. Sinto-me solitário na escada. Parece que ele percebeu que eu o estava seguindo. Parece que quer se livrar de mim".³¹

Este sinal de menos que irrompe na narrativa, marcando a frustração, a "dor do viajante" que parece propor um jogo, mas sem combinar com o outro, pode ser lido junto com o hífen como o sinal que "une só na medida que distingue e vice-versa".³²

A "dor" dura pouco. Como em um jogo, na saída de uma peça, entra outra:

Eu me encosto em uma coluna e acendo um cigarro. Olho para a avenida no fim da qual o menino novamente vasculha lixeiras e, a dois metros de mim, encontro uma menina vasculhando outra. Seus seios estão despontando. Ela usa calças verdes e saltos de três ou quatro centímetros...Seus gestos são delicados e deliberados. Hesitante, sigo-a com o olhar. Ela anda bonito. Sem pressa. Caminha de uma lixeira para a outra. Mas não se detém por muito tempo na segunda. Como acabou de fazer, limita-se a olhar: não toca. Não encontra nada que lhe interessa e continua andando. Começo a andar também (...) Mas não sigo a menina somente para matar o tempo. Seu comportamento tem um quê de estranho³³.

Primeiro com o olhar e depois com o corpo, ele começa a segui-la. Estão próximos. Dois metros. E agora a narrativa vai continuar porque, com a entrada da menina em cena, entram também três elementos que marcam a própria idéia de viagem: pureza, distância e imundície.³⁴ E se elas faltam no encontro de Lévi-Strauss nos arredores e no coração do Brasil, aqui, nesta outra viagem, elas aparecem simultaneamente na menina e no viajante e produzem a tensão desse encontro.

E é de início a pureza da menina que muda o objeto da sua viagem. Já não quer matar o tempo. Ela o atrai. Ela tem um "quê de estranhamente nobre". Ela anda bonito. Ela tem "orgulho", por sua pose ereta. Várias vezes, o narrador chama-a de princesa. "Seus seios estão despontando". Ela parece cumprir a reivindicação lévi-straussiana: "(...) a pureza é *também* o valor de que o não-ocidental não deveria ter aberto mão no

³¹ KIAROSTAMI, Abbas. Uma boa cidadã. *Folha de S. Paulo*, 11 jan. 1998. Mais!, p. 4.

³² AGAMBEN, Giorgio. A imanência absoluta. In ALLIEZ, Éric. *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: 34, 2000, p. 171.

³³ KIAROSTAMI, Abbas. Uma boa cidadã. *Folha de S. Paulo*, 11 jan. 1998. Mais!, p. 4.

processo por que passou de colonização pelo Ocidente".³⁵ Há um momento em que a pureza parece estar por um fio, ao fazer a menina mudar de círculo, quando um comerciante, ao fechar sua loja, aborda-a. Ela responde e continua andando. Ele a segue e continua falando. Ela não o ouve e ele sai de cena. A pureza da menina ganha força principalmente por um gesto que ela repete exaustivamente: "ela procura na superfície do lixo".³⁶

Tensão em progresso, porque o roteiro da menina está marcado pela imundície, a cada lixeira, e o narrador nos informa que há uma a cada cem metros. Ela pára e vasculha. Impossível não lembrar novamente do relato da viagem de Lévi-Strauss: "O que nos mostrais em primeiro lugar, viagens, é nossa imundície (´ordure´)".³⁷ Imundície que parece que irá tragar, a qualquer momento, o narrador e a menina. Mas da lixeira a menina só pega uma lata de refrigerante com canudinho, uma revista e uma maçã. Mas a imundície está na mão do viajante: ele compra um hambúrguer do McDonalds "que só servem para turistas pobres"³⁸, antecipa-se várias vezes a ela e o coloca na lixeira, no meio do caminho. Ao mesmo tempo em que ele quer que ela encontre o hambúrguer e o coma, se ela o fizer, desfaz-se a narrativa.

Dizíamos que ele se antecipa à menina para colocar o hambúrguer para ela e aqui podemos pensar o viajante e a questão da distância que ele deve manter com o outro. Podemos ler várias distâncias entre o narrador (é sempre ele que está no controle da distância) e a menina: 2 metros, 1 metro, 2 passos, uma vitrine, frente a frente, 100 metros, lado a lado, ele na frente dela. As distâncias mudam de uma hora para outra e a menina, pelo menos no relato, parece sentir-se como se estivesse sozinha. Aqui cabe ler a cena, mais uma vez, com Lévi-Strauss:

(...) A distância entre as diversas partes do planeta deveria ter sido mantida - com perdão do jogo de palavras - a ferro e fogo. A viagem, traço de união, lugar *entre* destruiu e destrói a distância entre os povos, corrompendo-os. Para Lévi-Strauss a viagem é o mais íntegro a priori para a violência. O contato entre culturas diferentes, por mais idealizado que seja, é contágio, transmissão, disseminação de vírus do corpo ocidental no corpo estrangeiro.³⁹

³⁴ SANTIAGO, Silvano. A viagem de Lévi-Strauss aos trópicos. *Folha de S. Paulo*, 10 set. 2000. Mais!.

³⁵ SANTIAGO, Silvano. A viagem de Lévi-Strauss aos trópicos. *Folha de S. Paulo*, 10 set. 2000. Mais!, p. 16.

³⁶ KIAROSTAMI, Abbas. Uma boa cidadã. *Folha de S. Paulo*, 11 jan. 1998. Mais!, p. 4.

³⁷ LÉVI-STRAUS, Claude. In SANTIAGO, Silvano. A viagem de Lévi-Strauss aos trópicos. *Folha de S. Paulo*, 10 set. 2000. Mais!, p. 16.

³⁸ KIAROSTAMI, Abbas. Uma boa cidadã. *Folha de S. Paulo*, 11 jan. 1998. Mais!, p. 5.

³⁹ LÉVI-STRAUS, Claude. In SANTIAGO, Silvano. A viagem de Lévi-Strauss aos trópicos. *Folha de S. Paulo*, 10 set. 2000. Mais!, p. 17.

- +

E é aqui, no abjeto, que parte da arte brasileira nos anos 90 é produzida. A contaminação. A aids. A disseminação do vírus nos corpos, nas palavras, nos desenhos. Corpos que caem e são, às vezes, amparados por companheiros. O enigma que cai em mãos erradas. As iniciais. Também uma viagem ao coração da morte; geralmente, a contaminação é um rascunho da morte.

-

Pureza, imundície e distância permanecem a cada lixeira, tensionadas. Tensão também do viajante que ao mesmo tempo quer manter o "jogo" e quer resolvê-lo de uma vez, afundando a menina na imundície, isto é, no hambúrguer que ele lhe oferece, antecipando-se, de lixeira em lixeira.

Vale a pena recordar o início do relato: o autor segue um menino e, este, sabendo-se seguido, foge. Lendo, como o menino, o espírito da época, e lendo a forma como o narrador compõe seu caminho, chegando várias vezes a antecipar-se à menina e dizer que, mesmo assim, ela "sentia-se como se estivesse sozinha", podemos adivinhar agora que papel ele assume: o do perseguidor. Se não, vejamos: ele inicialmente a segue em seu caminho de lixeiras, ela não pega nada; ele compra um hambúrguer, antecipa-se e coloca na lixeira para que ela o pegue e ela sempre acha outra coisa: refrigerante, revista, maçã. Ele é obsessivo, a persegue, cria estratégias, idealiza-a pela pureza, pelo orgulho, pelo andar, pela beleza da pele, mas quer que ela "caia" e coma a imundície. O perseguidor. A viagem tem a forma de *thriller* policial, de um romance de Bernardo Carvalho. Tem a obsessão. E, bem pesado, esse parece ser o ritmo de uma viagem, mas aqui o narrador parece ter perdido a noção da viagem e reivindica que a menina siga as regras do jogo, que ele criou e joga sozinho:

Eu não quero perder neste jogo. Equivaleria a roubar. Este jogo tem de ser jogado de acordo com as regras estabelecidas no início. E a menina tem de encontrar o

hambúrguer na lixeira. Qualquer outro desfecho significaria ceder de um modo que não me agradaria.⁴⁰

E agora um gato aparece no meio do caminho, ameaçando pegar o hambúrguer da lixeira. Retenhamos aqui a perseguição obsessiva do narrador: ele pensa que a menina fará uma coisa e ela faz outra; ele quer adivinhar o que ela está pensando e não consegue; ele se adianta a ela, mas isso de nada adianta.

Lemos de novo esse "Livro de Memórias" e de repente parece que estamos lendo uma outra viagem: a do sentido, como em "5. 587 A.C. - 70 D.C. - Sobre Alguns Regimes de Signos", de Deleuze & Guattari. Assim, mais do que a menina, que o narrador diz várias vezes não ter importância, o que ele persegue é que ela pegue o sentido/hambúrguer que ele quer lhe dar. Mas ela não o pega.

Logo depois da compra do hambúrguer, ele a perde de vista, corre e a encontra em frente a uma joalheria. É a oportunidade que ele tem de ver o seu rosto e finalmente dar-lhe um sentido:

(...) Agora eu vejo sua face inteira, e em circunstâncias diferentes. Sob uma luz extraordinária e com fundo musical. Um concerto de harpa de Boccherini se difunde delicadamente no ambiente. Música aristocrática. E a combinação de tudo isso acrescenta um algo a mais à garota (...) Quero olhar cada peça que ela olha ao mesmo tempo que ela, mas não consigo. O que ela gosta e o que desgosta na jóia.⁴¹

Mas o rosto não lhe revela o sentido. "Fica difícil entregar o hambúrguer para a garota agora que já vi seu rosto".⁴² E ao antecipar-se para colocar o hambúrguer na lixeira, vai para outro círculo: o da infância, em que, apaixonado por uma garota, quer dizer-lhe isso através de uma carta, antecipando-se a ela e colocando-a ao lado de um poste. Mas o sentido não foi preenchido com a destinatária. O irmão dela chegou antes e deu-lhe uma surra. Aqui a comemoração vem como paranóia: "E, quando eu finalmente consigo pensar em uma solução, é exatamente a mesma que encontrei 40 anos atrás (...) Carregava uma carta; agora, um hambúrguer".⁴³

E a tragédia se dá na única lixeira em que ele não consegue colocar o hambúrguer. Lixeira a que agora ela olha "profundamente":

⁴⁰ KIAROSTAMI, Abbas. Uma boa cidadã. *Folha de S. Paulo*, 11 jan. 1998. Mais!, p. 6.

⁴¹ KIAROSTAMI, Abbas. Uma boa cidadã. *Folha de S. Paulo*, 11 jan. 1998. Mais!, p. 5.

⁴² KIAROSTAMI, Abbas. Uma boa cidadã. *Folha de S. Paulo*, 11 jan. 1998. Mais!, p. 5.

⁴³ KIAROSTAMI, Abbas. Uma boa cidadã. *Folha de S. Paulo*, 11 jan. 1998. Mais!, p. 5.

Eu me levanto da mureta ao vê-la contemplando outra lixeira. De uma maneira mais cuidadosa que antes. Eu queria ter colocado o hambúrguer naquela lixeira e ter dado o assunto por encerrado. Eu me odeio.⁴⁴

E no fim da Avenida Paulista, ela dobra à esquerda e desaparece na escuridão. Ele, desolado, no sem-sentido, volta ao hotel sem ter conseguido, através de sua perseguição, preencher o objeto perseguido de identidade: a conversão não se deu nesse "Livro de Memórias". O sinal de menos marca essa viagem⁴⁵.

⁴⁴ KIAROSTAMI, Abbas. Uma boa cidadã. *Folha de S. Paulo*, 11 jan. 1998. *Mais!*, p. 6.

⁴⁵ O vagabundear estético de Abbas segue o modelo benjaminiano em que a narração é efeito da viagem. Nesse sentido, não há como não lembrar de "O homem das multidões" de Poe (POE, Edgar Allan. O homem das multidões. In. *Poesia e prosa: obras completas*. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944, p. 134-142. Vol. II.) em que também um estrangeiro narra a perseguição ao "outro" sem sucesso e não há como não ler, desde já, "Uma boa cidadã" como uma releitura de "O homem das multidões" de Poe, a partir das leituras já clássicas de Baudelaire e Benjamin. A forma como relata o seu passeio pela Paulista, se o aproxima da perseguição presente no gênero policial, parece estar mais próximo do que diz Link: "No princípio do século e do romance há Conrad" (LINK, Daniel. *Como se lê e outras intervenções críticas*. Chapecó: Argos, 2002, p. 159). O relato de Abbas não ignora isso; ao contrário, como em Conrad, o que era para ser um "passeio" tranquilo, transforma-se em passagem pelo inferno, uma deriva, em que no fim não há nada.

[E a necessidade de dar um sentido a essas viagens, através do relato, feito depois do evento, pode ser lida nas frequentes narrativas re-memorativas no *Mais!* que re-constroem as vindas de Marinetti, Blaise Cendrars, Faulkner, Rockefeller, Lévi-Strauss ao Brasil. Relatos construídos a partir de comemorações, deixam entrever a presença do arcaico, do monstruoso, do sem-sentido que se insinua em cada reconstrução; o mesmo acontece quando os estrangeiros são convidados a narrarem suas "impressões" como em "O país dos viajantes"].

Mas se no começo do século há Conrad e o romance, há também o cinema. É através dele que a narrativa de Conrad, em que Marlow narra a sua perseguição ao que imagina conhecer, é re-contada por Coppola: colocando-a em 68 e no Vietnam, leva ao paroxismo a viagem, a perseguição e o relato. No fim só há o sem-sentido.

Sebastião Uchoa Leite, em texto do início dos anos 90, pensa as relações entre cinema e perseguição a partir da análise de filmes como *M* de Fritz Lang, *Duel* de Steven Spielberg e *Blade Runner* de Ridley Scott. E, dessa leitura, o autor aponta uma hipótese que nos interessa: "(...) a perseguição seria o *topos* mais expressivo de uma linguagem cinematográfica" (UCHÔA LEITE, Sebastião. A metáfora da perseguição. In. *Jogos e enganos*. Rio de Janeiro: Editora da Ufrj; 34, 1995, p. 139).

A lembrança do cinema aqui não é casual, porque o nosso viajante – Abbas – é cineasta. Nesse sentido, relata como se estivesse filmando, em ritmo acelerado, aproximando-se de um tipo de cinema que usa essa metáfora como uma máquina de produção, o americano. Mas Abbas leva essa tradição ao esgotamento ao instalar a perseguição no mínimo, terminando como começa, sem-sentido.

[Essa relação entre relato, cinema e perseguição, que é encenada em Abbas, permite ler as comemorações em torno do cinema presentes no *Mais!* de forma regular na década de 90. E entre os cineastas que retornam, temos Godard e Glauber, principalmente. E aí, nestas comemorações, podemos ler nos filmes, uma outra perseguição: a política.]

Sensação que podemos ler, agora do ponto de vista do perseguido: em trechos publicados no *Mais!* de "Rabo de Foguete", de Ferreira Gullar: "Àquela altura havia tomado algumas providências para não ser facilmente reconhecido. Tratei de apagar os traços mais acentuados de meu rosto pouco comum: deixei crescer um bigode para encobrir o espelho da boca, raspei os pêlos que emendavam as sobrancelhas, outro traço característico de minha fisionomia".

"Rabo de Foguete" é, nesse sentido, um livro sobre o apagamento da identidade durante as intermináveis perseguições que marcaram o exílio de Gullar.

[A perseguição política também aparece no *Mais!* nas sucessivas comemorações de 68, a partir de memórias, relatos e depoimentos.]

É nessa dupla face da perseguição – "(...) preservar algo que se quer defender ou de prender alguma coisa que se está escapando" (UCHÔA LEITE, Sebastião. A metáfora da perseguição. In. *Jogos e enganos*.

[Viagem, literatura, perseguição aparecem também em outro lugar. "O ladrão da Babilônia", de Elisabeth Bishop, e também a sua própria biografia acabou sendo objeto de perseguição para fixar-lhe um sentido].

!

A comemoração dos 40 anos do ato fundador da poesia concreta no Brasil também foi o momento para uma conversão: a volta ao verso. Mesmo que esse retorno tenha se dado bem antes, é na comemoração que o "erro" do passado é corrigido:

Em 63, principiei a escrever minhas 'barroquizantes' `Galáxias`. Houve um câmbio de horizonte cultural, uma crise ideológico-cultural, a partir de meados dos anos 60 que, a meu ver, não mais tornou praticável 'programar o futuro', demandando uma poesia do presente, da 'agoridade': o que eu chamo de 'poesia pós-utópica'.⁴⁶

E a reutilização do mesmo título – Poesia sem trégua – usado naquele comemorativo aos 40 anos de "A luta corporal", de Ferreira Gullar, parece aproximá-los (através do esquecimento?), agora, pelo menos em um ponto: a conversão.

! ?

Os aniversários não dependem da vontade dos homens. Mas o mesmo não acontece com as comemorações. Por exemplo: não havia uma razão decisiva, dois anos atrás,

Rio de Janeiro: Editora da Ufrj; 34, 1995, p. 140). – que podemos reler o relato de Abbas como a tentativa extrema de dar um sentido ao que não se deixa apanhar. A "boa cidadã", "Kurtz", "Gullar" aparecem como enigmas e, como tais, "escapam" ao controle.

[Nesse sentido, o *Mais!* utiliza-se de um aparelho de captura interessante diante do enigma da arte: a entrevista, a fala do autor.]

Como na narrativa de Bernardo Carvalho "Nove Noites", em que o narrador persegue o sentido do suicídio do antropólogo norte-americano Buel Quain, aos 27 anos, em uma aldeia indígena no interior do país. Novamente, temos o relato e ao mesmo tempo o sem-sentido.

O relato de Abbas permite aproximar viagem, cinema e a ditadura militar a partir da perseguição e, ao fazer isso, permite-nos ler a perseguição de sentidos implicados aí, pelo *Mais!*, como um modo de preservar os sentidos já dados e jogá-los, através da máquina das comemorações que ele aciona, no esquecimento.

⁴⁶ DA REDAÇÃO. A certeza da influência: entrevista com Décio Pignatari, Augusto de Campos e Haroldo de Campos. *Folha de S. Paulo*, 8 dez. 1996. *Mais!*, p. 9.

para se fazer um acontecimento do 20º aniversário da morte de Sartre. Mas havia a vontade de indicar, através de sua 'reabilitação', que uma certa página fora virada.⁴⁷

!

A conversão de uma moeda em outra é o eixo da comemoração. Isso fica mais evidente ao lermos algumas cenas de volta no *Mais!*. E é a voz que novamente conduz agora o texto da volta. E os objetos revisitados em suas comemorações: Revolução Cubana, Ditadura Chilena, Barthes, o texto. As testemunhas, que experienciaram o ato fundador desse presente, agora voltam e os revêem. Aqui é inevitável lembrar que o texto da volta tem a estrutura de um conto: "Viagens ao seios de Duília", de Aníbal Machado. Escrito em 1944, aponta para a irreversibilidade da modernização. O funcionário público, ao se aposentar, volta para a sua cidade natal, no interior subdesenvolvido de Minas, em busca dos seios juvenis de Duília. E encontra o presente, esse intervalo em que, pelo acaso e pela coação, foi posicionada a comemoração e, com ela, a volta.

Na comemoração dos 40 anos da Revolução Cubana, Janio de Freitas volta a Cuba, em Havana. Os lugares são os mesmos da primeira vez, mas ele não a encontra:

Passados 40 anos, volto a Cuba... em Havana. Mas não encontro Havana. Foi esse o hotel, sim, aí encontro ele. Ali o mesmo mar teimoso, surrando com bravura a amurada que o retém no Malecón. Lá está o Capitólio, em sua alvura externa incondizente com a alma dos capitólios, muito menos a daquele, em Washington, ao qual homenageou imitando-lhe as linhas, no começo do século. No entanto, não encontro Havana..⁴⁸

E o viajante percorre os lugares e só encontra ruínas. E a voz preenche o que eles não têm:

A cena que repasso na memória é muito impressionante, na conjunção rara de monumentalidade física, de grandiosidade emocional e dos componentes ainda mais incomuns. Aquelas figuras barbudas no palanque, em indumentária de campanha, todos mostrando nos rostos a dificuldade de sentir-se no mundo real, e não em sonho.

⁴⁷ RANCIÈRE, Jacques. As ambigüidades de um bicentenário. *Folha de S. Paulo*, 18 ago. 2002. *Mais!*, p. 16.

⁴⁸ FREITAS, Janio de. Cuba ida e volta. *Folha de S. Paulo*, 23 jan. 2000. *Mais!*, p.6.

A voz juvenil e desafinada de Fidel se projeta sobre incontáveis milhares de silêncio. Quem já vagou pelo mar sabe o que é um silêncio oceânico, e era esse.⁴⁹

A glorificação da memória se situa no ato fundador que, fundado no improvisado, na deficiência e no acaso, agora se reveste de outra descrição, ao ser comemorado. E é a partir da glorificação do ato fundador que vai sendo instaurada a narrativa que quer ser contada. A lamentação, a nostalgia do evento, vem logo de início para, aos poucos, no texto da volta, introduzir os erros que destruíram a glória do ato fundador e a percepção, no retorno, de que Cuba está virando esta página revolucionária para, aos poucos, converter-se, via abertura, para uma cena de um idílico 1º período revolucionário. Um retorno ao que foi esquecido, seja enquanto real, seja como utopia não realizada:

A nova política econômica, no entanto, é uma pequena volta a certos aspectos econômicos e sociais do primeiro período revolucionário. A aceitação de empresas capitalistas e outros traços da abertura cubana dão nova fisionomia ao regime, que vai abandonando o comunismo no molde soviético, da URSS e seu bloco europeu. A evolução que essa volta terá é um mistério. Para o comando cubano, inclusive.⁵⁰

Evolução e volta. Evolução na volta? O paradoxo se instala no texto da volta ao apostar na reconversão. Esta página é melhor e a outra deve ser virada, esquecida, na comemoração dos 40 anos da Revolução. E aqui ele encontra Havana: "Havana é uma cidade para ser amada, o povo cubano é delicioso como temperamento e fascinante como talento".⁵¹

A necessidade da volta está calcada, segundo Janio de Freitas, no principal erro cometido pela Revolução no poder: o extremismo. E é isso que se lê também em relação à queda de Salvador Allende, no Chile, no texto da volta de André Singer, na comemoração dos 30 anos do assassinato de Allende e início da Ditadura Pinochet. O texto é também na primeira pessoa e é construído a partir da volta aos lugares de antes, no presente da comemoração: "Passei dez dias no Chile".⁵² "Parece mentira" e a data colabora para isso. E na visita aos lugares, o narrador se depara com o esquecimento: "Aqueles jovens que observo se divertindo nas ruas, quando a noite de sexta-feira cai sobre a capital, sabem que há quase 30 anos houve sinistras 'casas de suplício' perto de onde eles agora dançam? Querirão saber?"⁵³.

⁴⁹ FREITAS, Janio de. Cuba ida e volta. *Folha de S. Paulo*, 23 jan. 2000. Mais!, p.7.

⁵⁰ FREITAS, Janio de. Cuba ida e volta. *Folha de S. Paulo*, 23 jan. 2000. Mais!, p.13.

⁵¹ FREITAS, Janio de. Cuba ida e volta. *Folha de S. Paulo*, 23 jan. 2000. Mais!, p.13.

⁵² SINGER, André. Memória e superação. *Folha de S. Paulo*, 1 abr. 2001, Mais!, p. 5.

⁵³ SINGER, André. Memória e superação. *Folha de S. Paulo*, 1 abr. 2001, Mais!, p. 5.

Essa tentativa de historicizar o espaço, cada lugar revisitado, insere na narrativa a glorificação do ato fundador e seu fracasso: o extremismo. E aí entra em cena, novamente, o incontrolável:

Alguns meses antes do dia fatídico, a ruptura já estava no ar. A partir de 1972, a textura social foi se esgarçando para além dos limites em que Allende era capaz de costurá-la. O Partido Socialista e o MIR (Movimento de Esquerda Revolucionária), que não pertencia à UP, mas dava apoio crítico ao governo, preconizavam - e em parte praticavam - o estabelecimento de um poder popular extra-constitucional. A cada passo nessa direção, os pequenos grupos golpistas da direita, como Patria Y Libertad, eram engrossados por setores das classes burguesa e média.⁵⁴

A percepção do erro e a necessidade de uma reconversão da memória fica cada vez mais explícita quando o narrador dá a palavra ao sociólogo Tomás Moulian - "E se nós tivéssemos conseguido impor a ditadura do proletariado, acho que teríamos feito as mesmas coisas que Pía Guzman"⁵⁵ - isto é, o inominável, a tortura, a atrocidade.

O texto da volta, ao comemorar o evento, historiciza, para fazer desfilarem a conversão da memória. E isso só é possível esquecendo, mesmo quando o narrador diz que é "preciso lembrar. Para poder dormir em Paz"⁵⁶, o que críticos como Nelly Richard têm continuamente ressaltado: a "Democracia de Acordos" instalada com a volta das eleições tem instaurado uma política do esquecimento no Chile.

Há um paradoxo nessas narrativas da volta, uma mistura de nostalgia, memória e conversão da história nos termos do presente, em que reconhecido o "erro" do que se comemora, vira-se a página, da história e do suplemento. O lugar é o mesmo, mas agora o texto é outro.

A repetição dos termos em que é escrito o texto da volta é recorrente e podemos vê-los na comemoração dos 20 anos da morte de Barthes, em "De volta a Barthes", texto em que Leyla Perrone-Moisés narra sua ida ao encontro "Back to Barthes, 20 years after", em Yale, onde foi possível, segundo ela, observar "as várias faces e vozes dessa obra e entender sua importância para a crítica literária e cultural da atualidade".⁵⁷

A narrativa enumera os textos apresentados e as disputas pelo "morto". Ela é a única latino-americana nesse encontro de "stars". Finaliza a narrativa procurando operar uma reconversão, um retorno ao singular, ao Barthes teórico da literatura:

⁵⁴ SINGER, André. Memória e superação. *Folha de S. Paulo*, 1 abr. 2001, Mais!, p. 6-7.

⁵⁵ MOULIAN, Tomás. In. SINGER, André. Memória e superação. *Folha de S. Paulo*, 1 abr. 2001, Mais!, p. 8.

⁵⁶ SINGER, André. Memória e superação. *Folha de S. Paulo*, 1 abr. 2001, Mais!, p. 10.

⁵⁷ PERRONE-MOISÉS, Leyla. De volta a Barthes. *Folha de S. Paulo*, 14 jan. 2001, p. 16.

(...) Barthes teórico e crítico literário, aquele que dizia 'amo a literatura de um modo dilacerante, no próprio momento em que ela define' (Deliberação), está atualmente em segundo plano, encoberto por outras imagens, outras mitologias.⁵⁸

Volta à Literatura que se tornou seu carro de batalha, desde o dossiê comemorativo ao lançamento do seu livro *Altas literaturas*, em que faz a defesa dos autores da alta modernidade e seus projetos contra a "a nova barbárie" instaurada pelos estudos culturais. O título interno da entrevista é "Literatura ou Barbárie". Volta, portanto, ao porto seguro, ao já consagrado.

Com a comemoração, o *Mais!* opera uma máquina geradora de conversão, como podemos ler em duas ficções publicadas por Milton Hatoum, uma em 1993 e outra em 2002.

O primeiro texto foi publicado no balanço comemorativo de vinte anos de ficção brasileira. Como o autor explica, em nota introdutória, trata-se de um trecho do romance em elaboração que tem como título provisório "A dor do viajante", no qual, como ressalta, há uma forte relação entre a dor do narrador e a do autor:

‘A Dor do Viajante’ é o título provisório de um romance sobre a dor e a infância. A dor física, uma cefaléia crônica que fustiga o narrador e também o autor. Fustiga, ou seja, maltrata e estimula. A dor anulou muitas passagens da minha infância. Agora, 30 anos depois, essas lacunas foram preenchidas por palavras.⁵⁹

E é em busca de uma voz para pôr a "dor" em cena, que Hatoum diz serem suas pesquisas; e é em busca de uma voz, da sua voz, que o narrador, de volta para sua terra (não caberia aqui dizer volta a sua casa por que ele não possui uma), revisita os lugares da infância, atormentado pelas vozes "(...) mutiladas e tristes, perfiladas no refeitório e cantando o hino da nação".⁶⁰

Ao chegar, ele não encontra o presente, só o passado, as vozes do passado, da sua tia, da sua mãe, da Madame Steinway e a sua, nas aulas de canto para tentar curar uma cefaléia:

Logo na primeira aula a Maestra quis explorar a potência de minha voz. Ela tocava uma nota e pedia o timbre. Uma outra mais aguda e eu perdia a voz. Uma nota mais grave e eu grunhia. A Maestra se desapontava. Não é preciso esgoelar, canta ao

⁵⁸ PERRONE-MOISÉS, Leyla. De volta a Barthes. *Folha de S. Paulo*, 14 jan. 2001, p. 17.

⁵⁹ HATOUM, Milton. A dor do viajante. *Folha de S. Paulo*, 26 set. 1993. *Mais!*, p. 6.

⁶⁰ HATOUM, Milton. A dor do viajante. *Folha de S. Paulo*, 26 set. 1993. *Mais!*, p. 6.

natural, como se estivesse falando, ela aconselhava. Ela queria descobrir em mim um barítono ou contralto, mas minha voz (meu corpo) não alcançava a nota que ela tocava.⁶¹

A mesma voz, a mesma dor (agora fingida), o mesmo narrador retornam 9 anos depois no conto "Dois tempos". Tempos que dividem a narrativa atual, da mesma volta de antes, mas também os tempos de uma narrativa e outra. Se a dor antes era "A dor do Viajante", agora a dor está convertida em outra coisa, conforme anuncia a coluna em que o texto está publicado, criada pelo suplemento depois da dor de 11 de setembro:

Conto faz parte de série de textos literários

A publicação do conto 'Dois tempos', de Milton Hatoum, dá prosseguimento à série de textos literários inéditos iniciada em dezembro de 2001, com um conto do escritor e crítico Modesto Carone. Em janeiro foi a vez do também escritor João Gilberto Noll. Moacyr Scliar escreveu em fevereiro, e Nelson de Oliveira, em março. As obras aparecerão no caderno uma vez por mês e terão, como tema básico, 'a alegria'.⁶²

Da dor à alegria com a mesma voz. A conversão.

-

E é na perseguição do sentido de um outro passado que o *Mais!* mobiliza a escritora e colaborada da **Folha** Marilene Felinto e uma equipe de jornalistas e críticos no dossiê "Feijão preto, amor e diamantes". O subtítulo: "O romance da poeta americana Elisabeth Bishop com a carioca Lota de Macedo Soares sai das sombras com o lançamento no Brasil da coletânea de cartas 'Uma arte', a ser publicada em novembro"⁶³.

Nos morros do Rio
Há uma mancha a se espalhar.⁶⁴

⁶¹ HATOUM, Milton. A dor do viajante. *Folha de S. Paulo*, 26 set. 1993. *Mais!*, p. 6.

⁶² CONTO faz parte de série de textos literários. *Folha de S. Paulo*, 28 abr. 2002, p. 17.

⁶³ FEIJÃO preto, amor e diamantes. *Folha de S. Paulo*, 24 set. 1995. *Mais!*, capa.

⁶⁴ BISHOP, Elisabeth. O ladrão da Babilônia. In *Poemas do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 123.

Na comemoração dos 45 anos da chegada de Bishop no Brasil, Felinto traça um "Mapa de um amor brasileiro". E a celebração se dá com a tradução das cartas. Bem mais tarde virão os poemas.

Lota e Bishop apaixonaram-se
Perdidamente.⁶⁵

A biografia de Bishop tem todos os elementos de um bom folhetim: infância triste, traições, loucura, homossexualismo, suicídio. Joyce Pascowitch avalia: "se em tempos de GLS - gays, lésbicas e simpatizantes - ainda fica difícil, imagine na época em que..."⁶⁶.

! ?

(...) Sempre recusei estar em qualquer coletânea (...) só de mulheres (...) Literatura é Literatura, não importa quem a produza (...) Não gosto das coisas compartimentalizadas assim (...) Gosto de preto e branco, amarelo e vermelho, jovem e velho, rico e pobre, macho e fêmea, tudo misturado, socialmente - não vejo razão para segregar, por qualquer motivo que seja, nem mesmo artisticamente.⁶⁷

+

A POESIA QUE DIZ SEU NOME

Leia coletânea da poesia homossexual contemporânea, com 20 autores de nove países, em traduções inéditas no Brasil.⁶⁸

+ -

E na tradução de "O Anatomista", de Federico Andahazi, "Ela", a vulva, é elevada à poesia, com o convite a quinze poetas para escrevê-la. Esses textos estão ao lado de

⁶⁵ FELINTO, Marilene. Mapa de um amor brasileiro. *Folha de S. Paulo*, 24 set. 1995, p. 5.

⁶⁶ PASCOWITCH, Joyce. Lota ia na contramão da sociedade do época. *Folha de S. Paulo*, 24 set. 1995, p. 6.

⁶⁷ BISHOP, Elizabeth In. FELINTO, Marilene. Mapa de um amor brasileiro. *Folha de S. Paulo*, 24 set. 1995, p. 5.

⁶⁸ A POESIA que diz seu nome. *Folha de S. Paulo*, 15 nov. 1995. Mais!, p. 4.

vulvas de Coubert, Picasso, Salvador Dali e Rodin. O mais alto do mais baixo. Entre lances de dedos e pênis, Ela vai sendo metaforizada:

ARNALDO ANTUNES

BOCETA

da entrada à entranha
dessa eterna morada
da morte diária
molhada
de mim
desde dentro
o tempo
acaba

entre lábio e lábio
de mucosa rósea
que abro
e me abra
ça a cabe
ça o tronco
o membro
acaba
o tempo.⁶⁹

ANGELA DE CAMPOS

CARTA DE TOCAR

em volta da maÇaneta -
um Pomo, um DOm
um Silêncio que contrai A porta -
solUços aBalam e dEntro dessa Flor
(Hermética por estaR aberta
Gera uma beleza coberta de metals)
crisáLida perfeita
prolonga o toM
dissolve o espanto num lance de dedos
Que apertam as teclas do jogo.⁷⁰

⁶⁹ ANTUNES, Arnaldo. Boceta. *Folha de S. Paulo*, 20 jul. 1997. Mais!, p. 4.

! ?

WALY SALOMÃO

EXTERIOR

Por que a poesia tem que se confinar
Às paredes de dentro da vulva do poema?
Por que proibir à poesia
Estourar os limites do grelo
 da greta
 da gruta
e se espriar além da grade
do sol nascido quadrado?

Por que a poesia tem que se sustentar
de pé, cartesiana milícia enfileirada,
obediente filha da pauta?

Por que a poesia não pode ficar de quatro
e se agachar e se esgueirar
para gozar
- CARPE DIEM! -
Fora da zona da página?

Por que a poesia de rabo preso
sem poder se operar
e, operada,
 polimórfica e perversa,
não pode transvestir-se
 com os clitóris e balagandãs da lira?⁷¹

- +

Um corpo que cai, sem forma, uma massa que não se sustenta, mas tem em torno da cabeça uma aureola. A mesma que está em torno da cabeça de quem, ereto, segura-o. Três cruzeiros estão ao redor do desenho.

O desenho de Leonilson é reaproveitado como ilustração do dossiê "A morte: um rascunho", longa narrativa em que Harold Brodkey conta a agonia familiar e profissional de descobrir-se com AIDS, as trevas, o restabelecimento provisório e comemorado. A aids contamina a arte.

⁷⁰ CAMPOS, Angela de. Carta de tocar. Folha de S. Paulo, 20 jul. 1997. Mais!, p. 7.

⁷¹ SALOMÃO, Waly. Exterior. Folha de S. Paulo, 20 jul. 1997. Mais!, p. 4.

O desenho de Leonilson vai em outra direção: contamina as representações da aids com o abjeto. E a impossibilidade da solidariedade, da presença do corpo que cai, está nas palavras manuscritas na parte de baixo, sustentando um dos corpos: "Jesus com rapaz acidentado"⁷².

Leonilson morreu em 1993 e, a partir de 1994, nos inúmeros dossiês sobre aids e arte, no *Mais!*, ele e a sua obra aparecem como ilustração da contaminação da aids pela arte. A ilustração, usada também como vinheta interna para o dossiê "AIDS contamina a ARTE", é um braço recebendo sangue. "O vital". A nota do *Mais!*, ao lado do desenho, é: "O vital", desenho do artista plástico Leonilson, morto em consequência da AIDS em 1993"⁷³. O abjeto.

! ?

Não faças versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático, não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.⁷⁴

!

PARLA!: a pedra se finge de esfinge.⁷⁵

O que era enigma, agora é convertido em fingimento. A voz que ordena é desmentida pela voz que está dentro. O poema, publicado no início de 2002, em janeiro, abre as comemorações dos 100 anos de nascimento de Carlos Drummond de Andrade. E abre com a comemoração e a conversão no meio da página, no lugar da pedra e seu enigma.

A leitura desse poema toca no que a crítica, neste centenário, apontou como sendo o princípio estético drummondiano: a presença de um obstáculo que interrompe a caminhada, como na crítica de Davi Arrigucci Jr., por exemplo: "Nele, pela primeira

⁷² LEONILSON. Jesus com rapaz acidentado. *Folha de S. Paulo*, 13 nov. 1994. *Mais!*, p. 5.

⁷³ A AIDS contamina a arte. *Folha de S. Paulo*, 20 mar. 1994. *Mais!*, capa.

⁷⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. Procura da Poesia. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. *Mais!*, p. 6.

⁷⁵ MANSUR, Guilherme. Parla! *Folha de S. Paulo*, 20 jan. 2002. *Mais!*, p. 24.

vez, surge uma situação que depois se tornará recorrente no conjunto, o encontro do poeta com algum obstáculo que lhe barra a passagem ou interfere em seu caminho"⁷⁶.

Como o poema de Mansur, o livro de Arrigucci Jr. está no meio da comemoração e, como diz Ettore Finazzi-Agró, "(...) O encontro se dá justamente no momento tópico da celebração, no ano e no mês em que o escritor nasceu em Itabira, um século atrás"⁷⁷. Leitura cerrada de alguns poemas, o livro encena um Drummond próprio à glorificação do presente da comemoração, ao buscar as razões de sua poética, profundamente. As duas leituras se aproximam ao proporem uma conversão do enigma por "dentro" dos poemas. E das tantas comemorações em torno de Drummond, das quais ele é objeto, é no dossiê de seu centenário que essa estratégia aparece em todo seu esplendor, a começar pela capa, como vimos, em que uma foto do rosto de Drummond, em preto e branco, olha para frente. Na parte de baixo, ocupando toda a extensão, a glorificação: "O SUPERPOETA". À frente de sua boca, de onde parece vir o texto de apresentação, as palavras:

AUTOR DE UMA DAS OBRAS MAIS
INTENSAS DO SÉCULO PASSADO,
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE (EM LARANJA)
QUE FARIA CEM ANOS NO DIA 31,
TEM SEUS VERSOS RECRIADOS
POR **ARMANDO FREITAS FILHO,**
CARLITO AZEVEDO E FRANCISCO
ALVIM. LEIA TAMBÉM ARTIGOS DE
ALCIDES VILLAÇA, BENTO PRADO
JR, CRISTIANO PERIUS, JOSÉ MARIA
CANÇADO, JOÃO CEZAR DE CASTRO
ROCHA E BEATRIZ RESENDE.⁷⁸

Nas "Recriações" (da musa) um primeiro ponto refere-se à herança. Três poetas são convidados para, programaticamente, demonstrarem o que herdaram recriando, cada um deles, um poema do morto. E, por outro lado, como a poética de cada um re-cita o poema lido, de novo. Ao lado de cada recriação, há o poema de Drummond recriado.

Nos termos de Drummond, estamos diante de "poetas estaduais", os poetas certos - e que recriaram poemas do autor em outros momentos - e o que vemos, na leitura das recriações, é a focalização minimalista de um ponto presente nos poemas lidos: a chave em Armando Freitas Filhos, o tormento em Francisco Alvim e a morte da filha de

⁷⁶ ARRIGUCCI JR., Davi. *O coração partido*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 69.

⁷⁷ FINAZZI-AGRÓ, Ettore; PÉCORA, Alcir. Duas vozes da crítica...entre o enigma e a negatividade. *Folha de S. Paulo*, 13 out. 2002. Mais!, p. 12.

Drummond em Carlito Azevedo. Repetição da estratégia utilizada abundantemente nestes dez anos, o *Mais!*, no seu desejo de produzir história, produz poesia (neste caso), com sua marca: a conversão. E neste caso, não há erro ou mea culpa: o que há, neste tipo de conversão, é uma produtividade que revê os principais signos do autor, a partir da sua atualização, como é o caso da pedra.

A revisitação à obra de um autor ou até à sua vida, recriando-a, não é novidade. O que talvez seja novo é a intensidade com que isso é feito no *Mais!*, programaticamente, nessa necessidade de atualizar as poéticas comemoradas, apontando para uma glorificação do presente, como diz Philippe Sollers, "por comemorações mais ou menos falsificadas"⁷⁹. Se, por um lado, isso se transforma numa recapitalização do cânone, por outro, é a forma de os autores em produção terem suas obras veiculadas. Assim, podemos ver a recapitalização como uma via de mão dupla: o *Mais!*, com todo seu "brilho", faz brilhar os poetas, aumenta-lhes o cacife, valoriza-lhes as ações na bolsa poético-literária. Do mesmo modo, o capital que esses poetas já possuem valoriza o *Mais!*, que, afinal, não convida "qualquer um". Só os que tenham muito brilho para emprestar.

+

Metamorfoses da metamorfose - Dezoito escritores reescrevem o início da mais famosa novela de Kafka, morto aos 40 anos em 1924.

A convite da Folha, 18 escritores aceitaram o desafio de reescrever o primeiro período de 'A metamorfose', a mais conhecida novela do escritor tcheco Franz Kafka, que morreu há 75 anos, no dia 4 de junho de 1924.⁸⁰

+

A convite do *Mais!*, sete poetas reescrevem fábulas clássicas de La Fontaine, através de textos em prosa e verso que descobrem o lirismo e o humor que garantem a eternidade de suas narrativas.⁸¹

⁷⁸ OSUPERPOETA. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. *Mais!*, capa.

⁷⁹ LEITE NETO, Alcino. O jardim das sensações: entrevista de Philippe Sollers. *Folha de S. Paulo*, 17 nov. 2002. *Mais!*, p. 9.

⁸⁰ SCHWARTZ, Adriano. Metamorfoses da metamorfose. *Folha de S. Paulo*, 30 maio 1999. *Mais!*, p. 4.

⁸¹ VELHAS fábulas, novos poetas. *Folha de S. Paulo*, 9 ab. 1995. *Mais!*, p. 9.

+

A convite do *Mais!*, seis escritores recriam narrativas clássicas de autores como Esopo e Leonardo da Vinci até Hans Christin Andersen, os Irmãos Grimm e o americano Ambrose Bierce.⁸²

-

Política Literária

A Manuel Bandeira

O poeta municipal
discute com o poeta estadual
qual deles é capaz de bater o poeta federal.

Enquanto isso o poeta federal
tira ouro do nariz.⁸³

!

O que essas recriações teriam a pretensão de produzir? Leituras atualizadas da obra do poeta centenário? Se alguns poemas são reescritos, outros não. Se o enigma da pedra agora está claro - ela se finge - a releitura desse poema feita por Drummond - "A Máquina do Mundo" - aparece duas vezes no *Mais!*: a primeira em 2000, quando é eleito o melhor poema do século e a segunda, na edição do centenário.

As leituras de professores da USP, caracterizadas na sua diversidade por aterem-se a uma análise imanente das obras, dominaram o centenário. Começamos com a de Alcides Villaça e as suas perguntas:

De 'Alguma poesia' (1930) a 'Farewell' (póstumo, 1996), que marca drummondiana se inscreve nos poemas, como uma espécie de assinatura inequívoca? Quem fala em 'eixo de tensões' dá de barato a inclinação dramática da personalidade do poeta e as

⁸² FÁBULAS modernas: velhas fábulas por novos autores. *Folha de S. Paulo*, 22 dez. 2002. *Mais!*, p. 4.

⁸³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Política literária. In. *Antologia Poética*. 40 ed., Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1998, p. 191.

oscilações que se realizam em sua linguagem; mas que específico drama em movimento anima essa voz moderna, entre as mais intensas da poesia do século 20?⁸⁴

E é nessa direção a leitura de Bento Prado Jr. e Cristiano Perius de "A máquina do mundo" e chegam até a idéia de que a aceitação do que a máquina oferecia significava uma demissão, uma conversão a uma outra realidade, para fora da periferia. Conversão não aceita por Drummond, mas aceita por Prado Jr. e Perius, ao atualizarem o poeta e falarem por ele, no futuro:

(...) Talvez devamos interpretar esses versos da seguinte maneira: é preciso deixar de ser moderno para ser *verdadeiramente atual*. Mas que não se engane o leitor, se Drummond tivesse notícia do chamado pensamento 'pós-moderno' certamente recuaria, tomado do mais sagrado horror.⁸⁵

- +

E o horror vem ao virarmos a página. E vem de um crítico estadual, João Cezar de Castro Rocha, ao propor uma leitura de Drummond a partir de um trecho abandonado por Sérgio Buarque de Holanda nas reedições de "Raízes do Brasil". Nas palavras do crítico, com a manutenção do parágrafo inicial da primeira edição teríamos o paradoxo: "Os brasileiros tiveram uma experiência bem-sucedida, mas ao mesmo tempo como resultado, vivem exilados em seu próprio país"⁸⁶.

O horror vem pela forma de ler e desler Drummond, não esquecendo a tradição com a qual ele dialoga. Essa lembrança nos faz ler a obra de Drummond de outro modo, trazendo a cena, o abjeto, o vírus, a contaminação. A leitura de Castro Rocha não converte a obra do poeta, mas constrói para ela uma tradição que faz revir o in-forme, colocando-o no paradoxo.

E o exílio dentro do próprio país coloca a comemoração novamente no horror, duplamente, pois uma outra leitura de Drummond, nos mesmos termos - Drummond, Sergio Buarque e o exílio - foi publicada no mesmo dia, mas no "exílio". O paradoxo: o

⁸⁴ VILLAÇA, Alcides. O drama essencial. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. Mais!, p. 5.

⁸⁵ PRADO JR., Bento; PERIUS, Cristiano. A vasta periferia. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. Mais!, p. 10.

⁸⁶ BUARQUE DE HOLANDA, Sergio apud CASTRO ROCHA, João Cezar de. O (des)leitor de "Raízes do Brasil". *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. Mais!, p. 12. O texto de Castro Rocha discute em profundidade as mudanças que Sergio Buarque foi introduzindo em "Raízes do Brasil" em suas sucessivas reedições e suas possíveis motivações.

texto de Raul Antelo "La felicidad colectiva" foi publicado no Radarlibros (Página 12), na Argentina, e é nele e em espanhol que a pedra no meio do caminho é posta em cena em sua negatividade:

En medio del camino había una piedra/ había una piedra en medio del camino/ había una piedra/ en medio del camino había una piedra./ Nunca me olvidaré de esse acontecimiento/ en la vida de mis retinas tan fatigadas./ Nunca me olvidaré que en medio del camino/ había una piedra/ había una piedra en medio del camino./ En medio del camino había una piedra`. Esa marcha minimalista y obsessiva, que es exilio del yo y ausencia de tradición, nos propone asimismo una relación tensa entre los tiempos. Una auténtica extradición frente a cualquier ámbito doméstico.⁸⁷

Relação tensa entre os tempos, que recoloca em cena uma constelação de problemas:

O paradoxo anotado por Sérgio Buarque - buscar raízes e descobrir-se estrangeiro no próprio país - constitui um dos eixos da poética drummondiana relativa à idéia de Brasil. Tal paradoxo tem estimulado certa tradição intelectual que produziu clássicos para descobrir o 'Brasil', embora termine às voltas com uma série de 'ausências'. Assim, costuma-se definir o país pelo que 'ele' não foi (moderno/democrático), pelo que deixou de ser (igualitário, iluminista), ou pelo que ainda não é: nação de primeiro mundo, potência mundial.⁸⁸

A comemoração dos 100 anos de nascimento de Drummond é o lugar da comemoração de uma nação ou, pelo menos, é onde podemos ler como essas comemorações são posicionadas estrategicamente. O título de capa do dossiê é "OSUPERPOETA" e essa denominação, usada três vezes em outras comemorações - duas vezes para Nietzsche e uma para Padre Vieira - coloca-o no topo da literatura nacional e coloca-o junto a outros centenários lidos pelo *Mais!* como pais da pátria moderna: Sérgio Buarque de Holanda, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Machado de Assis, Mario de Andrade, Câmara Cascudo, Lúcio Costa, Murilo Mendes, Orestes Barbosa, Jorge de Lima. Esse é o panteão dos super, convertidos agora em unanimidades⁸⁹.

⁸⁷ ANTELO, Raul. La felicidad colectiva. *Página 12*, 27 out. 2002. Radarlibros, p. 2 (do texto).

⁸⁸ CASTRO ROCHA, João Cezar de. O (des)leitor de "Raízes do Brasil". *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. *Mais!*, p. 13.

⁸⁹ Em "Três recursos de emergência: las rebeldias populares, el desorden somático y la palabra extrema" (2002. Disponível em: <<http://www.letras.s5.com/archivoeltit.htm>>. Acesso em: 02 maio 2003), Nelly Richards lê a novela "Mano de obra" de Damiela Eltit. A novela se passa em um supermercado e Richards aproveita para fazer uma genealogia da palavra "super", colocando-a em uma cadeia com palavras como "êxtase" e "orgia". Para Richards, essa cadeia é mimética à atual fase do capitalismo e se movimenta via consumo: "El super es la unidad de lugar y tiempo que elige esta novela para hacer desfilar la mercancía en los estantes, el alíneamiento de los productos que esperan ser favorecidos por el

- + -

O QUE NÃO LER: 5. Alguma poesia de Carlos Drummond de Andrade, ed. Record, 156 págs., R\$ 17,00. Finalmente, ao terminarem as comemorações dos cem anos de Drummond, sugiro que deixemos em paz, por um tempo, seus principais poemas, especialmente os de 'Alguma Poesia', que já foram lidos em público até por seu Creyson. Não se podem saborear ostras ou salmão defumado todos os dias. Há jejuns que apuram o paladar.⁹⁰

+ -

Unanimidade tão forte quanto a atenção dedicada ao sexo, à política e ao futebol como lugares da produção do mais alto no mais baixo. Lugares em que o *Mais!* força a produção, investindo em temas baixos, desvalorizados, para converter em literatura. Em 1994, na comemoração do lançamento de "Pátria de Chuteiras", de Nelson Rodrigues, ("A volta da múmia" era o nome do dossiê em sua homenagem, quando ele começou a ser reeditado pela Companhia das Letras), o *Mais!* produziu o dossiê "11 poetas e uma bola". Em 2002, o *Mais!* produziu o dossiê "Gol de Letra: a seis dias da copa, 12 craques do texto elegem o gol antológico da história do futebol"⁹¹. A seguir, o depoimento de André Sant'Anna:

O Delel lançou o Assis no lado direito da intermediária deles. O Assis, com a bola dominada, entrou na área, sozinho, e logo já chutou no canto esquerdo, a meia altura. O Raul ficou no meio do caminho, sem saber se ia no Assis ou se ficava esperando o chute. Não fez nem uma coisa nem outra e tomou o gol. A torcida do Flamengo estava gritando é campeão é campeão é campeão e eu eu eu Fluminense se fudeu e parou de gritar. Foi aos 45 e poucos. A torcida do Fluminense começou a gritar é campeão é campeão é campeão e eu eu eu o Flamengo se fudeu. Eu fiquei muito

tacto, el contacto, la promoción, el saldo o la liquidación, hasta culminar de una forma u otra en éxtasis de la compra" (p. 1). O super, enfim, como o lugar do sublime.

A forma usada por Damiela para escrever a ficção do super foi compor uma genealogia do espaço a partir de sua circulação no tempo, através de "crônicas" que "recordam" a imprensa operária do início do século XX. Essa forma de operar desfuncionaliza através da ficção e, ao mesmo tempo, historiciza um mundo, o do super, que para Richards: "(...) replica la lógica del capital cuya sistematicidad del intercambio (producción y reproducción, traducción y apropiación, condensación y acumulación) desmaterializa el valor em el tiempo sin cualidad de la abstracción numeraria del dinero (...) Domina así la universalidad de un sistema de equivalencias (la mismidad, la serie y la repetición) que borra toda ambivalencia (la contradicción, el secreto y la opacidad)" (p. 4).

Nesse sentido, penso aqui uma proximidade entre a ficção do super e a ficção do *Mais!*.

⁹⁰ RESENDE, Beatriz. O que não ler/o que ler. *Folha de S. Paulo*, 15 dez. 2002. *Mais!*, p. 9.

⁹¹ GOL de letra. *Folha de S. Paulo*, 26 maio 2002. *Mais!*, capa.

feliz. Um amigo meu, flamenguista, bem feito, quando estava em casa, de noite, na cama, sozinho, depois do 'Fantástico', assistindo à mesa-redonda de uma emissora menor, na TV, sentindo um ódio primitivo por um de seus semelhantes, eu, que era o tricolor mais próximo, descobriu que a vida é assim: uma seqüência de campeonatos delimitando espaços de tempo na memória, num revezamento ilógico de vitórias e derrotas que provocam emoções díspares, prevalecendo as angustiantes; uma condenação à vergonha de ser impelido a praticar esquisitices como o Método Silva de Mind Control e a Figa do João Pelado apenas para tentar garantir uma felicidade artificial provocada por uma vitória da qual você não fez e nunca fará parte, já que você sabe que o Método Silva de Mind Control e a Figa do João Pelado não interferem em nada no resultado de uma partida de futebol, e que aquele gol do Roberto Dinamite, contra a Polônia, em 1978, na copa da Argentina, logo depois de você ter feito a Figa do João Pelado nunca mais funcionou em jogo nenhum; uma ilusão provocada por miolos, sangue e ligações elétricas entre neurônios, na qual não há a menor possibilidade da existência de Deus, muito menos de um Deus que em algum momento de necessidade possa resolver algum de seus inúmeros problemas, os quais você tenta sublimar, transferindo psicologicamente para um time de futebol a responsabilidade de superar seus recalques e frustrações por saber que é um ser humano medíocre, que, ao invés de realizar algo de realmente importante, fica esperando o seu time vencer, com a intenção suja de se vingar do seu amigo tricolor pelo fato de ele ser uma pessoa muito melhor do que você, em todos os aspectos, inclusive na escolha do time para o qual torce.⁹²

!

E é ainda o depoimento a forma privilegiada para homenagear os pais da pátria centenários. Há uma "tentação" de realismo⁹³, nesse sentido, na preferência por depoimentos pessoais, deixando de lado elementos mais abstratos. Afinal, estamos diante de uma comemoração!

Nesse sentido, estamos diante, a princípio, de uma primazia da memória, da memória de uma certa experiência. Há um tratamento sempre afetivo para com o homenageado, e, para com a obra também, quando é o caso.

Quanto aos centenários, podemos ver a repetição, antes e depois da comemoração daqueles em que se lê, na década de 90, como construtores de projetos de nação: Euclides da Cunha, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Machado de Assis. Esses projetos não vingaram e, agora, convertidos em obras, comemoram-se. Nesse sentido, o depoimento cumpre a função afetiva: "Eu recordo".

No centenário de Sérgio Buarque, Raymundo Faoro começa assim o seu texto:

⁹² SANT'ANNA, André. Gol de letra. *Folha de S. Paulo*, 26 maio 2002. Mais!, p. 8.

⁹³ A relação entre exílio - que nesse caso pode ser pensado como exílio do espaço público: o comemorado vindo só para a comemoração - e realismo, é trabalhada por LINK, Daniel. *Como se lê e outras intervenções críticas*. Chapecó: Argos, 2002, p. 166.

Pede-me o jornalista que eu escreva acerca do Sergio Buarque de Holanda que conheci. Nesse tempo, fins da década de 1960 e começo da de 70, [o crítico] Augusto Meyer, sempre cauteloso nos elogios, me falava de seu amigo como o expoente de sua geração. Devi a ele, mais tarde, a apresentação pessoal, cercada de muitas referências à vida do homem noturno. Nessa época, Augusto Meyer iniciava sua vida austera de monge, depois da morte de sua mulher, Sara, isolando-se do mundo, mas apaixonado pelos livros.⁹⁴

! ?

(...) o atual prestígio de Sérgio Buarque pouco tem a ver com o desejo de discutir seriamente as suas idéias, que é afinal a verdadeira homenagem, senão a única, que pode dignificar o intelectual. O que contaria seria mais a sua função de 'auctoritas', como título legitimador de discursos, o que passaria a ter direito por simples envelhecimento e institucionalização de suas idéias. Portanto, Sérgio Buarque, assim, celebrar-se-ia como se celebra uma instituição de prestígio e, na melhor das hipóteses, uma instituição genericamente sadia como a das ciências humanas ou da universidade.

As idéias estariam aposentadas, mas bem viva a instituição. É possível? Nesse caso, se não temos brasilidade precoce, temos aos menos longa duração: estaríamos funcionando na mesma base da tradição e da autoridade que Sérgio Buarque apontava como regimento da prudência em Vieira. Mas, sendo assim, ainda teríamos direito de atribuir final feliz à história dos seus primeiros cem anos?⁹⁵

!

Na comemoração dos 100 anos de nascimento de Gilberto Freyre, podemos ver, entre tantos textos, uma entrevista com FHC sobre o sociólogo. Vale lembrar que esta comemoração foi criada oficialmente por ele, "Ano Gilberto Freyre", e que durante os seus dois mandatos elegeu, ano a ano, alguns autores centenários para serem objeto de comemoração.

O que aparece em sua fala, e isso está nos outros textos da homenagem, é a comemoração do ato fundador:

(...) Ele teve a capacidade de entender algumas peculiaridades brasileiras, mesmo com exageros, que o puseram, realmente, na vanguarda de muitos terrenos da

⁹⁴ FAORO, Raymundo. Mestre Sérgio. *Folha de S. Paulo*, 23 jun. 2002, p. 4.

⁹⁵ PÉCORÁ, Alcir. A importância de ser prudente. *Folha de S. Paulo*, 23 jun. 2002. Mais!, p. 21.

sociologia. E, também foi capaz de fazer um painel importante de nossa sociedade, pois estruturou uma visão sobre o Brasil: certa, errada, mais certa, menos errada. Isso importa. Mas o que importa mais é que teve a audácia de pensar e o fez com competência muito grande.⁹⁶

A metáfora plástica tem interesse: FHC converte em painel a obra de Freyre. Em texto de 1993, "Livros que inventaram o Brasil", a metáfora também era plástica: mural⁹⁷. E era assim que convertia a obra de Sérgio Buarque de Holanda (miniatura⁹⁸) e a de Caio Prado Jr. (quadro⁹⁹).

A conversão da obra homenageada em obra plástica parece querer dizer que "(...) Sua contemporaneidade deriva precisamente da sua atemporalidade"¹⁰⁰ para a recepção.

Isso vai na direção dos depoimentos em relação aos outros homenageados nos quais dizem que agora, ou antes, na releitura das obras, elas parecem mais simpáticas. Como diz Kátia Mattoso, na homenagem aos 100 anos de "Os Sertões": "De minha primeira leitura de 'Os Sertões', feita há mais de 40 anos, fica o que utilizei em meus livros, quando escrevi sobre a Bahia. Mas a segunda, feita recentemente, foi a mais forte: não li com ouvidos de historiadora, mas com os da literatura"¹⁰¹.

É o que vemos também na homenagem ao centenário da Guerra de Canudos em "Transertões", de Augusto de Campos (*Mais!*, 3/11/96). Como está no título, isto é, no sufixo que antecede o título do livro de Euclides, o texto procura fazer uma outra leitura da obra, à la Pierre Menard, mas sem o compromisso com o tempo e convertendo a obra na atemporalidade da poesia. E antes de apresentar trechos da prosa convertidos em poema, o autor vai desfilando as memórias de sua leitura: "Eu desconhecia o estudo de Guilherme (...) ao qual desde logo rendo minhas homenagens, quando tive a idéia de intentar, por minha parte, uma leitura verso-espectral de 'Os Sertões', pondo ênfase, em particular, nos decassílabos (predominantes que são em nossa literatura poética

⁹⁶ CARVALHO, Mario Cesar. FHC fala sobre Gilberto Freyre: entrevista. *Folha de S. Paulo*, 12 mar. 2000. *Mais!*, p. 10.

⁹⁷ "Gilberto Freyre pintou um mural. E talvez seja essa a primeira razão pela qual um livro como *Casa Grande e Senzala* permanece vivo" (CARDOSO, Fernando Henrique. *Livros que inventaram o Brasil. Novos Estudos do Cebrap*, São Paulo, nov. 1993, n. 37, p. 25).

⁹⁸ "*Raízes do Brasil* é quase uma miniatura de pintor, é uma dessas miniaturas que revelam muito, como se fosse da lavra dos pintores geniais de Flandres que, ao fazer uma miniatura, às vezes no interior do quadro maior revelam, na minúcia, tudo o que pode ser visto em ponto maior na grande obra". CARDOSO, Fernando Henrique. *Livros que inventaram o Brasil. Novos Estudos do Cebrap*, São Paulo, nov. 1993, n. 37, p. 26.

⁹⁹ "(...) Na verdade, Caio Prado Junior tomou as fontes secundárias e deu vida e significação interpretativa mais ampla a elas e foi capaz de oferecer um vasto e novo quadro do Brasil". CARDOSO, Fernando Henrique. *Livros que inventaram o Brasil. Novos Estudos do Cebrap*, São Paulo, nov. 1993, n. 37, p. 32.

¹⁰⁰ CARDOSO, Fernando Henrique. *Livros que inventaram o Brasil. Novos Estudos do Cebrap*, São Paulo, nov. 1993, n. 37, p. 26.

tradicional) para pré-estabelecer limites à pesquisa".¹⁰² Resulta daí uma paradoxal lista de decassílabos no meio de uma memória afetiva da leitura.

Na conversão da prosa em poesia podemos ler, agora, quadros que funcionam sozinhos, como este:

SOLDADO

I
O sol poente desatava, longa,
a sua sombra pelo chão
e
protegido por ela -
braços longamente abertos,
face voltada para os céus -
- um soldado descansava.

Descansava...
Havia três meses.

II
- braços longamente abertos,
rosto voltado para os céus,
para os sóis ardentes,
para os luazes claros,
para as estrelas fulgurantes...¹⁰³

Os "pais da pátria" e suas obras são lidos como quadros e essa estratégia pode ser observada também na forma como o *Mais!* comemora. Nos 100 anos de "Os sertões", sob o título "Primeira leitura: Os Sertões", a convite do suplemento "(...) sete personalidades do teatro, da literatura, da crítica, do cinema e da historiografia relembram a primeira vez em que leram a obra-prima de Euclides da Cunha, que amanhã completa cem anos de lançamento"¹⁰⁴. A proposta é plástica: cada autor vai recompor, em forma de quadro, a memória da leitura, da primeira leitura. O "Eu recordo" plasmado plasticamente, como em Zé Celso, que também estava estreando a peça "Os Sertões" em homenagem ao centenário do livro (como "Cacilda!", na comemoração dos 25 anos da morte da atriz):

¹⁰¹ MATTOSO, Katia. Primeira leitura: Os Sertões. *Folha de S. Paulo*, 1 dez. 2002. *Mais!*, p. 6.

¹⁰² CAMPOS, Augusto. Transertões. *Folha de S. Paulo*, 3 nov. 1996. *Mais!*, p. 4. Esse ensaio está no livro: CAMPOS, Haroldo; CAMPOS, Augusto. *Os sertões dos campos*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997, p. 11-50.

¹⁰³ CUNHA, Euclides da In. CAMPOS, Augusto. Transertões. *Folha de S. Paulo*, 3 nov. 1996. *Mais!*, p. 6.

¹⁰⁴ PRIMEIRA leitura: Os Sertões. *Folha de S. Paulo*, 1 dez. 2002. *Mais!*, p. 5.

Meu pai, professor Jorge Borges Corrêa, a quem também festejo o centenário dedicando a montagem de 'Os Sertões', foi quem trouxe para casa aquele bendegó (aerolito, trambolho em tapuio) encapado com um pano azul claro. Fiquei beliscando sem ousar comer. Títulos das três partes...tentando ler parei no primeiro muro do Planalto Central e fui dizer pra todo mundo que já tinha lido. Mas nunca mais em toda minha vida parei de namorá-lo...¹⁰⁵

A recorrência à utilização de metáforas plásticas - quadro, painel, mural, miniatura - coloca um problema com datas e talvez possamos lê-las na história do fim do século XIX e aí, com o realismo.

A presença constante de homenagens a Machado de Assis, com textos de críticos brasileiros e estrangeiros, indica a permanente vigília de sua obra e de sua vida. E poderíamos ensaiar aqui uma hipótese: é a estética realista que está informando as conversões no *Mais!* (como se fosse o objeto que constitui-se o sujeito).

Um exemplo tomado ao acaso pode nos ajudar. Na comemoração dos cem anos de "Dom Casmurro", o *Mais!* entrevistou, longamente, Alfredo Bosi, que estava lançando um livro sobre o romance, especialmente sobre Capitu, "O Enigma do Olhar". A sua leitura busca "decifrar" o quadro pintado por Machado de Assis:

Bosi - Penso que esse 'quadro' que cobre a vida do Rio nos meados ao fim do século 19, marcado por relações assimétricas, tão bem estudado por Roberto Schwarz e Maria Sylvia Carvalho Franco - e que considero uma conquista a ser incorporada ao nosso pensamento histórico - ainda não resolvia a relação entre o 'quadro' e a 'perspectiva' de Machado.¹⁰⁶

Ainda é em torno da composição do quadro realista que gira a leitura de Machado feita aqui por Bosi, mas que poderíamos, em outro nível, estendê-la para Roberto Schwarz. Mas é a permanência dessa estética, na produção e circulação da literatura nos anos 90 que nos interessa perguntar e um dossiê, "Capitu, a no. 1", nos envia uma resposta.

O dossiê é em homenagem à permanência da personagem de Machado de Assis na memória dos leitores contemporâneos. A apresentação do dossiê é clara:

CAPITULANDO

Passam-se os anos e a força de Capitu, a protagonista do romance 'Dom Casmurro', parece só aumentar. Criada há mais de um século por Machado de Assis, a menina de

¹⁰⁵ MARTINEZ CORRÊA, José Celso. Primeira leitura: Os Sertões. *Folha de S. Paulo*, 1 dez. 2002. *Mais!*, p. 5.

¹⁰⁶ MASSI, Augusto. Decifração do tempo: entrevista com Alfredo Bosi. *Folha de S. Paulo*, 28 mar. 1999. *Mais!*, p. 4.

'olhos dissimulados' foi escolhida por leitores de São Paulo e Rio de Janeiro como a principal personagem da literatura brasileira de todos os tempos.¹⁰⁷

E assim ficamos. Entre a capitulação ao realismo e a marca de cerveja.

+ -

Comemoração dos 70 anos da Semana de Arte Moderna no *Mais!*:

O QUE É MÁRIO

Letras na USP
Ler Proust
Bernardo Bertolucci
Pintura
Machado, por Schwarz
Citar Tolstói
Revista da USP
Solidariedade
Antunes Filho
Gorbatchev
Realismo
Fernanda Montenegro
Vila Isabel
Chico Buarque
Frankfurt
Piano
Símbolo
Harold Bloom
Fotografia
Cartola
Antártica

O QUE É OSWALD

Letras na PUC
Ler Joyce
Pedro Almodóvar
Instalação
Sousândrade, por Augusto
Citar Mayakóvski
Revista Bric-à-Brac
Autonomistas
Zé Celso
Vaclv Havel
Barroco
Regina Casé
Mangueira
Caetano Veloso
Madri
Guitarra
Alegoria
Umberto Eco
Videoarte
Carmen Miranda
Brahma.¹⁰⁸

!

Há uma verticalização nas comemorações e, como vemos, parece coincidir com uma certa tradição. Se os "pais da pátria" centenários são tratados por "Super", "Universal" (moedas de conversão, conforme Flora), chegando ao paradoxo da conversão "Revolucionário tranqüilo", como no dossiê comemorativo dos cem anos de

¹⁰⁷ DA REDAÇÃO. Capitulando. *Folha de S. Paulo*, 30 set. 2001. *Mais!*, p. 4.

¹⁰⁸ GONÇALVES, Marcos Augusto; LEITE NETO, Alcino. Andrade x Andrade, *Folha de S. Paulo*, 16 fev. 1992. *Mais!*, p. 9.

nascimento de Lucio Costa, os que vêm depois e possuem ligações com os anteriores são tratados por mestres. Neste lugar, o *Mais!* coloca três autores - Antonio Candido, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes, o núcleo forte do grupo Clima – que aparecem na comemoração dos seus 80 anos, mas que ao mesmo tempo aparecem como mestres do próprio *Mais!*

Na comemoração dos 10 anos do suplemento e 80 da Folha, o octogenário Antonio Candido é eleito o "mestre", papel que Helio Oiticica, homenageado no primeiro número, parecia não ter condições de exercer com a linha adotada pelo *Mais!* no decorrer dos anos¹⁰⁹. Vejamos um trecho da apresentação do dossiê, que mistura o aniversário do *Mais!* e a importância de Antonio Candido na cena cultural:

(...) O *Mais!* manteve, no entanto, uma premissa básica desde sua origem: trazer os principais nomes em atividade em cada área para discutir do modo mais abrangente e com a mais bem cuidada apresentação gráfica possível os assuntos mais pertinentes e em evidência. Nesse sentido, não há talvez nome mais importante no universo intelectual brasileiro do que Antonio Candido.¹¹⁰

Nos dossiês comemorativos em torno desses 3 críticos, os que recordam já não são os leitores, ou só leitores, eles assumem-se como discípulos que giram em torno do(s) mestre(s).

Na hora da homenagem, os discípulos convertem a memória em quadros de um momento em que o "mestre" mostrou-se mestre. Podemos ver isso em alguns títulos dos textos, como "O dia em que o crítico subiu à mesa", de Walnice Nogueira Galvão, visto anteriormente.

¹⁰⁹ Pensamos aqui no aproveitamento que o *Mais!* faz da figura de Antonio Candido e da própria linha que imprimiu na criação do *Suplemento Literário D'Estado de S. Paulo*, apostando em um reaproveitamento de um projeto iluminista, pedagógico, de educar as massas a partir dos clássicos. Esse reaproveitamento se dá com a presença de um de seus "discípulos", Haroldo de Campos (também envolvido em projeto com caráter pedagógico no *Suplemento Dominical* do Jornal do Brasil). É a própria **Folha** que pensa o *Mais!* a partir dessa tradição: "Quatro grupos participaram dessa renovação do jornalismo cultural da Folha, sendo dois deles de jornalistas. Os primeiros vinham de experiências na imprensa estudantil e alternativa. Eles se integraram a uma equipe de jornalistas como Paulo Francis, Sérgio Augusto e Ruy Castro, que passaram por 'O Pasquim'. Completavam o quadro um grupo oriundo da universidade, sobretudo da USP, e o círculo dos concretistas, formado tanto por poetas como Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari como por uma geração mais jovem ligada a eles" (MACHADO, Cassiano Elek. A renovação cultural. *Folha de S. Paulo*, 18 fev. 2001, p. 18.

¹¹⁰ SCHWARTZ, Adriano; DIAS, Maurício Santana. O Segundo Império por Antonio Candido. *Folha de S. Paulo*, 17. Fev. 2002, p. 4.

!

A tradição em que os críticos da Revista *Clima* são colocados, no geral, é a do realismo.

Realismo crítico - O grupo da revista 'Clima' tinha em mente submeter o passado e o presente da produção artística nacional a um escrutínio severo, ainda quando encorajador. O resultado é um duro diagnóstico. Caudatário da cultura dos países centrais, cujos movimentos de idéias são absorvidos aqui com atraso e de modo artificial, apenas por força do prestígio dos modismos europeus, nosso panorama artístico é quase desértico. Era isso o que também achavam os modernistas de 22, mas seu entusiasmo pela liberdade criativa, que supunham capaz de compensar o atraso de séculos de colonização (...), é substituído na geração de Décio por um realismo crítico que às vezes beira a amargura, quando não se esquivava pela ironia.¹¹¹

Realismo¹¹² que se faz ver também na relação do Editor da Folha com o crítico, ou os críticos, ao fazer o epitáfio de Décio, no dossiê comemorativo que já está no título da capa: "Resumo de crítico". Essa forma está disseminada na composição de outras homenagens como as a Lucio Costa por Otilia Arantes, a José Paulo Paes por Davi Arrigucci Jr., ao Brasil por Keneth Maxwell, por exemplo.

Por serem discípulos os que comemoram, está em jogo, nessas homenagens, a tentativa de reverter os mestres em sua "pureza", contra as leituras dos que se colocam como herdeiros dos mestres. E é em torno do realismo, contra ou a favor, é que os textos giram, como esse de Haroldo de Campos, em homenagem aos 80 anos de nascimento de Antonio Candido, em que recoloca em cena a disputa Mario x Oswald (este, ausente das homenagens do *Mais!*) desfazendo do discípulo "realista", Roberto Schwarz:

Antonio Candido é sem dúvida o maior crítico brasileiro deste século. Nisto podemos concordar, gostosamente, com seus discípulos, alguns deles movidos antes por reverência panegírica do que por senso crítico (...) Não sei se a sua argúcia no discernimento estético, sempre informada por seletiva erudição, argúcia à qual, nos momentos mais privilegiados, a abordagem sociológico-contextual serve de moldura iluminadora, nunca de ofuscamento irritado; não sei se essa sua lúcida postura crítica tem feito - terá feito - êmulos à altura entre seus discípulos. O caso que me parece mais singular é o de Roberto Schwarz, sobretudo quando tenho em mente que, ao expor o seu método "histórico e estético", Candido enfatiza que, nele, o fator estético tem a primazia.

¹¹¹ FRIAS FILHO, Otávio. Resumo de crítico. *Folha de S. Paulo*, 13 fev. 2000. *Mais!*, p. 6.

¹¹² Não se trata aqui de discutir esse conceito e toda complexidade e sentidos que ele supõe. Interessa, principalmente, ver como ele circula e os sentidos que carrega nessa circulação, como o realismo crítico, que aparece, a princípio, como um olhar realista contra um olhar idealista da realidade.

Tendo partido de um livro de estréia em que foi capaz de ler com sensibilidade e talento até mesmo a 'prosa estrelada' de Clarice Lispector, o crítico de 'A Sereia e o Desconfiado', parece-me, deixou-se progressivamente enrijecer pelo engessamento ideológico real-socialista lukacsiano (não posso dizer marxiano, quando penso que Marx, leitor múltiplo e de refinada sensibilidade, se abriu aos gregos e aos romanos; aos medievais, em especial a Dante; a Goethe; a Puchkin; à prosa estruturalmente inovadora de Lawrence Sterne; e, entre seus contemporâneos, à inventividade logopaica, crítico-irônica, de Heine; que, ademais, defendeu a 'forma' - seu estilo - como sua 'propriedade' e sua 'individualidade espiritual').

Isso chega a um grau extremo no último trabalho de Schwarz ('Duas Meninas', 1997). Neste livro, apressuradamente acolhido pela recepção jubilosa dos confrades, o crítico das 'idéias fora do lugar', sucumbindo à ilusão do referente e manifestando, suspicaz, sua preferência pela informação sociodocumental em detrimento do fator estético, do signo textual, chega a transformar Capitu em pessoa física e põe-se a promover a autora (ou talvez autora) de um diário memorial de menina à condição de par de Machado de Assis, de escritora superior em qualidade, em sua prosa de cabeceira, aos demais autores relevantes da época machadiana, dados como "ornamentais" e museologicamente "equivocados" (e, pois, assim, prioriza-a e exalta-a em contraposição a Euclides da Cunha e a Raul Pompéia, por exemplo...).

Leia-se a propósito a demolidora resenha escrita por um bom conhecedor da prosa do período, Massaud Moisés, percuciente análise dessa falácia extratextual robertiana, publicada em meados do ano passado no "Jornal da Tarde", mas que parece não ter tido ainda a merecida e necessária ressonância.

Como tantas vezes ocorre, o mestre, soberano, paira muito acima de seus discípulos, mesmo daqueles que lhe parecem mais próximos.¹¹³

- +

E é no limite entre o realismo e o naturalismo que os 70 anos da Semana de Arte Moderna são comemorados e que podemos ler no conto "O olhar", de Rubem Fonseca, publicado pelo *Mais!* em comemoração à volta do Autor ao conto. A conversão se dá em primeiro lugar na forma: o modernismo é lido em chave estética anterior, o pré.

O narrador, um escritor de obras clássicas utilizadas em sala de aula (o destino dos modernistas?), sofre um desmaio por falta de alimentação. Após a insistência do médico ele sai para jantar (nunca saía) e fica surpreso ao ver o médico escolhendo no aquário de um restaurante uma truta viva para comer. Após nova insistência, o narrador aceita e acaba adotando, como critério para a escolha da comida, o olhar: "Subitamente percebi que uma das trutas me olhava. Ela nadava de maneira mais elegante do que as outras e possuía um olhar meigo e inteligente. O olhar da truta deixou-me encantado".¹¹⁴

¹¹³ CAMPOS, Haroldo de. O maior crítico brasileiro. *Folha de S. Paulo*, 19 jul. 1998. *Mais!*, p. 4. *Mais* uma vez, como aqui, o homenageado aparece lateralmente.

¹¹⁴ FONSECA, Rubem. O olhar. *Folha de S. Paulo*, 29 mar. 1992. *Mais!*, especial, p. 3.

A ingestão da truta que o olhou mudou sua vida. E com a truta entra em cena a antropofagia. Comer, devorar o olhar, o corpo do outro, para incorporá-lo. E a partir da truta, ele busca outros animais até preparar um coelho em casa e aí:

Afinal, o coelho estava pronto, à minha frente.
Comecei a degustá-lo delicadamente, em pequenas porções. Ah!, que prazer excelso!
Foi uma lenta refeição, que durou a "Júpiter", de Mozart, inteira.
Depois fui escovar os dentes. Contemplei através do espelho, pensativo, a banheira.
Quem fora mesmo que me dissera que os cabritos tinham um olhar ao mesmo tempo meigo e perverso, uma mistura de pureza e devassidão? Hum...Aquela banheira era pequena. Precisava comprar uma maior. Talvez uma jacuzzi, das grandes, com jatos estimulantes. Fiquei vendo o meu rosto no espelho. Olhei os meus olhos. Olhando e sendo olhado - uma coisa afinal irrefletida, um eixo de aço, lava de um vulcão sendo expelido, nuvem infindável.
O olhar, o olhar.¹¹⁵

A conversão: da antropofagia à autofagia¹¹⁶.

!

E é à geração de Roberto Schwarz que o *Mais!* vai atribuir o ponto de chegada dessas comemorações:

UMA GERAÇÃO QUE REEINVENTOU O BRASIL

O ensaísta Roberto Schwarz analisa em texto inédito o percurso intelectual e político de um grupo de jovens e professores da USP, que começou há 40 anos estudando 'O Capital' de Marx, e teve um de seus membros mais ilustres, Fernando Henrique Cardoso, eleito presidente no ano passado.¹¹⁷

O título do dossiê é explícito. Se lembrarmos o texto de FHC "Livros que inventaram o Brasil" e os mestres que ele reivindica, estamos aqui no ponto de chegada dessa tradição.

O texto de Roberto Schwarz "Um seminário de Marx" é um depoimento e nele pinta um quadro da formação do grupo, em forma próxima ao seu ensaio "A carroça, o

¹¹⁵ FONSECA, Rubem. O olhar. *Folha de S. Paulo*, 29 mar. 1992. *Mais!*, especial, p. 4.

¹¹⁶ Leio esse conto como uma comemoração dos 70 anos da Semana de Arte Moderna pela colocação dele no *Mais!* nesse ano, e em meio a outros números que lembravam da efeméride. Nesse sentido, penso que é possível ler os animais que o narrador devora como corpos culturais, rebaixados, encaminhando-o para a antropofagia, mas que nesse caso é autofagia, devoração de si mesmo.

¹¹⁷ UMA GERAÇÃO que reinventou o Brasil. *Folha de S. Paulo*. 8 out. 1995. *Mais!*, capa.

bonde e o poeta modernista" e, como lá, ele se surpreende da poesia que nasce do atraso:

(...) Havia bastante desigualdade de posses entre os participantes, patente nas moradas respectivas, que iam do abastado e confortável ao sobradinho geminado e modesto. Não perguntei a opinião dos demais, mas lembro a diferença como um traço de união, a que não faltava alguma coisa poética.¹¹⁸

Poesia que emana, nas palavras do próprio Schwarz "(...) de qualquer poder quando é passado para trás".¹¹⁹

A agenda do grupo recolocava em cena a dualidade avançados e atrasados e procurava formas de superar o atraso.

(...) Apesar de desajeitada, a tensão entre estes extremos foi uma força do grupo, que não abria mão do propósito de explicar alguma coisa de real e neste sentido nunca foi apenas doutrinário.¹²⁰

"Alguma coisa do real". É possível ler aqui o programa do grupo no trato com as questões examinadas. Schwarz, no final do depoimento, diz que a literatura ficou ausente dos debates. Mas é nessa área a sua principal contribuição ao Seminário: "As Idéias fora do lugar", em que analisa como, no século XIX, na vida política, escravismo e idéias liberais conviviam no mesmo lugar. É nesse momento que surge o autor a quem mais tem dedicado seus estudos, Machado de Assis. E é em favor de uma estética realista que mobiliza seus ensaios posteriores. Estética fundada em Machado e que é conseqüente com os problemas do país. Essa é a moeda de conversão utilizada na análise da vida cultural e da literatura no Brasil e nos textos publicados pelo autor no *Mais!*. O critério é a literatura que se insere no projeto de pensar a nação. É assim que comemora a publicação de "Cidade de Deus", de Paulo Lins, como "Uma aventura artística incomum". Como diz o crítico:

A oscilação vertiginosa na estatura das personagens, conforme o ângulo pelo qual se encarem, formaliza e dá realidade à fratura social, que se reproduz dentro da esfera do crime (...) Se por um lado o crime forma um universo à parte, interessante em si mesmo e propício à estetização, por outro ele não fica fora da cidade comum, o que proíbe o distanciamento estético, obrigando à leitura engajada (...).¹²¹

¹¹⁸ SCHWARZ, Roberto. Um seminário de Marx. *Folha de S. Paulo*. 8 out. 1995. *Mais!*, p.4.

¹¹⁹ SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 34.

¹²⁰ SCHWARZ, Roberto. Um seminário de Marx. *Folha de S. Paulo*. 8 out. 1995. *Mais!*, p.5.

¹²¹ SCHWARZ, Roberto. Uma aventura artística incomum. *Folha de S. Paulo*, 7 set. 1997. *Mais!*, p. 12.

O realismo como moeda forte.

Os avanços e recuos na estrutura do romance, que o crítico lê como avanços e recuos na estrutura da sociedade, pagam um preço a uma temporalidade histórica. Como diz Ludmer: "En la fundación de la nación y de la literatura nacional (y en el universo 'civilización y barbárie'), los sujetos están definidos por el tiempo: los que se atrasan y llegan tarde como los bárbaros (...), y los que se adelantan"¹²².

Na mesma direção, há uma outra escolha, a poesia de Francisco Alvim. E na ótica do crítico é assim que devemos ler as várias vozes que compõem os poemas:

SELAS// Experimentei/ não reagi' (...) Os termos são eqüestres, o auditório é a roda familiar ou quase e a vítima provável é um serviçal ou parente em má situação. O quadro dá o que pensar. Estamos diante da preferência temática de um poeta? Diante de um diagnóstico involuntário, decorrente de seu esforço de exatidão mimética e de fidelidade à língua viva? Digamos que a regra da irregularidade é um paradoxo que condensa a condição moral e intelectual do país periférico, onde as formas canônicas do presente, ou dos países centrais, não são praticáveis na íntegra, sem prejuízo de serem obrigatórias como espelho e de darem a pauta. É evidente o sinal negativo e de deficiência inerente a essa condição, a qual é complementar de outra, que se situa noutras bandas e tem sinal positivo. Está aí o país-problema, que a seu modo, vista a generalidade do desvio, configura um exotismo ou, nos aspectos graves, uma excrescência.¹²³

Estão aí as idéias fora do lugar, Machado de Assis e, a partir deste, o olhar do presente: o real (ismo).

! +

Na história da literatura brasileira, Clarice Lispector inaugura tardiamente a possibilidade de uma ficção que, sem depender do desenvolvimento circunstanciado e complexo de uma trama novelesca oitocentista consegue alcançar a condição de excelência atribuída pelos especialistas. No cânone da literatura brasileira, essa trama novelesca, por sua vez, aludia diretamente ou indiretamente a um *acontecimento* da formação colonial e do desenvolvimento nacional. Na boa literatura brasileira anterior à Clarice, ou melhor, na literatura brasileira assumidamente boa anterior à Clarice, a caracterização e o desenvolvimento dos personagens e a trama novelesca que os metabolizava eram envolvidos, direta ou indiretamente, pelo acontecimento e dele refluíam ou a ele confluíam, como afluentes que ganham significado pelo sentido que lhes é empregado pelo caudal do rio aonde eles deságuam (...) Clarice inaugura uma tradição sem fortuna, desafortunada, feminina e, por ricochete,

¹²² LUDMER, Josefina. *Temporalidades del presente*. Belo Horizonte: Abralic, 2002, p. 5. Anais.

¹²³ SCHWARZ, Roberto. O país do elefante. *Folha de S. Paulo*, 10 mar. 2002. Mais!, p. 8.

subalterna. Para que alcançasse a plena condição de excelência, no auge da 'ingenuidade naturalista' dos anos 30 e 40, a proposta subalterna, tardia e solitária da escrita ficcional de Clarice teve de se travestir mais tarde, pelo que ela negava.¹²⁴

! ?

(...)

- Oitenta e nove anos! Ecoou Manoel que era sócio de José. É um brotinho!, disse espirituoso e nervoso, e todos riram, menos sua esposa.

A velha não se manifestava.

(...)

A velha não se manifestava.

(...)

- Me dá um copo de vinho! disse.

O silêncio se fez de súbito, cada um com o copo imobilizado na mão.

- Vovozinha, não vai lhe fazer mal? Insinuou cautelosamente a neta roliça e baixinha.

- Que vovozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante. Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundos! Me dá um copo de vinho, Dorothy!, ordenou.¹²⁵

!

A memória da formação do grupo em torno de "O Capital" paga tributos, inevitavelmente, ao membro que até 2002 era presidente da república: FHC. No depoimento de Schwarz, ele funciona como a personagem principal, pelas suas contribuições em relação ao programa do grupo. Schwarz, que formulou "As idéias fora do lugar" a partir de observações contidas em pesquisa de FHC, coloca-o como o principal teórico do grupo, um dos principais.

A passagem do teórico para a presidência é feita em moeda conhecida: o realismo da conversão.

FHC apostava na incidência da mutação econômica global, que valorizava a estabilidade doméstica e convidava o eleitorado a participar das novidades materiais e organizativas do mundo contemporâneo e declarava matéria vencida os conflitos armados no período anterior. À vista do resultado, mais uma vez (...) dava espaço à recondução, ainda que relativa, do bloco do poder. Tudo em linha com as análises já clássicas do próprio sociólogo, as quais, entretanto, em ocasiões prévias, se haviam

¹²⁴ SANTIAGO, Silviano. A aula inaugural de Clarice: 20 anos de morte. *Folha de S. Paulo*, 7 dez. 1997. *Mais!*, p. 12.

¹²⁵ LISPECTOR, Clarice. Feliz Aniversário. In. *Os melhores contos de Clarice Lispector*. São Paulo: Global, 1998, p. 235-239.

destinado a abrir os olhos da esquerda, ao passo que agora levavam à presidência o seu Autor em pessoa, à frente de uma coligação partidária de centro-direita.¹²⁶

O que salta aos olhos em primeiro lugar é a conversão, de uma moeda fraca - a esquerda - para uma moeda forte e podre, ao mesmo tempo - a coalizão centro-direita - em nome de uma "estabilidade doméstica". E isso é colocar as idéias no lugar, segundo FHC, no dossiê em homenagem aos 65 anos de seu nascimento: "FHC põe suas idéias no lugar". O *Mais!*, ao desfazer o mal-estar da formulação de Schwarz, dá a fórmula da conversão e parece mostrar em que contexto o realismo é possível.

E é a essa tradição, que se coloca como o fim da linha, que o *Mais!* paga tributos:

FHC - (...) O Brasil tinha 'maîtres à penser', você discutia fulano, beltrano, dois, três, quatro, cinco no máximo...

Folha - Caio Prado, Sérgio Buarque, Gilberto Freyre...

FHC - Isso, depois teve Celso Furtado e, depois, até nós (o próprio FHC). Não sei se essa verticalização vai continuar no futuro.¹²⁷

Essa verticalização de uma tradição que FHC constrói e na qual se coloca como o ponto de chegada é, como vimos, a mesma construída e utilizada pelo *Mais!* na sua ficção da comemoração.

! ?

Por decreto do presidente Fernando Henrique Cardoso, o ano 2000 foi instituído como Ano Nacional Gilberto Freyre. Sem negar o mérito dessa iniciativa - sem dúvida inusitada - que visa a dar maior peso às homenagens prestadas ao intelectual pernambucano, é de lamentar, entretanto, que outra eminente figura da nossa história, o educador baiano Anísio Teixeira, não tenha sido alvo de semelhante atenção em seu centenário.¹²⁸

¹²⁶ SCHWARZ, Roberto. Um seminário de Marx. *Folha de S. Paulo*. 8 out. 1995. *Mais!*, p.7.

¹²⁷ TORRES FREIRE, Vinicius. Para lembrar o que ele escreveu: entrevista com Fernando Henrique Cardoso. *Folha de S. Paulo*, 13 out. 1996. *Mais!*, p. 7.

¹²⁸ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. Ano Nacional Anísio Teixeira. *Folha de S. Paulo*, 25 jun. 2000. *Mais!*, p. 30, + memória.

!

E podemos perceber como FHC comemora o presente como o melhor lugar possível, tornando risível e passadista um realismo "crítico" como o de Roberto Schwarz, o que bem perceberam Augusto Boal, Ferreira Gullar e outros:

Folha - A vida política parece cada vez mais restrita ao que é dado, à 'politique policière' (restrita à ordem estabelecida)...

FHC - Quando não foi?

Folha - Um exemplo, no caso do Brasil, Roberto Schwarz (FHC ri)...disse uma vez que, nos anos 50 e 60, o Brasil estava extraordinária e estranhamente inteligente...

FHC - Schwarz é um homem inteligente e pertenceu naquela época a um setor - ao mesmo que eu - que se comprazia em dizer que nós éramos muito inteligentes. Somos, eventualmente (risos). E daí? E o resto?¹²⁹

É dessa direção que vemos aparecer também em FHC uma sociologia em que o outro é bocó, além de uma filosofia da reconversão: re-nascimento cultural e o real. E são essas também as moedas, ou a moeda, a partir da qual o *Mais!* imprime sua ficção.

O real, desde sua implantação em julho de 1994, circulou como uma metáfora no lugar de muitas coisas, da economia à literatura, mas é possível ler também um desejo de real antes, como no dossiê "Short cuts à brasileira":

CENAS DA VIDA BRASILEIRA - seis escritores 'fotografam' os vários ângulos do cotidiano no país.

A convite do **Mais!**, seis escritores de diversas partes do país criaram curtas 'cenas brasileiras'. Embora sem preocupação regionalista, os contos 'fotografam' o Brasil de vários ângulos.¹³⁰

Mas é no período da vigência do real, na comemoração de dois anos de sua implantação, que vem o dossiê mais contundente, ligando o real à estabilidade, prefigurando ser este o único caminho possível para o país. O dossiê é "Contos de reais", e o mote é: "O economista americano Rudiger Dornbusch, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, declarou no último dia 3 que o Real pode acabar em um ou dois anos; o *Mais!* convidou seis escritores para imaginar o Brasil sem o plano".

Os contos são unânimes: se o Real acabar, o que vem é a catástrofe. Dois trechos do conto de Antonio Callado "A galinha de 500 anos"

¹²⁹ TORRES FREIRE, Vinicius. Para lembrar o que ele escreveu: entrevista com Fernando Henrique Cardoso. *Folha de S. Paulo*, 13 out. 1996. *Mais!*, p. 7.

¹³⁰ CENAS da vida brasileira. *Folha de S. Paulo*, 10 abr. 1994. *Mais!*, p. 4.

! ?

O desastre das celebrações oficiais e as críticas que elas despertaram mostram que é hora de mais plebiscito, é hora de falarem os Brasileiros de todos os quadrantes sociais. As vozes serão desafinadas e o coral será cacofônico. E haverá reação dos que só admitem uma idéia de Brasil, aquela que eles mesmos criaram e que gostariam de impor uma reedição cultural do ame-o ou deixe-o. Mas, se a nação não se imagina a partir dessa diversidade, posto que cacofônica, ela jamais se firmará em bases sólidas, na medida em que pode haver solidez nesses domínios. Os mitos cairão por terra, reduzidos às simples mistificações que são.¹³¹

!

apontam ironicamente nessa direção:

Nesse dia o Rio inteiro sentiu que o Mal começava a completar, do alto do Corcovado, o horror iniciado com a condenação à morte do Real, com entronização da coroa, a moeda da decadência, da volta à correção monetária. Era o fim da paz, o reinado da fome e da angústia.¹³²

(...) Eu acho que estamos voltando para trás.¹³³

Consoante com as outras ficções, o fim do real significava voltar pra trás e estar sob o signo do MAL.

?

E o *Mais!*, ainda em 1993, elegeu o mal: o Partido dos Trabalhadores:

QUE PARTIDO É ESSE?

Marxismo, leninismo, cristianismo, corporativismo, messianismo e demagogia misturam-se no 'novo' PT, que promete eleger Lula para 'tensionar' e esgarçar os limites da ordem existente.¹³⁴

¹³¹ CARVALHO, José Murilo. A memória nacional em luta contra a história. *Folha de S. Paulo*, 12 nov. 2000. *Mais!*, p. 19.

¹³² CALLADO, Antonio. A galinha de 500 anos. *Folha de S. Paulo*, 16 jun. 1996. *Mais!*, p. 4.

¹³³ CALLADO, Antonio. A galinha de 500 anos. *Folha de S. Paulo*, 16 jun. 1996. *Mais!*, p. 4

¹³⁴ QUE PARTIDO é esse? *Folha de S. Paulo*, 29 ago. 1993. *Mais!*, capa.

É produtivo aqui deixar a palavra ao *Mais!* e às qualificações que ele vai dando ao PT: arcaico, mistificante, intervencionista, esquizofrênico, Dr. Jekyll. Assim, o que nasce do PT já estaria atrasado, inoperante:

Não há dúvida: o PT é mesmo um partido diferente. Mais de uma década depois de sua fundação e passados quatro anos da revolução que varreu o 'socialismo real' da face da Europa, o Partido dos Trabalhadores aprova no seu Encontro Nacional - o 8º realizado em junho, em Brasília - um conjunto de teses que, desde já, é uma peça arqueológica a figurar nos futuros museus da impropriedade política.¹³⁵

A apresentação do Editor do *Mais!*, no momento em que o PT elege seu presidente, torna-se a qualificação dada ao outro, ao bocó. Por outro lado, um passo à frente, conservador, marca a trajetória dos editores do *Mais!*. Marcos Augusto nesse caso, Alcino Leite Filho e a entrevista com Leyla Perrone-Moisés e Adriano Schwartz, na dos 10 anos do *Mais!*, na leitura que ele faz da trajetória do suplemento.

Mas o passo à frente, adiantado, do *Mais!*, repete-se no ano seguinte, em 1994, durante as eleições presidenciais. O arcaico e o fora da lei qualificam Lula, agora com a ajuda da tragédia grega:

Lula declarando: 'entre a lei e a coisa justa e legítima, eu sempre disse que o justo e legítimo é muito mais importante', deu uma de Antígona moderna.¹³⁶

E Antígona desce aos infernos novamente:

EU PERDI!

Em peças exclusivas, cinco dramaturgos imaginam a reação dos candidatos diante da derrota nas eleições presidenciais de amanhã.¹³⁷

Mas a estabilidade está garantida, pelo menos a de FHC, nem que para isso o autor da peça, Mauro Rasi, tenha que virar personagem para pedir desculpas aos amigos Fernando e Ruth pela "brincadeira" encomendada:

FHC - Esse comitê faz tudo errado.

¹³⁵ GONÇALVES, Marcos Augusto. PT assume teses esquerdistas e tanta ocultar esquizofrenia. *Folha de S. Paulo*, 29 ago. 1993. *Mais!*, p. 4.

¹³⁶ CALLIGARIS, Contardo. Lula como Antígona. *Folha de S. Paulo*, 5 jul. 1994. *Mais!*, p. 13.

¹³⁷ EU PERDI! *Folha de S. Paulo*, 2 out. 1994. *Mais!*, capa.

Ruth - Por isso perdemos as eleições (FHC começa a rir). Sabe por que eu amo tanto você, querido? Por que está rindo? (Começam ambos a chorar. De repente, FHC pára de chorar).

FHC - Pera aí. Pára a peça. (Aos bastidores) Acende a luz. (As luzes são acesas).

Ruth - Que foi?

FHC - Tem alguma coisa errada com esse texto que estamos falando...é como se eu estivesse sendo dublado.

Ruth - Eu também estou com a mesma sensação.

FHC - Não estou sentindo ele vir de dentro.

Ruth - (Baixo, ao marido) Vai ver que a gente já representou tanto que perdeu a noção...

FHC - Não, esse não sou eu. Não é o meu papel. Quem foi que escreveu esse texto?

Ruth - Deve ter sido algum xiita do PT, ou do PCdoB...quem sabe o próprio João Amazonas (Alguém na platéia informa).

Alguém - Foi o Mauro Rasi.

FHC - Quê! Mas ele não votou em mim?

(O autor levanta-se na platéia)

Autor - Votei (constrangido). Desculpe, Fernando, desculpe, Ruth...¹³⁸

?

EU PERDI!¹³⁹

!

Perdoe-me, eu...eu o tenho pranteado tanto tempo em silêncio...em silêncio...O senhor esteve com ele...até o fim? Penso na solidão dele. Ninguém perto para compreendê-lo como eu o compreendi. Talvez ninguém para ouvi-lo...!

'Fiquei até o final' disse eu, trêmulo. 'Ouvi suas últimas palavras...'. Calei-me, aterrorizado.

'Repita-as', murmurou ela, num tom de partir o coração. 'Eu quero...eu quero...algo...para...para...poder seguir vivendo'.

'Estive a ponto de gritar para ela: 'A senhora não está ouvindo?' A penumbra estava repetindo-as num persistente sussurro a nossa volta, um sussurro que parecia se intensificar ameaçadoramente, como o primeiro sussurro de um vento que cresce. 'O horror! O horror!'

'Suas últimas palavras...para guardar sempre', insistiu. 'Não percebe que eu o amava...eu o amava...eu o amava!'

'Recompus-me e falei lentamente: 'A última palavra que ele pronunciou foi...seu nome!'

'Ouvi um leve suspiro, e depois meu coração parou, como que imobilizado por um exultante e terrível grito, um grito de inconcebível triunfo e indizível dor. 'Eu sabia...eu tinha certeza...' Ela sabia. Ela tinha certeza. Escutei-a chorando; havia escondido o rosto com as mãos. Pareceu-me que a casa ia desmoronar antes que eu

¹³⁸ RASI, Mauro. Buchada de bode nunca mais!. *Folha de S. Paulo*, 2 out. 1994. Mais!, p. 6.

¹³⁹ EU PERDI! *Folha de S. Paulo*, 2 out. 1994. Mais!, capa.

pudesse escapar, que os céus caíam sobre minha cabeça. Mas nada aconteceu. Os céus não caem por tal ninharia. Teriam caído, quem sabe, se eu houvesse feito a Kurtz a justiça que lhe era devida? Não havia dito que queria apenas justiça? Mas não pude. Não pude dizer a ela. Teria sido algo muito tenebroso...demasiadamente tenebroso, afinal...!¹⁴⁰

¹⁴⁰ CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Porto Alegre: L&PM Pcket, 2002, p. 166-7.

Mais, ainda

!

O que procuraste em ti ou fora de
teu ser restrito e nunca se mostrou,
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,
e a cada instante mais se retraindo,
olha, repara, ausculta: essa riqueza
sobrante a toda pérola, essa ciência
sublime e formidável, mas hermética,
essa total explicação da vida,
esse nexo primeiro e singular,
que nem concebes mais, pois tão esquivo
se revelou ante a pesquisa ardente
em que te consumiste...vê, contempla,
abre teu peito para agasalhá-lo.¹

O começo é simples de apontar.

A voz da máquina propõe ao caminhante o mundo e, na repetição, o acúmulo de todas as coisas. A mesma promessa está em outro lugar: a voz do *Mais!*. Na sua repetição atravessando todos os dossiês oferece, também por acúmulo, mais e mais. As duas repetições estão no meio, entre. A da máquina no meio do poema, a do *Mais!*, entre o que se comemora e as vozes que comemoram.

A aceitação da voz da máquina do mundo é a grande comemoração do *Mais!*. Para além das homenagens prestadas a Drummond durante toda a década, reiterando sua posição de maior poeta brasileiro, um ícone nacional, aquele em torno do qual vão girar críticos, poetas e jornalistas, a adoção da voz que apresenta os dossiês parece configurar-se, na sua repetição, a aceitação, 50 anos depois, da recusa presente no poema de Drummond. A voz da máquina em seu futuro é a voz do *Mais!*: "Nesse movimento, os enigmas do presente estendem-se adiante, como antecipação, ou para trás, como memória, e saltam para 'outra realidade'".²

De fato, as duas vozes colocam no reino da língua a oferta da modernização, ou a ficção³ política e literária que está colocada no Brasil, nesses 50 anos. Ficção que perdura e que o *Mais!* recebe como "dom tardio". E essa ficção na língua opera a partir de 4 movimentos:

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. A máquina do mundo. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. *Mais!*, p. 20.

² LUDMER, Josefina. *O corpo de delito*. Belo Horizonte: Editora da Ufmg, 2002, p. 385.

1. Comemoração: as duas vozes partem do mesmo lugar: a comemoração e o oferecimento do que não se tem, do êxtase, do entorpecimento dos sentidos, por acúmulo.

2. Convite: As duas vozes convidam:

Abriu-se em calma pura, e convidando.⁴

E é assim que podemos ouvir a voz do *Mais!*:

A convite do *Mais!*, sete personalidades do teatro, da literatura, da crítica, do cinema e da historiografia relembram a primeira vez que leram a obra-prima de Euclides da Cunha, que completa amanhã cem anos de lançamento.⁵

O convite, como forma de fazer a ficção funcionar, não deixa ler a exclusão dos não convidados - por naturalizá-la - e simula e encena a civilização contra a barbárie.

3. Performativo: Os enunciados dessas vozes são performativos. Além de apresentarem o mundo, eles o produzem.

Assim em Drummond:

tudo se apresentou nesse relance
e me chamou para seu reino augusto,
afinal submetido à vista humana.⁶

Assim no *Mais!*:

Seis escritores 'fotografam' os vários ângulos do cotidiano no país.⁷

Produzem ou re-produzem cenas de modernização, em que o acúmulo, o excesso, é a principal marca.

³ LUDMER, Josefina. *O corpo de delito*. Belo Horizonte: Editora da Ufmg, 2002, p. 380.

⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. A máquina do mundo. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. *Mais!*, p. 20.

⁵ PRIMEIRA leitura: Os Sertões. *Folha de S. Paulo*. 1 dez. 2002. *Mais!*, p. 5.

⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. A máquina do mundo. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. *Mais!*, p. 20.

⁷ CENAS da vida brasileira. *Folha de S. Paulo*, 10 abr. 1994. *Mais!*, p. 4.

4. Convidados: a ficção só se realiza, ou melhor, a forma da ficção está em os operários (convidados) trabalharem, para realizá-la, com suas colaborações (operações):

convidando-os a todos, em coorte,
a se aplicarem sobre o pasto inédito
da natureza mítica das coisas,⁸

E na voz do *Mais!*, cada palavra da voz da máquina encontra a sua realização:

CENAS DA VIDA BRASILEIRA - seis escritores 'fotografam' os vários ângulos do cotidiano no país.

A convite do **Mais!**, seis escritores de diversas partes do país criaram curtas 'cenas brasileiras'. Embora sem preocupação regionalista, os contos 'fotografam' o Brasil de vários ângulos - do tratamento irônico da violência urbana de Modesto Carone ao choque entre dois mundos narrado por Marilene Felinto, passando pelo patético drama amoroso de um gago por Sérgio Sant'Anna.

A idéia central originou-se do filme de Robert Altman 'Short Cuts - Cenas da Vida' (em cartaz em São Paulo), por sua vez adaptado de contos do escritor Raymond Carver.

Além de Felinto e Carone de São Paulo, e Sant'Anna, do Rio de Janeiro, participam desta miniantologia de 'Cenas da vida brasileira' os escritores Luiz Villela, de Minas Gerais, Milton Hatoum, do Amazonas, e João Gilberto Noll, do Rio Grande do Sul.

A capa do **Mais!** e as xilogravuras que ilustram os contos foram feitas pelo artista plástico e poeta paulista Alberto Alexandre Martins.⁹

O mundo, ou o país, neste caso, está montado, ou melhor, fotografado, com as colaborações que respondem ao "convite do *Mais!*" e por mais que a violência seja o tema, ela está controlada, pela voz que a antecipa, explica e informa a genealogia do dossiê.

+

O "convite" do *Mais!* soma, acumula, em torno de uma comemoração e sua voz, um número extraordinário de convidados, que apresentam textos exclusivos, para aquele convite. O segredo de uma antologia é a organização. No caso do *Mais!*, acrescente-se o poder de mobilização de produções inéditas para as antologias propostas. Poder de

⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. A máquina do mundo. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. *Mais!*, p. 20.

⁹ CENAS da vida brasileira. *Folha de S. Paulo*, 10 abr. 1994. *Mais!*, p. 4.

colocar, "em torno" das comemorações propostas, 3, 5, 6, 11, 18 autores, críticos, jornalistas, para produzirem um corpo do homenageado. Um pouco à maneira de Bandeira em "A maçã", em que a fruta vai sendo percebida por diferentes pontos de vista. Em outras palavras, "Seis escritores 'fotografam' os vários ângulos do cotidiano no país".¹⁰

-

O apelo à fotografia feito pela voz, como forma de nomear os contos, é também um apelo à mimese. E como diz Sarlo, "Obviamente, mimese joga com a idéia de realismo".¹¹ Assim, a voz, além de enunciar o evento, estabelece o método de leitura dos contos, porque sem esse apelo eles poderiam ser lidos de outro modo. E é assim que podemos ler dois desses contos, "Informe de um gago", de Sergio Sant'Anna, e "Café das Flores", de Modesto Carone, republicados no livro "Figuras do Brasil: 80 autores em 80 anos de Folha", antologia organizada por Arthur Nastrovski a partir de textos publicados por autores "conhecidos", na **Folha** e nos seus suplementos. Como o critério de visibilidade é o nome-próprio, e não há nenhuma referência ao evento, os dois contos recebem agora uma outra leitura.

Desta forma, o mapa do país só é possível se lermos os contos como essa voz propõe, como fotografias, e a linha que as amarra, a violência. E, de fato, podemos ler os contos de Sérgio Sant'Anna, "Informe de um Gago", de Modesto Carone, "Café das Flores", de Milton Hatoum, "Dilema", de João Gilberto Noll, "Açaí e Acerola", de Marilene Felinto, "Duplo diagnóstico" e de Luiz Vilela, "Luxo", a partir deste método de leitura.

Nesta perspectiva, a violência aparece disseminada em todos os textos. "Café das Flores", de Carone, é o mais explícito nesse sentido: nele, aparecem tanto a violência doméstica como a violência urbana, uma mimética à outra. O narrador, além de ser esfaqueado por sua ex-mulher no "Café", está "à mercê" de "tiroteios" que acontecem fora do bar, mas atingem o espaço interno onde estava. Ao ir embora, esfaqueado e com o carro perfurado por tiros, lê a violência que está em todos os lugares com uma indiferença anestésica: "Como as imagens poéticas não mudam o mundo, dei a partida e

¹⁰ CENAS da vida brasileira. *Folha de S. Paulo*, 10 abr. 1994. Mais!, p. 4.

fui para casa aliviado por não ter que pensar em mais nada”¹². O narrador de “Dilema”, no conto de Hatoum, após acompanhar por vinte anos a violência em seu bairro, marcada por brigas e mortes entre vizinhos e por matança de animais, ensaia uma outra saída: a própria morte. Menos acentuada, mas em espaços internos, a violência aparece no conto de Sérgio Sant’Anna, no abandono de um gago por sua ex-mulher, na impotência do narrador de Noll, na empregada que come pedaços do móvel de barro no conto de Felinto e na discussão sobre o tamanho do banheiro da empregada entre um arquiteto e seu cliente no conto de Vilela: “Daí? Daí, porra, que pra quem não tem onde cagar, cagar num vaso já é um luxo, seja de frente ou de lado, de pé ou de cabeça pra baixo” . Essas são as fotografias que compõem o mapa da violência no país, segundo a leitura da voz.

Mas, como aprendemos com Benjamin, podemos ler estes contos de um outro modo – a partir de um inconsciente ótico destas fotos – e aí talvez possamos perceber um mapa da violência da própria voz do evento – “onipresente” e “autoritária” – na sua produção de narrativas, porque o que chama a atenção nestes contos, para além da leitura realista proposta, é a intensidade com que aparece tematizada a “dificuldade da voz”.

“Informe de um gago” é exemplar nesse sentido: “- Sss...ó...sóó – eu tentei arrancar lá do fundo, sentindo o sangue fluir para a minha cabeça, como se eu fosse explodir”¹³. A violência da voz do evento parece travar a voz do narrador, que surge travestido, em uma segunda voz, uma voz pseudo-científica, que explica a natureza da dificuldade da voz, dos gagos: “Um gago então gagueja porque é rápido demais. Está certo que todo pensamento, mesmo o dos mais estultos o é, porém o do gago o é ainda mais. E, pela disciplina imposta por seu recolhimento, o gago é capaz de uma verbalização elegante, cristalina, precisa, não importa se para dentro ou para fora, desde que para nenhum ouvinte”.¹⁴

Desde que para nenhum “evento”, a voz é cristalina e precisa. A gaguez e a necessidade de uma segunda voz parecem ser uma resposta distorcida à voz do evento. Podemos ler, do mesmo modo, o narrador de “Duplo diagnóstico”, em suas notas entre parênteses para o roteiro que está escrevendo: “(CONTRA A FRAUDALENTA LOTERIA DAS PROPRIEDADES)”. Ler a voz que está entre parênteses, a voz que

¹¹ SARLO, Beatriz. Intelectuais. In *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997, p. 155.

¹² CARONE, Modesto. Café das Flores. *Folha de S. Paulo*, 10 abr. 1994. Mais!, p. 5.

¹³ SANT’ANNA, Sérgio. Informe de um gago. *Folha de S. Paulo*, 10 abr. 1994, p. 4.

¹⁴ SANT’ANNA, Sérgio. Informe de um gago. *Folha de S. Paulo*, 10 abr. 1994, p. 4.

sobra, é ler um outro conto, um outro diagnóstico. A violência do evento pode ser lida também na voz que cala a resposta ao cliente – para dar um outro encaminhamento à encomenda – no conto “Luxo”: “Não, eu não falei isso. Mas devia ter falado”¹⁵. Em Noll, essa voz é designada por uma imagem que se dissemina: “lábios da minha cicatriz...”.¹⁶ Imagem que parece marcar também o narrador sem voz de Hatoum. E é a ausência de voz que, ao encaminhá-lo para a morte, põe em cena uma questão que é relevante para essa leitura: aceitar a violência da voz e ficar colado à sua leitura, ou não aceitar a violência da voz e ficar sem voz?

!

O que a voz oferece em "Short Cuts" e que não está nos contos é, em poucas palavras, um outro tempo. A escolha por compor um país com contos que o fotografem faz surgir a temporalidade de um outro fim-de-século, em que se acreditava possível totalizá-lo, o XIX. O apelo à região como critério de escolha para convidar os escritores e a leitura da literatura como se fosse uma fotografia foram duas formas privilegiadas de compor o país. Duas conquistas que procuravam mimetizar o país na literatura. É essa temporalidade que a voz oferece, trazendo de volta essa estética como a melhor para ler o país, em homenagem a "Short Cuts", o filme americano.

-

Os contos priorizam um outro tempo: o presente. Não há nenhum conto situado explicitamente em outro tempo ou que seja composto como narrativa histórica. É a voz adiantada que moderniza¹⁷ uma forma pré de compor o país, colocando em cena uma data histórica e, aí, uma estética para ler os contos.

¹⁵ VILELA, Luiz Vilela. Luxo. *Folha de S. Paulo*, 10 abr. 1994. Mais!, p. 6.

¹⁶ NOLL, João Gilberto. Açai e Açerola. *Folha de S. Paulo*, 10 abr 1994. Mais!, p. 5.

¹⁷ A idéia de uma voz adiantada parece ser recorrente nos projetos de modernização. Em seu ensaio sobre as relações entre modernização, cultura e literatura, Antonio Candido mostra como o analfabetismo e a dependência às produções da metrópole colocam o escritor na ambivalência, como “(...) um produtor de bens culturais para minorias, embora no caso estas não signifiquem grupos de boa qualidade estética, mas simplesmente os poucos grupos dispostos a ler” (CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. In. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ed. São Paulo: Ática, 1989.). A partir dos anos 70 e com a

O realismo dessa voz, ao oferecer contos "exclusivos", já com uma leitura, nos faz pensar que essas opções possuem como objetivo estabilizar e dar ordem ao caos do presente, em que proliferam estéticas anti-representacionais.

A voz estabiliza mostrando como se lê e, nessa operação, despotencializa a "(...) ficção como (...) ambivalência perpétua, como linguagem onde o mesmo vale para dois, como texto indecifrável, a 'ficção' como a forma do segredo na literatura e como máquina geradora de enigmas".¹⁸

A voz antecipa-se aos segundos, às outras vozes, e as lê. Paradoxo que, como diz Sarlo, "(...) intensifica o presente bem como debilita o passado e o futuro".¹⁹

!

E moderniza o passeio, recolocando-o em cena para ler o presente como no dossiê comemorativo à "Bienal Brasil Século 20". Por ser dêitica, a voz assume, a cada enunciação, uma forma, e a privilegiada para ler a Bienal também pode ser lida em outro momento histórico.

Podemos começar pelo título do dossiê: "Caminhos da Bienal". E aí o convite:

O **Mais!** convidou sete críticos a fazer um passeio pelo Pavilhão da Bienal. Leia a seguir suas impressões...²⁰

Talvez não seja mero acaso, novamente, que lendo essa apresentação lembremos de uma figura emblemática da modernidade, o *flâneur*, aquele que trabalha, passeando. Benjamin anotou a sua semelhança com o jornalista: "A base social da *flânerie* é o jornalismo. É como *flâneur* que o literato se dirige ao mercado para se vender".²¹ E

ditadura militar, essa voz adiantada aposta na informação (meios de comunicação de massa, rodovias, telefonia) como forma privilegiada de modernização. A socialização a partir dos meios, como diz Candido, coloca de novo a questão de como lidar com as diferenças de acesso, mas agora em outros termos: "(...) não esqueçamos que os modernos recursos audiovisuais podem motivar uma tal mudança nos processos de criação e nos meios de comunicação, que quando as grandes massas chegarem finalmente à instrução, quem sabe irão buscar fora do livro os meios de satisfazer as suas necessidades de ficção e poesia" (Idem, p.144). A reencenação dessa voz adiantada, pelo *Mais!*, traz problemas na sua enunciação. Um deles, como veremos, é o autoritarismo, por apresentar-se como a única voz possível.

¹⁸ LUDMER, Josefina. *O corpo de delito*. Belo Horizonte: Editora da Ufmg, 2002, p. 384.

¹⁹ SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997, p. 135.

²⁰ CAMINHOS da Bienal. *Folha de S. Paulo*, 15 maio 1994. *Mais!*, p. 4.

²¹ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 225.

como diz Buck-Morss: "(...) a *flânerie* como uma forma de percepção se conserva na comercialização das pessoas e as coisas na sociedade de massa".²²

O produto do passeio dos convidados pela voz é nomeado "impressão", remetendo a um certo tipo de crítica/crônica que o convite para o "passeio" já parece indicar. Nesse sentido, as colaborações privilegiarão um olhar de "passagem" e, como diz Antelo, "Lo que pasa, em todo caso, es siempre una ficción, un aspecto, un espejo, una imagen".²³

A crítica impressionista, a que parece remeter o convite, é reinvenção do *Mais!*, porque, de fato, os críticos convidados se filiam a outros lugares teóricos. Assim, na voz lê-se esse outro tempo para ler o presente e para ler o que os colaboradores escreveram.

-

A cena que perdura nas comemorações, através dos dossiês em que a voz do *Mais!* anuncia e dá a leitura de cada tema, aonde um certo número de convidados respondem, pode ser lida pelo elemento que marca essa mediação: *por* (Oitica *por* Wally Salomão, Marion Stricker e Haroldo de Campos, como no primeiro número, em 1992, por exemplo).

Além de ser uma forma de o *Mais!* atribuir-se valor ao mobilizar intelectuais de todas as áreas e de diversos países em torno da comemoração, é esse operador que conduz o desejo da voz. Esse é o expediente básico usado na construção das comemorações, e com elas a "política das artes" que nasce desse procedimento parece aliar, em um só lugar, dois termos caros ao *Mais!* e ao país: modernização e democracia. Assim, moderniza, ao manter uma leitura de país a partir de formas recapitalizadas que pagam tributos à totalidade e, ao mesmo tempo, inclui, dá a voz a jornalistas, críticos e autores, "democraticamente". Mas se é assim, por que a voz permanece, por que tudo gira em torno dela, ou por que ela é que faz girar o que vem depois, por...?

E se a voz é dêitica no que enuncia, é autoritária em relação aos que "colaboram". Se, como diz Antelo, "En Brasil, las dictaduras han sido modernizadoras tanto como la

²² BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do olhar*. Belo Horizonte; Chapecó: Editora da Ufmg; Argos, 2002, p. 409.

²³ ANTELO, Raul. *Mimetismo y migración*. Florianópolis: Ufsc, 2002, p. 1. (inédito).

modernización, dictatorial"²⁴, a voz, no momento em que moderniza estéticas do passado para ler o presente, o faz de forma autoritária, ao dizer como ler.

Mas há um outro princípio nessas cenas antológicas que poderia relativizar o autoritarismo: a inclusão, através do *por*, de muitas vozes em torno da comemoração. De fato, parece estarmos diante de uma cena democrática, em que a voz é cedida para que cada um dê a sua contribuição. Mas, é possível ver de um outro modo: primeiro que a adoção da comemoração para falar de um autor ou de uma obra é privilégio do *Mais!*, tanto quanto a escolha dos comemorados. Segundo, a voz, colocada como mediadora das homenagens, aparece duas vezes: antes, ao fazer a encomenda, e depois, ao dar a ler a encomenda. Terceiro, os colaboradores formam um número finito. Nem todos são escolhidos e os escolhidos se repetem em muitos dossiês. Nesse sentido, o quarto aspecto refere-se ao tipo de intervenção que é possível fazer nessa inclusão, sabendo que a voz fornecerá o método: como se lê.

Tendo em conta esses elementos, como a modernização proposta pelo Estado, o *Mais!*, ao incluir o outro, usa-o, convidando-o a assumir o lugar de segundo, aquele que ocupa um lugar que não lhe pertence, provisório, destituído de sua produção que, mediada pela voz, será outra.

É o que encontra Ludmer ao ler a posição dos escritores do gênero gauchesco em relação à voz do Estado e da elite liberal argentina, no século XIX:

Os escritores do gênero foram dependentes, escribas na casa de um Dom (...) A história dessa dependência, e as hierarquias que ela supõe, é a do gênero (...) São segundos, menores (...) e põem sua escritura (...) a serviço do senhor.²⁵

Dependentes de um "dom tardio". Esse é o lugar dos segundos, daqueles que a voz do *Mais!* faz trabalhar, girar, em torno das estéticas que ele moderniza. É ela que os produz enquanto sujeitos de enunciação. E essa forma de incluir o outro nos projetos de modernização tem como resultado o que parece ser uma regra na América Latina: o apagamento da ambigüidade de suas colaborações.

Diz Ludmer:

Nossos guias - uma mulher e um 'ator', introduzem no corpo semântico da duplicidade, do travestismo e da simulação, que é um dos campos dos delitos da

²⁴ ANTELO, Raul. El inconsciente óptico del modernismo. In. SLSNOWSKI, Saúl (org.). *La cultura de un siglo*. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999, p. 309.

²⁵ LUDMER, Josefina. *O gênero gauchesco*. Chapecó: Argos, 2002, p. 91.

verdade. E que é na literatura o lugar dos segundos, dos ilegítimos, dos resistentes, das mulheres e também dos 'atores'.²⁶

Mulheres, atores, jornalistas, críticos, o *por* no *Mais!*, põe em movimento os segundos em relação a Borges, a Kafka, a Euclides, a Sergio Buarque de Holanda, ao engajamento, à nação; enfim, o mundo que o *Mais!* comemora e a voz oferece é o lugar da dívida infinita dos segundos "(...) no qual se é ao mesmo tempo devedor e criador".²⁷

Essa relação, que é primeiramente de produção, gera um excedente de interpretações, que vão, todas, em direção ao comemorado, nessa rotação infinita que responde e reproduz o significante disseminado pela voz:

(...) Surge um novo aspecto da trapaça, a trapaça do sacerdote: a interpretação estende-se ao infinito, e nada jamais encontra para interpretar que não seja uma interpretação. Assim, o significado não pára de fornecer novamente significante, de recarregá-lo ou de produzi-lo. A forma vem sempre do significante (...) Não é certamente assim que se pode renovar a noção de produção.²⁸

!

"A forma vem sempre do significante". Como estamos vendo, o que a voz faz circular são formas em que há a pretensão de mimetizar para modernizar o objeto comemorado: uma foto do país, um passeio pela Bienal, a vida e obra de Gilberto Freyre, a Semana de Arte Moderna. Formas que traçam um contorno do objeto. Por isso, a estética realista, reconstruída pelo *Mais!*, como se fosse o objeto... Por isso, a presença dos colaboradores em torno do objeto, como se essa política das artes fosse democrática.

"11 poetas e uma bola", dossiê de 1994, em homenagem ao lançamento das crônicas em livro de Nelson Rodrigues (*A volta da múmia*), é mais um dossiê em que podemos ler essa política, dando forma ao futebol e, ao mesmo tempo, à poesia.

Gol, drible, escanteio, torcida deixam de ser palavras raras no vocabulário poético. O *Mais!* escalou um time entre os melhores da poesia brasileira para um jogo inédito: fazer uma homenagem ao futebol.²⁹

²⁶ LUDMER, Josefina. *O corpo de delito*. Belo Horizonte: Editora da Ufmg, 2002, p. 378.

²⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: 34, 1997, p. 63. Vol. 2.

²⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: 34, 1997, p. 65. Vol. 2

Palavra por palavra, o *Mais!* assume a autoria de uma nova literatura (como se fosse o técnico da seleção brasileira), instituindo, ainda, um novo regime de produção: "em torno".

+

"Em torno" é o regime de produção do excedente do *Mais!*. É assim que ele funciona e que dá brilho ou produz o brilho a mais do que comemora. Plasticamente é o lugar de composição do *Mais!* e, por isso, também, o lugar em que movimentos se dão.

E é desse modo que podemos ver essa cena em outro lugar, na produção de um dos poetas homenageados pelo *Mais!*, Manuel Bandeira, e o poema é "Maçã", escrito em 1938:

Por um lado de te vejo como um seio murcho
Pelo outro como um ventre de cujo umbigo pende ainda o cordão placentário

És vermelha como o amor divino

Dentre de ti em pequenas pevides
Palpita a vida prodigiosa
Infinitamente

E quedas tão simples
Ao lado de um talher
Num quarto pobre de hotel.³⁰

"Por um lado", "pelo outro", "por fora", "por dentro", "ao lado de um talher". Pontos de vista. É "em torno" que a maçã vai sendo percebida (e produzida) e o poema é esse acúmulo de pontos de vista que vão construindo a maçã, em partes. Se a composição do poema é assimétrica, como lembra Davi Arrigucci Jr., lê-se nele uma maçã simétrica, instalada no cotidiano.

E daí o deslumbramento do poema e do próprio crítico, que não se cansa de louvar esse achado para o poema, ao pôr em ficção vários pontos de vista em torno da

²⁹ A POESIA em chuteiras. *Folha de S. Paulo*, 12 jun. 1994. *Mais!*, p. 4.

³⁰ BANDEIRA, Manuel. Maçã. In. *Poesia completa e prosa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 248-9.

maçã: "Ao ler, vão-se formando as várias faces da mesma fruta, recortadas pela visão, até seu enquadramento final nesta cena maior"³¹.

Poderíamos ir além e dizer que, enquanto a voz vai produzindo cada ponto de vista vai também compondo o poema, ou, de outro modo, o poema se faz "em torno" da maçã, nos deslocamentos e fixações. Mais que construir uma maçã, parece que o "em torno" constrói o poema.

Na sua leitura, Arrigucci Jr. não deixa de perceber aí a relação entre arte e política presente no poema: "No modo de ser humilde da maçã, se pode reconhecer uma ética, para a qual o valor mais alto é o que não se mostra ostensivamente. Um sentido político democrático, pois supõe e descobre o valor no dia-a-dia do povo, entre os pobres".³²

O foco recai no reconhecimento do sublime como política democrática, que reclama a inclusão. O sentido profundo do poema revela-se - na forma como o crítico o lê, e porque ele o procura - nos pobres, no povo, como um "valor mais alto". Esse o milagre político do poema.

Leitura datada das relações entre literatura e história, prioriza no poema o que ele retira (e dá valor) do mais baixo. Assim, a leitura do crítico é solidária com a última estrofe:

E quedas tão simples
Ao lado de um talher
Num quarto pobre de hotel.³³

Davi Arrigucci Jr. lê, nessa estrofe, a inclusão não explicitada do povo no poema. E, percebe, nessa inclusão, um sentido democrático (presente no poema). Acredito que essa atribuição de sentido é problemática ao ser universalizada. Parece funcionar bem como "memória do presente" em que Arrigucci Jr. publicou a leitura, em 1985, ocupando um número inteiro do *Folhetim*. Para chegar à leitura da inclusão, Arrigucci Jr. fez uma análise técnica dos pontos de vista que vão construindo a maçã. Gostaria de pensar esses pontos de vista como políticos, porque neles podemos ler tanto um questionamento da democracia quanto um questionamento dos usos que a indústria cultural fez deles, nos anos 90, ancorada na idéia de pluralismo.

³¹ ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, paixão e morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 23.

³² ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, paixão e morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 44.

!

A convite do *Mais!*, sete poetas reescrevem sete fábulas clássicas de La Fontaine, através de textos em prosa e verso que descobrem o lirismo e o humor que garantem a eternidade de suas narrativas.³⁴

A convite do *Mais!*, seis escritores recriam narrativas clássicas de autores como Esopo e Leonardo da Vinci até Hans Christian Andersen, os irmãos Grimm e o americano Ambrose Bierce.³⁵

Já aprendemos o modo de atuar da voz, seu convite, sua leitura, sua produção e sua repetição, sempre preenchida por uma nova demanda, como podemos lê-la em sua atuação em dois momentos distintos: a primeira é a comemoração dos 300 anos da morte de La Fontaine, e a segunda parece referir-se tanto ao ano que acaba, quanto ao novo presidente do país, eleito em novembro de 2002.

A fábula, enquanto gênero, tem-se prestado, a princípio por sua temporalidade ambígua, a muitas revisitações. A releitura de fábulas e contos populares, por exemplo, domina boa parte da produção literária destinada às crianças e não poucas vezes é fácil encontrar livros publicados na década de 90 com a mesma estratégia (muitos autores) utilizada pelo *Mais!*. Mas sem a voz (ou não).

O diagrama da circulação desse gênero nas comemorações do *Mais!* poderia começar pela leitura de "A história de Ariadne, por ela mesma", releitura feita por Louis Begley do "Labirinto do Minotauro". Ariadne lê o futuro de sua família e dela mesma. Sabe o que vai acontecer, a vitória de Teseu, a morte do Minotauro, enfim, ela lê no presente como esse presente será escrito. E quer reescrevê-lo.

Para nós, mortais, o futuro é breve; o passado pode ser eterno. A fim de salvar minha honra, criei a minha própria história dos infortúnios que estão para se abater sobre mim. Eis aqui como há de ser contada.³⁶

Ariadne não parece disposta, depois de ler o presente, a mudá-lo. O que ela propõe é como ele deve ser lido. Ela, a narradora, e a própria releitura de Begley propõem, mimeticamente, ao convite da voz, uma nova leitura da fábula.

³³ ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, paixão e morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 21.

³⁴ VELHAS fábulas, novos poetas. *Folha de S. Paulo*, 9 abr. 1995. *Mais!*, p. 9.

³⁵ VELHAS histórias - Fábulas Modernas - por novos autores. *Folha de S. Paulo*, 22 dez. 2002. *Mais!*, p. 4.

³⁶ BEGLEY, Louis. A história de Ariadne, por ela mesma. *Folha de S. Paulo*, 22 dez. 2002. *Mais!*, p. 5.

E é sob esse signo, do novo, que as releituras são apresentadas, nos títulos dos dossiês:

Velhas fábulas, novos poetas.³⁷

Velhas histórias - FÁBULAS MODERNAS - por novos autores.³⁸

Nas mesmas palavras, velhas histórias em novas versões. Provisórias, porque nesse caso logo terão, como nessa leitura, a data em que foram escritas. De todo modo, a estratégia que está nos títulos - velho/novo - está também disseminada no *Mais!*, como na releitura feita por 18 escritores das 3 primeiras linhas de "A metamorfose" de Kafka, quando se comemorou o 75º aniversário de sua morte (e em 2003, os 110 anos de nascimento com um dossiê parecido), a releitura de "Romeu e Julieta" de Shakespeare, quando se comemoraram 370 anos de sua morte, realizada por Ariano Suassuna, entre outros. Mas "naturalmente" isso, como vimos, está nas releituras que Boal, Ferreira Gullar, Dorfman fazem de seus passados, ou mesmo, em Hatoum, na releitura do próprio conto.

Talvez seja a hora de dizer que essa é a ficção da comemoração colocada em circulação no *Mais!*: velhas histórias em novas versões. O novo vem, como nessas fábulas, na nova leitura. E vem também como "esquecimento do velho".

Mesmo que a título de ilustração, vale a pena ver como Daniel Link lê a Argentina dos anos 90, nos termos da nossa leitura do *Mais!*:

A Argentina é uma cultura sanguinária submetida hoje à dupla violência de um passado traumático e das fantasias neoliberais, que pretendem construir uma cultura 'nova', uma cultura 'moderna' sobre ruínas que, nessas fantasias, têm somente um valor de troca determinado.³⁹

A associação do novo com o moderno propõe o velho como arcaico. Para isso funcionar, o velho precisa, para vir nesse intervalo de tempo que o trazemos de volta, ser modernizado. Não deixa de ser interessante que esta seja a operação que caracteriza o mercado, em todas as áreas, neste período.

³⁷ VELHAS fábulas, novos poetas. *Folha de S. Paulo*, 9 abr. 1995. *Mais!*, p. 9

³⁸ VELHAS histórias - Fábulas Modernas - por novos autores. *Folha de S. Paulo*, 22 dez. 2002. *Mais!*, p.

4

³⁹ LINK, Daniel. *Como se lê e outras intervenções críticas*. Chapecó: Argos, 2002, p. 249.

Nas mesmas palavras, esta é a fábula do *Mais!*: reescrever o velho para modernizá-lo, ou, enfim, para torná-lo com a cara deste presente. De uma célula deste passado, opera-se o milagre desta década, a clonagem.

Não por acaso, em 1997, com o anúncio do nascimento da ovelha Dolly, o *Mais!* convidou 4 escritores para escreverem contos sobre a clonagem, ao mesmo tempo que espalhou no dossiê trechos de "A reforma da natureza" de Monteiro Lobato. "Velhas histórias, por novos autores". Assim, a voz moderniza uma estética empurrando as colaborações para ela e não para os projetos de cada autor. Mas essa fábula tem outros desdobramentos.

-

Comunicado do secretário de Justiça aos jornalistas: “Depois de 11 horas de terror, a rebelião já está sob controle. As forças da ordem conseguiram romper o cerco e entrar na penitenciária. Os presos entregaram as armas e os reféns foram libertados. No cômputo geral, contamos nove corpos, todos de criminosos de quadrilhas rivais. Mas até agora só conseguimos identificar oito mortos. O Zequinha do Morro da Lava foi esfaqueado e queimado. O corpo, apesar de carbonizado e irreconhecível, pôde ser identificado por uma simples operação lógica. Cada morto tem o seu assassino. O Zequinha era inimigo do Jonas da Baleia, que morreu estrangulado pelo Mário Coca-Cola, que era inimigo do Robertinho Maneiro, que morreu com sete tiros, porque era inimigo do Perival Pistola, o Pepe. O Mário Coca-Cola, que vingou o Zequinha do Morro da Lava, estrangulando o Jonas da Baleia, morreu esfaqueado pelas mãos do Robertinho Maneiro. O Pepe acabou seus dias enforcado pelo Roberval Quirino, o Branco, que foi vingado pelo Jesus Magro, que era da quadrilha do Pepe. O Jesus Magro foi decapitado e crucificado sem cabeça pelo Mane Borba, que era comparsa do Roberval Quirino e foi encontrado com um único tiro na testa. Os sobreviventes se renderam graças à intervenção dos bispos da Igreja da Simetria Celestial, com a qual o bando do Santinho, provável assassino do Mane Borba, fechou um acordo entre amigos. O Peru da Mata é o único que continua desaparecido. Não descartamos a possibilidade de que seja o nono corpo, ainda sem identificação, mas os peritos se recusam a fazer ilações precipitadas, já que o Peru da Mata não tinha nem amigos nem inimigos.⁴⁰

⁴⁰ CARVALHO, Bernardo. Amigos ou inimigos (ou nova quadrilha). **Folha de S. Paulo**, 22 dez. 2002. *Mais!*, p. 7.

+

Vinte e dois anos depois de Bandeira ter escrito o poema “Maçã”, Jacques Lacan, em uma das sessões do Seminário "A ética da Psicanálise", trabalha com os mesmos termos que giram no poema de Bandeira: maçã, Cézzane, ética e, principalmente, a idéia de movimento, presente no "em torno".

A frase construída desse modo é devedora das discussões que estiveram em cena nos debates nos séculos XIX e XX, e que ainda nos assedia nos *Mais!*: a relação entre os primeiros e segundos. Em um certo momento, no Brasil, houve uma corrida em busca de primeiros em relação ao "velho mundo", e talvez Qorpo-Santo tenha sido o autor modelar nessas discussões.

Nesse sentido, a frase quer ser narrativa para chegar a Lacan e a como ele, lidando com outro gênero, o do seminário, e com os mesmos termos do poema de Bandeira, aponta para um conceito do "em torno".

Lacan introduz essa discussão por um problema que aparece nas leituras do poema de Bandeira e nas leituras das maçãs de Cézzane: a imitação, a representação, a presença. Esses termos comumente nos remetem ao realismo como via de acesso direta ao objeto. Mas Lacan lê a arte para além desses limites:

É claro que as obras de arte imitam os objetos que elas representam, sua finalidade, porém, justamente não é representá-las. Fornecendo a imitação do objeto elas fazem outra coisa desse objeto. Destarte, nada fazem senão fingir imitar. O objeto é instaurado numa certa relação com a Coisa que é feita simultaneamente para cingir, para presentificar e para ausentificar.⁴¹

Cada movimento no poema de Bandeira pode ser lido, assim, como um ato que encena a representação, mas não a faz, remetendo, sempre simultaneamente, à presença/ausência do objeto. Mas isso também nos faz pensar em cada um dos textos, nos dossiês do *Mais!*, girando em torno do convite da voz/Coisa. Haveria, nesse sentido, uma certo alívio quando Lacan diz "nada fazem senão fingir"⁴², e poderíamos pensar inclusive que alguns desses textos podem ser lidos na ausência da voz que os re-cita. Mas isso é ainda insuficiente para ler a cena do "em torno" em sua produção.

⁴¹ LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 7: a ética da Psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, p. 176.

⁴² LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 7: a ética da Psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, p. 176.

É no momento em que Lacan lê as maçãs de Cézanne, em sua produção, que parece possível fazer emergir uma leitura do "em torno":

(...) No momento em que a pintura se volta uma vez mais sobre si mesma, no momento em que Cézanne pinta maçãs, trata-se, evidentemente de que pintando maçãs - embora sua última maneira de imitá-las, que é a mais impressionante, seja a mais orientada para a presentificação do objeto. Porém, quanto mais o objeto é presentificado enquanto imitado mais abre-nos ele essa dimensão onde a ilusão se quebra e visa outra coisa. Cada qual sabe que há um mistério na maneira que tem Cézanne de pintar maçãs, pois a relação com o real, tal como nesse momento se renova na arte, faz surgir o objeto de uma maneira que é lustral, que constitui uma renovação de sua dignidade, por onde essas inserções imaginárias, digamos assim, são *datizadas* de uma nova maneira. Pois como já foi observado, estas não podem ser desvinculadas dos esforços dos artistas anteriores para realizarem, elas também, a finalidade da arte.⁴³

Re-citação longa, mas que mexe com muitos elementos com os quais estamos lidando. É nessa direção que podemos ler, em outros termos, o em torno, que, nas palavras de Lacan, é lustral, que contorna o objeto e dá brilho. E ele se faz (o brilho) nessa relação com o real.

Nesses termos, podemos pensar a cena antológica no *Mais!* formada por três elementos:

VOZ

COMEMORAÇÃO

COLABORADORES

O excesso de leituras produzidas pelos colaboradores a convite do *Mais!* contorna o objeto comemorado e lustra-o, dando-lhe um brilho novo. Nessa relação, o real para os colaboradores é no mínimo duplo: o objeto comemorado e a leitura que a voz produz desse objeto.

Essa parece ser a diferença entre o lustral em Bandeira e Cézanne, a partir da leitura de Lacan, e o modo como o *Mais!* (e outras instituições) captura esse procedimento: o suplemento repõe em cena uma política de produção do real que tem a vantagem do excesso. E o faz produzindo pontos de vista.

⁴³ LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 7: a ética da Psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, p. 176.

Nesse sentido, podemos ler a voz também em seu nome jornalístico, o olho, ao manter os pontos de vista em seu campo de visão, em seu foco narrativo. O brilho produzido aí é controlado por esse olho/voz que centraliza e lê a produção.

Por isso, o lustral no *Mais!* talvez tenha de ser lido também em outro de seus sentidos:

Mas lustrum tem ainda uma dobra que é o *lustrum* que vem de louo, o pântano, o buraco, o lugar selvagem. Daí que ele remeta ao lugar desenfreado, sadiano, que é o mundo selvagem dos mortos onde afinal desce Antígone. Em poucas palavras: A coisa está aí - no horror - que o lustro deve purificar.⁴⁴

E é nessa direção que o *Mais!* faz trabalhar: purificar o objeto dos sentidos que ainda permanecem colados a ele.

Volta assim, pela porta da frente, a representação, através dos pontos de vista que, ao purificarem o objeto, simultaneamente preenchem esse vazio de um novo sentido, modernizando-o.

Assim, o *Mais!* faz uso de um procedimento usado em obras que agora estão no museu - o lustral - para trabalhar e purificar o que está no museu.

Por acaso, o procedimento escolhido afina-se bem com o mercado e, em linhas gerais, com o neoliberalismo, ao possibilitar a purificação e re-produção excessiva de sentidos, através dos pontos de vista, que giram, contornam e lustram o objeto.

Um brilho a mais. É isso que os pontos de vista possibilitam, infinitamente.

-

Um brilho a mais que os segundos são convidados a fornecer ao texto "Mortos de rir", de Gérard Génette, no dossiê de 18 de novembro de 2001. O texto de Génette, uma leitura filosófica da expressão "morrer de rir", não tem nada de diferente de outros ensaios publicados pelo *Mais!*, inclusive o fato de ser assinado por Génette, já que a lista de autores do suplemento contém muitas estrelas da mesma grandeza.

A capa aponta para a lustração que deve ser operada em torno do texto de Génette:

⁴⁴ ANTELO, Raul. *Arguição*. Florianópolis: Ufsc, 2002, p. 3. (inédito).

EXCESSO DE RISO por Gérard Génette -
Leia também piadas escritas por Bento Prado Jr. . Isaias Pessoti . Abel Barros
Baptista . Moacyr Scliar . Nelson Ascher . Nelson de Oliveira.⁴⁵

O excesso de riso, aqui, refere-se tanto ao texto de Génette quanto às seis piadas escritas a convite do *Mais!* por professores, críticos e autores. E é daí que nasce um outro sentido para esse título: os segundos, grifes conhecidas no meio cultural brasileiro, assumem a autoria do que não têm: piada. É inevitável a graça diante da cena que está na capa: a foto do comediante Buster Keaton em um dos seus filmes dá a impressão inicial de que o dossiê é uma homenagem aos 35 anos da sua morte; mas, com a apresentação do texto de Génette e o anúncio do suplemento brasileiro, percebemos que a foto “ilustra” as relações entre intelectuais e humor, já que Keaton é conhecido como um humorista intelectual.

A graça, em primeiro lugar, parece estar na diferença dos ritmos entre os primeiros e os segundos. O texto de Génette parte de piadas e cita algumas, mas o seu texto é reflexivo. A partir de um texto de Baudelaire, traça uma genealogia da expressão "morrer de rir". Algumas piadas ilustram o texto, mas aos poucos elas vão se tornando objetos de leitura e citação. Os segundos lustram a partir do que é ilustração no texto de Génette, das piadas. Sem mais. Em segundo lugar, enquanto Génette busca definições do riso, as piadas não se pensam, se dão. E se agora lemos as piadas, percebemos que há uma seqüência: uma piada sobre a avareza, duas sobre mães e três sobre os atrasados. E, nestas, a graça se dá no momento em que o atrasado entra no lugar do "civilizado". E naturalmente aparecem aí dois problemas bem conhecidos: o da leitura e o da língua, como na piada de Bento Prado Jr.:

Um meio-parente meu, do interior do Estado de São Paulo, visita pela primeira vez a capital em meados da década de 30. Vai, é claro, visitar a maior atração turística da cidade: o arranha-céu Martinelli. No saguão da entrada, aproximando-se do elevador, ouve o ascensorista perguntar-lhe:
' Em que andar o Senhor quer ir?'
Sem hesitar, responde:
' Quarqué um Qui num seja o trote.'⁴⁶

A graça está na forma como o caipira ouve, mas, percebe-se logo, está igualmente no seu jeito de falar, que o exclui do espaço da metrópole, por seu "exotismo". Esse parece ser o lugar em que os colaboradores são colocados, nesse duplo movimento de

⁴⁵ EXCESSO de riso. *Folha de S. Paulo*, 18 nov. 2001. *Mais!*, capa.

⁴⁶ PRADO JR., Bento. Um meio-parente...*Folha de S. Paulo*, 18 nov. 2001. *Mais!*, p. 6.

aceitar o convite da voz sobre a graça e fazer graça. E, de alguma forma, essa cena parece fazer graça com o que podemos ler, ainda nos anos 70, em Silviano Santiago, uma política dos segundos:

O segundo texto se organiza a partir de uma meditação silenciosa e traiçoeira sobre o primeiro texto, e o leitor, transformado em autor, tenta surpreender o modelo original em suas limitações, suas fraquezas, em suas lacunas, desarticula-o e o rearticula de acordo com suas intenções, segundo sua própria direção ideológica, sua visão do tema representado de início pelo original. O escritor trabalha *sobre* outro texto e quase nunca exagera o papel que a realidade que o cerca pode representar em sua obra.⁴⁷

Política dos segundos que agora parece ultrapassada diante das diatribes da voz do *Mais!*, que reforça as relações de dominação nos termos de adiantados e atrasados e faz graça com esses. Política que pode ser lida, linha a linha, nos últimos romances de Carvalho, em que, na mesma obra, a segunda parte é uma leitura "traiçoeira e silenciosa" da primeira.

No limite, a lustração dá o novo sentido ao que é velho, em seus termos, ao manter a velha estrutura política, a partir de dentro, na produção da história. Movimento que faz os segundos girarem, como se estivessem tentando salvar um balão da deriva. Seus pontos de vista se solidarizam com o que está à deriva, mas que, ao mesmo tempo, ganha força, a cada nova edição.

+

Do lustral em sua versão liberal, chegamos à crise do perspectivismo. Crise que podemos ler em um poema de um dos colaboradores do *Mais!*, Carlito Azevedo:

ABERTURA

Desta janela
domou-se o infinito a esquadria:
desde além, aonde a púrpura sobre a serra
assoma como fumaça desatando-se da linha,
até aqui, nesta flor quieta sobre o
parapeito - em cujas bordas se lêem

⁴⁷ SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p 20.

as primeiras deserções
da geometria.⁴⁸

Como em Bandeira e Cézzane, temos aqui marcadores de movimento, "desta", "desde além", "até aqui". Mas o resultado é outro, porque ao invés de contornar o objeto, os movimentos se dão em outra direção – fora / dentro – e parecem avaliar o que é possível nessa "Abertura".

Nesse sentido, o título dá uma dimensão que o corpo do poema vai negando, ou melhor, fechando. Os limites dessa abertura, aos poucos vão aparecendo. Assim, o poema parece tocar nos movimentos que realiza, nos limites do perspectivismo:

Desta janela
domou-se o infinito a esquadria:⁴⁹

Os dois pontos deixam ver que a partir de qualquer ponto que se olhe, ou se gire, na janela, o limite está colocado. E é interessante observar que "desde além" "até aqui", a voz, que até então lidava com distâncias e aproximações, assume uma marca temporal":

(...) - em cujas bordas se lêem
as primeiras deserções
da geometria.⁵⁰

Ou em outros termos: a partir de um limite, a perspectiva vai contê-lo e essa será sua referência.

Podemos ler também, nessas "primeiras deserções", os limites da voz do *Mais!*, que produz perspectivas, poderíamos dizer, a partir da sua janela. E essa crise de perspectivismo põe também a necessidade de não ser mimético ao que já foi capturado.

!

Nesse sentido, a fábula da voz tem outros desdobramentos, como podemos ler na apresentação do dossiê "Eu perdi!", de 2 de outubro de 1994, em que cada um dos

⁴⁸ AZEVEDO, Carlito. *Sublunar*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2001, p. 35.

⁴⁹ AZEVEDO, Carlito. *Sublunar*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2001, p. 35.

⁵⁰ AZEVEDO, Carlito. *Sublunar*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2001, p. 35.

quatro candidatos à presidência da república eram representados em suas derrotas, um dia antes das eleições:

A convite da **Folha**, cinco dramaturgos escreveram peças curtas inspiradas na hipótese da derrota de quatro candidatos à Presidência da República. As peças, feitas com exclusividade para o 'Mais!', serão lidas hoje em evento a ser realizado no auditório da Folha, com a presença dos autores e seus convidados.

(...)

Neste conjunto de peças, ninguém vence. Todos são candidatos à galeria de personagens perplexos e derrotados que há séculos sabem ser bem mais interessantes que os vitoriosos.⁵¹

A mensagem é clara: se "ninguém vence", todos perdem, e é aqui que está o desdobramento da fábula do *Mais!*. O novo, o produzido com "exclusividade" para o *Mais!* é, simultaneamente, o lugar em que todos perdem: perdem os homenageados os seus sentidos, perdem os colaboradores, que vêm a público lidos pela voz.

A fábula da modernização sustentada pela voz parece, infelizmente, trazer colada em sua produção a necessidade de que todos percam um pouco para que a "história continue", ou para que a festa das comemorações continue.

Política do *Mais!*, o "todos perdem" coloca cada número do suplemento no horror!. E perdem nas conversões pelas quais as vozes precisam operar para serem impressas no presente, e perdem na ingerência da voz que faz ler tudo o que vem depois, os segundos, a partir de seu centro.

A máquina de produção do *Mais!* moderniza tudo no mesmo momento em que exige que o outro "perca" e, neste caso, o outro é o colaborador, o leitor, o próprio país, que vem sendo modernizado ao mesmo tempo que vai perdendo alguns sentidos, enquanto outros são cristalizados, como o autoritarismo, a dependência e o neoliberalismo. E não esqueçamos que a fábula remete para uma moral. A fábula apresenta-se, sempre, nesse sentido, como exemplar, como o exemplo que deve ser seguido.

⁵¹ PERDI, perdi, perdi. *Folha de S. Paulo*, 2 out. 1994. *Mais!*, p. 4.

+

Ao acompanharmos a circulação da comemoração em sua enunciação pela voz e as colaborações dos segundos, percebemos que estamos diante de uma cena de exaustão da representação, ou, lendo com Carlito Azevedo, uma crise do perspectivismo. "Todos perdem", em sua exposição.

É nesse sentido que podemos ler as soluções formais presentes na poesia de Francisco Alvim, como nesse poema escrito para a comemoração do 500º número do *Mais!*:

PRESÍDIO

Confiante no Espírito Santo
Mas muito atrapalhado
Pela solerte sementeira de
Casca de banana
Que prosperou nos vários
Quinquênios
Que se há de fazer
Coisas da vida
Facts of life
É quase um pesadelo
Quase, retruca
Que sino é esse
Mais fora de hora?
Reescreve a frase:
A realidade, meus filhos...
O cotovelo é aqui
Não no joelho
Exclama o pregador
Horror, Horror
A ferida supura
Verte todo o seu pus
Nas cadeiras cativas
Tanto tempo, tanto tempo
Faz
Que não respiro
O verão e seu fósforo
Esquentam o presídio.⁵²

Em vez da descrição do cotidiano de um presídio feita por uma voz, temos, "ao vivo", várias vozes em sua enunciação: dos presidiários, do pregador e do poeta (e talvez de outras que fogem à identificação). Sem muita hierarquia de entrada, os fragmentos de falas vão se sucedendo e compondo, nessa escrita, o poema. E é possível

ler em um dos poemas presentes em "Elefante" o método de composição deste e dos outros poemas do autor:

QUER VER?

Escuta.⁵³

Método que incorpora a oralidade do cotidiano nas suas relações mais banais, para, como matéria do poema, dar a ver o país em seu funcionamento, da luta de classes até o preconceito mais enraizado:

MAS

é limpinha.⁵⁴

Com esses poemas (com esses procedimentos), Alvim tem chamado a atenção de críticos preocupados, principalmente, em pensar as relações entre a poesia, a sociedade, e, de forma mais genérica, a democracia.

Cacaso, ainda nos anos 80, dá o mote para as leituras futuras do poeta, chamando-o de "O poeta dos outros", ao quase ausentar-se do poema e deixar os "outros" falarem. É nessa mesma direção que vai o artigo de Heloisa Buarque de Hollanda, "Ceder a voz, ceder a vez", ainda nos anos 80, consagrando em definitivo o procedimento do poeta.

Em 2000, com o lançamento de "Elefante", Roberto Schwarz, em dois ensaios na **Folha**, um no *Jornal de Resenhas* - "Elefante Revisitado" – e outro, ampliando o anterior, no *Mais!* - "O país do elefante" -, dá continuidade a esse modo de ler os poemas de Alvim. Primeiro como resenha, depois como ensaio, as intervenções de Schwarz recitam ou partem das leituras de Cacaso e Heloisa e encaminham as análises em direção à leitura do país nos poemas e vice-versa:

O livro deve a consistência ao tom, que na verdade é a dramatização de um conjunto abstrato, sempre o mesmo, levada a cabo de maneiras muito diversas, com a liberdade de meios estabelecida pelo modernismo. *Trata-se das relações brasileiras entre informalidade e norma*, cuja heterodoxia, dependendo do ponto de vista, funciona como um defeito de fábrica ou como um presente dos deuses (...) Isso posto, não é preciso ser artista para perceber que as dissonâncias correspondentes

⁵² ALVIM, Francisco. Presídio. *Folha de S. Paulo*, 9 set. 2001. *Mais!*, p. 20.

⁵³ ALVIM, Francisco. *Elefante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 76.

⁵⁴ ALVIM, Francisco. *Elefante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 93.

àquela constelação se encontram espalhadas por todos os cantos da vida nacional como fatos históricos. Elas podem ser colecionadas como anedotas, em que, está cifrada uma condição histórica, podem ser reduzidos a um diagrama, formando módulos e variações, com potência de revelação, e podem ser inventadas e construídas, de modo a explorar as possibilidades extremas da idéia.⁵⁵

Termos utilizados para mostrar em Alvim a continuidade do projeto modernista em colocar o país em questão, nesse caso, compondo o poema com o que é composto o país, ou melhor, com falas e práticas de habitantes desse país. Nota-se que o conjunto depende da diferença entre as falas enunciadas no cotidiano, e, agora, como partes de um poema, ao mesmo tempo, a diferença entre classes e posições de enunciação, dos que têm suas falas ouvidas no poema.

Por outro lado, as falas que podemos ler/ouvir em "Presídio" dão a impressão de que elas são enunciadas "ao vivo", levando-nos a pensar em como elas são dramatizadas, tirando o ar de naturalidade que a princípio dão a ver. Aqui vale a pena ouvir, com Flora Süssekind, os dois modos de enunciação presentes nos poemas de Alvim:

(...) o processo de ficcionalização próprio(s) à vertente dramatizada de sua poesia, movida sobretudo por movimentos de miniaturização crítica e por afastamentos e aproximações entre a sua perspectiva semi-oculta (por vezes perceptível num título, num corte) e as 'personae' (usualmente pouco apreciáveis) que se expõem (com seus imperativos, preconceitos, lugares comuns), nos poemas breves.⁵⁶

Esse processo de dramatização operado a partir das "personae" nos coloca diante do momento em que o "em torno" é lido, pela questão histórica, como um movimento mimético a uma democracia.

Nesse sentido, a poesia de Alvim pode ser lida também, em seu método de composição, de uma outra forma: como aquela que coloca a democracia em ficção. Nesse aspecto, é possível perceber que, com o encaminhamento ao fim da fase mais dura das ditaduras latino-americanas e um aceno à abertura, várias obras parecem pôr a democracia em ficção, colocando várias vozes em cena. Na poesia, Alvim parece ser o caso mais emblemático, enquanto na narrativa podemos ler, já em 1966, um conto como "Pentágono de Hahn", de Osman Lins, em que muitos narradores, introduzidos por sinais geométricos, narram simultaneamente suas histórias, em torno da presença da elefanta Hahn na cidade. Um outro exemplo é "Um copo de cólera" (1978), de Raduan

⁵⁵ SCHWARZ, Roberto. O país do elefante. *Folha de S. Paulo*, 10 mar. 2000. Mais!, p. 5.

⁵⁶ SUSSEKIND, Flora. O real da poesia. *Folha de S. Paulo*, 19 nov. 2000. Mais!, p. 19.

Nassar, que, narrado até o final por uma voz masculina, ganha outra dimensão, nas duas últimas páginas em que a jornalista, que sofria a ação, agora começa a narrá-la, desde o começo, a partir de seu ponto de vista. Sintomaticamente é cortada no início de sua versão.⁵⁷

Por outro lado, o livro "O gênero gauchesco", de Josefina Ludmer, escrito em 1985, na Argentina, põe em ficção a democracia na crítica, ao trazer para a sua reflexão várias vozes que vão e voltam, ao pensar uma genealogia do presente a partir do uso das vozes e dos corpos dos gaúchos desde antes do estado liberal argentino. Um trabalho que, como outros, traz em sua enunciação a leitura de Bakhtin.

No limite, nosso trabalho é a tentativa de diálogo com essas ficções para ler o dispositivo utilizado pelo *Mais!* ao colocar em cena a ficção da comemoração.

Nesse sentido, um poema como "Presídio" pode ser lido na fronteira dessas duas ficções, a da comemoração e a da democracia, principalmente pela voz que fecha o poema:

O verão e seu fósforo
Esquentam o presídio.⁵⁸

A mudança da voz é também mudança de registro: da narração das falas anteriores para a descrição dessas, onde a velha voz fecha e dá a ler as falas anteriores. Quase poderíamos dizer, assim como no *Mais!*.

Há de qualquer modo uma aproximação mimética entre as duas enunciações, e parece que a partir desse gesto, do poema duplicando e fazendo ver o procedimento do veículo em que está impresso - junto com outros poemas, ensaios e gravuras - que podemos ver: o que temos é uma democracia de opinião e não de fato.

As observações de Beatriz Sarlo são úteis para o nosso trabalho, mesmo que ela esteja referindo-se a um processo um pouco diferente. Segundo Sarlo, a partir dos anos 80, a videopolítica mudou a forma da política, dando a impressão de imediação, e por isso, a partir do "ao vivo", as coisas viriam a público como elas são. Mas, conforme a autora:

A videopolítica transforma a democracia representativa em democracia de opinião.
Nesse sentido, a videopolítica é uma extensão cultural da política na vida: é plebéia,

⁵⁷ Assim, também podemos ler, em tempos de abertura, as obras de Adília Lopes e Lobo Antunes em Portugal. Ou de Juan Jose Saer, na Argentina.

⁵⁸ ALVIM, Francisco. Presídio. *Folha de S. Paulo*, 9 set. 2001. *Mais!*, p. 20.

basista, democratizadora dos lugares de enunciação que a velha política distinguia pelo manejo de saberes e pela posse de habilidades. Na videopolítica, ao menos teoricamente, somos todos iguais.⁵⁹

Teoricamente porque, como diz Sarlo em outro lugar, "Hoje não se trata apenas de enunciar um discurso, mas de prever as condições de sua enunciação (e sua circulação, diríamos): elas o tornam audível ou inaudível, porque as opiniões são autorizadas de modos muito variados, mas sempre ligados ao marco que constrói mais fortemente a crença que as próprias razões do discurso".⁶⁰

!

O *Mais!* antecipa com exclusividade um trecho da tradução inédita de 'O Círculo de Giz Caucasiano', realizada pelo poeta de 'Libertinagem' para a montagem brasileira, em 1963. O crítico Roland Barthes comenta a apresentação da peça em Paris, encenada pelo Berliner Ensemble.⁶¹

Poderíamos ir para qualquer outra edição do *Mais!* e lá encontraríamos este outro aspecto da fábula do *Mais!*: a antecipação. Com esse termo, ou similares como "inédito", "exclusivo", "primeira leitura", o suplemento faz desse movimento a sua política e vangloria-se por executá-la. Apresenta-se sempre como o primeiro, aquele que antecipa textos inéditos e traduções. Quase sempre também repercute o mercado editorial, como nesse caso da peça de Brecht.

Em um país de segundos, que ele ajuda a reforçar, a antecipação aumenta sua autoridade no campo cultural e sua circulação. Se lermos a fábula inteira - O *Mais!* produz e apresenta o novo, antecipando-se a um por-vir, sendo que todos os envolvidos perdem um pouco - vemos como ela possui sua recíproca fora, no mercado e no Estado.

A antecipação de trecho da peça de Brecht aconteceu na edição de 7 de julho de 2002, 3 meses antes das eleições presidenciais, em um momento em que parecia inevitável a vitória de Lula (o que de fato aconteceu). Nesse sentido, o *Mais!* antecipou-se à eleição de Lula, colocando em cena de forma positiva, afirmativa, o que antes estava sob o signo do negativo, do arcaico, do monstruoso. Essa conversão aparece em três lugares:

⁵⁹ SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997, p. 137.

⁶⁰ SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997, p. 160.

⁶¹ BRECHT por Bandeira. *Folha de S. Paulo*, 7 jul. 2002. *Mais!*, capa.

1. A peça de Brecht: "O Círculo de Giz Caucasiano" coloca em cena (literalmente), a partir da presença do juiz Azdak, levado e mantido no cargo por muitos lances de sorte, a predominância do justo e não do legal, nas suas decisões. E com um final feliz, para essa nova forma de fazer justiça.

Vejamos o final da peça:

RECITANTE:

Vós, porém, que ouvistes a história do Círculo de Giz,

Segui o conselho dos velhos:

As coisas devem caber aos que sabem fazer melhor.

As crianças, às mulheres de coração maternal, para que sejam bem criadas.

Os carros, aos bons condutores, para que a viagem seja boa,

E o vale, aos que o abastecem de água, para que as colheitas sejam boas.⁶²

A peça começa e termina com a questão da terra, afirmando que a propriedade deve ser justa, isto é, de quem nela trabalha. E entre essas duas pontas, chegamos, na metade da peça em diante, ao juiz Azdak, que faz proliferar sentenças em que o justo prevalece sobre o legal.

Isso era o negativo para o *Mais!*, seja em 1993 no dossiê sobre o PT, seja no artigo de Contardo Calligaris, criticando Lula: "Lula declarando 'entre a lei e a coisa justa e legítima, eu sempre disse que o justo e legítimo é muito mais importante', deu uma de Antígona moderna".⁶³

Antecipando Brecht, e especialmente trecho dessa peça, em que camponeses ajudam a justa Grucha a atravessar a ponte com o filho do rei, contra a polícia, o *Mais!* parece caminhar no rumo de uma mudança ao negar-se, ou, pelo menos, negar o passado (e o futuro que apontava) para acomodar-se ao presente, intensificando-o, bem como debilitando "o passado e o futuro"⁶⁴.

2. Os segundos: ao contrário do que tínhamos visto, até aqui, há agora um elogio dos segundos, a começar pelo lançamento do livro pela Cosac & Naify, que o *Mais!* repercute, em comemoração aos 40 anos da tradução e encenação da peça no Brasil. Bandeira, o segundo (aquele que opera *por*), merece a atenção de um primeiro e, nos termos do *Mais!*, ele não só "traduz" como "dialoga" com Brecht.

⁶² BRECHT, Bertold. *O Círculo de Giz Caucasiano*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 190.

⁶³ CALLIGARIS, Contardo. Lula como Antígona. *Folha de S. Paulo*, 5 jul. 1994. *Mais!*, p. 13.

⁶⁴ SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997, p. 135.

É o que ouvimos, por exemplo, no texto de apresentação do dossiê por José Antonio Pasta Jr.⁶⁵:

(...) Na *Grucha brechtiana*, Bandeira certamente encontrou uma inesperada reflexão de suas concepções mais caras e a transpôs para o português como a uma parte de si mesmo.

Não sem alguma surpresa, talvez, que no seu texto se entrevê, uma vez que é bem conhecido o anticomunismo de Bandeira.⁶⁶

No limite, aponta-se aqui para uma obra em que se lê Brecht/Bandeira ou Bandeira/Brecht e os segundos e primeiros estão no mesmo lugar, para além dos limites (talvez).

3. O cuidado: O texto de Pasta Jr.- "Brecht por Bandeira" - abre e apresenta o dossiê e encaminha suas reflexões, como vimos, para o diálogo (e as semelhanças) entre os projetos poéticos de Bandeira e Brecht. E aponta para a presença de uma política como "cuidado" que une os dois autores (diferentes politicamente):

(...) no coração da peça está o motivo da maternidade, que, no entanto, não deve ser confundida com a mera concepção. Conforme acentua a distinção entre a mãe de sangue e a que cria o menino, trata-se da idéia da maternidade como *cuidado* ou, no sentido mais forte do termo, como criação da criança. Poucas idéias são tão reveladoras do núcleo da poesia de Bandeira quanto essa concepção do *cuidado*, do oferecer-se ao outro como possibilidade de sua criação, isto é, de sua inserção em um mundo propriamente humano.⁶⁷

Surge inesperadamente na formulação um elogio a uma outra política entre primeiros e segundos, a do cuidado, que possibilita ou aponta para a responsabilidade para com o outro e para sua inserção igualitária na sociedade.

Essa mesma política já havia sido proposta em outro momento no *Mais!*, por Silviano Santiago, em texto comemorativo aos 30 de morte de Clarice Lispector: "A aula inaugural de Clarice". Fora de dossiê e nas páginas finais do suplemento, a política proposta por Silviano em sua leitura de Clarice só se dissemina agora. Proposta política em que já não é o trabalho (visto a partir da *mais-valia* e como forma de acúmulo capitalista) que deve orientar a sociedade/comunidade e sim o labor:

⁶⁵ Ele também no lugar de segundo, respondendo a uma encomenda.

⁶⁶ PASTA JR., José Antonio. Brecht por Bandeira. *Folha de S. Paulo*, 7 jul. 2002. *Mais!*, p. 5.

⁶⁷ PASTA JR., José Antonio. Brecht por Bandeira. *Folha de S. Paulo*, 7 jul. 2002. *Mais!*, p. 4.

(...) O labor é manifestação não da força humana alienada em trabalho *socialmente* útil e aferido pela produtividade, mas do *cuidado*, manifestação do 'trabalho' que contribui para o progresso qualitativo do indivíduo e, por consequência, do homem. O *cuidado* re-orienta a história social tal como movimentada e explicada pelo homem. Pode levá-lo a perceber, caso abandone as intransigências do falocentrismo teórico, que existe uma forma suplementar de 'trabalho'.⁶⁸

E é a essa política que o *Mais!* leva água, ao conduzir um dossiê em que a aposta e a história parecem caminhar para um outro lugar, pondo em xeque a idéia de modernização.

O Mais! antecipa com exclusividade um trecho de Brecht por Bandeira e, de alguma forma, antecipa o governo Lula, como ele o imagina, positivando, com um sinal de mais, o que então circulava como negativo e que era objeto de desconfiança em suas páginas.

E de fato é (quase) isso que podemos ler no primeiro *Mais!* de 2003:

UTOPIA E CONTRA-UTOPIA

A tensão entre ruptura e continuidade no novo governo brasileiro por José Murilo Carvalho . Alain Touraine . Laymert Garcia dos Santos . Nicolau Sevcenko.⁶⁹

E nos textos desses autores o que podemos ler é o elogio ao segundo, agora primeiro, Lula. Há inclusive um título de artigo, o de Nicolau Sevcenko, "República dos Silva", que depois virou marca nas coberturas da mídia sobre o novo governo (procurar os Silvas), que aponta para esse momento como o lugar e a vez dos segundos. Assim, é um dossiê, mesmo em nova direção, comemorativo e elogioso.

Terminado o dossiê e virando a página, damos de cara com uma foto grande e colorida de um abraço fraternal entre o papa João Paulo 2º e o patriarca Teoctist, da Igreja Ortodoxa da Romênia. Estamos no início do longo ensaio de Habermas (publicado exclusivamente pelo *Mais!*): "Teoria da adaptação". Aparentemente é um texto sobre conflitos religiosos, mas aos poucos vamos percebendo que essa "Teoria" tem outras aplicações, principalmente em momentos como este (o do dossiê em elogio a Lula): "(...) O Estado liberal espera que a consciência (...) dos fiéis se modernize no curso de uma adaptação cognitiva ao recorte individualista das leis da sociedade secular, fundamentadas de maneira universalista".⁷⁰

⁶⁸ SANTIAGO, Silvano. A aula inaugural de Clarice. *Folha de S. Paulo*, 7 dez. 1997. *Mais!*, p. 14.

⁶⁹ UTOPIA e contra-utopia. *Folha de S. Paulo*, 5 jan. 2003. *Mais!*, capa.

⁷⁰ HABERMAS, Jürgen. *Teoria da adaptação*. *Folha de S. Paulo*, 5 jan. 2003. *Mais!*, p. 13.

Pensando bem, essa é também a teoria política do *Mais!* e, se voltarmos a olhar para os textos do dossiê, perceberemos agora que a adaptação possibilita a permanência da fábula da voz, já que os segundos que anunciam a boa nova são os mesmos segundos de antes, adaptados agora a uma nova pauta. E continua a fábula.

+

No dossiê em homenagem aos 500 números do *Mais!*, temos uma proliferação de poemas, ensaios e ilustrações exclusivas. Nas páginas 11, 12 e 13, temos o poema "Rainer Maria Rilke e a morte", de Ferreira Gullar, ilustrado por Paulo Pasta.

O poema é extenso, mas gira em torno do núcleo:

Pensou ver-lhe num susto
o rosto
que se desfez no líquido espelho
(era aquele
o rosto da morte?)
De fato o entrevira ali no
Tanque do jardim.⁷¹

A leitura plástica que Paulo Pasta faz do poema, privilegiando esse núcleo, nos interessa aqui para uma última reflexão do "em torno" dos segundos que produzem a convite da voz.

Paulo Pasta tem-se especializado em ilustrar / lustrar ensaios de intelectuais conhecidos, como Roberto Schwarz ("O país do elefante", no *Mais!*) e Davi Arrigucci Jr. ("Coração Partido"), por exemplo, e o faz a partir da construção de séries de ilustrações em torno dos textos. É o que faz aqui com o texto de Gullar, ampliando-o e dando-lhe outro sentido. Podemos ver assim, nesse em torno, uma rosa, duas pêras numa mesa, uma aranha e sua teia, um pássaro, três maçãs numa bandeja e duas formigas. E todas têm o rosto da morte.

Talvez esteja aqui uma leitura dos segundos que parece nos desafiar, feita por um segundo: a ilustração / lustração, que produz o excesso, produz (também) a morte, porque essas colaborações não conseguem ultrapassar ou desfazer o a priori da voz. Ela lhes escapa e os leva junto, para o abismo da "transparência" de sentido.

⁷¹ GULLAR, Ferreira. Rainer Maria Rilke e a morte. *Folha de S. Paulo*, 9 set. 2001. *Mais!*, p. 10.

- +

O começo é simples de apontar. Nós estávamos tomando sol, embaixo de um carvalho, parcialmente protegidos de um vento forte, em rajadas. Eu estava ajoelhado, com um saca-rolhas na mão, e a Clarissa estava me passando uma garrafa - um Daumas Gassac 1987. Foi esse o momento, foi esse o alfinete espetado no mapa do tempo: eu estava estendendo a mão e ao sentir na palma o toque do gargalo frio e do lacre de metal preto escutamos o grito de um homem. Nós dois nos viramos para o outro lado do campo e percebemos o perigo. Ato contínuo, eu corria na sua direção. A transformação foi absoluta: não me lembro de ter deixado cair o saca-rolhas, ou de me levantar, ou de tomar uma decisão, ou de escutar as recomendações de cautela da Clarissa. Que estupidez, sair em disparada para me meter nessa história e seus labirintos, deixando para trás nossa felicidade na relva fresca da primavera em torno ao carvalho. Ouviu-se o grito mais uma vez e outro, de criança, enfraquecido pelo vento que rugia nas árvores altas ao longo da cerca viva. Corri mais rápido. E lá, subitamente, de pontos diversos do campo, quatro outros homens convergiam para a cena, correndo como eu.

Eu nos vejo de uma altura de cerca de 70 metros, pelos olhos de um gavião que havíamos visto antes, planando, voando em círculos e mergulhando no tumulto das correntes: cinco homens correndo em silêncio rumo ao centro de um campo de cem acres. Eu vinha do sudoeste, com o vento nas costas. A uns 200 metros à minha esquerda, dois homens corriam lado a lado. Eram trabalhadores, que consertavam uma cerca no limite sul do campo, onde passa a estrada. A mesma distância separava esses dois do único motorizado, John Logan, cujo carro estava na encosta da relva, com a porta, ou portas, escancarada. Sabendo o que eu sei agora, é estranho evocar a figura de Jed Parry, exatamente à minha frente, surgindo de uma linha de faias no canto extremo do campo, a uns 250 metros, correndo contra o vento. Para o gavião, Parry e eu éramos duas formas minúsculas, nossas camisas brancas brilhando contra o verde, correndo um em direção ao outro como namorados, em plena inocência da dor que esse enredo nos traria. Ainda faltavam alguns minutos para o encontro que ia nos tirar dos eixos, sua enormidade disfarçada para nós não apenas pela barreira do tempo, mas pelo colosso no

centro do campo, que nos atraía com a força de uma razão terrível, na proporção de uma magnitude fabulosa para a insignificante aflição humana na base.

O que a Clarissa estava fazendo? Ela disse que caminhou rápido até o centro do campo. Não sei como resistiu ao instinto de correr. Na hora, mesmo - do evento que estou prestes a descrever, a queda - ela já tinha quase nos alcançado e estava bem posicionada como observadora, livre de participação, livre das cordas e dos gritos e de nossa ausência fatal de cooperação. O que eu descrevo está influenciado também pelo que ela viu, pelo que nos dissemos no período imediato e obsessivo de reconsiderações: o "aftermath", como se diz em inglês, "consequências", mas também "segunda colheita", termo apropriado para o que se passou num campo à espera do primeiro corte de verão. O "aftermath", a segunda colheita, o crescimento estimulado por aquele primeiro corte de maio.

Eu estou me contendo, segurando a informação. Estou me alongando no momento anterior, porque nesse instante ainda havia outros desfechos possíveis; a convergência de seis figuras num espaço verde plano é de uma geometria consoladora, da perspectiva do gavião, a superfície limitada e cognoscível de uma mesa de bilhar. As condições iniciais, a força e a direção da força definem todos os rumos subseqüentes, todos os ângulos de colisão e retorno, e o fulgor da luz no alto banha o campo, o feltro verde e todos os corpos em movimento de uma claridade tranquilizadora. Enquanto convergíamos, acho que estávamos em estado de graça matemática. Se eu me alongo sobre nossa disposição, nossas distâncias relativas e os pontos cardeais é porque, no que toca a esses acontecimentos, essa foi a última vez que entendi, seja o que for, com clareza.

Estávamos correndo na direção do quê? Não penso que qualquer um de nós soubesse inteiramente. Mas superficialmente a resposta é um balão. Não o espaço assim chamado que fica em torno à fala ou pensamento de um personagem de revista em quadrinhos ou, por analogia, o outro tipo, movido a mero ar. Era um enorme balão de hélio, aquele gás fundamental, forjado a partir de hidrogênio na fornalha nuclear das estrelas, o primeiro passo no caminho da geração de multiplicidade e variedade da matéria no universo, incluindo nós mesmos e todos os nossos pensamentos.

Estávamos correndo na direção da catástrofe, que era ela mesma uma espécie de fornalha, em cujo calor identidades e destinos se curvavam em novos formatos. Na base do balão ficava um cesto, dentro do qual estava um garoto, e ao lado do cesto, agarrado a uma corda, um homem precisando de ajuda.

Mesmo sem o balão o dia teria deixado sua marca na memória, embora do modo mais prazeroso, pois era o reencontro depois de uma separação de seis semanas, a maior que Clarissa e eu já tínhamos vivido, em nossos sete anos. A caminho do aeroporto, eu fizera um desvio por Covent Garden e encontrara um lugar semilegal para estacionar, exatamente em frente ao Carluccio's. Entrando lá, juntei coisas para um piquenique, cuja peça de resistência era uma grande bola de "mozzarella", que a balconista pescou de dentro de uma vasilha de barro com uma pinça de madeira. Também comprei azeitonas pretas, salada mista e "focaccia". Depois fui pela Long Acre, com pressa, até a Bertram Rota's apanhar o presente de aniversário da Clarissa. Exceto o apartamento e o nosso carro, esse era o objeto individual mais caro que eu jamais havia comprado. A raridade do livrinho parecia exalar um calor que eu era capaz de sentir através do embrulho grosso de papel marrom, à medida que caminhava de volta pela rua.

Quarenta minutos mais tarde, eu examinava os monitores à procura de informações, no terminal de chegada. O voo de Boston acabara de pousar e eu imaginei que teria uma espera de meia hora. Se um dia alguém quisesse uma prova da tese de Darwin, de que as muitas expressões de emoção nos seres humanos são de caráter universal e geneticamente inscritas, bastariam alguns minutos em frente aos portões de saída do terminal quatro em Heathrow. Vi a mesma alegria, o mesmo sorriso incontrolável nas faces de uma grande matriarca nigeriana, uma vovó escocesa de lábios finos e um pálido e correto homem de negócios japonês, no instante em que, empurrando seus carrinhos de bagagem, reconheciam alguma face em meio à aglomeração de gente na sala de espera. A observação da variedade humana pode ser uma fonte de prazer, mas a invariabilidade também. Fiquei escutando o mesmo suspiro numa nota descendente, muitas vezes misturada a um nome, quando duas pessoas avançavam uma na direção da outra, para se abraçarem. Era uma segunda maior, uma terça menor, ou algo entre as duas? Pa-pa! Yolanda! Ho-bi! Nz-e! Também havia uma nota ascendente, cantarolada em voz baixa em frente ao rosto solene e cauteloso dos bebês por pais há muito ausentes, ou avós, aduladores, implorando uma resposta imediata de amor. Han-nah? Tom-ee? Deixa eu entrar!

A variedade ficava por conta dos dramas particulares: um pai com o filho adolescente, turcos talvez, ficaram parados num longo abraço silencioso, perdendo um ao outro, ou em luto por alguma perda, indiferentes à confusão dos carrinhos ao redor; duas gêmeas idênticas, por volta dos 50 anos, cumprimentaram-se com evidente desprezo, só encostando as mãos e beijando o ar; um menininho americano, erguido aos

ombros de um pai que ele não reconhecia, berrou para ser posto de novo no chão, provocando um acesso de raiva na mãe exausta.

Mas a maior parte eram sorrisos e abraços e em 35 minutos eu presenciei mais de 50 finais felizes de teatro, cada um com a aparência de ser um pouco menos bem encenado do que o anterior, até que comecei a me sentir emocionalmente esgotado e a suspeitar de que até as crianças estavam sendo insinceras. Já estava me perguntando até que ponto agora eu seria convincente ao cumprimentar a Clarissa quando ela me deu um tapinha no ombro, depois de ter passado pela multidão sem me ver e ter dado a volta pelo outro lado. Meu distanciamento se dissipou imediatamente e eu gritei seu nome, como todo mundo...

Menos de uma hora depois, tínhamos estacionado junto a uma trilha que passa pelos bosques de faias em Chiltern Hills, perto de Christmas Common. Enquanto a Clarissa trocava os sapatos, eu enchia uma mochila com o nosso piquenique. Partimos de braços dados, ainda exultantes com o nosso reencontro; o que havia de familiar nela - o tamanho e consistência da mão, o calor e tranquilidade da voz, a pele clara de celta e os olhos verdes - também era uma novidade, resplandecente de uma outra luz, que me fazia lembrar nossos primeiros encontros e os meses que passamos nos apaixonando. Ou, então, fiquei imaginando, eu é que era outro homem, meu próprio rival sexual, vindo roubá-la de mim. Quando lhe contei, ela riu e me disse que, para um sujeito simples, eu era um simples muito complicado e foi quando paramos para nos beijar, refletindo em voz alta se não teria sido melhor ir logo para cama, em casa, que percebemos, através da folhagem fresca, o balão de hélio à deriva sonhadoramente do outro lado do vale cheio de árvores, a oeste de onde a gente estava. Nem o homem, nem o menino eram visíveis para nós. Lembro de ter pensado, sem dizer, que essa era uma forma precária de transporte, onde quem define o curso é o vento, não o piloto. Depois pensei que seria essa precisamente a natureza de sua atração. E instantaneamente a idéia me fugiu da cabeça.

Passamos pelo primeiro bosque, até chegar em Pishill, parando para admirar as folhas novas nas faias. Cada folhinha parecia brilhar com uma luz de dentro. Falamos sobre a pureza dessa cor, folhas de faia na primavera, e como olhar para ela limpa a mente. À medida que íamos caminhando pelo bosque, o vento ia ficando mais forte e os galhos rangiam como maquinaria enferrujada. Nós conhecíamos aquele caminho muito bem. Era com certeza a paisagem mais linda a uma hora do centro de Londres. Eu adorava as quebras e ondas do campo, com seus blocos de calcário e sílex aqui e ali, e

as trilhas que mergulhavam na escuridão das plantações de faias, até alguns vales mal cuidados, mal drenados, onde o musgo grosso e iridescente cobria os troncos apodrecidos das árvores e, ocasionalmente, vislumbravam-se uns cervos pequenos, aos tropeções na vegetação rasteira.

A maior parte do tempo dessa nossa caminhada a oeste vínhamos falando da pesquisa da Clarissa: John Keats morrendo em Roma, numa casa ao pé da escadaria na Piazza di Spagna, onde se hospedara com seu amigo Joseph Severn. Seria possível que ainda existissem três ou quatro cartas inéditas de Keats? Poderia uma delas ser endereçada a Fanny Brawne? A Clarissa tinha bons motivos para pensar que sim e passara boa parcela de um semestre acadêmico em licença, viajando pela Espanha e Portugal, visitando casas conhecidas de Fanny Brawne e da outra Fanny, irmã de Keats. Agora estava de volta de Boston, onde estivera trabalhando na Biblioteca Houghton, em Harvard, tentando encontrar a correspondência de parentes distantes de Severn. A última carta conhecida de Keats foi escrita quase três meses antes de sua morte, e endereçada ao velho amigo Charles Brown. Guarda um tom sobranceiro, mas é característica ao jogar, quase entre parênteses, uma descrição brilhante da criação artística: "O entendimento do contraste, o senso de luz e sombra, toda aquela informação (no sentido primitivo) necessária a um poema, são grandes inimigos da recuperação gástrica". É aquela com a despedida famosa, tão pungente em sua reticência e cordialidade: "Mal posso lhe dizer adeus, mesmo numa carta. Sempre fui sem jeito para as cortesias. Deus o abençoe! John Keats". Mas todas as biografias concordam que Keats estava se curando de uma tuberculose quando escreveu essas linhas e permaneceu neste estado por mais dez dias. Visitou a Villa Borghese e passeou pelo Corso. Escutou com prazer Severn tocando Haydn, malcriadamente jogou o almoço pela janela, em protesto contra a qualidade da comida, e até pensou em escrever um novo poema. Se existissem cartas desse período, que motivo teria Severn ou, com maior probabilidade, Brown, para suprimi-las? A Clarissa pensava ter descoberto a resposta em duas referências nas cartas entre parentes distantes de Brown, escritas na década de 1840, mas ainda precisava reunir maiores provas, de outras fontes.

- Ele sabia que nunca mais veria Fanny, me disse. - Escreveu para Brown dizendo que a simples visão do nome dela escrito era mais do que podia suportar. Mas jamais deixou de pensar nela. Ainda estava razoavelmente saudável naqueles dias de dezembro e gostava tanto de Fanny. É fácil imaginá-lo escrevendo uma carta que nunca teve intenção de enviar.

Eu apertei sua mão e não disse nada. Sabia pouco sobre Keats ou sua poesia, mas achava possível que na sua condição de desamparo não tivesse querido escrever precisamente porque a amava tanto. Naqueles dias eu andava pensando que o interesse da Clarissa por essas supostas cartas tinha algo a ver com a nossa própria história e com sua convicção de que o amor que não encontra expressão numa carta é menos que perfeito. Nos primeiros meses depois de nos conhecermos e antes de comprarmos o apartamento ela havia me escrito umas coisas lindas, apaixonadamente abstratas em sua exploração dos modos como nosso amor era diferente e superior a qualquer outro que jamais existiu. Talvez seja essa a essência de uma carta de amor, a exaltação do único. Eu tinha me esforçado para responder à altura, mas tudo que a sinceridade me permitia eram os fatos, que me pareciam miraculosos o bastante: uma mulher bonita, amada e disposta a ser amada por um sujeito grandalhão, meio sem jeito, começando a perder o cabelo e quase incapaz de acreditar na própria sorte.

Chegando perto de Maidensgrove, paramos para observar o gavião. O balão talvez tenha cruzado de novo por cima de nossa trilha, enquanto passeávamos dentro dos bosques que cobrem o vale em torno à reserva natural. Pelo início da tarde, chegamos a Ridgeway Path, caminhando rumo ao norte, junto à escarpa. Dali descemos por uma das pontas largas de terra que se projetam a oeste, desde os Chilterns até as plantações viçosas lá embaixo. Do outro lado do vale de Oxford dava para distinguir o perfil dos montes Cotswold e, mais além, talvez, os faróis de Brecon, elevando-se no meio de uma massa vagamente azul. Nosso plano era fazer o piquenique bem no fim, onde a vista era a mais bonita, mas o vento a esta altura estava forte demais. Voltamos atravessando o campo e nos abrigamos entre os carvalhos, no lado norte. E foi por causa dessas árvores que não vimos a descida do balão. Mais tarde eu me perguntaria por que ele não fora carregado milhas adiante. Mais tarde ainda, fiquei sabendo que o vento a 170 metros de altura, naquele dia, não era igual ao vento no chão.

O assunto Keats foi morrendo enquanto a gente desempacotava o almoço. A Clarissa tirou a garrafa da mochila e a passou para mim, segurando pelo fundo. Como já disse, o gargalo tocava a palma da minha mão quando ouvimos o grito. Era uma voz de barítono, num tom ascendente, de medo. Marcou um início e, é claro, um fim. Naquele momento, fechou-se um capítulo - não, um estágio inteiro - da minha vida. Tivesse eu consciência e um ou dois segundos de sobra, poderia ter me permitido um mínimo de nostalgia. Estávamos no sétimo ano de um casamento apaixonado, sem filhos. Clarissa Mellon estava apaixonada por outro homem também, mas com o seu bicentenário de

nascimento se aproximando, ele não chegava a ser um problema. Na verdade até ajudava, nas sessões de combate que contribuíam para o nosso equilíbrio, nosso jeito de falar do trabalho. Nós morávamos num edifício *art déco* na zona norte de Londres, com uma dose abaixo do normal de preocupações - dinheiro curto por pouco mais de um ano, uma suspeita não confirmada de câncer, os divórcios e doenças dos amigos, a irritação da Clarissa com meus ocasionais surtos compulsivos de insatisfação com o trabalho-, mas não havia nada que ameaçasse nossa existência íntima e livre.

O que nós vimos quando levantamos do nosso piquenique foi o seguinte: um balão enorme, do tamanho de uma casa, com forma de lágrima, tinha descido no campo. O piloto devia estar com meio corpo para fora do cesto de passageiros quando o balão tocou no solo. A perna dele ficara enroscada numa corda amarrada à âncora. Agora, com as rajadas de vento erguendo e empurrando o balão na direção da escarpa, ele estava sendo meio puxado, meio carregado campo afora. No cesto havia uma criança, um menino de uns dez anos. Num instante súbito de calmaria, o homem se pôs de pé e tentou agarrar o cesto, ou o menino. Veio outra rajada, então, e o piloto caiu de costas, aos trambolhões pelo chão esburacado, se esforçando para enterrar os calcanhares na terra, como ponto de apoio, ou dando uns botes para pegar a âncora atrás de si e prendê-la no chão. Mesmo se tivesse tido uma chance, não pensaria em se desvencilhar da corda. Precisava do peso do próprio corpo para manter o balão no solo e o vento poderia ter lhe arrancado a corda das mãos.

Enquanto eu corria ouvi o homem gritar com o menino, insistindo para que saísse do cesto. Mas o garoto era jogado de um lado a outro à medida que o balão cambaleava no campo. Consegui se equilibrar e passou uma perna pela beirada. O balão subiu e caiu, com todo o peso, num morrinho e o menino desapareceu para trás. Depois surgiu de novo, com os braços esticados na direção do homem e gritando alguma coisa para ele -palavras ou puro terror inarticulado, eu não poderia dizer.

Eu devia estar a uns cem metros de distância quando a situação ficou sob controle. O vento baixou e o homem agora estava de pé, curvado sobre a âncora, que ele estava enterrando no chão. Já tinha livrado a perna da corda. Por algum motivo -complacência, exaustão, ou simplesmente porque tinham lhe mandado - o menino permanecia no cesto. O balão furioso foi titubeando e se inclinando e se arrastando aos puxões, mas a fera estava domada. Diminuí o passo, mas não cheguei a parar. Quando se ergueu, o homem nos avistou -pelo menos aos dois trabalhadores e a mim - e ficou fazendo gestos nos chamando. Ele ainda precisava de auxílio, mas fiquei feliz de diminuir o ritmo. Os

trabalhadores, a esta altura, também já vinham só caminhando. Um deles tossia alto. Mas o homem do carro, John Logan, sabia de uma coisa que nós não sabíamos e continuou correndo. Quanto a Jed Parry, minha visão dele estava bloqueada pelo balão no meio.

O vento renovou a violência na copa das árvores antes que eu sentisse sua força nas costas. Bateu depois no balão, que interrompeu seu balanço inocente, meio cômico, e parou de pronto. Seu único movimento era um tremor de tensão provocando ondas na superfície estriada, enquanto por dentro ia acumulando energia. Logo saltou livre, a âncora voou num jato de terra e balão e cesto subiram três metros no ar. O menino foi jogado para trás e saiu de vista. O piloto, que segurava a corda nas mãos, foi erguido a um meio metro. Se Logan não o tivesse alcançado e segurado uma das muitas cordas penduradas, o balão teria levado o garoto embora. Em vez disso, os dois homens juntos estavam sendo arrastados campo abaixo e os trabalhadores e eu nos pusemos de novo a correr.

Eu fui o primeiro a chegar. Quando peguei uma corda, o cesto já estava acima da minha cabeça. O menino, lá dentro, berrava. Mesmo com todo o vento, senti cheiro de urina. Jed Parry se atracou noutra corda segundos depois de mim e a dupla de trabalhadores, Joseph Lacey e Toby Greene, pegaram as suas logo em seguida. Greene estava tendo um acesso de tosse, mas manteve o aperto. O piloto nos gritava instruções, mas freneticamente demais e ninguém estava prestando atenção. Fazia muito tempo que vinha se debatendo e agora estava exausto e emocionalmente fora de controle. Com nós cinco nas cordas, o balão ficou seguro. Simplesmente tínhamos de nos manter firmes de pé e ir passando uma mão por cima da outra até baixar o cesto; e isto, a despeito do que o piloto pudesse estar gritando, foi o que começamos a fazer.

A esta altura já estávamos na escarpa. O solo sofria uma quebra aguda, uma inclinação de uns 25% e depois ia se nivelando suavemente até embaixo. Durante o inverno, esse declive era um tobogã de neve predileto das crianças. Todo mundo estava falando ao mesmo tempo. Dois de nós, eu e o homem do carro, queríamos levar o balão para longe da beirada. Outro dava prioridade a tirar o menino do cesto. Alguém insistia com a gente para puxar o balão para baixo e ancorá-lo com firmeza. O que não contradizia a primeira idéia, porque era possível puxar o balão para baixo e caminhar para trás ao mesmo tempo. Mas era a segunda opinião que estava prevalecendo. O piloto tinha uma quarta idéia, mas ninguém sabia, ou tinha interesse em saber o que era.

Eu deveria deixar bem claro uma coisa. Talvez tenha havido alguma vaga comunhão de propósito, mas nós nunca chegamos a formar uma equipe. Não havia ocasião para tanto, não dava tempo. Coincidências de tempo e espaço e uma predisposição para ajudar haviam nos reunido sob o balão. Ninguém estava no comando -ou estávamos todos, numa competição de gritos. O piloto, de rosto vermelho, aos berros e suando, nós ignoramos. A incompetência exalava dele como o calor do corpo. Mas de nossa parte também estávamos começando a dar instruções aos berros. Tenho consciência de que se tivesse sido o líder incontestado a tragédia não teria acontecido.

Mais tarde escutei alguns dos outros dizerem o mesmo. Mas não havia tempo, não havia oportunidade para uma expressão de força ou caráter. Qualquer líder, qualquer plano traçado teria sido preferível a nenhum. De todas as sociedades humanas já estudadas pela antropologia, não existe uma única, da caça-e-coleta à pós-industrial, que não tenha tido seus comandantes e comandados; e nenhuma situação de emergência jamais foi resolvida com eficácia num processo democrático.

Não era tão difícil baixar o cesto de passageiros o suficiente para se olhar para dentro. Havia um novo problema. O garoto se encolhera todo no chão. Cobria o rosto com os braços, agarrando o cabelo com força. - Como é o nome dele?, perguntamos para o homem suado.

- Harry.

- Harry!, gritamos. - Vamos lá, Harry. Harry! Pegue a minha mão, Harry. Saia daí, Harry!

Mas o Harry se encolheu ainda mais. Tremia cada vez que a gente dizia o seu nome. Nossas palavras eram como pedras atiradas sobre o corpo dele. Estava em plena paralisia da vontade, um estado conhecido como desamparo condicionado, que se observa com frequência em animais de laboratório submetidos a um stress incontrolável; todos os impulsos de resolução de problemas desaparecem, todo instinto de sobrevivência é drenado. Puxamos o cesto até o chão e conseguimos mantê-lo assim, e já estávamos nos inclinados para tirar o menino quando o piloto se meteu com um empurrão e tentou pular para dentro. Mais tarde relatou que nos disse o que queria fazer. Não escutamos nada, por conta da nossa própria gritaria e dos mil impropérios. O que ele estava fazendo parecia ridículo, mas suas intenções, afinal, tinham sido mais do que sensatas. Queria desinflar o balão, puxando uma corda amarrada dentro do cesto.

- Seu cabeça de bagre!, gritou Lacey. - Ajude a tirar o menino daí.

Eu escutei o que vinha vindo dois segundos antes de chegar até nós. Era como se um trem expresso estivesse atravessando as copas das árvores, rompendo a toda velocidade na nossa direção. Um som aéreo, entre um queixume e uma chibatada, cresceu de volume em meio segundo. No inquérito, as cifras do departamento de meteorologia para a velocidade dos ventos naquele dia formaram parte da evidência; algumas rajadas, segundo consta, atingiram mais de cem quilômetros por hora. Essa devia ser uma delas, mas antes que nos alcance deixei eu congelar a imagem -há um certo conforto na imobilidade - para descrever o nosso círculo.

À minha direita, o terreno sofria uma queda abrupta. Imediatamente à minha esquerda estava John Logan, clínico geral em Oxford, 42 anos, casado com uma historiadora, com dois filhos. Não era o mais jovem do grupo, mas com certeza o em melhor forma física. Jogava tênis bem o bastante para disputar o torneio regional e era membro de um clube de alpinismo. Tinha feito um estágio com um grupo de resgate, nas montanhas da Escócia. Logan era um sujeito gentil e discreto, aparentemente, de outro modo poderia ter se imposto, com proveito geral, como nosso de outro modo poderia ter se imposto, com proveito geral, como nosso líder. À sua esquerda vinha Joseph Lacey, 63 anos, trabalhador do campo, vivendo de bicos, capitão da equipe local de boliche. Morava com a mulher em Watlington, um vilarejo ao pé da escarpa. Continuando no sentido horário, o próximo era Toby Greene, 58 anos, também trabalhador rural, solteiro, morando com a mãe em Russell's Water. Os dois trabalhavam nas terras dos Stonor. Era Greene quem tinha a tosse de fumante. Na sequência do círculo, tentando entrar no cesto, Humphrey Gadd, 55 anos, executivo de uma pequena firma de publicidade, que vivia em Reading com a mulher e um dos filhos crescidos, doente mental. No inquérito, ficou constatado que Gadd incorreu em meia dúzia de falhas básicas de segurança, listadas pelo magistrado em tom monocorde. Sua licença de vôo foi cassada. O garoto no cesto era Harry Gadd, neto dele, dez anos, de Camberwell, Londres. À minha frente, com o declive à sua esquerda, Jed Parry. Desempregado, 28 anos, vivia de herança em Hampstead.

Essa era a tripulação. Para nosso efeito, o piloto abdicara da autoridade. Estávamos ofegantes, nervosos, cada um decidido a seguir seu plano, enquanto o menino se mantinha além de qualquer participação na própria sobrevivência. Enovelado em si mesmo, bloqueava o mundo com os braços. Lacey, Greene e eu estávamos nos esforçando para pescar ele de lá, e Gadd agora veio escalando por cima de nós. Logan e Parry ficaram nos gritando sugestões. Gadd conseguira pôr um pé ao lado da cabeça do

neto e Greene estava praguejando com ele quando aconteceu. Um punho poderoso esmurrou o balão com dois socos ligeiros, um-dois, o segundo mais maldoso que o primeiro. E o primeiro já era maldoso. Arremessou Gadd fora do cesto, direto para a terra e levantou o balão de uma vez, mais ou menos um metro e meio no ar. O peso considerável de Gadd foi removido da equação. Minha corda correu, queimando a palma das mãos, mas consegui ficar segurando, com meio metro de sobra. Os outros continuavam segurando também. Agora o cesto estava bem acima das nossas cabeças e ficamos de braços para cima, como tocadores de sino na igreja. Em meio ao nosso silêncio de espanto, antes que a gritaria recomeçasse, veio o segundo soco e atirou o balão para cima e para oeste. Subitamente estávamos pisando o ar, com todo o peso do corpo na força dos punhos.

Aqueles um ou dois segundos sem chão ocupam tanto espaço na memória quanto uma longa excursão num rio nunca antes navegado. Meu primeiro impulso foi o de aguentar, para dar lastro ao balão. A criança era incapaz de qualquer resposta e estava prestes a ser carregada. Três quilômetros a oeste ficavam as linhas de alta voltagem. Uma criança sozinha e precisando de ajuda. Era meu dever aguentar e imaginei que todos fariam o mesmo.

Quase simultaneamente com o desejo de me manter na corda e salvar o garoto, virtualmente um impulso neuronal mais tarde, vieram outras idéias, nas quais se fundiam o medo e certos cálculos de complexidade logarítmica. Estávamos subindo cada vez mais alto e o chão ia ficando cada vez mais longe à medida que o balão era empurrado para oeste. Eu sabia que tinha de trançar as pernas e os pés na corda. Mas o fim dela mal me dava na cintura e as mãos já não estavam agüentando. Minhas pernas se agitavam no ar vazio. Cada fração de segundo que passava aumentava a altura da queda e logo chegaria um ponto em que largar a corda seria impossível ou fatal. E comparado a mim Harry estava a salvo, encolhido no fundo do cesto. O balão poderia muito bem pousar, sem maiores problemas, no pé do morro. E talvez meu impulso de não largar a corda não passasse de uma continuação do que eu vinha tentando fazer alguns segundos antes, simplesmente uma dificuldade de me reajustar com rapidez.

De novo, então, menos de um batimento cardíaco encharcado de adrenalina depois, outra variável foi acrescida à questão: alguém se largou e o balão, com os que estavam pendurados, deu mais um pulo de um metro e pouco para cima.

Não soube na hora, nem jamais fiquei sabendo quem foi o primeiro a largar a corda. Não estou preparado para admitir a hipótese de que tenha sido eu. Mas cada um

de nós afirma não ter sido o primeiro. O que é seguro é que se não houvéssimos nos dividido nosso peso conjunto teria trazido o balão de volta ao solo um quarto do declive abaixo e poucos segundos depois, quando o vento acalmou. Mas, como disse, não havia uma equipe, não havia plano, nenhum compromisso a ser quebrado. Nenhum fracasso. Será, então, que se pode aceitar que correu tudo certo, cada um por si? Ninguém discordou, mais tarde, de que este foi um curso razoável de ação? Jamais tivemos esse consolo, porque um pacto mais fundo, ancestral e automático, está inscrito na nossa natureza. A cooperação -a base dos mais primitivos sucessos de sobrevivência das tribos de caça, a força por trás de nossa crescente capacidade para a linguagem, o instrumento de coerência social. Nossa aflição depois, no "aftermath", foi prova da nossa consciência de fracasso pessoal. Mas largar a corda era nossa natureza também. O egoísmo está escrito em nossos corações. Esse é o nosso dilema de mamíferos – o que oferecer aos outros e o que guardar para si. Equilibrar-se nessa linha, mantendo o olho nos outros e sendo vigiado por eles, é o que chamamos moralidade. Suspenso a alguns metros de altura, sobre a escarpa em Chiltern Hills, nosso grupo dramatizou o conflito ancestral e sem resposta: nós ou eu.

Alguém disse eu e então não havia mais nada a ganhar dizendo nós. De maneira geral, a gente exerce o bem quando faz sentido. Uma sociedade boa é aquela que dá sentido a essa bondade. De um momento para outro, pendurados embaixo do cesto, nós estávamos numa sociedade em pedaços, estávamos nos desintegrando. De um momento para outro, a escolha sensata era cuidar de si. O menino não era meu filho e eu não ia morrer por ele. No instante em que vi de relance um corpo caindo -mas de quem?- e senti o balão dar um solavanco para cima, a questão estava decidida: não havia lugar para altruísmo. Bondade não fazia sentido. Larguei a corda e me fui ao chão, calculo, de uns quatro metros. Caí com todo peso de lado e me safei com uma perna machucada. Ao meu redor -antes ou depois, não tenho tanta certeza - se despencavam outros corpos. Jed Parry ileso. Toby Greene quebrou o calcanhar. Joseph Lacey, o mais velho, fizera serviço militar com o regimento de pára-quedistas e só teve o trabalho de dar uma cambalhota.

Até eu me pôr de pé o balão já estava a 50 metros de distância e um homem continuava balançando na corda. Em John Logan, marido, pai, médico e membro de uma equipe de resgate de alpinismo, a chama altruísta deve ter queimado um pouco mais forte. Não precisava ser muito. Quando quatro de nós se largaram, o balão, liberado de uma carga de 300 quilos, deve ter dado um salto. Um segundo de hesitação

seria o bastante para cancelar qualquer alternativa. Quando levantei e o vi, ele estava a uns 30 metros de altura e em ascensão, precisamente no ponto onde o terreno desce. Não estava se debatendo, dando chutes no ar, tentando subir pela linha. Perfeitamente imóvel, pendia ao longo da corda, toda energia concentrada nos punhos cada vez mais sem força. Já era uma figura minúscula, quase um ponto preto no céu. Do menino não se avistava nada. O balão e seu cesto foram se afastando para cima e para oeste e, quanto menor ficava Logan, tanto mais terrível, tão terrível que chegava a ter graça, uma acrobacia, uma brincadeira, um desenho animado; e um riso de medo me escapou do peito. Porque esse era o tipo de disparate que acontece com o Pernalonga, ou Tom e Jerry, e por um instante até pensei que não era verdade e que só eu era capaz de perceber a piada e minha descrença completa traria tudo de volta ao normal, com o doutor Logan são e salvo no chão.

Não sei se os outros estavam de pé ou se arrastando. Toby Greene devia estar dobrado sobre o calcanhar. Mas lembro do silêncio quando eu ri. Nada de exclamações, nada de instruções aos gritos como antes. Desamparo mudo. Ele agora estava a 200 metros de distância e uns 100 metros, talvez, de altura. Nosso silêncio era uma espécie de aceitação, uma sentença de morte. Ou então vergonha horrorizada, porque o vento baixara, mal dava para sentir nas costas. Ele estava há tanto tempo na corda que eu comecei a achar que ficaria assim até o balão pousar sozinho, ou até que o menino recuperasse a lucidez e descobrisse a válvula do gás, ou até que um raio, ou um deus, ou alguma outra coisa impossível de desenho animado aparecesse para apanhá-lo. Nem bem tinha nutrido essa esperança quando o vimos deslizar até o fim da corda. E continuava lá. Por dois segundos, três, quatro. E então se largou. Mesmo então, houve uma fração de tempo em que ele praticamente não caiu e eu ainda pensei na possibilidade de que alguma lei aberratória da física, ou uma corrente quente poderosíssima, algum fenômeno não mais estranho do que esse que estávamos testemunhando sobreviesse para sustentar seu peso. Ficamos vendo ele cair. Dava para perceber a aceleração. Sem misericórdia, sem qualquer concessão especial para a carne, para a coragem ou a bondade. Só a gravidade impiedosa. E de algum ponto, talvez dele mesmo, ou de algum pássaro indiferente, ouviu-se um grasnido fino cortar o ar. Caiu como tinha se pendurado, um palito preto rígido. Eu nunca vi nada tão terrível quanto aquele homem caindo.

⁷² O sinal do infinito se impõe como uma lembrança de todas as outras narrativas do *Mais!* que ficaram de fora mas que se forem levadas em conta durante a leitura, produzem uma outra tensão, nos encaminhando também para uma outra leitura do suplemento.

As ficções que não chegaram a ser

+ -

Haroldo de Campos, na entrevista que integra o dossiê comemorativo aos quarenta anos da poesia concreta diz, entre melancólico e otimista, que na metade dos anos 60 percebeu que já não era possível programar o futuro. Por isso, a partir daquele instante, mas em elaboração teórica que data dos anos 80, propôs uma poesia da agoridade. E não é o único que chega a essa conclusão. Ao contrário, vimos circular um sentimento parecido nos atores que re-compõem suas participações na vida política e artística dos anos 50 para cá. Assim, o que vemos circular na ficção da comemoração do *Mais!* é, de certa forma, uma comemoração às avessas, de ficções que não puderam ser.

Nesse sentido, não parece ser este o presente que a poesia concreta pensava enquanto futuro que ela produziria e no qual sua obra seria recebida. O "Plano-piloto" de 1956 propunha re-fundar a poesia e a própria sociedade, instaurando um novo modo de produção poética, que tinha na linha do horizonte o mote oswaldiano "A poesia de exportação". Por falar em Oswald (1890-1954), que, tudo supunha, pelo intenso trabalho dos concretistas, seria o autor desse presente, desapareceu, tanto de todas as intervenções dos fundadores do movimento concreto no *Mais!*, como das páginas e dossiês do suplemento. Não apareceu nem para ser comemorado em seus aniversários¹. Nem era este o presente que propunha o Arena, o Oficina ou mesmo a poesia de Ferreira Gullar. O socialismo seria esse presente. De modo mais amplo, os projetos de nação re-colocados e formulados nos anos 60 e 70 também propunham um outro presente. Temos aí diferentes ficções de futuro da nação que não chegaram a ser e que encenavam esse presente. Eles foram interrompidos e, para a cena do presente, eles fracassaram.

Presente inimaginado, o *Mais!* cria, com essas ruínas, com essa memória recente dos restos de ficções de futuro, uma ficção que as reencena: a ficção da comemoração. E esta ficção tem lugar para todos e o presente que oferece para essas memórias é o da celebração. Mas há um preço a ser pago para entrar nesta ficção: para que esses projetos sejam re-impresos na memória do presente, eles precisam vir em seus fracassos, e de alguma forma, legitimar este presente como o melhor dos mundos.

Nesse sentido, a ficção da comemoração re-produz o ato extremo diante da ditadura, o exílio: por não manter fidelidade aos eventos que produz, mantém a

memória de autores e de obras exiladas dentro do próprio país. Como diz Link, diante do exílio, o que surge é o realismo, como modo de dar forma à memória.

Vimos bem como o *Mais!* faz isso de duas formas em sua ficção: primeiro a partir de uma voz que coloca e dá a ler o que está colado nela como a única forma de ler e, ao mesmo tempo, convida e deixa vir muitas vozes para falar do comemorado. Tanto uma forma como outra apontam para os dois gêneros de realismo, conforme nos diz Ortiz:

Eu diria que esse tipo de perspectiva, que trabalha a pluralidade de apresentações de um mesmo objeto, se contrapõe ao 'realismo reflexo' da indústria cultural, o qual em princípio procura consagrar uma única versão da realidade, eliminando qualquer tentativa de reflexão sobre ela (...) O realismo reflexo (...) reforça as demandas subjacentes às exigências do espectador, ele 'cola' à realidade já preexistente. É a falta de distância que lhe retira o caráter reflexivo. Não obstante, se podemos estabelecer uma fronteira teoricamente nítida entre esses dois gêneros de realismo, não deixa de ser verdade que em vários casos concretos essa superação se dilui, ocorrendo uma passagem entre os pólos.²

Reconhecemos aí, sem muito dificuldade, os dois operadores da ficção do *Mais!*: a voz e o em torno. É assim que funciona o presente do *Mais!* e é assim que ele dá a ler o que ele dá a ler. Nessa direção, percebemos que a comemoração instaura o re-torno do realismo: por colocar aos colaboradores a obrigação do referente, o objeto os constitui. E o que vem nessa operação é a descrição, que é, para Barthes, “puramente somatória”³. E é nessa possibilidade de sempre poder acrescentar mais um ponto de vista em torno do objeto que podemos ver como esse mecanismo, além de estar na relação do colaborador com o comemorado, está na própria estrutura dos dossiês, em que um mesmo comemorado é visto a partir da psicanálise, da história, da sociologia, da teoria literária, da antropologia e do jornalismo, que tem nessa estética, a do realismo, seu *modus vivendus*. Parece que é isso que lhe permite colocar-se sempre como o lugar da atualidade, do presente, sem grandes problemas; ele mesmo como uma ficção que já “pegou”, porque a manutenção do autor como princípio de organização do suplemento não permite o surgimento do leitor, no sentido de dar instabilidade a um texto cultural. A vida como obra dá impressão de uma reelaboração infinita, mas para o leitor é um texto fechado. Parece que não há muito que dizer diante desses dossiês.

Não se estranha, nesse sentido, que o começo e o fim desta ficção glorifique a memória do erro no passado, para que ela venha ao presente estabilizada. Nem se

¹ Os autores não lembrados, como Oswald, renderiam outra tese.

² ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 173.

³ BARTHES, Roland. O efeito de real. In. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense [s.d.], p. 160.

estranha também que esta ficção glorifique a social-democracia no poder e também seja mimética a ela, no seu princípio antológico.

E tanto em um lugar quanto noutro, percebemos que os anos 90 parecem ser o presente de uma ficção, da qual não falamos até aqui: o tropicalismo, ou como diz um dossiê do *Mais!*: "O tropicalismo no poder". Ou pelo menos, o de Caetano Veloso. E isso de fato parece ter sido programado, este presente, porque sai FHC de cena e entra Lula, e o tropicalismo continua no poder.

A ficção do *Mais!* comemorou, nessa década de funcionamento, as ruínas que sobraram de projetos para este presente, as produziu e as re-reproduziu mais e mais, em seus fracassos, transformando-as em nossas memórias do presente. É o fim.

Referências Bibliográficas

Bibliografia Folha de S. Paulo

- A AIDS contamina a arte. *Folha de S. Paulo*, 20 mar. 1994. Mais!, capa.
- AJZENBERG, Bernardo. Acertos e erros. *Folha de S. Paulo*, 10 ago. 2003, p. A6.
- ALVIM, Francisco. Presídio. *Folha de S. Paulo*, 9 set. 2001. Mais!, p. 20.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A máquina do mundo. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. Mais!, p. 20.
- _____. Procura da Poesia. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. Mais!, p. 6.
- ANTELO, Raul . O todo inexistente. *Folha de S. Paulo*, 8 set. 2001. *Jornal de Resenhas*, 2001, p. 4.
- ANTUNES, Arnaldo. Boceta. *Folha de S. Paulo*, 20 jul. 1997. Mais!, p. 4.
- A POESIA em chuteiras. *Folha de S. Paulo*, 12 jun. 1994. Mais!, p. 4.
- A POESIA que diz seu nome. *Folha de S. Paulo*, 15 nov. 1995. Mais!, p. 4.
- ARRIGUCCI JR., Davi. Borges e a experiência histórica. *Folha de S. Paulo*, 12 dez. 1999. Mais!, p. 11.
- AUGUSTO, Sergio. Uma prensa na imprensa pop. *Folha de S. Paulo*, 14 nov. 1993. Mais!, p. 3;
- AZEVEDO, Carlito. Elegia 05-08-1987. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. Mais!, p. 7.
- BARTHES real. *Folha de S. Paulo*, 17 nov. 2002. Mais!, capa.
- BEGLEY, Louis. A história de Ariadne, por ela mesma. *Folha de S. Paulo*, 22 dez. 2002. Mais!, p. 5.
- BISHOP, Elizabeth In. FELINTO, Marilene. Mapa de um amor brasileiro. *Folha de S. Paulo*, 24 set. 1995, p. 5.
- BRECHT por Bandeira. *Folha de S. Paulo*, 7 jul. 2002. Mais!, capa.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sergio apud CASTRO ROCHA, João Cezar de. O (des)leitor de "Raízes do Brasil". *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. Mais!, p. 12.
- CALLADO, Antonio. A galinha de 500 anos. *Folha de S. Paulo*, 16 jun. 1996. Mais!, p. 4.
- CALLIGARIS, Contardo. Lula como Antígona. *Folha de S. Paulo*, 5 jul. 1994. Mais!, p. 13.
- CAMINHOS da Bienal. *Folha de S. Paulo*, 15 maio 1994.

- CAMPOS, Angela de. Carta de tocar. *Folha de S. Paulo*, 20 jul. 1997. Mais!, p. 7.
- CAMPOS, Augusto de. Gosto e não gosto da Folha. *Folha de S. Paulo*, 2001. Tudo sobre a Folha, p. 15.
- _____. Transertões. *Folha de S. Paulo*, 3 nov. 1996. Mais!, p. 4.
- CAMPOS, Haroldo de. O maior crítico brasileiro. *Folha de S. Paulo*, 19 jul. 1998. Mais!, p. 4.
- CARLOS, Cássio Starling. Livros decretam o fim de tudo. *Folha de S. Paulo*, 11 maio 1997. Mais!, p. 10.
- CARONE, Modesto. Café das Flores. *Folha de S. Paulo*, 10 abr. 1994. Mais!, p. 5.
- CARVALHO, Bernardo. Trama perversa. *Folha de S. Paulo*, 23 nov. 1997. Mais!, p. 11.
- CARVALHO, José Murilo. A memória nacional em luta contra a história. *Folha de S. Paulo*, 12 nov. 2000. Mais!, p. 19.
- CARVALHO, Mario Cesar. FHC fala sobre Gilberto Freyre: entrevista. *Folha de S. Paulo*, 12 mar. 2000. Mais!, p. 10.
- _____. A verdadeira história policial de Rubem Fonseca. *Folha de S. Paulo*, 25 de jun. 1995. Mais!, p. 10-13.
- CASTRO ROCHA, João Cezar de. O (des)leitor de "Raízes do Brasil". *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. Mais!, p. 13.
- CENAS da vida brasileira. *Folha de S. Paulo*, 10 abr. 1994. Mais!, p. 4.
- CÉU & inferno de Gilberto Freyre. *Folha de S. Paulo*, 12 mar. 2000. Mais!, capa.
- CONTI, Mario Sergio. Encontros inesperados: entrevista com Ismail Xavier. *Folha de S. Paulo*, 3 dez. 2000. Mais!, p. 12.
- CONTO faz parte de série de textos literários. *Folha de S. Paulo*, 28 abr. 2002, p. 17.
- DA REDAÇÃO. Capitulando. *Folha de S. Paulo*, 30 set. 2001. Mais!, p. 4.
- _____. Folha lança coleção sobre o Brasil. *Folha de S. Paulo*, 2 abr. 2000. Mais!, p. 10.
- _____. A certeza da influência: entrevista com Décio Pignatari, Augusto de Campos e Haroldo de Campos. *Folha de S. Paulo*, 8 dez. 1996. Mais!, p. 9.
- DELEUZE, Gilles. O ato de criação. *Folha de S. Paulo*. *Folha de S. Paulo*, 27 jun. 1999. Mais!, p. 5.
- DEZESSEIS intelectuais falam.... *Folha de S. Paulo*, 19 jul. 1998. Mais!, p.4.
- DIAS, Mauricio Santana. Lembranças de um auto-engano: entrevista com Ariel Dorfman. *Folha de S. Paulo*, 30 ago. 1998. Mais!, p. 4.
- EXCESSO de riso. *Folha de S. Paulo*, 18 nov. 2001. Mais!, capa.
- EU PERDI! *Folha de S. Paulo*, 2 out. 1994. Mais!, capa.

- FÁBULAS modernas: velhas fábulas por novos autores. *Folha de S. Paulo*, 22 dez. 2002. Mais!, p. 4.
- FAORO, Raymundo. Mestre Sérgio. *Folha de S. Paulo*, 23 jun. 2002, p. 4.
- FEIJÃO preto, amor e diamantes. *Folha de S. Paulo*, 24 set. 1995. Mais!, capa.
- FELINTO, Marilene. Mapa de um amor brasileiro. *Folha de S. Paulo*, 24 set. 1995, p. 5.
- FINAZZI-AGRÓ, Ettore; PÉCORÀ, Alcir. Duas vozes da crítica...entre o enigma e a negatividade. *Folha de S. Paulo*, 13 out. 2002. Mais!, p. 12.
- FONSECA, Rubem. O olhar. *Folha de S. Paulo*, 29 mar. 1992. Mais!, especial, p. 3.
- FREITAS, Janio de. Cuba ida e volta. *Folha de S. Paulo*, 23 jan. 2000. Mais!, p.6.
- FRIAS FILHO, Otávio. Resumo de crítico. *Folha de S. Paulo*, 13 fev. 2000. Mais!, p. 6.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. O dia em que o crítico subiu na mesa. *Folha de S. Paulo*, 19 jul. 1998. Mais!, p.6.
- GOL de letra. *Folha de S. Paulo*, 26 maio 2002. Mais!, capa.
- GONÇALVES, Marcos Augusto. PT assume teses esquerdistas e tanta ocultar esquizofrenia. *Folha de S. Paulo*, 29 ago. 1993. Mais!, p. 4.
- _____; LEITE NETO, Alcino. Andrade x Andrade, *Folha de S. Paulo*, 16 fev. 1992. Mais!, p. 9.
- GUIA de leitura da história brasileira. *Folha de S. Paulo*, 2 abr. 2000. Mais!, capa.
- GULLAR, Ferreira. Rainer Maria Rilke e a morte. *Folha de S. Paulo*, 9 set. 2001. Mais!, p. 10.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria da adaptação*. *Folha de S. Paulo*, 5 jan. 2003. Mais!, p. 13.
- HATOUM, Milton. A dor do viajante. *Folha de S. Paulo*, 26 set. 1993. Mais!, p. 6.
- HOINEFF, Nelson. No limiar da massificação. *Folha de S. Paulo*, 5 dez. 1993. Mais!, p. 3;
- KIAROSTAMI, Abbas. Uma boa cidadã. *Folha de S. Paulo*, 11 jan. 1998. Mais!, p. 4-7.
- LEITE NETO, Alcino. O jardim das sensações: entrevista de Philippe Sollers. *Folha de S. Paulo*, 17 nov. 2002. Mais!, p. 9.
- LEONILSON. Jesus com rapaz acidentado. *Folha de S. Paulo*, 13 nov. 1994. Mais!, p. 5.
- MACHADO, Cassiano Elek. A renovação cultural. *Folha de S. Paulo*, 18 fev. 2001, p. 18.
- MANSUR, Guilherme. Parla! *Folha de S. Paulo*, 20 jan. 2002. Mais!, p. 24.
- MANUAL de Redação da Folha de S. Paulo*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2001, p. 64.
- MARTINEZ CORRÊA, José Celso. Primeira leitura: Os Sertões. *Folha de S. Paulo*, 1 dez. 2002. Mais!, p. 5.

- MASSI, Augusto. Decifração do tempo: entrevista com Alfredo Bosi. *Folha de S. Paulo*, 28 mar. 1999. Mais!, p. 4.
- MASSI, Augusto; LEITE NETO, Alcino. Guerra e paz de Gullar: entrevista com Ferreira Gullar. *Folha de S. Paulo*, 28 mar. 1994. Mais!, p. 7.
- MATTOSO, Katia. Primeira leitura: Os Sertões. *Folha de S. Paulo*, 1 dez. 2002. Mais!, p. 6.
- McEWAN, Ian. Nós ou eu. *Folha de S. Paulo*, 19 out. 1997. Mais!, p. 8-10.
- MOTA, Vinicius. Leitor tem renda e escolaridade altas. *Folha de S. Paulo*, 18 fev. 2001, p. 13
- SINGER, André. Memória e superação. *Folha de S. Paulo*, 1 abr. 2001, Mais!, p. 8.
- NOLL, João Gilberto. Açai e Açerola. *Folha de S. Paulo*, 10 abr 1994. Mais!, p. 5.
- NOVO Manual de Redação*. 4 ed. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1992, p. 101.
- O CRÍTICO central. *Folha de S. Paulo*, 19 jul. 1998. Mais!, capa.
- O ESCRITOR Ariel Dorfman... *Folha de S. Paulo*, 30 agos. 1998. Mais!, p. 4.
- O SUPERPOETA. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. Mais!, capa.
- OS CEM melhores poemas do século. *Folha de S. Paulo*, 2 jan. 2000. Mais!, capa.
- PAES, José Paulo. História e indivíduo. *Folha de S. Paulo*, 19 jul. 1998. Mais!, p.6.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. Ano Nacional Anísio Teixeira. *Folha de S. Paulo*, 25 jun. 2000. Mais!, p. 30.
- PASCOWITCH, Joyce. Lota ia na contramão da sociedade do época. *Folha de S. Paulo*, 24 set. 1995, p. 6.
- PASTA JR., José Antonio. Brecht por Bandeira. *Folha de S. Paulo*, 7 jul. 2002. Mais!, p. 4-5.
- PAULO Paulinho. *Folha de S. Paulo*, 25 ago. 2002. Mais!, capa.
- PÉCORRA, Alcir. A importância de ser prudente. *Folha de S. Paulo*, 23 jun. 2002. Mais!, p. 21.
- PERDI, perdi, perdi. *Folha de S. Paulo*, 2 out. 1994. Mais!, p. 4.
- PEREIRA JÚNIOR, Álvaro. Prensa na imprensa “iluminista”. *Folha de S. Paulo*, 21 nov. 1993. Mais!, p. 3.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Gosto e não gosto da Folha. *Folha de S. Paulo*, 2001. Tudo sobre a Folha, p. 16.
- _____. De volta a Barthes. *Folha de S. Paulo*, 14 jan. 2001, p. 16-17.
- PRADO JR., Bento; PERIUS, Cristiano. A vasta periferia. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. Mais!, p. 10.
- QUE PARTIDO é esse? *Folha de S. Paulo*, 29 ago. 1993. Mais!, capa.

- PRADO JR., Bento. Um meio-parente...*Folha de S. Paulo*, 18 nov. 2001. Mais!, p. 6.
- QUIROGA, Oscar. A realidade não é nenhum desastre. *Folha de S. Paulo*, 21 fev. 1999, p. 10.
- RANCIÈRE, Jacques. As ambigüidades de um bicentenário. *Folha de S. Paulo*, 18 ago. 2002. Mais!, p. 16.
- RASI, Mauro. Buchada de bode nunca mais!. *Folha de S. Paulo*, 2 out. 1994. Mais!, p. 6.
- RESENDE, Beatriz. O que não ler/o que ler. *Folha de S. Paulo*, 15 dez. 2002. Mais!, p. 9.
- ROCHA, João Cezar Castro da. O (des)leitor de "Raízes do Brasil". *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. Mais!, p. 13.
- SALOMÃO, Waly. Exterior. *Folha de S. Paulo*, 20 jul. 1997. Mais!, p. 4.
- SÁ, Nelson de; CARVALHO, Sérgio de. Do Rio à Calcutá. Entrevista com Augusto Boal. *Folha de S. Paulo*, 6 de set. Mais!, p. 4.
- SANT'ANNA, André. Gol de letra. *Folha de S. Paulo*, 26 maio 2002. Mais!, p. 8.
- SANT'ANNA, Sérgio. Informe de um gago. *Folha de S. Paulo*, 10 abr. 1994, p. 4.
- SANTIAGO, Silvano. Literatura anfíbia. *Folha de S. Paulo*, 30 jun. 2002. Mais!, p. 4-8.
- _____. Cultura. *Folha de S. Paulo*, 31 dez. 2000. Mais!, p. 7.
- _____. A viagem de Lévi-Strauss aos trópicos. *Folha de S. Paulo*, 10 set. 2000. Mais!, p. 16.
- _____. A aula inaugural de Clarice: 20 anos de morte. *Folha de S. Paulo*, 7 dez. 1997. Mais!, p. 12.
- SCHWARZ, Roberto. O país do elefante. *Folha de S. Paulo*, 10 mar. 2002. Mais!, p. 8.
- _____. Uma aventura artística incomum. *Folha de S. Paulo*, 7 set. 1997. Mais!, p. 12.
- _____. Um seminário de Marx. *Folha de S. Paulo*. 8 out. 1995. Mais!, p.4-6.
- SCHWARTZ, Adriano; DIAS, Maurício Santana. O Segundo Império por Antonio Candido. *Folha de S. Paulo*, 17. Fev. 2002, p. 4.
- _____. Metamorfoses da metamorfose. *Folha de S. Paulo*, 30 maio 1999. Mais!, p. 4
- SINGER, André. Memória e superação. *Folha de S. Paulo*, 1 abr. 2001, Mais!, p. 5.
- SOARES, Luiz Eduardo. O individualismo oportunista. *Folha de S. Paulo*, 22 maio 1996. Mais!, p. 6.
- SPINARDI, Ledusha. Sereno enigma. *Folha de S. Paulo*, 21 fev. 1999. Mais!, p. 10.
- SÜSSEKIND, Flora. O real da poesia. *Folha de S. Paulo*, 19 nov. 2000. Mais!, p. 19.
- _____. Escalas e Ventríloquos. *Folha de S. Paulo*, 23 jul. 2000. Mais!, p. 9.

_____. *Os papéis da crítica*. Folha de S. Paulo, 4 jul. 1993. Mais!, p. 6-9. Entrevista realizada por Bernardo Carvalho.

TORRES FREIRE, Vinicius. Para lembrar o que ele escreveu: entrevista com Fernando Henrique Cardoso. *Folha de S. Paulo*, 13 out. 1996. Mais!, p. 7.

TRAUTMAN, Tereza. Diversidade é direito do consumidor de cultural. *Folha de S. Paulo*, 12 dez. 1993. Mais!, p. 3).

UMA GERAÇÃO que reinventou o Brasil. *Folha de S. Paulo*. 8 out. 1995. Mais!, capa.

UTOPIA e contra-utopia. *Folha de S. Paulo*, 5 jan. 2003. Mais!, capa.

VELHAS histórias - Fábulas Modernas - por novos autores. *Folha de S. Paulo*, 22 dez. 2002. Mais!, p. 4.

VELHAS fábulas, novos poetas. *Folha de S. Paulo*, 9 ab. 1995. Mais!, p. 9.

VENTURA, Roberto. Utopia corre mundo e vira pó. *Folha de S. Paulo*, 2 maio 1993. Mais!, Especial: 68: o ano que acabou, p. 2.

VILLAÇA, Alcides. O drama essencial. *Folha de S. Paulo*, 27 out. 2002. Mais!, p. 5.

VILELA, Luiz. Luxo. *Folha de S. Paulo*, 10 abr. 1994. Mais!, p. 6.

WISNIK, José Miguel. Motivo de reflexão. *Folha de S. Paulo*, 19 jul. 1998, p. 5.

Bibliografia geral

ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa no anos 50. In. ABREU, Alzira Alves de et al. *A imprensa em transição*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 13-60.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AGAMBEN, Giorgio. AGAMBEN, Giorgio. *O rosto*. Disponível em http://urbi.ubi.pt/010123/edicao/op_edmundo.html, acesso em: 10 de julho de 2003. Tradução de Edmundo Cordeiro e António Bento.

_____. O fim do poema. *Cacto*. São Paulo, n. 1, 2002, p. 142-149.

_____. *Homo Sacer*. Belo Horizonte: Editora da Ufmg, 2002.

_____. A imanência absoluta. In ALLIEZ, Éric. *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: 34, 2000.

_____. Gosto. *Enciclopédia Einaudi*: 25. criatividade – visão. Porto: Casa da Moeda, 1992.

ALVIM, Francisco. *Elefante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- _____. *Poesias reunidas* (1968-1988). São Paulo: Duas Cidades, 1988.
- AMOROSO LIMA, Alceu. *O jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Edusp, Com-Arte, 2000.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro Enigma*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. *Antologia Poética*. 40 ed., Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1998.
- ANTELO, Raul. *Amado: tradição e extradição*. Florianópolis: UFSC, 2003. (inédito).
- _____. *Mimetismo y migración*. Florianópolis: UFSC, 2002. (inédito).
- _____. La felicidad colectiva. *Página 12*, 27 out. 2002. Radarlibros.
- _____. *Argüição*. Florianópolis: Ufsc, 2002. (inédito).
- _____. *Transgressão & modernidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001
- _____. *A ficção do híbrido: Borges e a monstruosidade textual*. Florianópolis: UFSC, 2001. (inédito).
- _____. *Machado e o modernismo*. Florianópolis: UFSC, 2000. (inédito).
- _____. El inconsciente óptico del modernismo. In. SOSNOWSKI, Saúl (org.). *La cultura de un siglo*. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999.
- ARRIGUCCI JR., Davi. *Coração partido*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- _____. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Humildade, paixão e morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- AZEVEDO, Carlito. *Sublunar*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2001.
- BADIOU, Alain. *O ser e o evento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Editora da Ufrj, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BARROS CAMARGO, Maria Lucia. *Mais! Poesia*. Belo Horizonte: Abralic, 2002. (inédito).
- _____. Poéticas contemporâneas: marcos para uma pesquisa. *Continente Sul / Sur*. Porto Alegre: IEL, 1996, p. 111-120.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- _____. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *Mitologias*. 5 ed. São Paulo: Difel, 1982.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

- _____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998
- BISHOP, Elizabeth. *Poemas do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999
- BLANCHOT, Maurice. *La escritura del desastre*. Caracas: Monte Avila, 1990
- BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas I*. Rio de Janeiro: Globo, 1999.
- BRECHT, Bertold. *O Círculo de Giz Caucásico*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do olhar*. Belo Horizonte; Chapecó: Editora da UFMG; Argos, 2002.
- _____. What is political art? [O que é arte política?]. In ANDRADE, Ana Luiza. Leituras Benjaminianas. *Grifos*, Chapecó, n. 10, 2001, p. 15-27.
- _____. La ciudad como mundo de ensueños y catástrofe. In ANDRADE, Ana Luiza et al. *Leituras do ciclo*. Florianópolis; Chapecó: Abralic; Grifos, 1999, p. 275-285.
- _____. Estética e anestésica: o “Ensaio sobre a obra de arte” de Walter Benjamin reconsiderado. *Travessia*, Florianópolis, n. 33, ago-dez. 1996, p. 11-46.
- CAMPOS, Haroldo. *O arco-íris branco*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. *A educação dos cinco sentidos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas cidades, 1993.
- _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ed. São Paulo: Ática, 1989.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Livros que inventaram o Brasil. *Novos Estudos - Cebrap*, São Paulo, n. 37, nov. 1993, p. 21-35.
- CARDOSO, Irene. *Para uma crítica do presente*. São Paulo: 34, 2001.
- CARVALHO, Bernardo. *Medo de Sade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *As iniciais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Teatro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CHAGA, Marco Antonio. *Folhetim: rapsódia de uma década perdida*. Florianópolis: UFSC, 2001. Tese de Doutorado.
- CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002.

- COPETTI, Rafael Zamperetti. Anotações acerca da relação entre *Letras* e o mercado editorial. Florianópolis, *Boletim de Pesquisa do Nelic*, n. 5, mar. 2001, p. 53-55.
- COSTA LIMA, Luiz. *Mímesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- _____. *A lógica do sentido*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- DELEUZE, Gilles & GUATARI, Félix. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: 34, 2000. Vol. 1.
- _____. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: 34, 1997. Vol. 2.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumerá, 2001.
- _____. *Espectros de Marx*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994
- _____. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- FAVARETO, Celso. A arte do tempo: o evento. *Sexta-Feira*, São Paulo, n. 5, 2000, p. 110-117.
- FOSTER, Hal. *Recodificação: arte, espetáculo, política cultural*. São Paulo: Casa Editorial Paulista, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001. Coleção Ditos & Escritos III.
- _____. *Microfísica do Poder*. 6 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FRANÇA, Júlio. O sublime na poesia brasileira contemporânea. In. PEDROSA, Célia; BARROS CAMARGO, Maria Lucia de. *Poesia e contemporaneidade: leituras do presente*. Chapecó: Argos, 2001, p. 61-70.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Desconversa*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- HANSEN, João Adolfo. Barroco, neobarroco e outras ruínas. São Paulo. *Teresa*, n. 2, 2002, p. 10-66.
- _____. Notas sobre o “barroco”. *Revista do IFAC*, São Paulo, n. 4, dez. 1997, p. 11-20.
- HARD, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: Ensaios sobre a globalização*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- KUCINSKI, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998

- LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 7: a ética da Psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- _____. *O seminário: livro 20 mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LEDUSHA. *Finesse e finura*. São Paulo: Brasiliense, 1984
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LINK, Daniel. *Como se lê e outras intervenções críticas*. Chapecó: Argos, 2002.
- LISPECTOR, Clarice. *Os melhores contos de Clarice Lispector*. São Paulo: Global, 1998.
- LUDMER, Josefina. *O gênero gauchesco*. Chapecó: Argos, 2002.
- _____. *O corpo do delito: um manual*. Belo Horizonte: Editora da Ufmg, 2002.
- _____. *Temporalidades del presente*. Belo Horizonte: Abralic, 2002. Mediações: VIII Congresso internacional Abralic 2002: Anais.
- _____. *O gênero gauchesco*. Buenos Aires: Sudamericana, 1988.
- MACHADO NETO, A L. *Estrutura social da república das letras*. São Paulo: Grijalbo, 1973.
- MARTINS, Ana Luíza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de; RESENDE, Beatriz (Orgs.). *Artelatina: cultura, globalização e identidades*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- MEIRELLES, Cildo et al. A parte do fogo. *A parte do fogo*, n. 1, 1980, p. 1.
- MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- _____. *Antologia poética*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
- MICELI, Sergio. O papel político dos meios de comunicação de massa. In: SOSNOWSKI, Saul; SCHWARTZ, Jorge (Orgs.). *Brasil: o trânsito da memória*. São Paulo: Edusp, 1994, p. 41-67.
- MONTALDO, Graciela. Na obscure case: bizarre aestyhetics in Argentina (Books, culture industries and fictions). *Journal of Latin American Cultural Studies*, Vol. IX, n. 2, August, 2000.
- MORENO, María. El lugar de la resistencia. *Página 12*. RadarLibros, 2001. Disponível em <<http://www.pagina12.com.ar/2001/suple/libros/01-10/01-10-07/nota1.htm>>. Acesso em: 03 maio 2003.
- MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- MORICONI, Italo. Qualquer coisa fora do tempo e do espaço (poesia, literatura, pedagogia da barbárie). In: ANDRADE, Ana Luiza; BARROS CAMARGO, Maria Lucia; ANTELO, Raul. *Leituras do Ciclo*. Chapecó: Grifos, 1999, p. 75-86.

_____. Quatro (2 + 2) notas sobre o sublime e a dessublimação. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Florianópolis, n. 4, 1998, p. 103-116.

NASCIMENTO, Evando. *Ângulos*. Chapecó; Juiz de Fora: Argos, Editora da UFJF, 2002.

NAVES, Rodrigo. *A forma difícil*. São Paulo: Ática, 1996.

NESTROVSKI, Arthur. *Figuras do Brasil: oitenta autores em oitenta anos da Folha*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2001.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras; Fapesp, 2000.

_____. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

PRIGOL, Valdir. *Notas de jornalismo cultural*. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social.

POE, Edgar Allan. O homem das multidões. In. *Poesia e prosa: obras completas*. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944, p. 134-142, vol. II.

RICHARDS, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: Editora da Ufmg, 2002.

_____. *Hibridacion, reconversion: identidades y saberes en tiempos de globalización*. Chile, 2002. (inédito).

_____. *Três recursos de emergência: las rebeldias populares, el desorden somático y la palabra extrema*, 2002. Disponível em <<http://www.letras.s5.com/eltit091202.htm>>. Acesso em: 03 maio 2003.

_____. Políticas de memória e técnicas de esquecimento. In MELO MIRANDA, Wander. *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, 321-338.

ROOT, Deborah. *Cannibal culture: art, appropriation, & the commodification of difference*. Colorado: Westview, 1996.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

SANTOS, Antonio Carlos. *Arguição*. Florianópolis: UFSC, 2002 (inédito).

SARLO, Beatriz. Contra la mimesis; izquierda cultural, izquierda política. *Revista de Crítica Cultural*, Santiago de Chile, n. 20, jun. 2000, p. 22-23.

_____. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997.

SILVA, Juremir Machado da. *A miséria do jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2000

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. A ameaça do lobisomen. *Revista de Literatura Comparada*, Florianópolis, n. 4, 1998, p. 31-44.

_____. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. Do delicioso horror sublime ao abjeto e à escritura do corpo. In ANTELO, Raul; ANDRADE, Ana Luiza; BARROS CAMARGO, Maria Lucia de. *Leituras do ciclo*. Chapecó; Florianópolis: Grifos; Abralic, 1999, 123-136.

STAM, Robert. Mikhail Bakhtin e a crítica cultural de esquerda. In. KAPLAN, Ann (org.) *O mal-estar no pós-modernismo: teorias, práticas*, 1993, p. 149-184.

SÜSSEKIND, Flora. *A voz e a série*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte; Sete Letras; Editora da Ufmg, 1998

_____. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

_____. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Tal Brasil qual romance*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TRAVANCAS, Isabel. *O jornal e o livro: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. São Paulo: Ateliê, 2001.

TRILLING, Lionel. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Lidoador, 1953.

UCHÔA LEITE, Sebastião. A metáfora da perseguição. In. *Jogos e enganos*. Rio de Janeiro: Editora da Ufrj; 34, 1995, p. 111-142.

VATTIMO, Gianni. *A tentação do realismo*. Rio de Janeiro: Lacerda; Instituto Italiano di Cultura, 2001.

VIRNO, Paolo. *El recuerdo del presente: ensayo sobre el tiempo histórico*. Buenos Aires: Piadós, 2003.